TERCEIRO
DA
BIBLIOTHECA RELIGIOSA SELECTA

A IMMORTALIDADE

A MORTE E A VIDA

ESTUDO ÁCERCA DO DESTINO DO HOMEM

POR BAGUENAULT PUCHESSE

TRADUZIDO E PRECEDIDO D'UM PREFACIO

POR CAMILLO CASTELLO-BRANCO

SOCIO DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

DEDICADO PELO EDITOR

AO EM.^mo SNR. CARDEAL PATRIARCHA DE LISBOA

TERCEIRA EDIÇÃO

Porto — 1885

Antonio Gomes da Rocha Madahy
7 maio 19..

A IMMORTALIDADE

A MORTE E A VIDA

ESTUDO ÁCERCA DO DESTINO DO HOMEM

POR

BAGUENAULT DE PUCHESSE

TRADUZIDO E PRECEDIDO DE UM PREFACIO

POR

CAMILLO CASTELLO-BRANCO

SOCIO DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA.

Non moriar, sed vivam.
PS. CXVII. 17

A morte é a vida.
FIM D'UM VERSO DE EURIPEDES.

Porto

EM CASA DE F. GOMES DA FONSECA = EDITOR

1865

AO EM.^{mo} E R.^{mo} SENHOR

CARDEAL PATRIARCHA DE LISBOA

DEDICA

O EDITOR

Francisco Gomes da Fonseca.

A MONSENHOR, BISPO D'ORLÉANS

FUNDADOR E PRESIDENTE HONORARIO DA ACADEMIA DE SANTA-CRUZ

Monsenhor,

Em vossa carta sobre os «Estudos d'um homem de sociedade,» com aquella authoridade que se vos deve, fundamentastes a theoria e delineastes as regras de todos os conhecimentos, que, conformemente aos diversos espiritos, devem ser, para cada qual, força, luz, e saber.

A' missão de ensaiar, quanto em si coubesse, uma tentativa fecunda, e dar um nobre exemplo, chamastes a Academia de Santa-Cruz, depositaria de vosso extremado e generoso pensamento. O encargo, que lhe destes, bem que adequado à sua dedicação, seria maior que suas forças, se vós lh'as não augmentasseis.

Entre tantos e tão graves assumptos que lhe haveis proposto, estremaes como importantissimo o da immortalidade da alma. Hoje ponho, sob vossos auspicios, um estudo desde muito preparado sobre tam augusto assumpto; e, com dedical-o à Academia de Santa-Cruz, cuido eu que a vós, Monsenhor, mais completamente o dedico.

Por feliz me dera eu se este escripto, conformando-se ao vosso intento, podesse ser ponto de sahida a mais productivos esforços e mais completos merecimentos.

Dignae-vos, Monsenhor, aceitar a profundissima expressão de meu affecto e religioso respeito.

Baguenault de Puchesse,

Presidente da Academia de Santa-Cruz d'Orléans.

22 de Março de 1864.

CARTA DE MONSENHOR BISPO D'ORLEANS

AO AUCTOR

Orléans, 28 de Março de 1864.

Muito presado amigo e senhor,

Ao recolher-me de Roma, não podia deparar-se-me successo de maior jubilo que o encontrar aqui a vossa obra sobre **A IMMORTALIDADE**, como resposta à minha carta relativa aos «Estudos d'um homem de sociedade.»

Um excellente livro sobre um magnifico assumpto, publicado pelo presidente da nossa Academia de Santa Cruz, serà honra vossa e de toda a nossa Academia.

Na occasião presente, não podieis escolher mais elevada materia, nem mais convidativa de estudo.

Vòs o dizeis: «A immortalidade é o assumpto por excellencia; é o homem na sua plenitude; é o presente e futuro d'elle; é a sancção da vida e a

esperança da morte; é a base do dever e o fundamento da justiça.»

Hoje em dia, aggredido este dogma audaciosamente por uma deploravel escòla, faz-se mister defendêl-o, circumdal-o de todo o seu brilho, e subverter de novo a impiedade e o sophisma. E' o que fazeis em vosso livro.

Haveis publicado uma excellente obra àcêrca do «Catholicismo exposto na complexidade de suas provas.» Alegro-me por vêr que proseguis aquella obra apologetica n'um escripto philosophico sobre a immortalidade.

De sobra conheceis que eu, rodeado de inquietações à minha chegada, — bemdito seja o Senhor que m'as dà! — não pude ainda estudar senão algumas paginas do vosso livro. Porém, o que li impressionou-me com o elevado do motivo, o terso e limpido da exposição, a vivacidade e copia da linguagem. O plano tambem me pareceu completissimo e de excellente urdidura.

Explorastes, desde o àmago, a grandiosa questão. Viste'l-a em todas as faces; e não vos destes por contente desenvolvendo com vigôr a dialectica.

Entrastes nos arraiaes inimigos e atacastes victoriosamente os seus vãos systemas.

E — a meu vêr, consideravel merito — vingastes, com a nitidez do estylo e pensamento, esclarecer ao alcance de todos a linguagem da sciencia e da metaphysica; pelo que, sereis lido, ao mesmo tempo, tam agradavel quam proveitosamente, de pessoas jà dadas jà estranhas à philosophia.

Permitti, pois, meu muito estimado amigo, que vos eu offereça, a trôco do primeiro livro que dedicaes à nossa Academia, e bom exemplo que nos daes, os meus emboras e agradecimentos com o preito da mais profunda e religiosa dedicação.

† FÉLIX,

BISPO DE ORLÉANS.

PREFACIO DO TRADUCTOR

Este livro acerto seria denominal-o: « Livro do philosopho christão. »

Dão-se as mãos piedade e sciencia, n'este admiravel conjuncto de altissimos pensamentos em que o philosopho se revela, e profundissimas intuições das coisas celestiaes, em que a poesia do christianismo chega onde não chegou com ella Chateaubriand.

Estão de par as paginas da sabedoria profana de todas as idades e as paginas dos Evangelhos, letras sagradas de toda a sã e santa philosophia.

Quantas extravagancias idearam e galvanisaram para embairem proselitos, os pensadores, que á conta da razão pozeram quantos irracionaes delirios arvoraram bandeira e escóla, todos são citados a respon-

derem diante do sabio e modesto julgador, que assentou o seu tribunal no calvario, á sombra da cruz.

O debate é sereno, por que a verdade nem se altera nem ira, quando argumenta. Com quanta placidez e delicadeza se póde, Baguenault de Puchesse vae offerecendo a um e outro philosopho dois livros para confronto: este é o da sciencia soberba com as vaidades da alma solta de liames que se confundem com a materia pura, ou com um vago espiritualismo, rebelde ao raciocinio; aquelle é o livro em que da razão de Christo promanam as razões da immortalidade d'alma e de coração, e logo os esteios da esperança, e o convite ao banquete perpetúo da casa do Senhor.

Cuidavam os mestres da irreligião que a sciencia era o seu baluarte: attinham-se á ignorancia dos fieis, ainda mais que á sabedoria propria. Não ha commettimentos a que meia sciencia não se atreva.

Cuidavam, outrosim, que, além da sciencia, tinham por si os favores e caricias d'aquella poesia d'alma que mais se ala quanto mais livre lhe é o espaço. O coração quer horisontes rasgados. A religião corta-lh'os de durezas nas quaes se espedaça o peito do homem scismador em altezas d'outras vidas por melhores mundos. Contavam, pois, com a resalva da sciencia e da poesia para se andarem por esse mundo a mentir aos incultos, a obtemperar aos

desvariados, a cavar mais fundos abysmos aos pés dos infelizes.

Cavaram, mentiram, espicaçaram que farte o tigre das paixões.

Uns, motejando como Voltaire; outros, cuspindo no rosto de Deus, como Proudhon; estes, pejando de cascalho scientifico o estreito animo da gente frivola, como Strauss; aquelles romanceando a divina e lacrymal vida do Salvador, como Renan: conspiraram todos ao mesmo scôpo — matar o coração da humanidade, arrancar d'alma todas as primaveras, enchel-as de fezes e peçonha, escavar terra dentro a mais breve senda para as trévas eternas.

Onde estava uma cruz, escreveram: « marco de uma civilisação passada. »

Onde se abriu escóla de doutrinas impias, escreveram: « progresso sem Deus; civilisação nova; o homem deus de si, juiz de sua materia. »

Onde estava uma sepultura, escreveram: NADA.

Eram arrojos por demais absurdos! Não podiam vingar n'estes dias o que não vingaram nos sanguentos cyclos das pelejas religiosas. Alguns milhares de desgraçados cahidos á voragem não dão azo a que o inferno cante a victoria. As agonias urram, não psalmodiam. O vozear, que ouvís, não são hymnos ao Lucifer triumphante: é o chorar dos perdidos que não tem Deus. Mas a grande humanidade,

o infinito oceano das almas, agita-se, revolve-se, cava-se em borrascas temerosas; comtudo, está-lhe sobranceira a mão de Deus: a corrente das vagas vae na direcção do pharol do Golgotha.

A' luz d'esta chamma eterna foi escripta « A Immortalidade, » este eminente livro que o leitor. quer tocado de piedade, quer levado de mera curiosidade vae folhear, ou para rever n'elle sua fé, ou afiar o gume de sua critica. E o certo é que o livro está de molde para consolar animos crentes, e levantar celeuma de espiritos contumazes. O auctor está sentado á beira da sepultura, nas fronteiras da vida. e alli espera, com sorriso de paz e amor, o servo de Christo, e o exhumador de Platão, o sectario de Pythagoras e o pantheista, o fautor da materia raza, e o pregoeiro do espiritualismo absurdo. Todos recebe com primores de delicadeza. A uns, aos amigos, diz: « Vinde nas bôas horas: entrae aos segredos de minha alma, e ás santissimas crenças de meu coração. Vinde a ver comigo os esplendores da eternidade. »

Aos inimigos diz: « Ouvide. »

E aos que o ouvem e sorriem. accrescenta: « Ide em paz. O Senhor se amerceie de vós. Eu quiz e não pude. A linguagem do homem é vagido de criança, quando resôam brados dos céos. Ouvide as obras ingentes. que adornam os áditos da eternidade. *Cœli ennarrant gloria Dei.* »

O traductor d'este livro não intenta escrever a apologia d'elle, quer para afervorar crenças, quer para despontar armas de adversarios. Juiz sincero ou preoccupado ha um só: é o leitor. O que ahi vem n'essas tão breves paginas, quanta é a doçura que desborda da alma dada a tal leitura, descarece de inculcas e gabos de antemão. E' um grande livro: tem que viver em quanto imagens d'outra vida preluzirem d'além-mundo aos que as andam apalpando nas trévas.

O traductor não fia da severa trasladação d'este livro para vernaculo. Parece-lhe, todavia, que o sabor da linguagem não travará em paladares portuguezes. Em alguns relanços, desfez-se a construcção por demasia scientifica para tirar a luz mais clara ás idéas. N'outras, apanharam-se as prolixidades de indole franceza para sahir com o pensamento menos derramado, e mais terso, consoante o genio de nossa lingua.

Aqui vem a ponto observar — bem que ao traductor d'este livro lhe não caiba ser o observador — que a litteratura religiosa muito deve ao snr. Francisco Gomes da Fonseca editor d'esta e outras obras de subido quilate religioso, salvo aquellas que levarem meu nome. Incumbe ao paiz coadjuval-o, ao paiz que ainda, graças a Deus, mantém illesas as crenças de seus maiores, e com elles se vae indo ca-

minho da perfectibilidade material, sem que a moralisação das almas damnifique ao adiantamento das regalias da civilisação.

Porto 25 de Fevereiro — 1865.

Camillo Castello-Branco.

INTRODUCÇÃO

MAIS ou menos distinctamente, nas differentes épocas do mundo, resoou uma palavra, que repercutiu sempre no coração do homem: a immortalidade.

Tão velha como a humanidade, tão persistente como a vida, tão constante como a morte, a fé na immortalidade teve nações, legisladores, e philosophos como adeptos. Em toda a parte foi posta, discutida, e affirmada como crença, como doutrina, e como regra de moral. Quer a hajam reconhecido como declaração expressa, quer a hajam admittido por consenso tacito, a humanidade recebeu-a quasi unanimemente. Sobreviveu ás gerações extinctas, aos imperios arrazados, ás religiões modificadas, aos deuses abolidos.

De feito, a immortalidade é o assumpto por excellencia; é o homem na sua plenitude; é o presente e futuro d'elle. E' a sancção da vida; é a esperança da morte. E' a baze do dever, e o fundamento da justiça. Allia-se directa e intimamente a todos os grandes principios n'este

2

mundo, á existencia de Deus, á existencia da alma, ao entendimento do bem e do mal, á lei natural, e á religião revelada.

O homem, tão breve em sua vida, não podia abster-se de olhar além-tumulo. Entre o mundo que deixa, e o mundo que demanda, praz-lhe erguer balisas de sua jornada; impellido incessantemente á morte, carece de averiguar o mysterio d'ella. Na presença da realidade a que não ha fugir, sobresalta-o grande responsabilidade. Quem se não preoccupasse com a morte, e suas consequencias, seria um insensato, como o viajeiro que não perguntasse o caminho do seu destino, e se despenhasse em abysmos, indifferente aos effeitos da queda. Sendo isto, pois, o maximo interesse do homem, urge que tambem seja a sua mais viva cogitação, o seu mais constante pensamento.

Disse Pascal [1]: « E' a immortalidade da alma objecto de tamanha transcendencia e de relações tão intimas para nós, que o mesmo é descurar de saber o que lhe concerne, e haver perdido todos os vislumbres de sensibilidade. De esperar ou não esperar bens eternos pende o destino, o ponto a que miram todas as nossas acções e idéas: o exame do itinerario, que ha de seguir o caminhante discreto, é o seu primeiro acto. »

Se, realmente, o homem tem de acabar de todo em todo, se a vida terrestre lhe é tudo, se nenhum outro bem aguarda, se isto é uma dadiva incondicional que a natureza lhe deu, encerrando-o aqui, o homem tem direito a ampliar, com exclusivo afan, os seus prazeres e

1 « Pensées. »

a conservação d'elles; antepõe-se a tudo o interesse material, e não respeita lei alguma superior. A felicidade temporal, e tudo d'onde ella promana, riqueza, honras, poderio, pompas, satisfação plena dos sentidos, contentamento de todas as paixões, glorificação de prosperidades, anathema ao infortunio: eis a vida.

Mas, se o homem tem de sobreviver-se; se é immortal; se a vida lhe foi dada condicionalmente e sob preceitos dos quaes lhe hão de ser pedidas contas; se, além da campa, se ha de affrontar com um Deus julgador; então, outros interesses, outros destinos se lhe antolham. O importante já não é a vida; é a morte. Já não é o prazer que o predomina; é o dever. Já não é do corpo a superioridade; é da alma. Já não está no homem a soberania; é em Deus.

Está um abysmo entre estes dous bosquejos da vida; no primeiro tudo vae perdido para a alma immortal; no segundo, é salvo tudo.

Estabelecer n'estes termos a questão, se já não é resolvêl-a antecipadamente, é, pelo menos, realçar-lhe a immensa gravidade, é dar a entender que toda a consideração se desluz e esvaece diante de tão importantes consequencias.

Pelo que, em todos os tempos, quantas intelligencias estremadas ahi floresceram, quantos corações puros e rectos ahi pulsaram, não hesitaram nem sobre a necessidade de crêr, nem sobre a deliberação adoptavel.

A immortalidade é, pois, o ponto de sahida e o termo final da verdade, da moral, da philosophia, da religião.

E' o primeiro principio que alumia o animo abalado

pela crença; é a vereda que se lhe aplana ao encontro da verdade completa, da justiça e piedade.

Mas tambem é o ultimo annel a que se prende aquelle cujas crenças religiosas esfriam, é a derradeira verdade que o suspende no caminho do bem, e o estorva de caír em trevas e desesperação, e lhe conserva em seus instinctos, talvez ainda generosos, bem que desencaminhados, reliquias de sua natural probidade.

Estudar este assumpto, senhoreal-o, é um dever, se já não é gozo e consolação.

O homem, que tudo tem, se possue a immortalidade, e nada tem, se a não possue, não póde abastar-se no conhecêl-a, aprofundal-a, e compenetrar-se d'ella.

A tal estudo convidamos os animos attentos e circumspectos. Diligenciaremos conduzil-os, com o exame á certeza, com a certeza á verdadeira regra da vida. O homem rasoavel, convicto de sua immortalidade, não vacillará. No intuito de gozar a verdade além da morte, buscal-a-ha no decurso da vida. Para merecer a recompensa, não se acovardará diante de trabalhos e provações. Aceitará, sem custo, renunciações e sacrificios. E n'este ascender por degráos firmes, irá do estudo á verdade, da verdade á justiça, da terra ao céo, do mundo da lucta ao mundo do repousar glorioso.

Este é o plano que desejáramos seguir. Sobrára-nos paga de consolações, se, alumiando este caminho, vingassemos esclarecer uma só intelligencia, ou dar calor a um só coração.

Conforme a indole e progressão d'este estudo, dividil-o-hemos em quatro partes: — 1.ª, as *provas* da immortalidade; 2.ª, as *objecções* dos systemas adversos á

immortalidade; 3.ª, os *effeitos* da crença na immortalidade; 4.ª, a *exultação* da immortalidade.

Ao começar, e como baze do nosso trabalho, estatuiremos as provas multíplices da immortalidade, quer derivadas da natureza da alma, dos sentimentos e instinctos do homem, e seu destino n'este mundo; quer provenientes de considerarmos a desordem e mal d'este mundo, e hauridas do senso moral e consciencia; ou ainda apregoadas pela voz dos povos e tradições universaes; ou, finalmente, firmadas pela infallivel sancção do christianismo.

Depois, discorreremos pelas diversas objecções dos systemas mais ou menos adversos á vida futura, ou elles intentem edificar propriamente sobre os alicerces de sua razão, ou sómente derribar a idéa pura da immortalidade directa e pessoal.

Delinearemos, em seguida, os effeitos da immortalidade como doutrina, como regimen de costumes, como fundamento social, como acção de cada individuo, suas consequencias na outra vida, o juizo definitivo, e a sentença applicada a quem e como.

Em summa, divisaremos em sombra a felicidade realisada; relancearemos a vista ao travez d'aquelle gozo excedente ás nossas mais ardentes esperanças, o qual será infinito assim na duração como no objecto, e concentrará n'um só jubilo todo o nosso anciar felicidades, em uma só sciencia toda a nossa avidez de conhecer, em um só amor todas as nossas faculdades affectivas.

Ajuntar, pois, n'um só quadro tudo que diz ao ponto da immortalidade, dizer, a um tempo, que ella existe, o que é, e o seu modo de ser; agrupar n'um feixe só

os raios luminosos, que os mais eminentes espiritos, philosophos e theologos, em differentes épocas, desferiram d'estes supremos debates: eis o quadro, cuja apresentação nos pareceu proveitosa.

Oh vós, incredulos da immortalidade; sacudí o jugo da materia que vos opprime; desenliçae-vos dos sentidos que vos illaquêam; elevae com as idêas os sentimentos. Chamae simultaneamente em vosso auxilio o coração e o raciocinio: vossa intelligencia engrandecida e o coração purificado vos mostrarão a luz que, descida do céo, vos fará subir até lá.

Oh vós, que vacillaes na fé, e só tendes d'ella o esperar e desejar, subi mais, que não ha ahi parar a meio caminho da verdade. O que já possuís vos alentará a esperar o que vos falta. A immortalidade, fim do homem, não póde ser simples probabilidade.

Oh vós, que plenamente crêdes na vida futura, sois chegados ao termo. Mormente, vós que sentis profundarem-se no intimo as raizes, assim divinas que humanas, d'esta crença, já provadas humanamente pela razão, já divinamente esclarecidas pelo christianismo, exultae, que possuis dous elementos de certeza que se attrahem, e corroboram inseparavelmente. O Christianismo, pela immortalidade, vos explica os motivos, a lei, e destino d'esta vida. A immortalidade, pelo christianismo, assegura e consagra vossa felicidade no mundo porvindouro.

A IMMORTALIDADE

A MORTE E A VIDA

PRIMEIRA PARTE

PROVAS DA IMMORTALIDADE

PREAMBULO

ESFORCEJOU o homem de todos os tempos por a si se demonstrar a vida futura que espera, a immortalidade que deseja. A vida futura, necessidade de sua razão, brado da consciencia, sentimento de seu coração, invocou-a sob mui diversas aspirações. De quasi todas as liças das opiniões humanas, philosophia, sciencia, religião, sahiram argumentos demonstrativos, acarrearam-se achêgas para o edificio, monumento unico em que os obreiros encontraram abrigo inexpugnavel.

Em verdade, as provas todas que os homens exploraram na investigação d'aquella preciosissima verdade, não são por igual decisorias; e algumas, bem que endereçadas ao scôpo legitimo, sahiram mal certeiras do ponto observador, ou viciosas nas suas inferencias. Ajoei-

rar as que se nos figuram graves e concludentes, qualquer que haja sido sua origem, já do corpo ou da alma, já do mundo exterior ou do intellectivo, do sentimento ou da logica, da observação ou da consciencia; encadeal-as, depois; desenvolvêl-as, fortalecer umas com outras: — este será o alvo de nossas tentativas, na primeira parte d'estes estudos.

O espirito humano, tão amplo e ao mesmo tempo tão impersistente, irrequieto e sobre modo mudavel, não se docilisa, em toda a parte, a igual argumentação. Um deixa-se dobrar a provas que nem de leve abalam o outro. E', portanto, ao complexo de idéas, á generalidade de testemunhos e factos, que havemos de recorrer para enfeixar razões, em que possa a cada qual deparar-se um raio luminoso.

Passageiros da morte á vida, viadores d'um mundo a outro, preciosissima cousa será para todos reter na mão segura o fio que transpõe o abysmo!

CAPITULO PRIMEIRO

NATUREZA DA ALMA

O HOMEM, a si proprio inexplicavel enygma, não é ser uno como a idéa, simples como Deus. Encerra em si dois principios mais ou menos estreitamente unidos: corpo e alma, espirito e materia.

Estes dois elementos, necessarios um a outro, indispensaveis á vida humana sobre a terra, cohabitam promiscuamente, identificam sua actividade, ligam suas relações, e confundem sua existencia em quanto a morte os não desata. O orgão ferido esperta a sensação; a alma percebe-a; depois, transmitte a expressão da vontade aos sentidos que a executam. Assim, necessita a alma do corpo para exercer suas faculdades, e muitos são os titulos d'esta dependencia: todas as condições materiaes, constituição physica, idade, clima, actuam sobre o desenvolvimento da intelligencia. A vida actual consiste absolutamente na concordancia d'estas duas ordens de phenomenos, e seu duplo funccionalismo.

Todavia, a natureza d'estes dous principios é profundamente distincta. Divergem elles em qualidades quasi sempre dissimilhantes, e, por vezes, contradictorias. Este

antagonismo denota-se em grande diversidade de aspectos e relevos divisorios.

Tem a materia todas as propriedades accessiveis aos sentidos: é visivel, palpavel, penetravel, odorosa. Os phenomenos do pensamento não tem côr, nem fórma, nem extensão, nem sabor.

E' puramente passiva a materia. O espirito é de essencia toda activa.

A materia não se move; é movida. A força motora é a intelligencia. O corpo humano compõe-se de partes diversificantes. O ser pensante, o *eu*, só na unidade e totalidade da vida se concebe: não ha separal-o de alguma de suas faculdades, assim da vontade como do entendimento: é indivisivel em seus attributos.

O corpo retalha-se; diminue-se a cada fragmento que lhe tiram; desmembrado d'uma parte, já não é o mesmo completamente. O espirito é um todo indivisivel; não ha metade de alma; ninguem comprehende o que seja uma parte da idéa. « Não posso distinguir alguma parte de meu pensamento — diz um insigne philosopho — mas claramente conheço e concebo que ha em mim um ser absolutamente uno e completo. » Demais d'isso, quando meu corpo se divide e diminue, o meu pensamento não soffre com isso diminuição nem enfraquecimento.

Em sua totalidade, o espirito percebe, conhece, quer. A materia, tanto complexa como dividida, não póde perceber, conhecer, querer, por intervenção de suas moleculas, bem que entre si distinctas e independentes.

Dois átomos, que em separado não pensam, ainda que se unam, não pódem produzir o phenomeno indivisivel e immaterial do pensamento. De feito, o pensamento não

é quente, nem frio, nem redondo, nem agudo. Os átomos componentes do corpo não são discretos, nem insensatos, nem virtuosos, nem delinquentes. Por muitissimo subtis que sejam, carecem de qualidades affectivas, de intelligencia, e conhecimento.

A alma comprehende e ama. O corpo sente, ou, mais exactamente, é ainda a alma que sente n'elle.

O corpo está sujeito a todas as leis do mundo physico. A alma a nenhuma: tem leis suas que não influem sobre o restante dos entes; póde, ainda mais, subtrahir-se ao dominio de suas proprias leis, julgando-as com a razão, dominando-as com a liberdade, enfreando-as com a vontade.

A materia inerte fica onde a collocam. O espirito vae onde lhe praz. Voeja pelos mundos dentro, entra na carreira dos corpos celestes, percorre o universo, admirando-o e interrogando-o; sobe até Deus para reconhecêl-o, proclamal-o, e adoral-o em si e suas creações.

Finalmente, a materia soffre mudanças successivas e diversas que não redundam em unidade, nem mesmeidade de essencia. A alma é a identica e maravilhosa substancia que, superior a transformações e phenomenos, sente a impressão, conhece, reune, compara. Escolhe, com o sentir indiviso e consciencia intima de seu ser e acção, pondera e julga entre as suas sensações. Esta incomparavel propriedade a divide profundamente da materia. Bayle, vencido pela força da evidencia, exclama: « Póde, sem hyperbole, dizer-se que a demonstração da existencia de um principio espiritual é tão solida como as demonstrações geometricas [1]. » E Gassendi,

1 « Nouvelles de la république des lettres, » art. 6. p. 110.

em egual sentido, declarava que « a maxima prova da espiritualidade do entendimento humano é a faculdade que elle exercita de introveter-se, acolher-se em si, para entender suas idéas, e julgar-se propriamente em suas operações. O espirito sómente é capaz de taes maravilhas. Em verdade, olhos e ouvidos veem e ouvem, sem julgarem o phenomeno da visão e audição. O espirito humano, tão sómente, julga seus proprios juizos [1]. »

D'est'arte se desprendem claramente os dois principios de espirito e corpo; assim se distancêam as diversas propriedades d'elles; e cousa para assombro é acharmol-os juntos! Mais maravilhoso é o unirem-se que o separarem-se. Judiciosamente diremos a quem tentar confundil-os: que, longe de serem identicos, antes parecem incompativeis, e que o actuarem elles em commum não póde explicar-se senão como effeito d'uma superior vontade.

Observações de diversa especie assignalam o cunho irrefutavel de tal differença. Se a alma começa sua educação, mediante os orgãos, e mediante elles cresce, e com elles se vae debilitando, quantas vezes se desata de sua alliança material, e, apezar da influencia dos sentidos, se desenvolve contrariamente á lei de sua união com o corpo?

Nos corpos, quebrantados por annos, abatidos por infermidades, defecados por padecimentos, muitas vezes a alma, em meio das ruinas, conserva toda a sua vitalidade. O avisinhar-se a morte nem sempre lhe desfalca todo o seu vigor nativo: ha casos em que lh'o augmenta,

1 Tom. II, p. 104.

com extraordinaria lucidez. Então parece que a alma, quasi desprendida dos seus empêços, recobra toda a sua energia e pujança. Já o dissera um antigo: « Ao sahir-se do corpo, o espirito cobra nova energia, e parece comvisinhar de Deus [1]. »

Outras vezes, na plenitude da vida, a alma chega a sequestrar-se completamente dos sentidos. No extasis, no arrobamento, em estranhas divagações para além das nossas balisas, e levantamentos sublimes ao céo, e tambem em certos phenomenos mais ou menos passageiros do magnetismo, a alma tanto se desata d'objectos materiaes, tanto se entranha em outros mundos, que alguns philosophos a cuidaram realmente separada do corpo.

Até no dormir, que não anniquila, mas restaura, que não abate para a morte, mas revigora para a vida, a alma evidentemente conserva uma especie de consciencia de si. Esperta o corpo á hora que ella predeterminou. Prescreve-lhe desvelar a noite, quando ella tem deveres a cumprir. Adormecida á cabeceira d'um enfermo, sente o menor movimento, o mais ligeiro gemido, que, n'outras circumstancias, não a sobresaltára. Nunca permitte que os sentidos lhe fujam completamente o dominio. Isto, que tem ar de objecção á espiritualidade distincta, redunda em novo argumento a favor d'ella.

A distracção, bem que seja phenomeno de ordem menor, por igual argúe a differença dos dous principios. O orgão é impressionado; no entanto, a alma occupada

1 Cicero. « De divinat. » l. I. n.º 30.

n'outro ponto em objecto que mais a interessa, denega-se á acção do instrumento cuja advertencia é vã.

Claro é, portanto, que a alma tem vida mais distincta e completa, á proporção que se desprende do corpo, e se lhe avantaja no elevar-se, e lhe supera os appetites e necessidades.

Quer-nos parecer que a alma, sequestrando-se do corpo, se avisinha do seu verdadeiro fito, e vê melhor, e comprehende mais subtilmente as cousas. Oh razão, que tanto engrandeces o homem, e tanto o remontas por de sobre os sentidos, e quasi o divinisas, não, tu não és um composto de terra, um producto d'este mundo! O teu verdadeiro destino não é o confundires-te com os elementos palpaveis; a tua verdadeira vida não é uma submissão ás leis rudes da materia!

A alma sente e cogita, e, além d'isso, conhece e possue seu proprio pensamento. Sente que existe, e que é substancia. Tem consciencia de sua distincta individualidade, e assim prova quanto diverge da materia. Poderia o corpo, se existisse per si só, tirar de sua propria essencia a idéa d'um principio espiritual? Como poderia o homem, puramente material, conceber um mundo incorporeo, germinar entre si idéas tão estranhas aos sentidos, crear o que lhe havia de ser tão dissimilhante, e de natureza essencialmente diversa da sua? Seria absoluto impossivel inventar o que não existisse, o que não tivesse razão de ser. Vejam se imaginam uma terceira substancia que não seja espirito nem corpo!

Os mais graduados philosophos conceberam aquella magnifica idéa do pensamento que a si mesmo se dá testemunho e prova. N'isto assenta a belleza, magni-

ficencia, e verdade da philosophia espiritualista. Depois de S. Agostinho e S. Anselmo, que a pronunciaram, Descartes lhe deu fórma clara e esplendente no ultimo ponto. Se me recolho ao intimo de mim, sinto alguma cousa que conhece ou duvída, que affirma ou nega; mas que forçosamente é alguma cousa. Não faz ao caso que isto seja pensamento verdadeiro ou falso, immovel ou transitorio, sonho ou vigilia: tão exactamente existe o ser que sonha ou duvída como o que vella ou affirma. A toda a luz me vejo, pois, distincto da pedra, da planta, do animal, de todo o universo material, os quaes podem ser maiores, mais fortes, e poderosos que eu; mas não o sabem. Posso, ainda mais, abstrahir-me do meu corpo, e pensar que não o tenho; mas este mesmo pensar me confirma que existo, e me induz a concluir com Descartes: « Que sou uma substancia, cuja essencia e natureza é meramente pensar; a qual, para existir, não ha mister de cousas materiaes; de maneira que este *eu*, quero dizer, a alma, pela qual sou o que sou, é inteiramente distincta do corpo, e mais apta do que elle a conhecer; e, ainda que o não fosse, não deixaria, por isso, de ser o que é [1]. »

Portanto, o homem é, mais que tudo, na essencia, espirito. Ensina-nos a philosophia mais elevada que a alma certifica a existencia do corpo, pois é ella que o sente, e da sensação infere a existencia d'aquella outra substancia inferior, diversa de si em elementos e natureza.

1 « Discours sur la méthode. »

Depois, quando a alma, olhando em si, vê que não possue perfeição nativa, e, igual á materia, não se deu a si a mesma origem, então se altêa á idéa e conhecimento d'um ser superior; d'aqui, reconhecido um creador e mestre, é obrigada novamente a admittir a existencia separada d'uma substancia espiritual, e, pelo conseguinte, a possibilidade e um como direito que ella tem de existir só e fóra do corpo.

Não: corpo e alma, differentes em natureza, não podem ser eguaes no destino. A alma, superior ao corpo, domina-o, governa-o, move-o como instrumento seu. Se alguma vez participa de seus prazeres, livre e responsavel, tambem sabe resistir-lhe ás necessidades e provocações. Manda; e elle obedece. E quando é ella a subjugada, vae de rojo; porém, conhece que podia e devia resistir, e que se damnifica, e arrasta a prazeres fementidos. O corpo é que não póde corrigir-se. Que lhe fazem ordem e juizo? Que lhe importam verdade e justiça? Se a alma não deve sobreviver, porque tão differente é ella dos sentidos? Se tudo se reduz á vida material, porque não é dominador o corpo? Porque não é instrumento e escravo o espirito? Qual é a razão d'isto? A ordem da creação onde está? Em que pára o designio da soberana sabedoria? Logo: a alma existe; e é uma, simples, de todo em todo distincta dos sentidos, sem qualidade alguma de materia, possessora de propriedades inversas do corpo. O abysmo, interposto n'estes dous principios, não póde sondal-o o homem: só póde enchêl-o Deus.

Ora, se a alma tem ser e vida inversa do corpo,

não póde como elle morrer. Como é, pois, que da morte do corpo se infere a morte da alma? Como é que se infere a extincção commum de duas substancias separadas? Morre o corpo dissolvendo-se; volve aos elementos primitivos; reverte ao pó de que sahiu. O destino da alma não póde ser o mesmo. Como ser simples, não póde repartir-se, porque não tem partes; para finar-se, preciso fôra que instantaneamente se anniquilasse. Como ser espiritual, ao separar-se do corpo, desata-se do seu involtorio, e vai integralmente ás mãos de Deus que a creou.

E' certo que o supremo auctor da alma poderia livremente predestinal-a ao nada, e n'isto convertêl-a, como senhor. Mas é crivel que elle assim o quizesse? Se Deus não anniquila por inteiro a porção mais grosseira do homem, quererá destruir a porção mais nobre e pura? Admittir-se-ha que, por acto formal de sua vontade, extinga Deus definitivamente no homem o pensamento, a razão, a consciencia que lhe deu como brazão de superioridade sobre todas as creaturas? Pensal-o assim é lezar e desdourar a conta em que temos a sabedoria divina, e acoimar de contradictorio o acto do Creador! A maxima presumpção da immortalidade d'alma assenta na indole de sua substancia.

Mais longe vai Leibnitz: « A alma é uma substancia. Ora, não póde substancia alguma, de todo, extinguir-se, sem um desparecimento positivo que seria um milagre; e, como a alma não tem partes, não póde dividir-se em muitas substancias. Logo: a alma é de natureza immortal [1]. »

[1] « Systhème théologique. »

Em quanto a nós, sem aceitarmos uma tão absoluta consequencia, acreditamos que é a natureza da substancia, mais que a substancia per si mesma, quem assegura a immortalidade; e, pelo menos, sustentamos que a espiritualidade, quando não seja a definitiva demonstração, é certamente a vigorosa baze da immortalidade.

Rousseau resumia á espiritualidade a prova da immortalidade da alma, dizendo: « Quando a união d'alma e corpo se rompe, concebo que um possa dissolver-se, e a outra conservar-se. A destruição do corpo que importa para que a alma seja destruida? Pelo contrario; sendo tão differentes as naturezas, a união devia ser-lhes violenta; rompida a união, entram corpo e alma no seu estado natural. A substancia activa readquire toda a força, que empregava a mover a substancia passiva e inerte. Ah! de sobra m'o dizem os meus vicios: o homem, durante a vida, vive só em metade, e a vida da alma principia com a morte do corpo [1]. »

E, depois, assim que a separação se deu, levada a alma ao acume de sua vitalidade e independencia, já não ha ahi que duvidar da existencia immortal d'ella. Logo que ella, principio espiritual e simples, sobreviveu ao corpo um instante, já não póde morrer; causa para que se extinga já não ha alguma. Desembaraçada da materia, que lhe empecia, possuidora da plenitude da vida, sua essencia, a alma só poderá morrer por effeito de uma nova vontade de Deus. E Deus, que é immutavel, deixando-a viver após o corpo, evidenciou que não queria deixal-a extinguir-se.

1 « Émile. »

CAPITULO II

IDÉA DE DEUS E DO INFINITO

PERCEBE em si o homem o pensamento; sente e affirma em si o principio espiritual: remonta-se até Deus.

Rodeado de objectos materiaes e limitados, sujeito ao tempo, circumscripto no espaço, porém, certo de que pensa e vive, o homem, ao mesmo tempo que tem a consciencia de seu corpo, e talvez antes, no dizer de alguns philosophos, concebe a idéa de um principio absoluto, do qual todas as cousas dependem, e de nenhuma procede. Transpondo as leis geraes, para além dos phenomenos attinentes á creação visivel, ascende até á origem dos phenomenos e leis, ao auctor de tudo que se move e existe.

Este principio superno e absoluto, activo, livre, unico, é o ser por excellencia, é o ser perfeito e infinito: é Deus. Esta idéa que não procede de nós, entes limitados e imperfeitos, nem do mundo exterior, mais imperfeito ainda, sentimol-a por que existe por si mesma, e tem de seu a propria evidencia e realidade.

O homem, todavia, não se contenta com a idéa abstracta de Deus: transfere-a applicando-a a si. Não lhe

tolhe ser sujeito á morte; não ha para elle extremos; fita os olhos em horisontes illimitados; não crê no fim que se aproxima, nem na morte que vem aprezal-o.

Em pensamentos, desejos, e acções, propende a Deus como a um centro, ao infinito como a seu destino. Nada lhe obsta nem o suspende. Manifesta a sua ancia de infinito na philosophia, nas sciencias, nos descobrimentos do mundo intellectual e physico. Em materia de saber, de verdades, e illustração, jámais diz: « basta! » Sobe sempre: não chega nunca. No sentir do coração é insaciavel como no aspirar do espirito. A decepção não lhe é mais que um intento malogrado, que prova sua fraqueza, e lhe irrita o despeito; mas a anciedade permanece. O infinito é parte integral do cogitar de homem, essencia de seu ser e natureza. Em si revela-se-lhe de modo contingente, e em Deus de modo absoluto.

Aquelle infinito, porém, a que o homem aspira e anhela incessantemente, poderá elle attingil-o na terra? O alvo, que elle entrevê, consegue alcançal-o? Como que sempre lhe vae fugindo o objecto de seus enleios, bem que seja real como o pensamento, claro como a evidencia, persistente como a verdade. Estende-lhe o braço, e vê-o sumir-se. Quando a morte o retém, á hora que fôr, está elle sempre á mesma distancia do termo almejado. Viveu, e morre incompleto. Sósinho entre as creaturas que o rodêam, não cabe no circulo que traçou; regeita as condições que lhe foram impostas. Não lhe é bastante chegar á perfeição relativa. Arroja-se barreiras fóra no encalço das cousas infinitas. Estas nobres aspirações serão vãs? mentir-lhe-ha o instincto? Se cumprisse ao homem morrer incompleto; se elle não fosse

chamado a completar-se n'outra vida; se a morte, em vez de meio, lhe fosse um fim, debalde o levaria a alma com todas as suas potencias, ao incognito, ao porvir, ao infinito; e mais difficil seria explicar o homem sem a immortalidade que a immortalidade com o homem [1].

Em tres fórmas se manifesta o infinito, o absoluto ao homem: a verdade, o bello, o bom — typos ideaes que igualmente lhe captivam o espirito. Admira o bello, o bom enthusiasma-o, e a verdade o attrahe; mas o contingente, o accidental, o particular não o satisfazem. Se ama o bello, se investiga a verdade, se procura o bom, é a perfeição, o infinito, é Deus que elle procura, e ama. Tão poderosa é esta aspiração, tão imperiosamente o attrahe, que alguns viram sem pezar a morte, e a desejaram só para verem e conhecerem o objecto de suas mais ferventes esperanças e affectos.

Consideremos em particular o que é para o homem a verdade. E' a precisão de seu espirito, o alimento de sua intelligencia. Tem sede, e nunca se dessedenta. Tudo quanto é n'elle grandioso, generoso, e nobre, anceia pela verdade. Se é verdadeiramente homem, gasta a vida em busca da verdade. Mas o que elle busca não é apenas uma verdade especial, acommodada a suas precisões de momento: o que o homem quer é a verdade geral, absoluta, vista por todos os seus aspectos e em todas as suas applicações, nas artes, nas letras, em moral, e religião. Isto é o que elle quiz sempre e em toda a parte. Se consegue descortinar-lhe um retalho, que exultações as d'elle!

1 M. Cousin. « Du vrai, du beau et du bien. » 8.ª ediç. 16.ª liç.

Se o não consegue, a preoccupação em que fica, é prova não menos convincente da necessidade que o homem tem de conhecer a verdade; e esta necessidade, que lhe é gloria, e, apezar de quantos esforços, invencivel, revela-lhe sua immortalidade, até no infinito que não entende, e na vida immortal que, a intervallos, elle desadora ou teme.

O proprio erro, com os seus vislumbres de verdade, o seduz. Pede ás suas paixões que o enganem e ceguem, e, victima infallivel de sua illusão, pede a mentira pela verdade.

O sabio, que resolveu um problema, o poeta, que se apoderou d'um sentimento no recesso do coração humano, o philosopho que penetrou uma doutrina, triumpham; mas eil-os ahi vão no alcance d'outro descobrimento. E' Archimedes removendo montanhas, e querendo um ponto de apoio para solevantar o globo. E' Newton exclamando, após haver achado a sua magnifica lei, que o grande oceano da verdade se distendia ainda inexplorado diante d'elle [1]; é Kepler, no incansavel afôgo de suas pesquizas, dizendo que não daria um de seus inventos por um reino. Offerecei-lhes todos os prazeres materiaes, saude, riquezas, poderio, que os não satisfareis. Aspiram ao que lhes domina as necessidades e limites do corpo, ao que subsiste sempre, e se engolfa na eternidade de Deus.

Nossa alma, em intima correspondencia com os sentimentos que necessita, é rebatada por tudo que, n'este mundo, lhe depára a imagem e simulacro do infinito.

1 « Correspondence. »

A incomparavel extensão do firmamento, o immenso mar, a magica obscuridade dos arvoredos, são attractivos d'ella, como tudo que é sublime, bello, perfeito, e achegado ao ideal que ella sobre a terra não póde realisar. A hora, que passa, breve, imperfeita, incerta, como que a prostra. Eil-a anhelante do reino d'ordem e bondade absolutas, cuja infallivel existencia lhe entreluz. Para lá chegar, salta sobre todas as raias, imperfeições, e estorvos. Quer a virtude sem fraqueza, a justiça sem debate, a oração sem rebuço, o amor infindo, o amor illimitado. Quer vida sem dôr e sem morte, vida inteira e perfeita, vida como Santo Agostinho a definiu: « Quem diz simplesmente vida, diz vida plena, ditosa, e immortal. »

Oh! como a alma, amorosa d'aquelles horisontes, de instincto ama engolfar-se em suas insondaveis especies! Que doce lhe é deixar-se ir na corrente de seu profundo scismar, que a furta ao mundo, e a entranha por abysmos, em cujo seio se descobre o arcano do seu verdadeiro futuro! Por sentimento natural e pouco menos de irresistivel, como a alma, máo grado seu por vezes, se ata a um ser superior e omnipotente, e n'elle expande suas faculdades que não podéra desafogar em nenhum outro enlevo!

Se o homem, transportado por seu pensamento, transpassa os mundos que o cercam; se o sobrenatural, que a seus olhos se esconde, e a razão soberba e ignara bem quizera ás vezes repulsar, não obstante, lhe captiva coração e espirito; se a sede da belleza absoluta, e verdade infinita o abraza; se seus desejos não cabem no circulo actual de suas precizões e deleites: isto quer evi-

dentemente dizer que o ente infinito, seu auctor, não lhe ha destinado objecto somenos ás potencias que n'elle insinuou; quer dizer que a bondade e poder de Deus não ficarão áquem das concepções da sua creatura; quer dizer que o nosso creador não implantou em nós germes de belleza e grandeza ideaes, que elle não podesse ou quizesse fecundar; em summa, quer dizer que assim como nosso sentir e pensar não tem balisas, assim o nosso futuro as não terá.

Não comprehendemos como seja cousa vã o compôr-se a essencia da alma humana de idéas grandiosas e immutaveis! Aquella regra eterna, que, desde o começo, a illumina, aquella suprema ordem cuja harmonia ella entrevê, as grandes noções de justiça, sabedoria, e poder que busca em Deus, origem d'ellas, a alma em si as reconhece procedentes de sublime influxo. Se a alma, capaz de conhecer Deus e elevar-se-lhe, consciente de acolher em si a razão e verdade infinita, procura, atravez da fluctuação e chimeras das cousas humanas, o ser invariavel e infallivel, isto lhe é testemunho de ter em si faisca divina, invariavel e eterna; e que, imagem de Deus, é destinada a durar tanto como o seu modêlo; e por sua razão e intelligencia participa de uma altissima natureza, superior a alterações e vicissitudes.

« Então se lhe revela — diz Bossuet — a formosa e verdadeira idéa do viver fóra d'esta vida, vida toda levada em contemplação da verdade; e então vê que a verdade, per si eterna, deve medir uma vida tal pela eternidade que lhe é propria [1]. »

1 « Connaissance de Dieu et de soi-même. » Cap. v, §. 6.

O espirito humano, de seu natural tão apto a fazer suas estas magnificas e invariaveis idéas, tão conformado com as cousas immudaveis, não póde ter sido creado para viver menos que ellas! A alma, feita á imagem de seu creador, sem duvida recebeu caução de existencia impericivel. E Deus, que implantou na alma suas magestosas idéas, não a destinaria a um fim contradictorio.

Não! A alma, que se ala para o que ahi ha mais elevado, não póde ahi achar o nada. Ao buscar a verdade, que é a vida infinita, não póde topar com a morte! Purificando-se na fonte do elemento sobrenatural, não póde cahir sob a lei fatal da materia! Sollicitando o bem, a verdade no seio de Deus, não póde reverter ao cháos!

La Bruyère, summariando aquella prova da immortalidade, diz: « Não comprehendo que uma alma, que Deus quiz encher da idéa de seu ser infinito e soberanamente perfeito, possa ser anniquilada [1]. »

[1] Cap. XXI — Vej. A. NICOLAS, t. I, cap.: « Immortalité de l'âme. »

CAPITULO III

DESTINO DO HOMEM

Deus, suprema razão, soberana sabedoria, tudo fez intencionalmente na ordem universal. Cada cousa tem seu destino, cada ser tem seu fim, no mundo regido pela Providencia. Mineraes, vegetaes, animaes tem seu destino evidente na jerarchia da natureza, e para ahi propendem consoante o fim que lhes é visivelmente designado. Não póde o homem isentar-se d'esta lei geral. O homem intelligente e livre, dotado de consciencia e discernimento em seus actos, não póde ser o unico destituido da razão de seu ser, sem motivo nem designio na vida. Tem, pois, o homem um fim: Deus não o creou para nada. Tão admiravel em suas obras, Deus não se absteve de previdencia e sabedoria, creando o homem, a quem permittiu admiral-o.

Porém, se, como é certo, nos intentos divinos, o nosso fim é o desenvolvimento, a perfeição, e extrema realidade de nossa essencia, attingimol-a, acaso, n'esta vida, onde, longe de crescer, a nossa personalidade diminue e logo desapparece?

Não, não fomos creados para a terra, onde não ha nada fixo nem determinado; onde tudo é transitorio e fugitivo; onde todas esperanças se frustram, e os desejos mentem; onde nada ha que satisfaça a melhor porção de nosso ser; onde o tempo nos constrange e a necessidade nos tyrannisa; onde em vãos esforços nos debatemos; onde, finalmente, ha um acabar que não póde ser nosso destino.

Não, não fomos creados para a vida terrestre; e, se tal vida com as suas actuaes condições nos fosse offerecida e infinitamente prolongada, nenhum homem de juizo a aceitaria. Vêr sumir-se tudo ao redor de nós, sobrevivermos a nossos sentimentos e affectos, mudal-os segundo as variantes das cousas e dos tempos, isto seria um cumulo de amargura, de soledade, supplicio horrendo, inventado para aquelle representante symbolico da humanidade que transpõe gerações e seculos sem achar fim e descanço em parte nenhuma!

Tudo nos indica um destino, que não é a vida material. Se o nosso fim semelha o dos irracionaes, por que não fomos creados de todo o ponto eguaes a elles? Por que temos aspirações que a materia não tem? Por que sentimos necessidades d'alma? Por que se não reduzem ao circulo dos gozos e interesses materiaes a nossa actividade e desejos? Porque temos sobre os outros seres a superioridade do pensamento, da palavra, de nobilissimos sentimentos, de purissimas affeições, beneficencia, amizade, precisão de irradiar nossa existencia por nossos irmãos, sentimentos embrionarios ás vezes, mas que todavia se expandem até ao supremo heroismo? Por que avultámos mais sublimes aos olhos alheios, e

propriamente aos nossos, á proporção que mais crescemos em vida de intelligencia e coração?

D'est'arte, o homem, obra primorosa da creação, capaz de abranger o plano do universo, e associado aos pensamentos divinos, intelligencia feita á imagem de Deus, e, como diz Leibnitz, de raça divina, por força devia receber um destino sublimado como seus desejos, nobre como seus enlevos.

Evidentemente fomos creados para Deus, que nos dotou com aquelles sentimentos, e de sua mão nos tem, e nos protege, e nos influencêa, com sua providencia, o pensar e o praticar.

Santo Agostinho, ponderando o plano divino, a miudo exclamava: « Para vós nos fizestes, meu Deus [1]! » A intenção divina para comnosco não podia ser senão a mais alta e nobre, e digna d'elle. Razão e religião, a um tempo, nos dizem que foi feito o homem para conhecer, glorificar, e amar seu creador.

O verdadeiro destino do homem é este. Será preenchido na terra tal destino? Póde o homem cumpril-o, segundo as condições em que o vemos aqui? Alcança elle, por ventura, a perfeição de seu fim?

Quando o homem intende em conhecer Deus, de quem promanam vida, ser, e verdade, sente que este é o seu principal dever, bem como a mais imperiosa necessidade. Algumas vezes, levanta o espirito a seu creador, mas jámais pôde alcançal-o; e, n'estes indecisos esforços, muitas vezes a decepção o contrista, e poucas vezes a consolação o delicía.

1 Fecisti nos ad te, Deus.

De feito, o quadro do mundo que é? Erro e verdade, luz e trevas, realidade e chimeras. Cruzam-se as opiniões e crenças de todo genero. Cada qual pensa possuir a verdade em campos differentes, e ás vezes oppostos. Qualquer doutrina tem adeptos, qualquer affirmativa testemunhas, qualquer altar sacerdotes, e discipulos qualquer mestre. Deus, por certo, não permittiu que a verdade ficasse sem culto e sem adoradores. Mas quantos homens vivem arredados dos raios divinos? Quantos obcecados por distancia, educação, barbaria e preconceitos? Quantos que não podem ou não querem conhecer a verdade? Como hão de elles conhecer o seu caminho? Quem os obrigará a seguil-o? Quem os conduzirá ao termo? Será bastante a vida actual? Acaso é luz e claridade isto que vêmos? Conhece aqui alguem bastante o que é Deus, e suas obras e leis?

Deve o homem glorificar Deus. Este segundo dever lhe incute, novamente, a idéa de não ter sido creado para fim material. Quem glorifica Deus, é o corpo ou a intelligencia? Toda a creação glorifíca seu auctor; mas não o faz por si mesma; é pelo espectaculo da sabedoria e poder de Deus! Tão sómente o homem glorifíca Deus do intimo de sua alma: é elle, ao mesmo tempo, expressão de sua propria intelligencia, e orgão da creatura destituida de razão.

Porém, presta o homem, sobre a terra, sufficiente gloria a seu creador? Bastará a Deus esta homenagem? As incertezas, fraquezas, e paixões do homem conspiram a proclamar quanto, n'este culto, é remisso e imperfeito o homem; e quando, com supremo esforço de suas faculdades, elle vence offertar a Deus honras

menos indignas, é crivel que Deus consinta que germinem e se desenvolvam estes nobres sentimentos, para depois tolher o exercicio d'elles?

É, finalmente, o homem destinado a amar Deus: magnifica obrigação, dulcissimo preceito, o mais donoso dos deveres! E' o amor o avoejar d'alma a Deus, o unir-se com elle no olvido e desapêgo de todos os prazeres materiaes; é a reversão da divina bondade, que nos preveniu e nos edulçora o nosso reconhecimento. Ora, é possivel que Deus, depois de haver-nos insuflado o seu amor, o não satisfaça? que se não mostre, depois de se deixar entre-vêr? que fuja, depois que se deixou amar? que assim engane os nossos mais vivos e santos affectos? Uniu-se a alma a Deus, e viveu d'elle: romperia Deus esta alliança de vida? anniquilaria as creações do seu amor? Que a creatura desintelligente se decomponha, e a pedra se pulverise, e o vegetal se desfibre, e o ainda irracional se desfaça, comprehendemol-o, que o destino d'elles é a existencia material. Mas á creatura intelligente que o escolheu, e adora, e ama, que lhe immolou talvez seus gozos, e ainda o seu viver d'aqui, não lhe premiará o amor? abandonal-a-ha? deixal-a-ha n'esta morte, que ella soffreu, porque o amava muito? Isto é insustentavel: o mesmo seria defender que a alma em purificação, e propensa a Deus, e desprendida da terra, iría assim empégar-se no nada!

Se assim fosse, seria illusão, absurdo e insanía toda e qualquer aspiração superior aos sentidos, qualquer generoso sentir, tudo que engrandece, nobilita, e santifica o homem na terra, que, assim, seria a sua verdadeira patria. Devêra, sendo assim, recolher-se a razão ao egoismo,

e o entendimento á materia; devêra apagar-se o coração, e apenas equilibrar-se com a frialdade da sepultura que o espera.

Sem a immortalidade, o homem é egual ao insecto que elle esmaga, e á herva que piza. São mero instincto suas faculdades; a vida é-lhe carreira veloz da não-existencia ao nada, enygma entre berço e tumulo, lucta formidavel contra a morte sem minima esperança de triumpho. A sorte do homem sobre a terra é um azar de loteria, com todas as probabilidades adversarias; as revoluções d'este mundo são eventualidades, a terra um arraial de pelejas, onde cantam victoria os velhacos, os fortes, e os felizes.

Sem a immortalidade, o que ahi ha são sensações e paixões; e o monstro, que vive, vale mais que o grande homem morto. Sobre nossas frontes, a noite; aos nossos pés o abysmo: força nos é optar entre a estupidez alvar e a desesperação.

Sem a immortalidade, o céo é pavilhão impenetravel que não diz ao homem sua origem nem fim; a creação espectaculo inutil; Deus um nome esteril, despojado da bondade, amor, e sabedoria que lhe attribuimos. Como *bondade,* se elle assim desprotegia até ao desamparo a sua creatura! *Sabedoria,* porquê? Se destruia a creatura que o adora, considerando-se creada para sua gloria? *Amor!* e deixaria morrer quem ama, quem lhe retorna o seu amor, quem n'elle espera, e se lhe une, e vive em aspirações de repousar-se n'elle! Embora digam que nós estamos creando illusões, encarecemos o nosso incognito destino; que, átomo perdido no seio das magnificencias divinas, não valemos, nem merecemos cuidados

e attenções particulares e perseverantes de Deus, e que o nada, d'onde começamos, bem póde ser tambem o nosso fim.

Certamente, não podemos nem merecemos a existencia; mas tambem é certo que nos foi dada por designio da admiravel Providencia. Quem nos aqui pôz em meio de tantos milhões de mundos, e tamanha multidão de seres, aqui nos deu vida, e nos conserva, e sustenta as leis que nos regem. Esse foi quem tudo fez, e pautou, e dispoz com força igual á sabedoria. Se nos desentranhou dos abysmos do nada, irá tambem procurar-nos aos abysmos da morte. Tirar-nos-ha d'entre a immensidade das espheras, e em meio da innumeravel multidão de suas creaturas, nos indicará nosso logar. A grandeza de Deus, longe de nos atemorisar, deve pacificar-nos. Poderia elle errar em suas obras? A vida, que implantou n'ellas, perdêl-a-ha? Deixaria de seguir o plano que delineou? Perante elle nada ahi é supremo nem infimo. Os astros enormes, que no espaço occupam largo ambito, e o homem, que se resume no espaço a um ponto, são iguaes na intenção divina. Com igual imperio governa Deus a immensidade dos orbes, que rolam sobre nossas cabeças, e as myriades de seres que se escondem sob nossos pés.

E nossa alma, só de si, avulta mais que a reunião de todas as creaturas. O preço de uma alma, creada por Deus, alma cogitante a quem Deus, como a imagem sua, transmitte preceitos, e chama á concorrencia de seus actos, á cooperação com a Providencia sobre a terra, é incommensuravel. Vale mais que o universo material. E' digna de alcançar tudo que lhe foi promettido.

Não assignou Deus ao homem tão elevado destino para tão cedo lh'o cortar. Não lhe mostrou a final paragem para lhe tolher o accesso. Não o fez tão grande para abatel-o ao nivel dos elementos materiaes. Não lhe deu unicamente a elle o conhecimento proprio, e consciencia de suas faculdades, para lhe abrogar o exercicio d'estas eminentes prerogativas. Não o cumulou de beneficios para lhe delir até a memoria d'elles. Em summa, não lhe deu vida egual á sua para o resvalar ao nada.

Não morrerá a alma do homem, por que, em virtude de sua mesma instituição, recebeu o dom irrevogavel da immortalidade. Não morrerá, por que deve, creação divina, participar de seus mais nobres privilegios. Não morrerá, por que, entre os seres d'este mundo, é ella quem unicamente propende a um destino superior, principiado na terra; é ella quem, chamada a conhecer Deus, e a glorifical-o e amal-o, não acha n'este mundo a palavra do seu pensamento, e o foco de seu amor.

Por derradeira palavra, a immortalidade é a consequencia da creação, o complemento da obra de Deus, a completa realisação do intento divino.

CAPITULO IV

DESEJO DA FELICIDADE

Dous sentimentos alvoroçam o homem, apparentemente inexplicaveis e oppostos, e, todavia, intimos, conciliados, e comprehensiveis pela immortalidade: são o desejo da felicidade, e a impossibilidade conhecida de alcançal-a.

Na verdade, o homem, em todas as épocas e situações, ha sentido um só impulso, um só desejo, uma só esperança: a felicidade. Varía a fórma, demudam-se os meios; a idéa, porém, sobre-está inalteravel. Sem treguas a busca, está-a sempre almejando, arde vivamente no aspiral-a. Desprende-se de tudo, tirante este sentir. Alquebrado de penas, affligido de infermidades, aferrolhado em masmorras, á beira da eternidade, ainda deseja e espera. A trôco de felicidade remota e incerta, sacrifica o repouso e tranquillidade presente. D'esta necessidade imperiosa não póde desatar-se: é caracteristico essencial seu que não ha ahi destruil-o; é instincto profundo e constitutivo do natural d'elle.

No seu agitado correr ao encontro da felicidade, o homem nunca se afadiga nem pára. Persegue-a de contínuo sem alcançal-a, e de contínuo recomeça a perse-

guição. Não ha balizas para suas exigencias illimitadas como seus pensamentos, infinitas como seus desejos; deixa-se vencer d'ellas, algumas vezes, e não ha razão que as torça e dome.

Abundancia ou penuria, prosperidade ou desgraça nem lhe quebram as aspirações, nem lhe afroixam a confiança. Não crê nas miserias contingentes d'este mundo. Cuida que os revezes são erros ou desatinos. Trata de se habilitar melhor, e não admitte que a desillusão seja a ultima palavra da vida. E depois, se, por eventualidade fortuita, realisou a maxima felicidade que lhe doirava os sonhos, o seu repousar-se é instantaneo; entra logo a desaprecial-o; quer ainda mais.

As paixões, que lhe offerecem, como a miragem, a taça da ventura, dão-lhe sêdes insaciaveis. O avaro quer enthesourar sempre; o ambicioso elevar-se sempre; o voluptuoso augmentar sempre os seus deleites. Ao passo que o homem se adianta, affasta-se diante d'elle o horisonte; quanto mais se altêa, mais a perspectiva se desdobra, e os desejos ampliam-se com ella. Se, como Alexandre, conquistou o mundo, chorará por não ter mais conquistas que abranger.

Seja como fôr, quer ser feliz: arrasta-o iman irresistivel; impelle-o inevitavel amor. Sente que nasceu para a felicidade: quer achal-a onde ella estiver.

E, n'este mundo, não ha sorte que o satisfaça. Deseja prazeres, e os prazeres fatigam-o. Quer pompas, e as pompas lhe pezam. Quer riquezas, e no seio d'ellas se enoja. Tal ha que, tido em conta do mais ditoso, é, por vezes, o primeiro entre os miseraveis. No apogeu de seus desejos, tudo lhe falta. Aspira ao que não ha;

*

quer abarcar o impossivel. Confessa-se enganado em suas esperanças, e fraudado em todos os seus appetites. Dai-lhe a escolha d'um prazer entre todas as delicias, e vêl-o-heis amaldiçoar a sua escolha. Que as cumule todas, e a saciedade e tedio virão sem detença. Ao invez de todos os demais entes da creação, não tem desejo que satisfaça, nem necessidade que sacie. Cança-se e importuna os outros com suas reclamações e queixas sem fim. A terra inteira não lhe abasta ao coração; os bens d'este mundo parece que lhe augmentam o vacuo. Quem mais de afogadilho anceia um prazer, esse será o mais depressa enfastiado. Sciencia, haveres, honras, voluptuosidade, tudo o homem devora rapidamente, sem tomar pé em nenhum d'esses bens. O contentamento de hoje é estimulo a esquadrinhar os contentamentos de ámanhã. Quem pôde ahi já dizer: « Estou hoje contente, e estarei sempre? » Ha um excesso de felicidade que amedronta; logo se lhe antevê o fim; de mais alto mais dolorosa nos é a quéda. Quando, louco de orgulho e delicias, Cesar, o domador do mundo, se deíficava, a morte estava com elle.

Esta ancia de felicidade, tão imperiosa e tão no minimo satisfeita, não é mais que o desejo do desconhecido, que, n'este mundo, não tem objecto. Quando nossos insaciaveis instinctos requerem da natureza mortal mais do que ella póde dar, para logo se convencem de sua esterilidade e fraqueza.

As sociedades, em igualdade com os individuos, não sabem o que é repouso e felicidade. Collectivo ou individual, particular ou publico, o homem está sempre descontente do que é: não o descercam a inquietação e o

mal-estar. Não ha organisação social, nem fórma governativa que lhe dê paz, serenidade, e a perfeição a que pende. Mudar, reformar o que ha, é a mira a que aponta sempre. E n'isto se embrenha com um phenesi que as decepções, e desgraças, e os crimes das revoluções não vingam arrefecer. E, enganado sempre, lá volta á peleja com baldado afan.

Sob qualquer ponto de vista, a felicidade n'este mundo é mera apparencia, vã sombra, phantasma que já vae longe, quando se nos figura têl-o ás mãos. A idéa da felicidade têmol-a; mas o seu objecto vãmente o buscamos: nem no intimo de nós, nem fóra de nós, lhe acharemos a realidade. Miseria, inanidade, decepção, isto encontramos nos bens da terra, e em nosso coração tambem. E' o homem sobremaneira violentado a reconhecer a vaidade do que é, vaidade de tudo que quer, que ama e possue.

Se a felicidade fosse exequivel, cessaria em presença da morte, — a morte, flecha occulta sob as caricias da fortuna, peçonha filtrada a todas as taças das delicias, ameaça fatal sem cessar pendente sobre cada fronte. A prosperidade augmenta-lhe o pavôr. Quanto mais possuimos, mais dolorosa é a perda. Quanto mais amado é um pae de seus filhos, e mais os ama, mais afflictivo lhe é o adeus da sepultura. O marido separa-se com maior tribulação da esposa querida; e o rico dos seus thesouros. Póde a triste imagem repellir-se n'um momento distractivo; mas a reflexão a reconduz mais atterradora.

Linquenda tellus, et domus, et placens
Uxor [1],

1. Horacio, livro. II, Ode XIV.

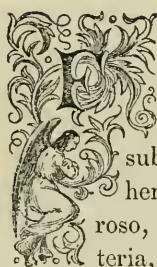
— exclama o poeta epicurista, torvado em seus gozos pela rapida fuga das delicias em que, ao presente, se está saboreando.

Então vem o prostrar-se em desconsolação profunda o homem desenganado. Entedia-se na soledade; aborrece-se em toda a parte; importuna-se a si, e mortifica os estranhos; e « este inexoravel enôjo é o essencial da vida humana » — diz Bossuet. — Vai n'elle incuravel doença. É-lhe dom funesto a vida, entre as saudades do passado, os cuidados do presente, e os desenganos do porvir. De desmentido em desmentido, de tristeza em tristeza, assim vae indo, sem se conformar á desgraça, mais digno de lastima por isso!

A desesperação, com que, ás vezes, o homem affronta as consolações, prova sua debilidade; conformidade, não. « Assim leva de rojo á sepultura a longa corrente de suas esperanças mentidas. » E ao descarregar-lhe a morte o golpe derradeiro, a felicidade não lh'a derruba; desejos e inquietações é que a morte anniquila.

Entretanto, que conclusão se tira do antagonismo entre os instinctos do homem e o seu estado real? entre as invocações do amago de seu ser, e o premio que elle ganha de seus esforços? Deveremos attribuir-lhe uma faculdade poderosa sem termo nem objecto, sentimentos contradictorios, necessidades nunca preenchidas? Ou será mais racional que o homem, nascido para a felicidade, e privado de encontral-a na terra, ha de conseguil-a n'outro mundo? Se Deus assignalou um fim ás nossas aspirações, deve alguma hora mostrar-nol-o. Se nos veda o gozarmo-nos em repouso os bens d'este mundo, outros nos reserva. Não, estas profundas espe-

ranças não se baldam. A tristissima chimera d'esta vida, a anciada felicidade, existe em outra parte. A morte não é a suprema palavra da vida, nem a terra a ultima paragem do homem.

Assim se justificam e conciliam as nossas dobles impressões. Queremos felicidade: têl-a-hemos; procuramol-a: achal-a-hemos.

Não nos enganamos em quanto ao principio de nossas aspirações; o erro está no modo e local das nossas delicias.

A razão ensina ao coração que elle póde nutrir grandes desejos; mas deve esperar que se lhe satisfaçam. Ensina-o a não desanimar-se com as sequidões da viagem, porque Deus collocou o premio no fim da carreira. Pondera que nos não contentemos com vantagens ephemeras, e pautemos nossas esperanças pela medida infinita de nossos desejos; e que, emfim, a bondade que nos induz a aguardar todos os bens, nol-os reserva, e assegura a fruição d'elles.

Não, Deus, auctor de nossa natureza, creador de nossas inclinações, não fez uma obra vã. Quem nos deu o sentir da felicidade e amor, antepoz-nos aqui o ideal e o apparente. Elle restabelecerá a concordancia entre nossas aptidões e desejos, harmonisando a aspiração com a realidade. Então, recompensados, possuiremos o bem soberano e perfeito, cujo pensamento nos transporta.

CAPITULO V

SENSO INTIMO E INSTINCTO DA IMMORTALIDADE

FALLANDO ao certo, o desejo de felicidade nada é menos que a consciencia da vida immortal. E' o sentimento da vida preconisado pela esperança, interpretado no mais sublime de si, continuado na sua mais attrahente essencia, instincto de tal modo poderoso, que resiste a todas as impressões da materia, a todas as illusões dos sentidos, e inquietações da phantasia.

Estude-se a natureza do homem; entrem-lhe á consciencia; sigam-lhe o interno movimento de suas idéas, e hão de vêr quão funda lhe está na alma a crença intima da immortalidade.

Apparentemente, o homem vive para morrer. Desde o berço, está em frente da morte. Nasce, vive, e morre como todas as creaturas que o rodeam. Ao cabo de todos os projectos, tentativas e acções, vê a sepultura. Sabe elle que sua vida nada mais é que ponto no espaço, e um momento na duração. Nada, fóra de si, lhe presagía sua sobrevivencia; experiencia nenhuma lh'a confirma; nenhuma observação lh'a testifica; nenhum

testemunho, já da terra, já estranho a este mundo, lh'o attesta.

Segue a natureza o immudavel curso de suas leis. Envelhecem e acabam de viver os animaes ; as plantas seculares baquêam e pulverisam-se como os vegetaes de um dia. Engrandecem-se as nações para se anniquilarem. O homem morre ; é lançado á terra ; dissolve-se ; desapparece. Este espectaculo, renovado continuamente, cança os olhos dos que sabem que a sua vez lhe chega fatalmente. Além de que, o homem não sómente espera a sentença : vê-a avisinhar-se. Sente o corpo condemnado á morte, deslisando á destruição como em ladeira inevitavel.

Sem embargo, e apezar da evidencia dos factos, e testemunho de suas proprias sensações, sente-se o homem, n'outro sentido, destinado a viver. Com todas as forças, aspira a possuir e radiar vida. Não fundamenta suas esperanças e calculos sobre um dia ; e sobre longos prasos como se podesse contar com o futuro indefinidamente. Cercado de seres que perecem, perdido em meio do geral quadro da morte, vive, como se lhe não pertencesse. Entrega-se ao instincto, ao sentimento, á precisão da immortalidade. Em si, a vida subjuga a morte ; considera o morrer cousa accidental ; escassamente o julga digno de entrar em seus pensamentos e previsões. Não tem seguro um dia de seu, e dá-se canceira de futuros, como se não houvesse de morrer.

A consciencia de que é mortal vae sempre e em tudo cedendo á consciencia da immortalidade. Como que nem ainda crê no acabar-se o corpo. Tem ares de immortal nos seus feitos sobre a terra. Mesmamente aquelles que

parecem crer no absoluto nada, vão suppondo que não chegam lá: até estes se sentem immortaes; exercitam a vida como se não tivessem de morrer.

Por mais rapida que seja a vida do homem, ainda mais rapida é sua esperança. Tudo impugna á morte para embargar-lhe o passo; e tudo lhe cede, saude, felicidade, contentamento; reserva para si a vida, dilatando-lhe indifinidamente os sonhos illusorios.

Nada lhe faz o prezente: paira-lhe sempre o pensamento ao longe. Para o futuro trabalha o sabio; ao escriptor antolha-se-lhe a posteridade; o guerreiro peleja pela gloria — digamol-o assim: cede a vida para reviver. Este geral e instinctivo sentimento explica as grandes dedicações, tolhe a superioridade á covardia e egoismo, evita que a heroicidade seja méra illusão e burla. Sentir é este, que na multipla variedade de suas differenças, a todos se applica, ao maior e menor, ao principe e ao operario. E em quanto os homens insignes olham a viver na mais longinqua posteridade, o obreiro e o aldeão querem reviver em seus filhos. Todos ultrapassam as margens da vida, todos miram, calculam, e esperam alem-tumulo.

Em mim reconheço mais resistencia que a da materia, mais grandeza que a do espaço, mais duração que a do tempo. Tenho fé profunda na vida. Creio-a com todas as potencias da minha vontade. A creatura, da terra ou do céo, que viesse annunciar-me o acabamento do meu ser, repulsal-a-hia energicamente de minha alma que quer viver. Baqueie sobre mim o mundo todo para me esmagar, que eu sobreviverei á sua queda, e, do profundo da minha ruina, reclamarei a vida.

« A vida! a vida! — exclama um philosopho moderno [1] — embriaguemo-nos com esta expressão, que é uma embriaguez sagrada. A vida é a esperança; a vida é a immortalidade. A vida é o intermedio do finito ao infinito, alliança do tempo com a eternidade, a destruição do limite, a arca divina fluctuando sobre o abysmo. »

Oh! a vida é o bem supremo, o maximo dom que Deus me ha concedido, e pela mesma concessão se obrigou a não m'a retirar para sempre.

Este sentimento assim entranhado, e ao mesmo tempo tão opposto ás leis geraes da natureza, quem o deu ao homem? D'onde lhe vem esta idéa inexplicavel e estranha, se elle é feito para acabar na terra? D'onde lhe vem tão elevada noção, sem imagem nem modelo no mundo, se elle mesmo não passa de machina destinada a funccionar e quebrar-se logo? Se o mundo exterior, espectaculo de anniquilamento successivo, nos não dá esta noção; se os sentidos que em tudo vêem e palpam a morte, nol-a não podem dar, d'onde vem, pois? Não lhe procuremos outra origem: procede da consciencia que Deus nos deu d'ella; procede de nos haver Deus inoculado o principio e razão de ser da nossa immortalidade. N'isto redunda todo o seu poder.

Encerra ella em si a sua mais decisiva prova. Será preciso demonstrar ao proscripto a existencia da patria? Será preciso ensinar ao viajeiro a esperança do lar e a consolação do regresso? Será preciso ensinar aos meninos os seus direitos á herança paterna? Sentimos que havemos de ser, por que somos. Guardaremos o cara-

[1] PELLETAN. « Profession de foi du XIX siècle, chap. XXI. »

cter indelevel da substancia em que fomos creados. O sentimento divino que possuimos d'esta certeza rebate quaesquer argumentos. O auctor de nosso corpo e alma, o auctor de todo ser e verdade, não podia dar-me uma percepção phantastica.

Aquelle que nos ha dado posse e sentimento da vida, tão doce e formoso dom, não nol-o fez saborear como licôr preciosissimo para cruamente nol-o retirar dos labios sedentos.

Este sentir tão ardente, constante, e universal, que nos exalça e engolpha em Deus, é nossa honra, virtude, e merecimento. Deus não o daria ao homem privilegiadamente para lh'o desfazer em erro e illusão.

Idéa tão adversa ás leis da creação toda, deve brotar da realidade. Desabrocha, como irrecusavel verdade, do recesso de nossa intelligencia. Faz parte integrante de nossa espiritualidade, é-lhe inseparavel, existe com identico titulo. Concebêmol-a porque é tão real como o nosso creador, tão certa como a nossa personalidade. A nossa razão, que não é obra nossa, e a nossa consciencia, que nós não formamos, conspiram a testemunhar incontradictavelmente a immortalidade. E' demonstração sahida de nossa consciencia, tão evidente como uma formula algebrica, a que nos convence da sobrevivencia de nossa alma com auctoridade igual á que tem na prova da existencia de Deus, prova haurida simultaneamente da luz do espirito e dos thesouros do coração.

Se o homem, porém, possue o sentimento da vida, em gráo semelhante, possue, ao mesmo tempo, o medo da morte; e este medo instinctivo dá igual testemunho em favor da immortalidade.

O homem, declinando de hora a hora á sepultura, não póde sem horror encarar o terrivel desconhecido que está além. Apavora-o o presentimento do nada. Não tem movimento de espirito nem fibra de coração que não impugne tal idéa. Aquella formidavel e terrivel solidão, aquelle vacuo afflictivo e absoluto, affrontam-no em toda a profundeza do seu ser. Sentir o extinguir-se-lhe a intelligencia, e quebrar-se-lhe o coração; desapparecer depois de ter possuido a vida; sumir-se depois de haver possuido sua personalidade, isto lhe mortifica todos os instinctos. Se a solidão, se o silencio d'um dia, d'um anno, d'uma vida inteira faz terror, que fará o silencio e solidão da eternidade?

Para o homem pensador, e que só vê a morte, horrendissimo quadro é este! Sentir-se viver, e contemplar ante si o nada, é isto impressão de incutir pavôr: é maldição, é um desesperar infinito. Quanto mais elevado é o homem em sentimentos de justiça e dons de sciencia, mais perto demora da luz e da verdade, mais alto aspira á plenitude da vida; mais pungente, por tanto, lhe será o tormento da idéa anniquiladora. E' como um transformarem-se os dons de Deus em desgraça e ludibrio. Se haviamos de recahir ao nada, para que nos foi dado o viver? Antes ficar no impassivel nada: seria isso um fim igual ao principio. Pensamento ultrajante e blasphemo que iria ferir Deus, suppondo-o injusto, e limitado em poderes, visto que não pôde fazer que vivesse, nem recompensar, aquelle a quem ordenou esforço, trabalho e virtude!

Se, pois, este involuntario terror, a que cede ainda mesmo o homem crente e religioso, se lhe antepõe, elle

que não se apavore. Victor Cousin com justeza observa: « não é a razão, é a phantasia que atterra, e gera a duvida, a torvação, a secreta anciedade que a mais acrisolada fé nem sempre consegue vencer, em presença da morte [1]. » Tal é, portanto, o homem, cujos sentidos se alvorotam perante o perigo, que seu coração não teme. Pelo que, o philosopho Pascal, vacilla caminhando por sobre o abysmo, sobre uma táboa mais solida do que o necessario para lhe sustentar o pezo.

Espere o homem, ainda assoberbado d'este pavôr! Pois que é immortal, não conhece a morte, não a prevê, nem a repulsa. A confidencia do destino não a fez Deus aos entes, cujo final destino é a terra; sem proveito d'elles, evitou-lhes os horrores do fim. Se o homem, singularmente, é a creatura que comprehende, e sente, e se atemorisa da morte, é porque deve preparar-se para ella. Não lhe é inutil este pavôr. E' uma sentinella, que o avisa do perigo, e lhe brada que velle sobre sua alma, e se não deixe cahir ao sepulcro do mal, ao nada da iniquidade. Que elle se tranquillise, pois, e tire d'isso mesmo uma nova prova da fé que deve ter em Deus e na immortalidade.

Homens! quando contemplaes a morte, quando a sepultura vos atterra, não vos queixeis de Deus, não vos revolteis contra elle. Quereis viver? pois tende confiança: é o proprio Deus que vos insuflou este sentir ao coração. Receaes morrer? morreis, é certo; mas não será para sempre. Apenas ha uma apparente contradicção entre o que temeis e o que esperaes. Morreis, mas

1. « Du vrai, du beau et du bien. » 8.^{e} edit. p. 443.

para renascer será. O mal que vos é inherente, a natureza que fallece e se esvae, vos dão uma resposta de anniquilamento; mas o Deus bemfazejo, que vos creou, dá-vos palavras de vida.

Dilucida-se o mysterio; desapparece a contradicção. Morreis e vivereis. O mal que em vós é, o mal que é a morte, passará; mas o bem procedente de Deus, o bem que é a vida, eternamente permanecerá.

Alguns, não obstante, ainda redarguem e dizem: Nem todos os homens sentem em si a consciencia intima da immortalidade; e muitos tambem se consideram destinados á extincção. Não creem, não aspiram, e não receiam. Sentem em si a morte sem esperança de renascimento.

Quem são, pois, esses homens, privados do sentimento de seu immortal destino? Se os ha, são aquelles que tão sómente vivem para a materia, para os sentidos, para os prazeres rasteiros, ou pelo menos para os interesses mundanaes unicamente. Se os ha, são aquelles, cujo espirito cerrado ás luzes intellectivas, virtude, dever e Deus, se degradam em vez de se elevarem. São aquelles que se engolpham em animalidades, e torpezas.

Tal homem, certamente, não goza da plenitude de suas faculdades: carece do senso divino; carece da plenitude de sua liberdade, porque está captivo da materia. Perdeu o sentimento de sua unidade, espiritualidade, e fim, porque perdeu a possessão da alma. E, assim mesmo não consegue delir de todo em si o instincto natural; pois, tão depressa recupera idéas mais dignas do homem, para logo o sentimento da humanidade se lhe restaura.

Isto ponderava um dos mais altos e philosophicos es-

piritos do nosso tempo: « O senso intimo de uma alma separada de Deus, perdida na materia, derramada em corpo que vae rebatado na torrente da geração, não dá a conhecer á alma nem Deus, nem alma, nem corpo; ainda menos lhe deixa presentir o immortal porvir que póde resultar da união com Deus. A alma morta presente a morte, já não a vida. Mas a alma, que em si tem vida, isto é, Deus, vida eterna infinita, a alma que em Deus se acolhe com suas forças em vez de as desbaratar no mundo, e se engrandece e sóbe em vez de multiplicar-se, tal alma encerra em sua essencia a promessa infinita, sente a immortalidade. [1] »

Concebem-se os mesmos evidentes symptomas da immortalidade na belleza d'alma, culto, amor, e união de Deus: nada ha ahi mais nobre, sublime, e excellente! Quanto mais puro, e religioso, quanto mais divorciado de sentidos e paixões é o homem, mais immortal se sente. Quanto mais se conforma e chega ao seu verdadeiro fim, mais se compenetra da immortalidade.

Digamol-o ainda: o sentimento da immortalidade, congenial de nossa natureza, é rigorosamente verdadeiro. Só Deus nol-o podia influir na alma: é palavra d'elle em nossa essencia. Segue-nos sempre até as raias da outra vida. Une-se e amalgáma-se ao desejo imprescriptivel da felicidade eterna. « Se não promana de Deus este sentimento — conclúe M. de la Luzerne — é effeito sem causa; se vem de Deus, não póde enganarnos [2]. »

1. P. Gratry. « De la connaissance de l'âme. » t. II, p. 240.

2. « Dissertation sur la loi naturelle. » p. 185.

A crença da vida futura, que não existiu, seria inexplicavel como propria immortalidade. Em espiritos reflexivos, é já isto certeza absoluta como a existencia; em corações ainda não derrancados, é uma esperança vigorosa como a realidade.

CAPITULO VI

IMPERFEIÇÃO DO HOMEM, E A DESORDEM N'ESTA VIDA

Se o homem, examinando-se em sua indole, desejos, e instinctos, sente que é immortal, estudando-se no que é, em ordem ao mundo, não lhe assegura menos seus futuros destinos.

Consideremos o universo. Que admiravel espectaculo nos offerece em suas leis! Com que maravilhosa harmonia se effectuam todas as operações da natureza! A totalidade dos seres segue os traços que lhe foram assignados. Rolam no espaço os astros com magestade só comparavel á exactidão das suas revoluções. Dias, mezes, annos, sazões fazem seus cursos immutavelmente regulados. A terra, em tempos prefixos, dá, sem fatigar-se, seus fructos. Decompõem-se os elementos para reorganisarem com seus residuos novos seres. Nada se desconcerta, nada soffre, nada se invalída. E, após seis mil annos, o mundo, dotado da mesma juventude e energia, parece não conhecer declinação.

Verdadeiramente, a successão d'este quadro está indicando grandemente que não está n'elle a immudavel perfeição. Tempo, materia e espaço arguem a imperfeição do mundo visivel. Todavia a complexidade, pelo

menos, ostenta um sublime e grandioso espectaculo, proclamando a sabedoria e omnipotencia do creador: largo e profundo é o cunho do artífice em sua obra.

Em meio, porém, d'este quadro de força, de harmonia, de juventude e duração, manifestada no mundo, que é o homem, o rei do universo, o primor da creação? A vida do homem que é? E' flamma que se apaga, ponto que se esvaece, momento incoercivel e transitorio entre o nada do passado e as trevas do futuro; carreira sem paragem de repouso, ladeira rapida que, umas vezes, se desce n'um resvalar quasi despercebido, outras vezes em vertigem furiosa. Succedem-se as gerações com terrivel celeridade; a infancia encadêa-se á velhice, a velhice á infermidade. Não menos rapida se apaga a memoria; e para logo a propria sepultura se some, para que a terra não seja uma como vasta necropole. Nada estavel, nada regular, nada certo. Ninguem chega ao completo desenvolvimento de suas faculdades; ninguem consome o seu pleno sentir e conhecer. Transitorio, prematuro, imperfeito tudo! As nuvens desluzem a luz, as sombras denigrem a realidade. Bascolejado entre saudades e desejos, entre bens perdidos e bens esperados, angustias do presente e sobresaltos do porvir, a creatura geme, procura o que não acha, vae de poz felicidades phantasticas. E' tão quebradiço o vaso em que temos a vida, que a cada instante se quebra antes de encher-se, antes de esvaziar-se. Parece que esta vida foi dada ao homem para lhe ser tirada logo. Se a contamos pelos annos é curta; se a contamos pelas miserias e dôres, é longa. E' isto um principiar apenas. Não se leva ao termo trabalhos, projectos, nem observações. E, quando ella trasborda de es-

peranças, as promessas, que fizera, vem a morte satisfazêl-as.

S. Francisco de Salles dava conta d'esta irrefutavel realidade, quando dizia: « O lavor unico da vida é a morte. Meditae que a vida é sombra, é sonho, é fumo; a ambição humana não tem ahi no mundo cousa solida que toque. Os sentimentos mundanos, que cada dia morrem em nós, estão-nos dando lições de morte. »

N'esta infinita agitação, n'este labyrintho de cuidados sem sahida, de prazeres e emprezas, qual é pois, em ordem ao mundo, o fim real? Se o homem, que trabalhou, devesse fruir, se o fatigado devesse descançar, se o caminheiro devesse chegar, a vida actual teria uma razão de ser. Mas a obra de cada dia outras lições nos dá, e nos está ensinando a não estribar em combinações as mais acertadas, e em calculos melhor cimentados. O navegante, escapado ao mar alto, morre ao acostar-se ao porto; o general victorioso morre nas glorias do triumpho. O homem que edifica luxuosa habitação cae á sepultura antes de entrar em sua nova morada. A cada instante a morte intercepta as mais bellas emprezas, os mais sabios designios. Chega o homem a um grande descobrimento, e morre! Vae salvar uma cidade, um estado, o mundo, e morre! Deixa após si incompleta a obra, as idéas interrompidas, os designios bemfazejos em risco de se malograrem.

Não lhe doe o coração menos que a intelligencia. O filho querido, alegria de seus paes, espira o derradeiro alento antes de despegar-se do seio maternal. O mancebo, objecto de calorosos affectos, e nobilissimas esperanças, baquêa antes de realisar uma das muitas esperan-

ças de sua vida. E' o esposo roubado á esposa nos primeiros jubilos de seu consorcio. A joven mãe expira no regaço da ventura da primeira maternidade. Os flagellos, os accidentes, as contagiões ferem, indiscriminadamente, os mais moços, os mais dignos, os mais distinctos. Nenhum destino está seguro de si. A criança, o homem, o ancião, nenhum tem certeza d'um dia de existencia: podem morrer quando mais esperam e desejam vida. Foge ao homem a imagem de sonho escassamente entrevista; terminada a angustia, segue-se o acabar; nem sequer lhe é dado o repousar-se de seus pezares.

És tu, pois, oh vida, sombras, phantasmas, vaidade?

Miserias, quebrantos, infermidades?

Amores puros atraiçoados, separações dilacerantes, luctas que prostram, sciencia que foge, enthusiasmos que passam, é isto a vida?

Desejos sem realisação, decepções atrozes, esperanças estereis, é isto a vida? E' isto o destino, a derradeira paragem da humanidade?

As sublimes faculdades, que Deus germinou em nós, ficam áquem do seu desabrochar; e se ellas, algumas vezes, abrem as primeiras flores, os seus fructos todos acaso os deram?

A intelligencia, de seu natural tão esplendida, quantas vezes se entenebrece?

A memoria, deposito de nossos conhecimentos, receptaculo de nossas observações, quão pouco encerra!

A razão, nossa gloria e força, quão fragil, incerta, e facil é de obliterar-se!

Aquelle affecto, dulcissima necessidade de nosso coração, aquelle puro amor que votamos a Deus e ao pro-

ximo, e de cuja nobreza lhe dá penhor a duração, muitas vezes, não nos deixa uma impressão assim ligeira que ephemera? Não é ella incompletissima n'este mundo, em que os melhores amam Deus medianamente, o auctor de todos os affectos, e assim amam os que mais unidos lhes são? A' voz, que, no intimo, nos brada: « sempre, sempre » e protesta contra a separação e olvido, acaso lhe prestamos attenção?

O homem, pois, sobre a terra, nada adquire, nada conclue; em parte alguma se lhe antepára a sua balisa extrema da bondade, justiça, e perfeição. É-lhe tudo enygma, mysterio, crepusculo, obscureza. Deus só deixa vêr-se a intercadencias, e mais se esconde que manifesta. O reino de Deus, verdade, virtude, felicidade, não é o reino que todos os espiritos anhelam. Assim como todo corpo deslisa rapido á campa, toda alma pende ao mal e ao erro. Nenhuma intelligencia se resgata por inteiro; nenhum coração se expande e dilata na plenitude de seus affectos.

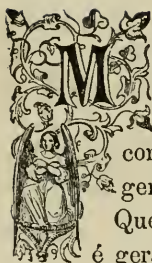
Não, o mundo não encerra em si a sua razão de ser; muitissimas cousas não vingam aqui o seu destino; que farte creaturas estão aqui n'um estado viciado ou violento. Muitissimos desgraçados teriam razão em queixar-se do destino, que elles não escolheram, e em accusarem o injusto rigor da sorte que lhes foi imposta!

Isto mesmo, porém, ensina ao homem a vêr o futuro. Virá um dia em que tudo seja reposto em sua ordem; entrará tudo em sua regra; reverterá tudo permanente e definitivo. Será restabelecida a situação de cada qual. Mostrar-se-ha Deus, que se havia encobrido. O homem será posto em seu logar á cabeceira da creação, e verá tudo á luz da verdade e da harmonia.

Fiemos de Deus. Se tanto sublimou a belleza do universo, como abaixaria o homem a tamanha imperfeição e aviltamento? Se dotou a materia de tão longa e completa vida, não daria ao homem existencia ephémera, degradando-o abaixo das restantes creaturas. Não formou Deus tão sublimes intelligencias, conchegando-as de si, nem creou tão nobres corações enthesourados na memoria da humanidade, para esquecêl-os na morte, e atiral-os ao nada. O soberano factor do mundo não abandonou a mais bella parte de sua obra! «Tua alma, oh sublime Fénelon — clama o auctor dos *Estudos da natureza* — não póde estar embaralhada com os elementos, nem podia ter presentido na terra uma ordem que nem nos céos existia!»

O imperfeito requer a perfeição, a desordem reclama a harmonia, a terra presume o céo, o tempo invoca a eternidade.

CAPITULO VII

A DOR

Mas agora vereis cousa peor que a imperfeição. E' o mal, é a dôr — a dôr, phenomeno para tamanha estranheza á primeira vista, mysterio, ao parecer inexplicavel, e, comtudo, phenomeno universal, e a mais pungente das realidades!

Que funebre espectaculo se nos depára! A dôr é geral, e contínua. Reina cruelissimamente ao travez das gerações e seculos. Variavel, consoante as idades, póde modificar-se, em ordem ás posições, transformar-se, segundo os individuos; mas não ha sustêl-a nem fatigal-a.

Ao homem que pede gozos, ou, sequer, repouso, responde-se-lhe: Soffrerás e gemerás; dobrar-te-hão angustias; serás torturado de molestias; a agonia da morte ser-te-ha sobranceira. Tristezas, infermidades, desalentos, tudo tragarás. Sempre e em tudo privações, tormentos corporaes, penar inexprimivel d'alma, dores incomparaveis da vida. Soffrer, e, o que peor é, vêr soffrer quem amamos, sentir a improficuidade das consolações, seguir-lhe d'olhos as agonias, sentirmo-nos morrer

na separação, deixando quem prezamos nas prêsas das miserias do corpo, e na peste do vicio: este é muitas vezes o destino do homem n'este mundo. No restante da creação, os objectos inanimados não soffrem; ignoram o que é lagrimas e dores. As leis, que tão harmonicamente os regem, não são interrompidas por alguma das contingencias que ferem o homem e o obsediam de crus tormentos. Se os animaes, alguma vez, padecem dores physicas, o seu passageiro soffrer d'elles, restricto ás sensações, não conhece a inquietação nem cuidado: é soffrimento sem implicancia com nenhuma outra affeição.

Predestinação unica de soffrimento é a do homem. O rei dos seres é o mais miseravel de quantos ha; o privilegio da natureza redunda-lhe em desgraça para muitas lastimas. Impera sobre todas as creaturas, e soffre durissima escravidão. Tudo subjuga á satisfação de suas necessidades, e os impassiveis instrumentos, que usa, lhe são, no maximo das vezes, supplicio.

Denomina-se senhor e soberano, e divide sua realeza entre as angustias do desejo, e as feridas da peleja; entre as esterilidades do triumpho e as amarguras da saudade. O supremo desgraçado, e só elle, é o que arde sequioso de felicidade. Verdadeiramente dilacerado é quem sente abrasadamente. Diz a legenda bouddhica: O homem corre agitado sobre o oceano da vida, balouçado pelos furacões da dôr, repellido no mar alto pelas quatro torrentes mortíferas: nascimento, velhice, infermidade, e morte. Contra este exactissimo quadro, talvez opponham que a dôr é effeito proprio da natureza do homem; que lhe é util e por ventura necessaria; que o

ensina a fugir perigos, e o avisa das cousas nocivas, e d'est'arte o reduz ás condições legitimas da humanidade.

Certamente, póde ter a dôr aquella natural utilidade, se a tomamos na conta da dôr corporal, que previne obstaculos, remove estorvos penosos, e dá rebate do perigo: como previdencia e prevenção, até certo ponto, poderia justificar-se a hypothese. Mas é esta o que chamamos dôr? Será isto a dôr penetrante ao mais recondito do homem, a tortura sem treguas nem intermissão? E' isto aquella dôr d'alma, tão funda e pungitiva por vezes, que não remedeia nem previne, afflicção sem esperança, amargor sem doçura?

Se a missão material da dôr apontasse ao fito de ser util á humanidade, devêra igualar-se em todos, e graduar-se pelos serviços que presta a cada qual.

Ora, eis-aqui um homem que parece prêza do soffrimento: está em penuria, tem mingua absoluta de tudo. Soffre corporalmente; cortam-n'o infermidades. Soffre na alma; não lhe luz em redor esperança nem allivio. A desgraça, longe de despontar seus dardos sobre elle, parece aguçal-os, e multiplical-os. Nascido em desamparo, soffre desde menino; soffrerá até ao instante supremo.

Os tormentos de que lhe serviram? Que fez elle senão padecer sem aproveitamento um supplicio que as dores impiamente lhe infligiram?

Eis-aqui esta mãe, que depois de ter dolorosamente dado ao mundo seus filhos, depois de se haver exhaurido no alimental-os, em premio de suas penas, colhe o infortunio, lagrimas, e angustias d'elles. De que lhe ser-

viu lacerar-se no coração? Que proveito lhe deram o desconforto e as calamidades? E quantas dores semelhantes n'esta vida, sem causa rasoavel, sem fim manifesto, que ferem e prostram sem produzirem resultado nem desconto? O objecto d'estas dores não é o proprio mal que ellas geram? E a vida, pelo ordinario, não é, tirante alguns lanços mais ou menos contrarios, uma loteria esteril e triste? Que razão ha para que um avergue sob a desgraça sem compensação, em quanto outros parecem felizes, e, pelo menos, o são mais do que elle? Por que teve elle quinhão de tamanha amargura, que não póde remittir nem mudar?

E então, é sómente a morte quem responde a infortunios inconfortaveis, a martyrios espedaçadores, a tribulações tamanhas e tão desiguaes? A ultima palavra é o nada? Nasceu, pois, o homem exclusivamente para ser desgraçado? E' destino d'elle o soffrer? Reduz-se assim o seu destino a trabalhar, gemer, revolver a terra penosamente, e revolvêl-a, outra vez, para se abrir uma cova? Fitar olhos no céo, que importa? Ahi não ha consolar-se, nem esperar. Está lá um Deus que se praz de vêl-o penar; ri de suas lagrimas e desesperações; creou-o para a desgraça; e ficará contente quando o sepultar com sua dôr.

Oh! se assim é, nós, filhos do mal physico, devemos amaldiçoar o dia em que nascemos! A odiosa natureza, de que sahimos, apenas tinha de seu os males que nos affligem. Attribulados sem razão, e sem medida, encaramos a dôr como injustiça enygmatica: deixal-a bradar contra a Providencia, deixal-a negar Deus, ou suppôl-o malvado.

Não! Deus é bom, Deus é justo. E' pai, e não algoz de suas creaturas: repugna-lhe crear desgraçados. A dôr, na creatura, que elle dotou de intelligencia, não se justifica por cego acaso, nem por vontade irracional. O homem soffre; ha uma Providencia: logo, não soffre em vão. A dôr tem causa e fim. Porém, como na terra se lhe não vê o fim, nem lhe podemos adaptar motivo presente e humano, quando ella excede nossas forças, só poderemos encontrar-lhe explicação n'outra vida.

Examinemos a dôr: não póde ser mera tortura. Que significa, pois, a dôr applicada á creatura intelligente e racional? Podemos unicamente consideral-a provação ou castigo, qualquer que seja a situação do homem, onde quer que o vejamos, no passado, no presente, ou no futuro.

Se é provação, força é que ella tenha tempo determinado, conceito que a regule, e juiz que a termine. Ora, no correr da vida, quando foi que a dôr cessou? em que momento se consumiu? quando teve os retornos de paga e repouso? Em que idade tocou o ponto culminante? Na mocidade, certo que não foi, por que então principiou. Seria na idade madura em que tantas paixões se baralham, e tantas paixões se travam? Seria na velhice? Poderia ser, por que esta é a sazão da paz e serenidade. Mas á propria velhice que multidão de cuidados a mortifical-a! quantas infermidades a golpêam! A dôr é irrequieta; não repousa senão, depois de rompidos os laços d'amizade, das illusões perdidas, para além do termo em que já não ha senão esperanças. A dôr, em verdade, é o extremo remate da provação diuturna.

Mas se a vida inteira é provação, a provação não é o

scopo da vida; se a dôr é o acto, não é o desenlace; se propõe as premissas, não lhes tira as finaes consequencias. Necessariamente, para além-tumulo, ha outra vida que explica, e conclue esta, e lhe determina o valor da provação, e lhe pauta o premio, e lhe dá caução do triumpho infinito. E, n'este caso, comprehendo a dôr, como digna do homem e digna de Deus. E' dôr que eleva, predispõe, e inicía para melhor existencia. Passa com o homem; mas a sua recompensa será duradoura como Deus.

Se a dôr é castigo, tambem condicionalmente a comprehendo, quando vejo o homem tão propenso ao mal, e tão rebelde á verdade; mas é preciso que a expiação resgate o vicio e repare o erro. Se, porém, ao mesmo tempo, observo que a dôr subsiste sempre e se delonga até á morte, e não busca n'esta vida o fim a que propende, — o repouso com a verdade, a paz com a justiça — infiro ainda que o castigo, incompleto n'este mundo, deve protrahir seu effeito além da vida actual. Porque o homem, purificado, não deve ser extincto! Deus não póde escolher o momento, em que o homem é mais digno d'elle, para lhe tirar o ser. A expiação, que lhe deve ser resgate e salvação, não póde ser-lhe opportunidade e testemunha de sua ruina!

Não! não posso negar, nem repellir a dôr. Quando os males se incapellam, quando as dôres me opprimem, e as angustias me alancêam, quando me sinto despenhado ao seio dos abysmos, e já perdida a esperança de salvamento, então é que mais espero! Nada tenho; mas tenho o meu Deus. O corpo despedaçam-m'o agonias; mas a minha alma está illesa. Se d'este abatimento me

levanto, e lanço de mim o jugo oppressivo, remonto-me purificado ao céo. A mesma dôr me é compensação e jubilo. Libro-me por de sobre o mundo, e avassalo-o. Se succumbi nas pelejas da vida, conto com a victoria na eternidade.

Pelo que, ou a dôr offereça separados os caracteres de provação e castigo, ou os offereça unidos, prelucída uma outra vida, onde a provação e castigo se terminam. O enygma abre-se em luz: o homem soffre; mas será consolado. Deus permitte, Deus envia a dôr; mas descontal-a-ha. Os mais apalpados pela desgraça de certo lhe não são os menos queridos. Os mais desgraçados certo não são os mais deploraveis. Nos thesouros de bondade e justiça divina, ha compensações ineffaveis. Não ha lagrimas inuteis: uma urna incorruptivel as recebe e conserva para a eternidade.

Não ha, pois, fatalidade nem terror nas dôres. Deixam-nos o sentimento, e arredam a desesperação. Não nos distancêam, avisinham-nos de Deus. Facto muito para reparos: o homem, que devia insurgir-se contra a dôr, se ella fosse crueza e iniquidade, com ella se pacífica. É-lhe, por vezes, lição e beneficio. Vinga o seu intento, e melhora-lhe a condição. E aquelle que esquecêra Deus virtude na prosperidade, quando a desgraça, como hospede celestial, o visita, torna sobre si, e ao dever que menos-prezára quando feliz.

Reconhece, oh homem, a missão providencial que a dôr ha de exercer no porvir. Reconhece-a procedente do Deus benigno, e não do Deus terrivel. Reconhece que o teu exercicio laborioso e fecundo é trabalhar para a eternidade.

Se não houvesse vida futura, os infortunios que avexam a humanidade não conteriam sentido, nem sabedoria, nem lição. Dada a eternidade, a dôr é um hymno a Deus, um nobre sacrificio, titulo á gloria, e penhor de inalienavel felicidade.

CAPITULO VIII

SENSO MORAL E CONSCIENCIA

A IDÉA moral, a idéa de justiça avantaja-se entre todas as provas da immortalidade.

Tem o homem n'este mundo preceitos que seguir, deveres que satisfazer, e uma regra a que obedecer. E' livre; tem a optar; de si pende o merito ou o demerito. Sabe discernir entre bem e mal. Detesta e condemna o vicio, ainda quando o pratíca. Ama a virtude, peza-lhe não a possuir, magôa-se no momento mesmo em que a infringe.

Conhece a justiça eterna, soberana, absoluta, independente da justiça humana, principio da justiça que regula os actos, cujo valor estabelece e sancciona.

Virtude e justiça, na mente do homem, são dois termos correspondentes. Se é obrigado a cumprir a virtude, deve ser remunerado. Vicio e justiça sôam-lhe como duas palavras correlativas. Se é admoestado a não ser vicioso, deve ser punido o vicio.

Este é o grito de sua consciencia que repercute em todos os tempos e povos. No intimo de seu ser, tem como certa a remuneração do bem e o castigo do mal. Comprehende que ordens supremas assim o querem, e que

o auctor da lei e da justiça, Deus, deve applicar o eterno principio que esculpiu no coração da sua creatura.

O crime, convicto de impunidade, affronta-lhe a consciencia, desordena-lhe os instinctos, e irrita-o contra uma ordem impossivel de cousas. O principio da retribuição, universal, absoluto, necessario, tem implicancia com a idéa da Providencia, com os attributos de Deus bom e justo, e assim se inscreve no pensamento do homem livre e intelligente.

Consideremos agora as cousas d'este mundo: que se vê aqui? onde está a felicidade? onde está o bom exito? andam de par com a virtude? Embaralhadas ao acaso, prosperidade e desgraça estão confusamente repartidas pela humanidade. Quantas vezes é opprimido o bom, e o virtuoso soffre? Quantos direitos postergados! O intendimento do homem de bem quantas vezes se irrita ao contemplar-se em si, ou na observação do seu semelhante, ou na do espectaculo da humanidade? Ha casos em que a desgraça é tão esmagadora, e tão visivelmente immerecida que a victima é violentada a appellar para o tribunal de Deus em altos brados.

E, depois, tantos vicios victoriados! tantos crimes prosperados forçando a estima e admiração dos homens! Quantas hypocrisias bem logradas dos proveitos do mal e das honras da virtude! Quantas consciencias impenetraveis! Quantas tyranias consagradas e legitimadas pelo tempo! Quantas homenagens prestadas ao poderío, e á força, com repugnancia da moral e da justiça! E quem lhe resistir tão certo vae de ser esmagado, que perde o animo para a lucta, e resigna-se á oppressão.

Quantas vezes a usurpação empolgou audazmente o governo dos povos, forçando a lei a transtornar as idéas do mal e do bem; denominando revoltas as mais legitimas revindicações, e apostasia o grito sacratissimo da consciencia; pervertendo o senso publico; insultando as victimas em nome do direito; refalsando os factos; deixando astutamente a historia indecisa em seus juizos, e impondo á posteridade, sobrevivencia unica do homem, se elle não é immortal, a consagração de tristissimos erros!

Mas, pospondo estes grandes quebrantos sociaes e politicos, quantos direitos pessoaes menosprezados! quantas calumnias juridicas! Quantas vezes a injustiça sentenceia no tribunal dos homens! Quantas, a justiça humana, ainda melhormente intencionada, culpa o innocente, e lhe faz expiar o crime não commettido, e o despoja até da honra, seu patrimonio unico sobre a terra!

Extravagancias da fortuna, equivocos da sociedade, desatinos da opinião, sereis vós os juizes supremos da humanidade? Sentenças infligidas contra o direito, supplicios immerecidos, sois vós o destino indeclinavel do desgraçado?

A ordem do mundo, certamente, que não é sempre assim: isto mesmo, se fosse invariavel, já seria por si distincção entre bem e mal. A virtude algumas vezes é recompensada, e o vicio punido n'este mundo. Mas, digamol-o assim, a mão de Deus não se vê: a acção providencial confunde-se com os actos humanos. Ha ahi uma especie de liça em que as flechas se despedem á tôa, e onde o triumpho se decide pelo mais sagaz; e, se acerta de vencer a virtude, o seu vencer está menos

na força propria sua, que na rotação natural das cousas.

Demais d'isso, contra o homem de bem se volta a propria justiça d'elle. Não póde ser fraudulento em nenhum dos seus negocios: ha de forçosamente ser defraudado. Não se furta a nenhuma obrigação publica ou particular; repelle todos os meios tortuosos de enriquecer-se; e, negando-se a concorrer com seus mesmos amigos em injustiça, affasta-os de si, e arrisca-se a perder a estima d'elles.

Nobre, sim, mas posição tristissima! generosa, mas esteril devoção, se não ha ahi mais que esta vida!

Dizem, porém: o justo goza o testemunho e satisfação de sua consciencia; o máo soffre a anciedade e angustia do remorso. Um é já na terra remunerado, e o outro punido. O bem não carece de esperar futuro, o mal não tem para que o recear.

Erro e decepção! O justo debalde se soccorre da paz de sua consciencia, da exultação intima que a virtude dá. Póde achar consolação; mas jámais recompensa. Ha lances em que a desgraça faz que o justo duvide da bondade de sua causa e da segurança de sua justiça. E aquellas consolações, bem que incompletas, não desappareçem de todo, quando a desgraça, resultante de sua virtude, lhe envolve e arrebata o que mais caro lhe é, parentes e filhos!

Sacrificando elle á justiça, ao dever, e a Deus sua vida, de que lhe serviria, na morte, a paz de consciencia, se a consciencia, como tudo mais, se apagava com elle, sendo que o mesmo acto complementar de sua mais alta perfeição lhe era igualmente o acabamento?

*

Por igual theor, os remorsos não são castigo sufficiente, nem proporcionado ao objecto. Quantos scelerados, e dos mais criminosos, levemente os sentem? Quantos internamente se applaudem, glorificando-se, com despejado exterior, do proveito gananciado de seus crimes! Além d'isto, se a justiça unicamente se fizesse n'este mundo, o máo, descontente de sua sorte, e flagellado pela consciencia, teria ainda o respiradouro pelo suicidio, e assim zombaria de Deus convertendo-se em nada. O suicidio, erecto em titulo de direito, seria um beneficio. A sorte do scelerado hombrearia com a do martyr, e identica morte confundiria na igualdade da lei identica, não sómente o simples lapso e o crime obstinado; que tambem o infimo gráo do crime e o mais alto ponto de virtude.

Não bastam, não, como regra de justiça a paz de consciencia fragil acorçoamento, e os remorsos, e expiação incompletissima. Estes dous sentimentos grandemente, em vez de excluirem a idéa de vida futura, promettem-na, é por amor d'ella que existem; é a vida futura que os causa e justifica.

Com effeito, a satisfação da san consciencia, não é sentimento sem objecto nem fim. Ha ahi destino effectivo e real. E' a certeza de se haver praticado acção do agrado de Deus, util aos homens, e meritoria. Não é egoismo sem motivo de contentamento pessoal; é sentimento intimo do dever cumprido e complacente. Não é verdade esteril que se compraz em sua propria essencia; é, apezar de ingratidões, censuras, e perseguições, a testemunha da fidelidade aos preceitos do bem absoluto para o qual Deus vos creou, e do que vos pedirá conta.

Portanto, a consciencia, que applaude, é signal, e não recompensa da virtude.

E, do mesmo modo, a anciedade que precede o mal, e os remorsos que o seguem, não é temor pueril e facticio : é o convencimento de que um acto contrario á lei eterna da justiça deve receber castigo. É, para o culpado, a esperança da punição — o incessante medo de a vêr chegar n'este ou no outro mundo. O remorso é o accusador, a testemunha, o juiz que Deus levou á consciencia do máo para lhe fazer sentir que seu crime foi visto, pezado e condemnado. Se não ha lei com sua recompensa certa e punição infallivel, o remorso não tem explicação. Se não ha para o crime juiz indeclinavel e omnipotente vingador, o remorso é uma irrisão da natureza, é vã invenção do homem ou de Deus. E o scelerado, que os suffoca, é mais rasoavel que o prevaricador noviço, que se deixa affligir pelos remordimentos. Mas o remorso, mais duradouro que o crime, para maior prova da sua origem sobre-humana, exacerbara-se no momento em que devêra extinguir-se, se não tivesse que vêr com outra vida: é no momento da morte. Encosta-se á cabeceira do moribundo, entra como um dos tormentos de sua agonia, persegue-o até ao derradeiro suspiro, e vae com elle até á sepultura, quer dizer, até ao começar-se a eternidade. Assim é que este sentimento da consciencia testifica, ao mesmo tempo, a sobrevivencia do culpado e a perpetuidade da justiça! Não ha ahi subtrahir-se-lhe; e o homem, que nega a vida futura e se desvanece por não crer n'isso, é aquelle que mais a teme.

Suppondo que não ha nada além d'este mundo, quem hesitará em decidir-se pela justiça ou pela perversidade,

ainda apezar da paz de consciencia do justo, e das anciedades remordentes do criminoso? Aqui tendes um delinquente, que os homens não suspeitam nem accusam. E' honorificado; rodêam-no pompas; acariciam-no deleites; aporfiam as fortunas em coroar-lhe os desejos. Além está o justo, o martyr de uma vida inteira: luctou sem respiro contra as humilhações, miserias e calamidades; verga debaixo do fardo; sacrificou-se todo á honra, e á verdade, sem lhe darem uma prova de sympathia, um testemunho memorando; passou indifferente, obscuro, e talvez a victima d'aquelle perverso. Sae o justo victorioso d'esta provação, e ha de a morte sumil-o inteiramente! este desgraçado illudido será premiado com o nada! O escarneo do máo insultal-o-hia até á campa, nas suas esperanças, na crendice de suas virtudes, e, ante os destroços da vida consoladôra e purificante, proclamaria, em definitivo, o reino do mal, e o imperio do cháos!

Admirava a antiguidade um justo a peito com a desgraça; mas, se a peleja do justo com o infortunio é um solemne espectaculo, por certo o é tirando a partido que a lucta não seja esforço esteril, combate inutil, duelo desigual e impotente. Se o justo succumbe para não ser mais que pó, se é esmagado para mais se não erguer, semelhante espectaculo, indigno do céo, indigno é tambem da terra.

Digamol-o affoutamente: se não ha outra vida, a virtude não póde persistir. Se lhe tirarem os motivos, acabou. O dedicarmo-nos é uma chimera; sacrificarmo-nos por patria, familia, e Deus, é um logro. E, perante a triste igualdade de sentimentos e actos, a coragem é covardia, a caridade egoismo, a fidelidade traição.

Sem a immortalidade, o que ahi ha mais precioso é vivermos n'este mundo. « Se a virtude — diz Young — nos custa a existencia, a virtude é para nós o maior crime, como infractora de nossa lei suprema. Embora as nações applaudam as suas victimas, o sacrificio da existencia é um suicidio atroz. O vicio, que me felicita, é a minha lei suprema, e a covardia, que me conserva, é meu asylo e minha virtude. »

Sem a immortalidade, sómente o crime é logico, e a voluptuosidade legitima; e Epicuro, no dizer de Santo Agostinho, é o mais sabio entre os philosophos. O fim do homem é gozar; os seus estimulos são as paixões. Ceda tudo aos seus appetites, e inclinações. Que roube o abastado, que avance á prêa como o trige; isso, entre os homens, são façanhas de força e astucia. Que seja recto, se é fraco; e audaz, se é poderoso. O proprio Deus o investiu de faculdades com que possa fartar as paixões, e insultar o creador, e escarnecer o seu semelhante.

Sem a immortalidade, o Deus dos sublimes attributos que a nossa mente concebe e adora, desapparece. Que é da sabedoria d'elle, se nos deu uma lei sem effeito, menos vantajosa cumprindo-se que infringindo-se, de modo que os transgressores auferem proveito e bem-estar, se a quebrantam? Que é da justiça, se aquelle que blasphema, e o injuria e nega, é melhor sorteado que o justo, o crente, o servo e adorador? Que é da bondade e providencia, se a desgraça immerecida de suas mais fieis creaturas, e os sacrificios, e o morrerem em gloria d'elle, não fossem attendidas nem recompensadas?

Que é de sua santidade, emfim, se mal e bem, caridade e egoismo, homicidio e martyrio tanto e por igual valessem aos olhos de Deus? O mesmo importa dizer que o auctor de tudo, estabelecendo nas partes todas do universo tamanha proporção e harmonia, só no mundo moral empregou a mais incomprehensivel discordancia, e a mais repugnante desordem.

Sem a immortalidade, o homem, pelo que em si mesmo é n'este mundo, carece de integridade.

A liberdade, attributo nobilissimo em seu exercicio, em suas luctas e triumphos, volve-se inutil e desapparece. Reduzido em igualdade com o irracional, o homem tem direitos com elle ás mesmas aspirações; e outros instinctos não póde jactar-se de possuir. Justiça, bondade, e sabedoria não a tem elle nem Deus. Cerram-se os horisontes, apagam-se todas as luzes. Cháos impenetravel envolve a existencia inteira. Àtravez do abysmo, não desce olhar de Deus sobre o homem, nem sobe do homem a Deus.

Reapparece a justiça com a vida futura; restaura-se a virtude em sua realidade: meio e não fim, lei e não sancção propria, lucta e não palma. Já o remorso não é supplicio vão: é appellamento muito menos da justiça que da misericordia. Está justificada a Providencia. Já o homem póde entrever alguns designios de Deus. Tudo se conforma ao elevado plano, cujos traços principaes se nos revelam.

Se o justo soffre, é para que a sua virtude seja provada no combate, e sua justiça acrisolada pela provação. E' que Deus o quer fortalecer pela resistencia, redemil-o pelo infortunio, depural-o pelo desapêgo, ele-

val-o pela victoria, coroal-o em triumpho. É que quer previamente dar-lhe quitação do mal que sua fragilidade póde praticar n'esta vida.

Se o máo é feliz, é talvez porque a rara honestidade de seus pensamentos, e a rara bondade de seus actos não fique sem recompensa.

A vida futura, em breves termos, é conciliação e alliança entre aquellas duas contradições, as quaes, tirada a certeza do porvir, permanecem tão temerosas quanto irresoluveis: por uma parte a consciencia humana affirmando o direito, o dever, e justiça como principios imprescriptiveis, e realidades viventes; por outra parte, os factos d'este mundo destruindo aquelles principios e realidades, e avantajando aquelles que proscrevem a razão e repellem a consciencia.

Inclino-me sem temor nem inquietação ante os decretos de Deus, quer elle abata ou exalce, quer sonde com a desgraça ou interrogue com a felicidade: o futuro responde-me pelo presente, assim como o presente me dá segurança do futuro. Deus é bom nas desgraças do homem honrado; Deus é justo nas prosperidades do máo. Adoro-o como legislador previdente e sabio que fez passar sua lei pelas provações, mas lhe deu a mais poderosa das sancções: a immortalidade. Não me assombro da injustiça passageira dos homens; abraço-me á justiça eterna de Deus. O bem, seja qual fôr n'este mundo seu destino, é a felicidade, é o porvir. Se ao bem me abraço, elle me levará, atravez da morte, ao seio do auctor da vida e felicidade.

Portanto, a lei moral, que as consciencias proclamam, e as nações invocam, a suprema ordem da virtude, a

regra divina do bem, que não acham retribuição certa na terra, possuem na futura vida, por condição e vigorosa necessidade de sua existencia, a mais alta e absoluta sancção.

Taes são, pois, aquelles argumentos metaphysicos e moraes que se entrelaçam, misturam, e corroboram para formarem a mais completa e harmonica demonstração. E' a alma dotada de natureza incomparavel, porque é singular em seu destino. A consciencia do homem existe em virtude da lei que Deus lhe doou. A liberdade, que lhe dá a grandeza, ao mesmo tempo lhe dá o merecimento. Bondade, força, e sabedoria divinas manifestam-se igualmente pelos dons como pelas provações que Deus lhe impoz. Assim, entre homem e Deus, entre este mundo e o outro tudo se liga e coordena. N'isto assenta a maxima e unica prova que sustenta a inteireza do edificio moral. E, se em nossos olhos obscurecidos pela mortalidade d'esta vida, ha ainda algum véo, é isto, em quanto não chega o dia luminoso da recompensa, mais uma prova que pertence ao complexo da demonstração ; é o seguimento da intenção providencial, a qual ordenou que a immortalidade existisse. Cumpre-nos demonstral-a, conquistal-a, e crêl-a antes de possuil-a : é batalha a vencer, e não corôa já merecida.

CAPITULO IX

COSTUMES, CRENÇAS, TRADIÇÕES UNIVERSAES

A DOUTRINA da immortalidade assim demonstrada pela razão, e mediante o estudo da consciencia, não é privilegio dos espiritos applicados e reflexionadores. E' commum patrimonio da humanidade. Os actos da vida moral e religiosa, e usos da vida privada e publica, mostram que foi aquella crença recebida como facto e realidade no espirito humano. Em todos os tempos, os povos de todo mundo crêram n'ella mais ou menos explicitamente. Confirmam-na os usos, indicam-na as ceremonias, conclamam-a os costumes, os poetas a cantam, e os historiadores a referem. Em verdade, nem todos analysaram, a rigor, taes idéas; nem todos deduziram logicamente as provas; mas, instinctivamente as acreditavam, e lhes adheriam por espontaneo movimento de sua natureza.

Esta é uma d'aquellas idéas universaes que, em diminutissimo numero, se designam como anteriores na historia da humanidade, em todos os padres, legisladores, fundadores de imperio, e escriptores; idéa sem origem, não provinda de escóla ou seita, dominante em todas as latitudes, em todos os gráos de civilisação ou

barbaria, com existencia clara ou obscura, vaga ou precisa, com ou sem consciencia de si, preoccupando as intelligencias, influenciando nos actos, penetrando corações, fallando até do amago das objecções, que se lhe oppõe, e até sob o pensamento que a nega.

Esta doutrina, contemporanea do homem, é coeva da justiça, e tão antiga como a idéa da existencia de Deus, á qual intimamente se identifica. Quem admittiu creador omnipotente, justo e sabio, ao mesmo tempo o reconheceu remunerador da virtude e vingador do crime. Um antigo observa que « todas as nações acreditaram na existencia de Deus, e, pela mesma razão, na immortalidade das almas [1]. »

Diz Bolingbroke : « A doutrina d'um viver futuro de recompensas e castigos, perde-se na noite dos tempos : precede tudo que nos é transmittido como certo. Ao principiar a dilucidar-se o cháos da historia, depára-se-nos esta crença estabelecida com a maxima solidez no espirito das primeiras nações conhecidas [2]. » E outro sceptico, Bayle, pondera : « As religiões todas do mundo, tanto a verdadeira como as falsas, giram em volta d'um só eixo, e vem a ser que ha um juiz invisivel que pune ou premeia, depois d'esta vida, as acções do homem, tanto interiores como externas [3]. »

O certo é que os antigos acompanhavam os mortos com amorosas expressões e votos de felicidade, ou os perseguiam praguejando-os, consoante a bôa ou má vida d'elles, sobre uns invocando recompensas, e supplicios sobre outros.

1. Cicero. « De legibus » lib. I, cap. XVI.
2. « Works » vol. V, pag. 237, in-4.º
3. « Dictionnaire » article Spinosa.

Os sepulcros eram sagrados. As ceremonias funeraes, os soberbos mausoléos, os epitaphios e esculpturas no marmore, o deposito das oblações, o holocausto das victimas, conspiram a justificar a fé antiga da humanidade.

O respeito aos mortos sempre foi um dos mais fundos sentimentos que senhorearam o animo do homem. Nunca os homens admittiram que a vida terrena, ao apartar-se, arrastasse comsigo tudo. A alguns affigurou-se que liam no aspeito do morto o pensamento ainda subsistente, e viram, como esculpido n'aquella fronte, por mão da morte, o cunho de sua immortalidade. Outros, sobresaltados pela formidavel e mysteriosa transformação, que tão de subito destruia, repugnaram em seu coração a tamanho abalo e pavôr. Ninguem pensou que uns restos em decomposição, para logo dispersos e sumidos, fossem o restante d'esta vívida e radiante creatura que, pouco ha, tanta actividade e intelligencia espirava, e que em si tinha, do bafejo de Deus, espirito, vida, discernimento e amor [1]. Intenderam todos que no cadaver a corromper-se havia alguma cousa mais que uma recordação; quizeram vêr ahi uma individualidade, um destino, um futuro, um ser que se doía do menospreço e desamor das pessoas com quem ainda se ligava por sentimentos e deveres. E' elle, e não a mera reminiscencia que ainda inspira respeito, affecto e culto, o qual seria irrisorio, se fosse prestado a uns restos que o nada reclama.

Diz Chateaubriand: « ... D'onde nos vem, pois, a vigorosa idéa que temos da morte? Alguns grãos de

1. M. Guizot. « Méditations et études morales. »

pó assim merecem nossa reverencia? Certo que não. Respeitamos as cinzas de nossos antepassados, por que uma voz nos diz que se não extinguiu com elles tudo. E esta é a voz que consagra o culto funebre entre todos os povos; todos, por igual, estão convencidos de que o somno não é duradouro, e que a morte mais não é que uma transfiguração gloriosa [1]. »

Os selvagens, quando transportam os ossos de seus paes, ou praticam com as almas de seus filhos, certo, não crêem que tudo se haja acabado entre elles e os objectos queridos do seu culto.

Imaginavam sem duvida honorificar o quer que seja verdadeiro aquelles antigos povos que embalsamavam os mortos [2], e piedosamente os guardavam em suas casas, ou os enceravam [3] para os conservarem mais tempo comsigo.

As esposas que se arrojavam ás fogueiras, e se deixavam devorar pelas chammas, plenamente confiavam em que iam reunir-se aos maridos, roubados pela morte [4]. Os filhos que se offereciam á morte para seguirem os paes, tinham como certo o encontrar-se com elles [5]. Não cuidavam que os seus maiores de todo se extinguiam aquelles povos que os honravam até ao culto e superstição idólatra [6].

De maneira que os homens levaram suas crenças até á demasia. Corrompeu-se a fonte pura. Depois que honraram os mortos, quizeram communicar-se directamente

1. « Génie du Christianisme » liv. VI, cap. III.
2. Os egypcios.
3. Os persas.
4. Os indios.
5. Os peruvianos.
6. Os chins.

com elles. Evocavam-os funebremente. Deram vulto nas trevas ás sombras d'elles. Pediam-lhes bens e venturas para si, e supplicios e desgraças para os inimigos. No intuito de odio ou cupidez, pediam-lhes o segredo do porvir e os dons do poder sobrenatural. Attascaram-se em funestissimas superstições e praticas cabalisticas. Crêram chimeras vãs e perigosas das quaes participaram seculos mais illustrados, e homens nossos contemporaneos. Aberração dolorosa do espirito humano, tão universa e profunda como sua fé na vida e o desejo de augmentar-lhe e prolongar-lhe os prazeres!

E observe-se que a immortalidade não foi sómente admittida por que favoneasse o orgulho do homem, e lhe exaltasse e lisongeasse o coração e espirito. Taes aspirações e esperanças de felicidade não entraram o animo de todos; por que o mundo, com igual fé, acreditou nos castigos eternos que não tinham para que os seduzissem. Apezar das paixões adversarias de tudo que lhes impece, a punição, o inferno entram, no correr das épocas, em religiões, preconceitos, costumes e raças.

Estas indicações geraes a historia as fundamenta em provas austeras, referindo numerosos e irrecusaveis factos comprovativos do essencial d'aquella crença. Seguir os desenvolvimentos d'este dogma ao travez das gerações antigas e modernas, e nas mais remotas regiões, seria um curioso estudo, todavia estranho ao nosso proposito. Limitamo-nos a offerecer o bosquejo d'este trabalho.

Os egypcios, primeiro povo na ordem historica, segundo Herodoto [1], e conforme o testemunho unanime

1. Livro II, c. XXIII.

da antiguidade, crêram na immortalidade das almas. Resguardavam esta doutrina no recesso de seus sanctuarios e nos seus mais secretos mysterios. Admittiam, como consequencia pratica, as penas e recompensas da outra vida [1]. Faziam aos deuses a seguinte prece por cada morto: « Vós, que daes vida aos homens, recebei-me, e dae que eu seja admittido na sociedade dos deuses eternos [2]. »

Dezeseis seculos antes da nossa época, os antecessores dos Brahmanes, a raça branca dos Aryos, que conquistaram a India, levaram a doutrina da immortalidade da alma, e a fé nos castigos e recompensas d'outra vida [3]; crença que outras provas confirmam já existir n'aquellas regiões, antes d'elles. « Os Indios — no dizer de Strabão, que lhes descreve os costumes depois da invasão Arya — consideravam esta vida como infancia; era a morte o começar da vida verdadeira, vida bem-aventurada para quantos houvessem trilhado os caminhos da sabedoria [4]. »

No brahmanismo, raios de esperança na vida futura transluzem do culto ás forças da natureza, e ressaibos da religião pantheista. Denunciam-no os livros sagrados e poemas religiosos. O poema de Rama diz: « O justo, que depura sua alma com acções bôas e pios sacrificios, sobe glorioso á mansão do pae dos seres. A verdade, justiça, esforço, brandura, respeito aos deuses, aos sacerdotes, e hospedes, são, no dizer dos sabios, a

1. Plutarco. « De Iside et Osir » 29.
2. Porphyrio. « De abstinentia » lib. vi, §. 16.
3. Segundo Albert Weber, douto orientalista allemão.
4. Liv. xv.

estrada do céo. A alma dissoluta, perfida, e adultera arderá no inferno do fogo de seu peccado.»

O *Mahâbhârata,* poema tambem, esclarece não menos a idéa da vida immortal: « Assim como o homem, lançando de si um vestido velho, se entraja de vestes novas, tambem a alma, lançando fóra um corpo invilecido, se reveste de corpo novo, e foge ás veredas fataes que levam ao inferno, labora em salvar-se, e vae, caminho do céo, ás supremas moradas onde não ha o brilhar do sol, nem lua, nem flamma da terra, se não que um dia eterno [1]. »

Os sectarios de Buddha propriamente, que parecem crêr que a alma a final d'alguma sorte se anniquila, determinam, ao mesmo tempo, aquelle futuro modo de ser como um extasis, e assim o julgam recompensa, fim de transmigração, e posse da felicidade. A completa extincção, ou Nirvâna absoluto, demuda-se logo em Nirvâna relativo, que, pelo menos, admitte a perpetuidade do principio cogitante, e toca as extremas da espiritualidade e immortalidade da alma. Buddha, nas suas doutrinas ensinadas, formalmente prescreve a crença nas penas, e recompensas, depois da vida. A idéa da extincção não se vê sob as formulas mythologicas e symbolos que recobram aquelle culto, fomentando a crença nos espiritos bemfazejos e nos malfeitores, na memoria de avós, e nas regiões beatas, ou indefinidamente desgraçadas, depois da morte.

Os povos seguidores de Confucio, que tão religiosamente observam o culto dos antepassados, principiaram

1. « Poesia heroica dos indios. » Eichoff. p. 288, 289.

admittindo que os avós, honrados por elles, os entendiam, e protegiam, porque haviam sido recompensados.

Todas as nações da Asia occidental, chaldeos e assyrios acreditavam nas penas eternas.

Medas e persas diziam que as almas eram immortaes, e admittiam, por igual com os egypcios, a resurreição dos corpos. O Zend-Avesta luminosamente proclama a immortalidade da alma: « As almas puras demoram na mansão de Ormuzd; o máo, além d'esta vida, habitará nas trevas. »

Os gregos, que tem dos egypcios as suas tradições, sabido é que acreditavam a descida da alma aos infernos, conduzida por um deus. Comparecia ella diante do tribunal temeroso, e era sentenciada. Segundo sua innocencia ou culpa, assim era enviada aos Campos-Elysios, ou ao Tartaro. Aqui, em virtude da pena inseparavel do crime, Tantalo ardia em sêde inextinguivel, as Danaides enchiam incansavelmente o tunnel, Sysipho rolava eternamente o penedo, o abutre roía o figado imperecivel de Tityão. Vê-se, pois, que a sobrevivencia da alma era parte integrante da mythologia pagã, e entrava no ensinamento publico. Parece até que ella foi communicada como doutrina mais precisa aos iniciados nos mysterios. Em muitas de suas odes, Pindaro pinta de antemão a alma illustre rodeada de todos os predicados da felicidade.

O dogma da immortalidade, já antes reconhecido pelos etruscos, igualmente os romanos o admittiram. Receberam estes a mesma doutrina de sua mythologia, oriunda da Grecia. Os seus varões illustres, devotando-se á patria, acreditavam reviver. Dizia Catão: « Eu

não teria nunca emprehendido tantos feitos civis e militares, se pensasse que a minha gloria acabaria comigo; porém, não sei como o meu espirito, sobre-erguendo-se a si proprio, se convencia que principiava a viver ao sahir d'esta vida. » Os escriptores alimentavam a mesma esperança em suas almas. O poeta romano exclamava: *Non omnis moriar*. Confuso instincto, certamente; mas que, por entre o vago das aspirações, não deixava de constituir profundo e real sentimento. Ainda nas mais corrompidas nações e aviltadas eras, denunciava-se aquelle instincto. Assim como os varões illustres, e cidadãos prestantes haviam subido ao céo por suffragio do povo, os tyrannos odiosissimos tambem se lá fizeram transportar, e, coagindo os subditos a adoral-os, ordenaram longo preito depois de sua morte.

Algumas vezes os oraculos pagãos proclamavam a immortalidade; as sybillas declaram que Deus julgará vivos e mortos [1]; annunciam o fim do mundo acompanhado de prodigios [2]; dizem que Deus descerá como fogo ao seio das trevas [3]; e que os reis serão postos ante seu throno, e elle assentará sobre todos os homens sua mão poderosa [4]. Os galezes, nossos paes, tambem criam na vida futura. Exhortavam os druidas os guerreiros a remetter com os perigos na esperança da immortalidade [5]. Ao parecer d'elles — ajunta Lucano — não havia mais covarde cousa que poupar a vida que se não perde para sempre. O fim d'esta existencia era

1. Lactancio, liv. vii, cap. xxiii.
2. Ibid., cap. xvi.
3. Ibid., cap. xix.
4. Ibid., cap. xx.
5. Cesar, liv. vi.

*

o meio de chegar a um estado definitivo. Segundo Strabão [1], tambem criam que a sua alma não conhecia a morte. Os dolmens que tão vastos erigiram os antigos celtas, em tão desusadas condições de grandeza e pujança, eram tumulos que rememoravam as crenças primevas na vida porvindoura.

Entre os thracios [2], getas [3], e iberos [4] tambem ha vestigios das esperanças na vida futura. Todas as nações de origem germanica, suevos, godos, e saxonios crêram do mesmo modo.

Não menos terminante é a doutrina da vida futura ensinada pela mythologia scandinava. Conforme o Eda, pois que ha duas diversas estancias para os criminosos, ha duas differentes habitações para os bem-aventurados. A primeira é o Valhalla onde os guerreiros saborêam o estranho prazer de se espostejarem reciprocamente. Chega depois o acabamento do mundo e sua renovação. Surge terra nova do seio das ondas. E' ahi, n'esta segunda estancia, que habitarão os justos, em jubilo de seculos [5].

A universalidade d'esta crença nas remotas nações é facto communmente certificado. Comprovam-no historiographos christãos e profanos ; e, se S. Jeronymo, ponderando estas tradições do seculo IV, attesta que todos os povos antigos crêram que a alma era immortal e subsistia depois da morte [6], Celso, no mesmo tempo, escrevia : « Razão tem os christãos de pensarem que os homens de santa vida serão, depois da morte, recom-

1. Tharsalia.
2. Liv. IV.
3. Pomponius Mela, De situ orbiis, lib. II.
4. Herod. liv. IV, cap. XCIV.
5. Pelloutier, Histoire des Celtes, XVII.
6. Mallet. Introd. à l'Hist. de Danemark.

pensados, e que os máos hão de soffrer eternos supplicios: este sentir tem-no de commum com todo o mundo [1].

E muito é de notar-se que esta doutrina fosse, a um tempo, sentimento instinctivo do homem, e sagrada tradição de avós. Em toda parte, derivava da origem dos povos, e se perdia nas trevas remotissimas. Inventor não se lhe conhecia: achavam-se crentes. Expressamente diz Cicero: « Quanto mais as nações convisinhavam da origem das cousas e primitivos productos das divindades, mais clara a verdade se lhes mostrava; e crença geral dos antigos foi que a morte não delia de todo o sentir, e que o homem, ao sahir do mundo, não era extinguido [2]. »

Se das antigas nações derivamos aos povos, sim modernos, todavia estranhos á civilisação, as mesmas idéas encontramos ácerca da vida futura. Christovão Colombo achou intranhada na America a doutrina da immortalidade; e, em nome d'esta crença, jurou elle a um ancião indico não maltractar os habitantes.

Era dogma — diz Robertson [3] — que se distendia de uma a outra extremidade da America, n'umas regiões vago e obscuro, n'outras esclarecido e perfeito; mas em parte nenhuma desconhecido. Ensinavam os incas que os bons fruiam vida bem-aventurada depois da morte, e os máos soffriam toda casta de tormentos. Era este crêr commum do novo-mundo todo [4].

O indio americano crê que o Grande-Espirito lhe dará, além da morte, tudo quanto na terra lhe minguou, ali-

1. Orig. contra Celsum, lib. VIII.
2. Tuscul. I, cap. XII
3. Histoire d'Amerique.
4. Carli., Lettres Américaines, t. I, pag. 106 e 125.

mentação, e o mais. As povoações mais abatidas da America não são estranhas ás noções da vida futura. Os patagões matam o cavallo do seu capitão sobre a tumba do morto, para que o possa continuar a servir em suas peregrinações. Os australicos, raça quasi excentrica da humanidade, aquinhôam d'estes sentimentos: depositam as armas na sepultura, para que o morto, ao resuscitar, possa exercital-as contra os seus inimigos.

As mesmas crenças vigoram nos indigenas das ilhas marquezas [1]. Os nukahivas, nas supremas angustias, dirigem-se a um ser querido, e pedem-lhe que os leve para si. É-lhes a morte simples mudar de vida, viagem para regiões mysteriosas, e favorecidas. A doença é expiação. O morto é realmente chamado pelos deuses. Os amigos prepararam-lhe o Pahaa, a canôa da viagem eterna. « Os zelandezes — diz Dumont d'Urville — tem muito mais positivas idéas no que toca á immortalidade da alma e sua existencia futura, o que não era de esperar de seu atrazo. No instante de trespasse, as duas substancias, espirito e corpo, separam-se por violenta dilaceração, e a parte mais pura do espirito vae transportada ás regiões superiores, paradeiro da gloria [2]. »

Não ha recanto do globo onde estes sentimentos não hajam penetrado. O doutor Livingstone affirma, como explorador experimentado, que a crença n'outra vindoura vida está geralmente derramada n'Africa [3]. Um poema senegambez diz: « Faz-nos pavôr a hedionda face da morte. E, comtudo, assim que transpomos o limiar que

1. Revue des Deux-Mondes, 1 octobre 1859.
2. Voyage autour du monde.
3. R. des Deux-Mondes, 15 décembre 1860.

ella guarda, ante nós se desdobram espaços luminosos e infinitos, por onde avoejamos com o ardôr de nova vitalidade [1]. » Finalmente, uma das mais infimas raças na escala humana, os hotentotes, oram aos chefes que perecem, e temem os espiritos dos mortos.

D'onde procede, pois, esta doutrina tão remota na historia, tão profunda no coração humano, doutrina de todas as épocas, e lugares, e homens, sem origem sabida? Deriva dos sentidos que a não alcançam? do quadro do mundo que lhe é contradictorio? das paixões que ella impugna e reprime? As verdades d'este mundo affluem de duas causas: ou da tradição, transmittida pelos avós que a receberam; ou do proprio homem, de seu natural, apto para a verdade, verdade que seu espirito anhela, e do coração ama, e de consciencia lhe genuflecte. Ora, se o dogma da immortalidade não procede de uma d'estas causas, d'onde procede?

No entanto, paremos nos verdadeiros limites: a doutrina da immortalidade, segundo o que a historia e as tradições nos transmittem, não foi doutrina firme em si e nas suas consequencias; não era doutrina determinada, fixa, e immutavel. Unicamente incontroverso era o principio; mas, na applicação, misturava-se com fabulas, erros, absurdezas e superstições.

Alguns povos [2], entre aquelles que trouxemos á prova, envolviam na metempsycose as idéas de sobrevivencia, crendo que a alma, depois da vida, viajava nos corpos de todos os animaes, atravez de muitos milhares de an-

1. Combio, Voyage en Nubie.
2. Os egypcios.

nos, antes de voltar ao corpo humano [1]. Outros [2], admittindo o juizo final, tiravam-lhe depois o valor e sancção, concedendo, passados tres dias de castigo, a salvação eterna a todos os homens indistinctamente, sem lhes levar em conta preferencias de meritos [3].

Uns, engolfando-se no pantheismo, apresentavam ao homem a vã perspectiva d'uma commum immortalidade, na qual se perde e anniquila a existencia pessoal.

Outros, o que offereciam aos justos eram recompensas pouquissimo dignas da virtude; assignavam-lhes occupações terrenas, afóra as luctas que instigam á bravura, e os triumphos que excitam a exultação; sendo que a mansão da felicidade disparava em paragem de tedio e exilio para os eleitos.

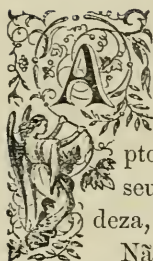
Muitos, em summa, o ensinamento que receberam de sua primitiva mythologia, fôram-no olvidando com as virtudes antigas. Levados pela corrupção, perderam a fé nos deuses. Declarou um de seus poetas que, em seu tempo, ninguem acreditava na fabula dos infernos, tirante os meninos. E, em pleno senado, Cesar, que devia ter muitos imitadores na cubiça e na incredulidade, desdenhou da morte como castigo aos cumplices de Catilina, ousando dizer que a morte não era supplicio, senão acabamento de penas, termo de males, além da qual não ha gozar nem padecer. Erros e sophismas que podiam toldar as doutrinas da immortalidade, sem lezal-as na força e solidez do ensino.

Em que peze a estas raras affrontas, a crença distin-

1. Herodoto, II, 123.
2. Os persas.
3. Zend-Avesta. — Anquétil du Perron.

cta por tão alta antiguidade e generalidade, continuava a supplantar as fabulas, superstições e negativas que se lhe attreviam. Após breve silencio, ouvia-se novamente a voz da razão e da alma. No auge da corrupção romana, Tertulliano denominava a immortalidade o dogma da natureza e fé humana. Tal era, e sem impedimento das indecisas fórmas e vagas esperanças, a solidez da verdade, que assentava sobre a justiça de Deus e consciencia do homem!

CAPITULO X

OPINIÕES DOS PHILOSOPHOS ANTIGOS

A' TRADIÇÃO universal e testemunho da consciencia ajuntaram os phylosophos a dexteridade investigadôra do intendimento. N'isto, porém, assim como n'outros assumptos, quando elles estribam exclusivamente em seus esforços, mostram, ao mesmo passo, a grandeza, e os curtos limites da razão humana.

Não obstante, ao travez de incongruencias, duvidas, e negações, a verdade estatuiu-se. Reconheceram-na os mais insignes; saudaram-na os mais intelligentes; prestaram-lhe sincera homenagem os melhores. Muitos argumentos d'elles subsistem, e formam, ainda agora, alguns materiaes cimentados no alicerce e esteios do edificio. O que ha verdadeiro e firme em seus juizos confirma a existencia d'uma ruperior verdade, e estabelece a necessidade de mais completa certeza.

Podemos dizer, geralmente fallando, que todos os philosophos crêram, mais ou menos explicitos, na immortalidade e recompensas futuras. A maxima parte, com notavel bôa fé, formulava esta crença como parto de

seu espirito, e a ensinava como tradição antiga recebida. Ainda os mais antigos, como tinham visto mais á beira a verdade, adheriam mais de vontade e firmeza áquella doutrina, provinda das gerações passadas. Quantos a sustentavam, firmavam-se na antiguidade d'ella, e escoravam-na com argumentos auferidos de sua razão e consciencia.

Pherecydes [1] foi quem primeiro formulou por escriptura a doutrina da immortalidade recebida da crença geral. Pythagoras, disciplo d'aquelle, ensinou o mesmo dogma. Refere Diogenes Laercio [2] que elle defendia a differença entre vida e alma immortal, e immortal por que a sua substancia o é de natureza. Em quanto á origem da alma, n'este ponto, errava o chefe da escóla italica. A' conta da metempsycose, desconhecia o vero caracter da vida futura; mas nem por isso desdizia de sua fé no principio da sobrevivencia.

Em seguida ao mestre, Timeu de Locres declarou que as penas da outra vida eram castigos infindos applicados ás sombras dos reprobos, e que a tradição lhes perpetuára a idéa afim de purificar o espirito de vicios.

Para logo, Socrates, resumindo e desbastando a sabedoria antiga, deu vocalmente preceitos, apoiando a moral em Deus, Providencia, e immortalidade. Ensinou que eram dous os caminhos das almas, ao deixarem os corpos: « As que se mancharam, cegas de paixão, em crimes publicos ou vicios occultos, seguem caminho opposto ao que conduz aos deuses; as que viveram castas,

1. Cicero, Tuscul. I, cap. XVI.
2. Vita philosoph. lib. VIII, cap. XXVIII.

puras, e preservadas da peste do vicio, e divinamente viveram em corpo mortal, essas volvem-se aos deuses d'onde sahiram [1]. »

Porém, o maximo testemunho do philosopho atheniense em immortalidade, foi a morte d'elle, livremente aceita por amor da verdade, morte serena, suave, esperançosa, soffrida como passagem a melhor mundo, como exercitação das doutrinas da vida.

Platão, o mais abalisado discipulo de Socrates, foi tambem eloquentissimo defensor do dogma da vida futura. E' Platão o alto engenho, que sacode os empêços da mortalidade, que o embaraçam de ir direito á verdade. Esforçado por seu ardente espirito, entra ao recondito da alma humana, nas azas da idéa pura ala-se aos remontados cimos, almeja tudo que ha ahi sublime, grandioso, uno, simples; e da bondade e justiça e perfeição, vae, de inferencia em inferencia, até Deus. Citar alguns relanços de suas mirificas obras é mostrar o modêlo dialectico do mais eminente philosopho das eras antigas, e dar a conhecer algumas das mais concludentes provas da immortalidade.

Desde logo affirma Platão [2] « que é dever acreditar os legisladores e tradições antigas, mormente sobre a alma, quando nos dizem que ella é de todo distincta do corpo, e só ella é o *eu;* que o nosso corpo é um como phantasma que nos segue; que o *eu* do homem é verdadeiramente immortal, é o que se diz « alma, » e que esta alma dará contas aos deuses como as leis do paiz o ensinam: o que redunda em consolação do justo, e terror

1. Cicero, Tuscul. I, cap. XXX.
2. Das leis, liv. IV.

do máo. Não nos induzamos, pois, a crêr que a massa carnal, que desce á cova, seja o homem: intendamos que o filho, o irmão que cuidamos enterrar, em verdade foi-se a outra região, concluida a sua missão aqui.... Urge crêr isto por conta e auctoridade dos antigos legisladores e tradições; salvo, se a razão se apagou. »

N'outro trecho [1], dá como principio que substancia immortal como a alma não deve restringir seus cuidados e vistas a um tempo tão fugitivo; se não que encarar na eternidade. E ajunta: « Morre tudo em resultado do mal e germen corruptivo que encerra em si. O vicio é, realmente, o mal da alma; porém, não a mata, por que a alma vive em tibieza, injustiça, e ignorancia. Se, pois, não póde matal-a o mal proprio da alma, menos poderá mal estranho, o do corpo, substancia differente da alma. Ora, cousa imperecivel por effeito de seu proprio, e estranho mal, deve necessariamente existir sempre. »

Depois, no seu talvez mais excellente dialogo, no *Phedon,* este magnifico defensor da immortalidade, declara que os verdadeiros sabios devem, toda a vida, estudar a sciencia de morrer. A alma, distincta essencialmente do corpo, depura-se, apartando-se e descaptivando-se de suas prisões. Como tem vida independente, deve sopear o corpo; como existe com principios oppostos, não está sujeita á morte que anniquila a materia. Tem a alma em si vida essencial, que rebate a morte, e a consagra immorredoura.

« É a alma semelhante ao que é divino, immortal,

1. Da Republica, liv. x.

intelligivel, simples, indissoluvel, sempre o mesmo; o corpo é semelhante ao que é humano, mortal, passivel, composto, dissoluvel, sempre movel e differente de si mesmo. Ao passo que o corpo se dissolve lenta e gradualmente, a alma, em virtude de suas qualidades proprias, não póde morrer, e transfere-se a um ser que lhe é semelhante, perfeito, sapientissimo, em o qual, depurada de seus erros e temores, goza maravilhas de felicidade, em eterna companhia dos deuses. Este soberano bem é destinado aos philosophos que dominaram seu corpo, evitando vicios e praticando virtudes. As outras almas soffrerão penas, ou transmigrarão n'outros corpos. As que não são de todo criminosas, ou de todo innocentes, soffrerão penas á proporção de suas faltas, até que purificadas de seus peccados e depois resgatadas, passem a receber a recompensa das bôas acções que fizeram.

« Que muito ganhariam os malvados — exclama Platão — se a alma d'elles fosse mortal! »

N'isto, de feito, está a decisiva prova da immortalidade, e o illustre philosopho que habilmente lhe conhecia a efficacia, a reproduz n'outra passagem [1]: « Nossas acções e arbitrio determinam a escolha entre as diversas moradas predispostas na outra vida por aquelle que nos governa. Contém as almas em si a causa da mudança que ellas hão de experimentar, segundo a ordem do destino. As que peccaram levemente são menos abysmadas que as mais peccadôras. As grandemente criminosas, são precipitadas no abysmo, chamado in-

1. De leg. liv. x.

ferno, logar temeroso a vivos e mortos, e perturbador dos somnos do homem. Porém a alma, enriquecida em virtudes e emendada de vicios, é transferida a uma região tanto mais feliz e santa quanto ella se aproximou da perfeição divina.... Cada qual se ajuntará aos que se lhe assemelham... Que ninguem se jacte de furtar-se ao julgamento dos deuses! Quando te entranhasses nas profundezas da terra, ou te evolasses nas alturas dos céos, o supplicio que mereceste ferir-te-ha, ou no inferno, ou em mais horrendo logar ainda! »

Certo, esta doutrina é clara até ao espanto, e encantadoramente sublime! N'este relanço, merece Platão o epitheto de divino. Estas mirificas intuições deveu-as á reminiscencia das tradições primitivas, que elle averiguára no Oriente, e á penetração de seu proprio engenho. Todavia, nem sempre se manteve n'estas alturas. Carecem, por vezes, de base as suas argumentações; subtilisam mais que concluem; em vez de certezas, desfecham em conjecturas: « Se é verdadeira a doutrina da immortalidade, é bonissimo crêl-a. Se, ao invez, além da morte nada existe, algum proveito se colheu; porque a esperança vos susteve em vossas quedas, e vos induziu á prática da virtude [1]. » Argumento que Platão propriamente reconheceu falho, logo que deseja que uma promessa ou revelação divina venha darnos mais segura e solida demonstração de nossa immortalidade [2]. »

N'outro passo, depois de estabelecer a persistencia de personalidade, enliça-se nas urdiduras da metempsycose,

1. Phedon.
2. Ibid.

e parece dizer que a experiencia adquirida pela alma, a luz, a elevação, apenas lhe servem para melhor escolher as transmigrações por que ha de passar [1]. Triste deslize da alta moralidade de sua doutrina! Assim, negando que as almas conservem memoria distincta do passado, não dá aos actos da vida humana outra sancção além de uma indefinida serie de provações submissas a todos os jogos da phantasia e da eventualidade.

Como quer que seja, a doutrina de Platão tinha sido complexamente formulada com tanta precisão, auctoridade e grandeza, que a escóla academica adheriu solidamente ao dogma da vida futura.

E' muito menos explicita a doutrinação de Aristoteles. Confusamente se intende a sua maneira de considerar a alma. Denominava-a quinto elemento, e deu-lhe nome que não definiu. N'um relanço diz que « a morte, fim da nossa existencia é o que ha mais terrivel; depois do que, o homem não tem bem que espere, nem mal que tema [2]. » N'outra passagem, reconheceu na alma alguma cousa indivisivel, immortal, participante da razão dos deuses; e a enlaçava á intelligencia eterna, cuja natureza é divina.

Distinguia o espirito em activo e passivo: o primeiro immortal, o segundo corruptivel [3]. Do conjuncto, pois, de qualidades, que attribue á alma, implicitamente resulta o crêr elle na immortalidade.

Um dos outros mestres da philosophia grega, Zenão o estoico, segundo Lactancio o refere, ensinava « que

1. Da Republica, liv. x.
2. Da moral.
3. Da alma, liv. I, cap. VI, IX; liv. II, cap. I, VI.

havia inferno, e um logar destinado aos homens virtuosos, estremado do receptaculo dos impios; que uns habitavam mansões tranquillas e deliciosas, e outros penavam seus crimes em abysmos tenebrosos de lama [1]. »

Mister é dizer-se que valentes negações debatiam estes testemunhos mais ou menos judiciosos.

Tal é a escóla atomista que, ao parecer de Democrito, não estrema a alma dos elementos fortuitos que entram na composição geral. Tal é Dicearco, discipulo de Aristoteles, pretendendo que a materia existe só per si, e encerra a propriedade de sentir. Taes são os scepticos que duvidam de tudo, assim da alma que do corpo, e os sophistas que tudo lançam por terra. Taes são os epicurios que foram os primeiros a negarem a immortalidade systematicamente, restringindo ao prazer material seus gozos e seu futuro.

Mas estes protestos particulares não tolhiam o muito que ahi houve de sã e sublime doutrinamento na philosophia antiga, no tocante á existencia da alma; e, bem que se dessem discordancias na applicação do principio, a immortalidade estava proclamada.

A philosophia romana reproduz e perpetúa as diversas phazes da philosophia grega. Depois da melancólica estreia de Lucrecio que hastêa com tôrva magestade o guião do materialismo, mais pura e lucida se revela em Cicero, que, elevado eclectico, enfeixa todas as idéas do seu tempo.

O que Platão, com seu engenho proprio, fôra para os

1. Institut. lib. VIII, §. 7.

gregos, o mesmo foi para os romanos Cicero, com o emprestimo e reflexo das opiniões geraes.

Cicero é a razão aformoseada pela eloquencia, e o recto e justo juizo que, no circulo da luz humana, revela o mais vívido resplendor da sabedoria antiga.

Se o seu espirito foi mais vasto que firme, e suas doutrinas menos solidas que adornadas de galas seductoras, teve-a e mereceu a honra de defender em muitas obras suas a causa da immortalidade com muitos argumentos cuja força subsiste.

Da bôca de um seu personagem faz elle sahir estas bellas expressões: « Eu não me deleito com uns innovadores que hoje em dia affirmam que tudo acaba na sepultura. Mais me toca a auctoridade dos velhos, nossos antepassados e personagens illustres que foram gloria e ornamento da Grecia, e mormente d'um que foi proclamado o mais sabio entre todos [1]. »

N'outro ponto, em harmonia com Pythagoras, Socrates e Platão, pondera que não habitamos morada fixa; que esta vida mais é viver em tenda armada de passagem. E faz que diga Catão: « Bem-aventurado dia aquelle em que eu, sahindo do limo da terra, me erguer á assemblea divina dos espiritos que me precederam [2]! »

E observa Villemain que Cicero, fazendo exprimir a Scipião um sublime convencimento da natureza immorredoura da alma, exclama [3]: « Convence-te de que não és tu mortal; mas sim teu corpo. A totalidade do individuo está na alma, e não na fórma externa. Sabe,

1. Tractado da amisade.
2. Da velhice.
3. Sonho de Scipião.

pois, que és deus, tu que, intelligencia immortal, fazes mover um corpo perecivel, do mesmo modo que Deus eterno anima um corpo incorruptivel. »

Na primeira Tusculana é que o philosopho principalmente enfeixa todas as diversas demonstrações derramadas na philosophia. Alternadamente invoca o exemplo dos antigos, a reverencia ás sepulturas, o ardor com que laboram os homens na grangearía d'um futuro só adveniente para além da morte, a paixão de perpetuarem-se em filhos naturaes ou adoptivos, em testamentos, sarcophagos, e legendas; a ancia de posteridade que alvoroça poetas e artistas. « Os philosophos propriamente, nas obras que escrevem sobre o desprezo da gloria, acaso se esquecem de as assignarem com o seu nome? » Estes pensamentos ponderam muito mais nos animos dos maiores e mais virtuosos varões [1].

Depois, explica a felicidade, que nos aguarda, para quando nos desprendermos dos corpos. « Felicidade estranha a paixões e invejas [2]. Então meditaremos, contemplaremos, e nos deixaremos levar do insaciavel desejo que nos impulsa á verdade; nenhum impedimento nos empecerá de vêrmos, em absoluto, as cousas quaes ellas são [3]. Que variados e immensos espectaculos tem que vêr o homem na sua habitação celestial [4]! Neguem alguns a immortalidade da alma, porque não podem comprehender alma sem corpo; mas acaso percebem elles melhor o que é alma, como está, e onde está ella no

1. « Primeira Tusculana-passim. »
2. Ibid. XIX.
3. Prim. Tuscul. XX.
4. Ibid. XX.

corpo? De mim digo que, se examino a natureza da alma, mais difficil me é affigural-a no corpo, como em aposento estranho, do que fóra do corpo, ida ao céo, sua verdadeira paragem [1].

« Mas, se a alma ignora sua natureza, sabe, quando menos, que existe e se move; e o movimento interrompido prova que existirá sempre [2]... De mais d'isto, as proprias faculdades do homem, com sua extensão e poder, memoria e intelligencia procedem da carne ou do sangue, da materia ou dos atomos? Não são ellas antes divinas? Será terra e corrupção sómente o homem que inventou quantas artes ahi ha necessarias á vida, e estudou os planetas, e descobriu a escriptura, e legislou para as bellas-artes, e creou a poesia, eloquencia, e philosophia, mãe de todas as sciencias, dadiva dos deuses, a philosophia que nos ensinou o culto da divindade, o direito social, e os deveres pessoaes [3]? Sim; a alma é divina; e os deuses não são grandes, por que lhes attribuimos as fraquezas corporaes dos homem; mas elevam-se á divindade os homens, porque possuem faculdades intelligentes e perfeições de deuses [4]. Não ha descobrirmos sobre a terra a origem das almas. Não ha n'ellas mixto ou composto de partes, procedidas dos elementos. Só em Deus se nos depara a origem das divinas qualidades de intellecto, reflexão, e memoria. Quem

1. Ibid. XXII.
2. Argumento colhido de Platão, porém defeituoso no absoluto de sua consequencia; por quanto, havendo a alma tido principio, não se moveu sempre; e, havendo sido criada, não se move por sua propria virtude. Ao contrario, mister seria concluir em favor da immortalidade dos animaes, por igual com a dos homens, ou então suppôr as almas eternas.
3. Prim. Tuscul. XXV.
4. Ibidem, XXVI.

as possue é celeste, divino, e por isso immortal [1]. A idéa que formamos de Deus é toda immaterial [2].... Qual seja a natureza da alma, não faz ao ponto sabêl-o: conheceis Deus, com quanto ignoreis sua fórma e habitação. O certo é que a alma não tem composição, nem numero, nem mistura. Se ella, pois, é indivisivel, é immortal; por que a morte é separação, desunião de partes que estavam unidas [3]. Separemos, por tanto, o espirito do corpo, e, mediante isto, saibamos morrer.

« Por tanto, a nossa vida antecipadamente participará da vida do céo, e com ella melhor nos disporemos a desferir o vôo... Então viveremos quando houvermos tocado o termo; por que este viver de hoje é morte.... E, ao invez, a morte póde ser que seja o nosso destino, por que ella nos ha de divinisar, ou dar-nos a companhia dos deuses [4]. »

Taes são as magnificas intuições que ao philosopho romano se antolham nos futuros horisontes; e sobre estes solidos cimentos assenta elle que se não deve temer a morte, pois por ella principia a immortalidade.

Uma segunda demonstração, no mesmo tractado, debilita implicitamente a força dos primeiros argumentos; por quanto, addiciona que, no caso de ser mortal a alma, não é de temer-se a morte, sendo o nada um bem, como fim de desgraças e prosperidades; que aos mor-

1. Ibidem, XXVII.
2. Ibidem,
3. Ibidem, XIX. Argumento extrahido tambem de Platão, e que tambem não é incontestavelmente justo. Por que a morte, na condição actual do homem, não é senão a separação de partes, não resulta d'isso necessariamente que a alma, por ser simples, não possa morrer. O mais que póde inferir-se é que não podesse morrer do mesmo modo. O instincto dos animaes, que tambem é simples, não se extingue com elles?
4. Primeira Tusculana, XXXI.

tos nada falta, porque nada precisa quem nada é; e que, finalmente, a morte nada é para os mortos, que já não existem, e nada é para os vivos, porque a não sentem ainda [1]. E, n'outra passagem, diz : « Tenho lido mais d'uma vez o livro de Platão: em quanto o leio, sinto-me persuadido ; mas assim que o deponho, e que entro a scismar na immortalidade da alma, não sei como, torno-me ás minhas incertezas [2]. » Fraqueza de coração, contra a qual se insurgia a previdencia do espirito.

Alguns annos depois, um escriptor de menos elevadas concepções, mas que se comprazia de recolher as antigas tradições, Plutarcho escrevia que « os mais remotos legisladores da Grecia, Triptolemo, Zaleuco, Minos, Rhadamanto, Lycurgo, Charondas e Solon fundamentaram suas leis no dogma da immortalidade da alma, do que necessariamente deriva o dogma da recompensa dos bons e do castigo dos máos [3].

Em seguida, desenvolvendo these mais philosophica, escreve : « Indigno seria da sapiencia de Deus empregar tantos cuidados com homens que não tivessem alguma cousa divina, solida, duravel, e parecida com elle... Em quanto ós oraculos responderem, considero cousa impia crêr que a alma seja mortal... Providencia divina e immortalidade d'alma assentam as mesmas provas : querer destruir uma d'estas verdades, é querer destruir a outra [4]. » N'outro ponto, consolava assim um

1. Ibid., XXXVI — XXXVIII.
2. Epistol. III.
3. Opiniões dos philosophos.
4. Das delongas da justiça divina.

seu amigo: « Só depois da morte, poderemos attingir aquella sabedoria que é mira de nossos desejos e objecto de nossos amores... Então, depurados de todas as manchas, viveremos com entes puros como nós, e veremos a verdade no seu maximo esplendor [1]. »

Depois d'estas nobres aspirações da escóla academica, a philosophia romana, sob o imperio, foi simplesmente representada pelo stoicismo, cujo escriptor mais abalisado foi Seneca, para menos em sua vida que em seus preceitos, menos em prática que em doutrinação virtuosa. Diz elle que, ao principio, gostava de ir no rasto dos philosophos mais insignes que lhe promettiam, bem que lh'a não provassem, a immortalidade [2]. Depois assentou comsigo: « Quando debatemos sobre a eternidade das almas, nosso parecer deve ser poderosamente influenciado pelo consenso de todas as gentes que temeram ou esperaram outra vida [3]. » Mais explicito ainda: « Quando chegar o dia em que em mim se aparte o que tenho de divino e humano, deixarei o corpo onde o encontrei, e irei lançar-me ás mãos dos deuses. Na verdade, aqui mesmo me sinto com elles; mas retem-me o que em mim ha terreal e pezado. Esta mortal vida é preludio de melhor e mais duradoura existencia... A vida actual é parto de que sahiremos á luz d'outro mundo... Aguardae, pois, com valor, a hora marcada, que será a ultima do corpo e da alma. A morte é um tranzito. O dia que temeis como fim é a aurora do dia eterno. Alijae o fardo. Por que tardaes?... Deixae de coração sereno os

1. Consolações a Apollonius.
2. Epist. III.
3. Epist. CXVII.

membros que vos não são precisos, e o corpo que já não é habitavel... O que tanto amais não é vós, é o vosso manto [1].

Seneca, porém, foi por demasia stoico para, em outro relanço, não proclamar que a virtude é recompensa de si mesmo, e passar assim da mais nobre esperança á negação [2].

De feito, a maior parte dos philosophos do Portico, os mais puros ainda, collocando na consciencia todos os prazeres, e negando a dôr, negavam tambem o merito da provação e razão de ser da recompensa. Cedendo por ametade a verdade, alguns pretendiam que as almas pódem viver longo tempo; mas sempre, não. Concediam d'est'arte o mais difficil, isto é, que a alma, separada do corpo, póde viver, e recusavam o mais facil, isto é, que a alma, principiando a viver sósinha, viva eternamente.

Nenhuma doutrina positiva formulou Epictecto. Marco Aurelio, dominado pelo stoicismo, hesita entre a extincção da alma, e a sobrevivencia: pende á segunda hypothese, a da dispersão dos elementos da alma e sua reunião á grande alma que preside aos destinos do mundo. « Quando as almas — diz elle — são arrebatadas ao espaço, detem-se ahi por algum tempo, depois mudam, dissipam-se, inflammam-se, absorvidas pela potencia geratriz do universo [3]. »

Emfim, a derradeira escóla philosophica da antiguidade, a neoplatonica, no seu profundo sentir a gran-

1. Epist. CII ad Lucilium.
2. Ad Marciam, X, epist. LIV.
3. Pensamentos de Marco Aurelio, IV, 21.

deza da intelligencia humana, denominava o homem um immortal, e a morte um descaptiveiro [1].

O chefe e representante mais alto d'esta escóla, Plotino [2], iniciado em todos os arcanos da sabedoria antiga, resumia-lhe brilhantemente a sciencia e tradições. « A alma — dizia elle — tem affinidade com a natureza divina e eterna. Assim que ella se desata de toda a parçaria do corpo, e se concentra em si, guarda em sua divina essencia a sabedoria e a verdadeira virtude. Sequestrada ao mundo, depurada de vicios, ídeiará o eterno por faculdades tambem eternas. Chegado qualquer a este sentir, olhando em si, ha de vêr-se intelligivel, radioso, illuminado pela verdade, emanação do bem, e então terá jus a dizer :

« Adeus ; agora sou deus immortal.

« Por que se alou á divindade, e se lhe fez semelhante.

« Sim : a alma tem o ser em si ; e o ser não póde começar nem acabar. O principio que de si mesmo recebe vida, e não póde perdêl-a, é immortal. Nossa alma, eterna como os conhecimentos que possue, é acto uno, simples, cuja essencia é a vida, insusceptivel de dividir-se ou alterar-se [3]. »

Mas Plotino ultrapassava a baliza de que os seus discipulos ainda mais se distancearam. Punha em risco a vida pessoal e independente da alma pelo excesso de poder que lhe attribuia. Não a estremava da essencia e acção da alma universa, e só lhe dava escape para

1. Plotino, « Ennéades. »
2. O original diz Platão ; mas deve lêr-se Plotino.
3. « Ennéades, » traduzidas por Bouillet, passim.

um porvir que se engolphava nos abysmos do mysticismo e pantheismo.

Taes são as principaes aspirações da philosophia explorando sua tarefa á custa de esforços pessoaes e longinquas reminiscencias. Ahi não ha certamente doutrina absoluta, nem clarão desassombrado. A intelligencia presentia, o coração esperava, a consciencia fallava. Estava franqueada a liça entre os mais calorosos instinctos da humanidade, virtude contra vicio, verdade contra erro. Porém, por entre as fluctuações escolasticas, o sentimento geral entreluzia. O dogma da vida futura, combatido pelo orgulho, e amor das delicias, se nem sempre se sahia com triumpho, não ficava inteiramente vencido. Soffria os precalços de todas as verdades que o homem não póde entender plenissimamente. Quando o principio predominava, os modos de applical-o divergiam ainda mais; e, se n'aquellas épocas — como Varrão [1] observa — o soberano bem se definia por centenares de modos, não é de espantar que se contassem outros tantos processos de alcançal-o.

1. Santo Agostinho. « Cidade de Deus » liv. XIX.

CAPITULO XI

ANTIGO TESTAMENTO E CRENÇAS DO POVO JUDAICO

Nova cathegoria de provas se nos manifesta com o povo judaico.

Este povo, não só abraça as idéas geraes e tradição universal, que tambem, e incontestavelmente, é fonte d'essas idéas, e origem das tradições. Possuindo entre mãos o seu livro sagrado, o mais antigo e authentico dos monumentos, liga ao seu caracter de povo historico e escripturitico o titulo da religiosa missão que recebeu. Se lhe não foi permittido offerecer-nos a verdade inteira, deu-nos o vêr-lhe a aurora, e predispor-lhe a manifestação. Como interprete das aspirações humanas, e orgão da lei divina, não pôde illudir nossas esperanças, e nobres desejos. Mostram-se em harmonia com a consciencia e esperança do genero humano seus legisladores, escriptores sagrados, reis, e prophetas em suas revelações.

Em virtude de sua superioridade em religião elevada e pura, os judeus tinham crenças mais progredidas e completas que as da maior parte das nações da antiguidade. Os mais eminentes philosophos só admittiam a

sobrevivencia da alma. Os povos, exceptuados talvez os egypcios e persas, não tinham ido além da noção da immortalidade da parte espiritual do homem. Os hebreus, de par com a vida futura, admittiam a resurreição dos corpos; e muitos testemunhos, que entre elles attestam a fé na vida immortal, proclamam a total sobrevivencia do homem.

Doutrina expressa ou implicita, a crença n'outra vida reproduz-se e perpetua-se na serie completa dos livros da lei velha. Posto que ahi se não ensine como dogma formal, manifesta-se em advertencias, preceitos, e conselhos, mais vigorosamente que na antiguidade pagã, onde ella com frequencia era proposta e debatida. O conjuncto da Biblia, o espirito que lhe é alma, as esperanças que dá, os factos que expõe, tudo revela uma crença intima, que não ha questional-a.

Logo desde o primeiro capitulo do Genesis, Deus — diz o texto sagrado — creou o homem á sua imagem e semelhança. Ora Deus, o Deus dos judeus, é o Deus vivo, Deus espiritual e eterno: não póde o homem ser-lhe semelhante em corpo que morre, em materia que se decompõe.

O homem, no espirito do mesmo livro sagrado, tão pelo claro é destinado a viver sem fim, que na mesma morte se lhe depára a prova, e a sentença que o condemna a morrer testemunha de sua immortalidade. Deus, fulminando-o com esta palavra terrivel: « morrerás! » não lhe está dizendo, com esta punição, que o havia creado immortal? Condemnou-lhe, porém, o corpo a uma dissolução passageira; e a redempção que, ao mesmo tempo, lhe promette, a redempção que seria

baldada se o homem não houvesse de sobreviver, de sobra deixa vêr de que maneira aquelle morrer de homem foi intencionado e ordenado pelo soberano juiz.

E, sem delongas, já com os proprios filhos de Adão, começa a recompensa dos actos humanos, e a prova moral d'outra vida. Disse Deus a Caim, como brado intimo de sua consciencia: « Se pratícas o bem, não serás tu recompensado? Mas se praticas o mal, contra ti bradará o teu peccado [1]. » E todavia, Abel, o justo, cujas acções e sacrificios comprazem ao Senhor, não morreu d'uma sanguinolenta e prematura morte? Onde está a sua recompensa, se elle morreu para sempre? E que lhe monta a elle que o seu matador seja amaldiçoado?

Abrahão, fiel a Deus, recebe esta magnifica promessa: « Eu mesmo serei tua grande recompensa [2]. » E Jacob, ao deixar a terra, onde já não tem que esperar, exclama: « De vós, Senhor, espero meu resgate e salvação [3]. » Os patriarchas consideravam sua vida sobre a terra como viagem para melhor patria, e a denominavam dias de peregrinação [4]. A morte para elles era um adormecer; pela descida ao sepulcro iam a repousar-se com seus paes; e Bergier chegou a dizer que o dogma da immortalidade estava esculpido no tumulo d'elles.

Quando Moysés expira sobre a montanha de Nebo, fez Deus conhecer ao seu servo que tanto elle como seu irmão, morto no deserto, se reuniriam a seus parentes, cuja sepultura era no Egypto. Não é pois mansão de

1. Genesis, cap. IV, 7.
2. Ibid., cap. XV, 1.
3. Ibid., cap. XLVIII, 21.
4. Ibid., cap. XLVII, 5.

mortos o sepulchro material: existe um logar que não é o tumulo.

Denuncia-se no legislador dos judeus o conhecimento d'uma doutrina, que elle teria haurido, se precisasse, nos costumes, sciencias e artes dos egypcios seus antigos mestres.

Provam-n'o incansavelmente os livros que escreveu e as leis que fez. Aqui na bôca de Balaam põe elle estas palavras: « Que minha alma pereça da morte dos justos, e meus extremos instantes sejam semelhantes aos seus [1]. » Além, refere como appareceram muitas vezes sobre a terra os anjos, entes cuja natureza espiritual protesta contra o imperio exclusivo da materia. N'outra passagem, debaixo de severissimas penas prohibe que se evoquem as almas dos mortos, uso deploravel dos hebreus, o que pelo menos vem ao ponto de provar que elles acreditavam na sobrevivencia do principio espiritual. E mais tarde, quando estas tristes práticas após elle se reproduziram, quando Saul faz evocar pela pythonissa de Endor a almá de Samuel, este lhe responde: « Ámanhã sereis comigo, vós e vossos filhos [2]. »

Que é o livro de Job, senão um hymno á immortalidade? Realidade ou typo, Job soffre quantas desgraças a imaginação póde conceber. Riquezas, saude, familia, tudo perdeu: está esmagado, subvertido. Seus proprios amigos o incriminam de seu infortunio, e lhe vão dizer que, se padece é porque peccou, e com justiça expia, visto que não ha acção que n'este mundo não seja retribuida. Já não ha para o infeliz consolação nem refu-

1. Numeros, cap. xxiii, 10.
2. Reis, cap. xviii, 11.

gio. Se para elle é tudo a terra, se em tudo vê o nada, deve desesperar-se, que debalde foi justo. Póde amaldiçoar o dia em que nasceu, a vida que lhe foi supplicio, a virtude que o trahiu. Ludibriou-o Deus; ou então, em presença da sorte que o soçobra, não ha Providencia; quem governa o mundo é o acaso unicamente: aqui só o nada triumpha. Job é o typo da provação por excellencia, a lucta da fé, a pedra de toque da immortalidade. Mas sente elle em si um principio immortal, sente-o na mesma provação que lhe é mandada, do reconcavo do abysmo exclama: « Eu esperarei em Deus ainda quando me tirasse a vida. As táboas do meu esquife levarão minha esperança a repousar-se comigo no pó da sepultura. Eu sei que o meu redemptor vive; e que verei Deus em minha carne; e esta esperança é a força, a exultação de minha alma [1]. »

David tambem é propheta da immortalidade como Job. Os psalmos do rei de Israel estão repassados do halito da vida futura: são o appellamento para a Providencia, justiça e bondade divina; são um queixume das miserias d'este mundo, um gemer d'alma desgraçada sobre a terra; são um ir-se a alma a Deus em brados de confiança, d'esperança e amor, um aspirar de todos os sentimentos que antevêem uma outra felicidade e outra vida.

E a religião mais acrisolada em espiritualismo julgou

1. Mr. Renan, que ataca o livro de Job ao traduzil-o, em vão procura inverter o sentido das clarissimas expressões que impugna, para dar côr indecisa e nebulosa á crença do idumeo Job e dos judeus na immortalidade que elle não vingaria completamente negar. Contra estas reservas protesta a conclusão irrefutavel escripta no mesmo texto, a qual de mais d'isso resalta de todo o complexo da narrativa nas fórmas orientaes e imaginosas que a revestem.

não haver ahi preces melhores que os psalmos para elevar a Deus coração e alma dos seus fieis e harmonisal-os melhor em Deus. Escutemos algumas d'estas endeixas, a um tempo tão poeticas e celestiaes, tão verdadeiras e humanas. Em parte alguma se descreveu melhor o opprobrio e punição dos máos, a gloria e recompensa dos bons.

Exclama o psalmista: « Senhor, é impossivel que formasseis sem designio todos os filhos dos homens [1]... A morte baixará sobre os peccadores, e elles descerão vivos ao inferno [2]... E' preciosa a morte dos santos diante de Deus [3]... E' horrenda a morte dos impios [4]. »

Foi o propheta presencial testemunha da prosperidade dos máos; contemplou reunidas a impiedade com as riquezas, os crimes com os triumphos; ao mesmo tempo viu os justos em afflicção, e de primeiro, não póde comprehender este mysterio. Mas tão depressa penetrou no santuario de Deus, desvendou-se tudo pelo espectaculo de seu fim. « Senhor, vós os fizestes desapparecer instantaneamente, e me opulentaste de gloria recebendo-me em vossos braços, a mim que não tenho, nem desejo em céo e terra senão a vós. Sois verdadeiramente o Deus de meu coração, e o meu patrimonio na eternidade [5]. »

N'outro relanço, na vehemencia d'uma fé prestes a attingir a felicidade futura, clama: « Quão apeteciveis são vossos tabernaculos, oh meu Deus! Minha alma anhela gozal-os e desfadigar-se n'elles. Meu coração e carne abrazam-se em igual flamma por vosso amor. Que

1. Ps. LXXXVIII.
2. Ps. CXV.
3. Ps. XXXIII.
4. Analyse do Ps. LXXII.

o vosso santuario me seja morada eterna, oh meu Deus, e meu rei! ditosos aquelles que comvosco moram, que em todos os seculos vos cantarão louvores! Ditosos aquelles que n'este valle de lagrimas fazem gradualmente subir sua esperança para vós que lhes sois força e amparo! Cubril-os-heis de bençãos; e elles de virtude em virtude irão gozar-se de vossa presença, ó Deus soberano, na celestial Sião. Mais val que milhares de dias, um só dia passado nos vossos tabernaculos. Vós daes a quem vos serve a graça e gloria que lhes promettestes... [1] Após longa vida lhes dareis salvação e felicidade... [2] Hão de para todo o sempre estabelecer-se comvosco... [3] Os filhos dos homens esperarão, ebrios de vossas delicias, á sombra de vossas aras; por que sois fonte da vida, e veremos em vós a luz cujo foco sois [4]. »

Quasi todos os psalmos repetem o sentir temeroso e confiado de David, e o seu amor a Deus e o desejo de possuil-o; repetem o grito de sua esperança; e do fundo do abysmo [5] em que a sua queda o precipitára exhalam para o céo exclamações ardentes.

Seu filho Salomão transmitte-nos identicos ensinamentos: « Até na morte o justo espera » — dizem os Proverbios [6]. O Ecclesiastes, considerada a sorte de bons e máos, iguala-os perante a morte; chega ao ponto de assimilhar o seu fim com o dos animaes destituidos de razão; o que elle unicamente vê em toda a vida humana é a vaidade e vaidade das vaidades, e parece estatuir a

1. Ps. LXXXIII.
2. Ps. XC.
3. Ps. CXXIV.
4. Ps. XXXV, 8, 9, 10.
5. Ps. De profundis.
6. Cap. XXIV. 32.

satisfação do homem no prazer. Mas para logo, revertendo contra os impios a objecção que lhes emprestára, e cujo sentido não comprehendêra, exclama: « Não digaes que não ha Providencia, que não vá Deus, irritado com vossos discursos confundir-vos todos os projectos [1]... Eu vi debaixo do sol a impiedade na cadeira dos juizes, e a iniquidade na séde da justiça, e disse em meu coração: Deus julgará o justo e o injusto, e a hora da recompensa soará então [2]... Lembrae-vos do vosso creador antes que sôe o momento em que o pó entre na terra de que foi tirado, e o espirito volte a Deus d'onde emana... Temei Deus e observae seus mandamentos; e o Senhor em seu tribunal vos pedirá conta do bem e mal que fizestes.

Em fórma ainda mais clara, estabelece o livro da *Sadedoria* a diversa situação e contraria sorte dos justos e dos impios. Diz: « Deus creou o homem immorredouro [3], e fêl-o imagem que se lhe parecesse; e a morte entrou no mundo introduzida pelo peccado [4]. » « As almas dos justos estão da mão de Deus; não os tocará o tormento da morte. Aos olhos dos insensatos afiguraram-se mortos; foi suprema a angustia quando elles se foram d'este mundo; mas estão em paz; e, se no entender de homens soffreram tormentos, a esperança d'elles exubera de immortalidade [5]. » « Em quanto aos impios, elles cahirão em perpetua ignominia entre os mortos, e serão postos em ultima calamidade [6].

1. Ec. v 5.
2. Ibid. III, 16, 17.
3. Inexternabilem.
4. Ibid. II. 23, 24.
5. Ibid. III. 1, 2. 3, 6.
6. Ibid. IV, 19.

Offerece o Ecclesiastico testemunhos igualmente formaes e numerosos: « Lembra-te — diz o filho de Sirach — do teu derradeiro termo, e não peccarás mais. »

Ressumbram dos prophetas as mesmas aspirações á immortalidade. Izaias, com uma imagem magnifica, faz baixar á mansão da morte o rei de Babylonia, vencido e morto na peleja [1]. Os mortos, outr'ora poderosos na terra, principes, reis, conquistadores, saem-lhe ao encontro, e zombetêam-no por ter descido entre elles. Diz, n'outra parte o mesmo propheta: « Deus dará fim á morte para sempre; e enxugará os prantos que banham tua fronte [2]. » « Renascerão os nossos mortos; os meus, que me mataram, resurgirão; erguei-vos e louvae o Senhor, oh vós que habitaes no pó [3]. »

Daniel, de ordem de Deus, clama: « Virá um tempo, tempo temeroso, em que será salvo quem estiver inscripto no livro da vida; então hão de erguer-se todos os que dormem no pó, uns para entrarem á vida eterna, outros para cahirem no eterno opprobrio [4]. »

Oseas põe na bôca do Senhor estas palavras: « Livral-os-hei do poder da morte. Inferno, eu serei tua ruina [5]! »

Habacuc anceia o fim da vida para ir saborear-se na paz dos justos e rejubilar-se no seio de Deus [6].

Finalmente, o auctor dos Macchabeus faz magestosamente fallar os sete irmãos martyres de seu apêgo á

1. Isai, XIV, 9.
2. Ibid, XXV, 8.
3. Ibid, XXVI, 19. Aqui é luminosamente declarada a resurreição dos corpos.
4. Daniel, XII, 1 e 2.
5. Oseas, XIII, 14.
6. Habacuc, III, 18.

*

lei : « Deus, em troca do perdimento do corpo, nos dará vida immortal ; volver-nos-ha os membros que nos dilaceram ; acima de nossos tyrannos, está a esperança de melhor vida, e o irmo-nos ao céo que se abre diante de nós [1].

Tal era, sem debate, a crença geral dos judeus, significada evidentemente já pelo espirito, já pelo texto de seus livros sagrados. Embora o digam allegações insustentaveis, os judeus não podiam tirar suas crenças dos povos com quem praticaram durante o captiveiro, nomeadamente os babylonenses, por que já os seus livros authenticos as continham antes d'aquelle facto. E se Moysés — coisa impossivel — lhes ensinasse doutrina contraria, ficariam vestigios d'ella, e os judeus pertinazmente, e por antagonismo com as outras nações, a observariam, com o afêrro uzado nas prescripções de sua lei. Longe d'isso : a sua fé na vida futura é facto comprovado pela sequencia de sua historia, proclamado por seu proprio testemunho, e reconhecido por auctores pagãos e christãos, que escreveram de suas crenças.

Plinio e Tacito, historiadores pagãos, affirmam esta doutrina dos judeus, e particularmente Tacito lhes presta expressa homenagem, tocado de admiração e inveja. Diz : « Elles consideram immortaes as almas ; d'isto lhes procede o desejo de transmittirem a vida ; e o desprezo com que affrontam a morte [2]. »

Entre os testemunhos christãos, S. Paulo, propriamente judeu, mui sabido no sentido natural e interpretação da lei, escrevia aos hebreus : « Abrahão, Isaac, e

1. Machabeus, liv. II, cap. VII.
2. Hist., V, 5.

Jacob morreram na fé, confessando que eram estrangeiros e viajantes na terra; e, assim dizendo, claro davam a perceber que demandavam melhor patria, que esta de que sahiram — a patria celestial [1].

E Origines, tão versado no conhecimento dos usos e costumes dos hebreus, diz-nos que, desde a puericia, lhes ensinavam a immortalidade da alma, o juizo depois da morte, e a recompensa destinada aos que dignamente viveram [2].

Os proprios sadduceus, de mais moderna origem [3], não confirmavam, quando a negavam, a opinião commum de seus conterraneos? Protestavam contra a crença do inteiro Israel; e, se não eram como hereticos repulsados, é pôr que a sua doutrina d'elles, mais ou menos secreta, e sem exterioridades, não os impedia de cumprirem todas as regras e lithurgias prescriptas por lei. Se alguns pastores protestantes negam a divindade de Jesus Christo, ao passo que proseguem nas funcções do seu ministerio, destroem elles a fé geral dos christãos que conclamam a divindade de Christo, e como Deus o adoram?

O complexo d'estas provas basta verdadeiramente para designar o genuino sentir dos judeus, e lhes dar á frente dos povos o logar devido á sabedoria e nobreza de sua doutrinação. Não havemos mister combater a unica objecção grave contraposta á crença hebraica na vida futura, e vem a ser que ella não fôra escripta nas táboas de sua lei, nem fazia parte integrante e obrigatoria de seu culto. Seria isto porque as recompensas e punições,

1. Hebreus, xi, 9, 10, 13, 15, 16.
2. Orig., Adversus Celsum, liv. v n.º 42.
3. O chefe Sadoc é anterior a Jesus Christo dois seculos.

destinadas para outra vida, impressionariam menos um povo tão empégado em materialidades? ou porque a lei velha, menos perfeita, visava a um alvo menos elevado e puro, quando começou? E' que, não devendo abrir-se o céo ao homem despenhado, senão pela redempção, a lei não podia desde logo dar posse do que mais tarde foi conquistado; é que, não sendo as almas immediatamente admittidas á presença de Deus, deviam esperar o cumprimento das promessas, para irem ao encontro da felicidade no gozo infindo do Creador [1]; a não ser assim, forçado fôra iniciar antecipadamente os judeus nos mais intimos mysterios da redempção, explicar-lh'os, com o crime que seus descendentes haviam de perpetrar, e as funestas consequencias do crime para ellês, e a reparação do mundo; d'est'arte, o seu culto já não seria a religião esperançosa, o culto preparatorio; mas uma diversa doutrina religiosa. Por este modo se transformaria o plano divino, cuja sabedoria sobre-excede os nossos juizos, e tem profundezas impenetraveis aos nossos olhos. Era bastante que a lei mozaica, sob fórmas precisas e materiaes, longe de damnificar a geral tradição, a coadjuvasse com a essencia e espirito de suas doutrinas, e mantivesse os hebreus debaixo da impressão dos sentimentos, e instinctos de consciencia que davam á humanidade caução da futura vida.

1. O Schéol era para as almas justas já não o céo nem felicidade, menos ainda o frio sepulcro; mas sim a paragem de esperança d'onde deviam subir ao céo e á felicidade.

CAPITULO XII

O CHRISTIANISMO

FALTA dar a derradeira consagração ao dogma da immortalidade. O christianismo, dando luz áquillo que os prophetas mostraram em sombra, conclúe o que o judaismo preparára. Confirma com divina sancção e evidencia suprema os argumentos, que o homem havia inferido da natureza, razão, e consciencia.

Para maior glorificação da verdade, não convinha que assim fosse? De feito, parece que as provas metaphysicas e moraes, cujo valor e força dissemos, não contentavam grandemente a intelligencia humana, que, sequiosa de verdade, quer vêr e possuir, ao passo que reconhece sua pouquidade e minimo alcance. Sem dar azo a motivo grave para duvidas, estas provas não allumiam sempre a razão, temerosa em si e tão exigente em face da verdade. A maior parte d'estas provas só podem influenciar espiritos philosophicos, e estes são poucos. Tem sido tão diversamente controvertidas pelo espirito humano muitas das mais graves questões, que facilmente se de-

prehende quanto, em materia de tal tomo, se ha desejado attingir o supremo quilate da certeza.

Diz Laland: « Como a alma não existe por necessidade de sua natureza, mas por dependencia da vontade divina, tão sómente podemos estar seguros da immortalidade d'ella em quanto estivermos seguros de que Deus quer que ella seja immortal [1]. »

Antes de Laland, havia dito Descartes: « Pelo que respeita ao estado da alma depois d'esta vida, pondo de parte o que a fé sobre isto nos ensina, confesso que, tão sómente com a razão natural, podemos formar muitas conjecturas de vantagem nossa, e nutrir bellas esperanças; porém, nenhuma com segurança [2]. »

Nós, mais affirmativos que Descartes, ousamos certificar que possuimos convencimento real da vida futura. Não nos cançaremos de o dizer: as provas metaphysicas e moraes que se apresentam á nossa razão energicamente nos induzem a crêr, e authorisam a concluir que o fim do homem não pára n'esta vida. Seja, todavia, qual fôr a efficacia dos argumentos humanos, e a solidez da base sobre que repousam, apraz-nos vêl-os confirmados por auctoridade ainda mais illustre, apoiados em mais infallivel palavra, quando vêmos que o christianismo lhes presta a força de sua credibilidade e certeza. E' a affirmação do céo aligada á argumentação da terra.

E' ouvir o creador dizer ao homem: « Fiz-te immortal. »

Se firmemente adherimos ao testemunho da razão hu-

1. « Nova demonstração evangelica » part. II, cap. I.
2. « Cartas » IX, p. 369.

mana, com quanta mais energia annuiremos ao da razão divina?

Estamos em presença do homem. Eis-aqui a palavra, a revelação expressa de Deus.

Era certa, mas indistincta a noção, que tinhamos da vida futura. Eil-a agora, ao mesmo tempo, segura e determinada.

Era voz, mas voz incognita. O Christianismo nos mostra quem a proferiu.

Era luz, mas luz encoberta. O Christianismo rompe a nuvem que lhe desluzia o esplendor.

Jesus Christo, o Deus vivo e eterno, baixando do céo, não trouxe á terra promessas que se dissipam, esperanças hesitantes, bens tranzitorios. Baixou para livrar o homem da morte, abrir-lhe o céo, entral-o á eternidade. Sobre a vida futura assenta o seu dogma. A immortalidade é o scôpo de sua moral.

E elle disse: « Eu sou a resurreição e a vida. Quem crêr em mim, ainda que morto esteja, viverá. Homem que vive e crê em mim, não morrerá [1]. » « Se quereis possuir eterna vida, observae meus mandamentos [2]. » « Quem escuta minha palavra tem vida eterna: irá da morte á vida. No dia em que os homens ouvirem a voz do Filho do homem, sahirão de seu tumulo os de bôa vida resuscitando; mas os de máo viver, resuscitarão para serem condemnados [3]. » « Vinde, bemditos de meu pae, entrae no reino que vos foi preparado desde o principio do mundo [4]. » « Cahis em erro — diz elle aos sad-

1. S. João, XI, 25, 26.
2. S. Matheus.
3. S. João, V. 24, 29.
4. S. Matheus, XXV, 34.

duceus, respeitando por igual a crença geral dos judeus, e a fé mais explicita no Evangelho — cahis em erro, e não conheceis as Escripturas nem o poder de Deus. Não lestes nos livros de Moysés que o Senhor disse: — Eu sou o Deus de Abrahão, de Isaac, e Jacob? — Ora Deus não é Deus dos mortos: é Deus dos vivos.[1] »

E, demais, não são superfluas estas citações? Não é o Evangelho o codigo da humanidade, o guia da futura vida? Disse S. Paulo: « Jesus Christo anniquilou a morte, e tirou á luz a vida e a immortalidade pelo Evangelho[2]. »

Resumindo as mais puras idéas, as mais elevadas necessidades, as mais nobres aspirações do homem, é o christianismo o remate das provas da immortalidade. De fóra parte sua doutrina, a razão instrue, a consciencia falla, a historia ensina, a tradição dirige, a philosophia discute. E estas diversas fontes da certeza, podem entrar no espirito do homem, mas sem o satisfazerem; podem talvez satisfazel-o, mas sem lhe dar uma convicção inabalavel. Quem lhes dá a poderosa harmonia, e soberana força, é a sua concordancia com a affirmação catholica. O christianismo fortalece, confirma, aperfeiçôa, e dá supremo valor áquellas provas elevando-as ao ponto culminante da credibilidade. E' a haste que as supporta, e o vinculo que as ata. Alternadamente se lhe unem, como fragmentos do mesmo edificio para formarem unidade de incomparavel força.

Sobre a separação profunda do corpo e alma, de ma-

1. S. Marcos, XII, 24, 26, 27.
2. A Timotheo, II, cap. I, 10.

teria e espirito, se funda o christianismo. Facil lhe é, por tanto, traçar a linha divisoria entre aquellas duas substancias que elle claramente definiu, e estremou. Subindo á origem dos seres, eleva-se da ordem natural á sobrenatural, e estabelece, com a existencia simultanea d'aquellas duas ordens, a necessidade de reciprocamente actuarem, e desde logo, possuidor dos segredos da sabedoria divina, explica o homem creado com estes dous elementos: o elemento espiritual feito á imagem de Deus, e o elemento material formado da substancia terrestre. D'est'arte, dá razão e prova da divergencia radical que se opera entre estes dous principios, um tendendo ao céo, outro inclinando-se á terra; um aspirando a Deus por espirito, outro pendendo á materia inerte e corruptivel.

O christianismo, desenvolvendo a idéa do infinito por estas magnificas intuições sobre o poder e grandeza de Deus, assigna com seu verdadeiro caracter as tendencias do espirito humano para as illimitadas aspirações, e absoluto gozo da justiça e verdade; e completa a noção da superioridade da alma que na terra não encontra centro d'acção nem repouso.

Pontualmente determina o christianismo o destíno e fim do homem. Bem sentia o homem que não tinha sido feito para si só, pois que a si mesmo se não fizera, e por Deus fôra creado. O christianismo harmonisa seus intentos com a vontade divina, cujos segredos lhe fez conhecer. Marca-lhe a fórma, as condições, a razão do culto que elle deve ao seu auctor, e nenhum outro destino lhe aponta que não seja o seu creador.

E ao mesmo tempo lhe põe diante a verdadeira feli-

cidade, aquella felicidade que o homem tão ardente e inutilmente anceia sobre a terra. Com admiravel concordancia, põe de par com o nosso bem-estar, nossos deveres, offerece-nos em Deus o mais excellente pae, e o mais generoso bemfeitor, e nos verte n'alma dulcissima satisfação por nossa fidelidade a seus preceitos, e no amor d'elle a nossa melhor recompensa.

Assim revella o christianismo ao homem o porquê do seu aspirar á immortalidade. Creado para Deus, isto é, para um bem eterno, responde á sua natureza lançando-se para esse bem, com todas as suas potencias, e repellindo energicamente outra qualquer solução do mysterio d'esta vida.

O christianismo, desvellando ao homem o segredo de sua queda original, explica-lhe a dôr, e a morte. A dôr não é o fim, a morte não é a baliza, ha ahi culpa recondita no amago da dôr. Ha ahi justiça e expiação na morte. E não só a morte, mas seus terrores e agonias se justificam e comprehendem.

A natureza, o acaso, podem esclarecer o mysterio? a natureza que devemos accusar, o acaso que devemos amaldiçoar, se são elles que sem razão legislaram tão cruelmente? Ponde de parte a revolta, a desordem, o abuso da liberdade, a queda do homem, e o resgate e perdão, que eu não sei explicar a lei fatal da morte, e a immortalidade quasi se me afigura uma lei sem caução e um renascimento sem motivo. Mas se o homem está na terra para expiar e merecer, se elle tem provações a padecer, e recompensas a ganhar, tudo se explica. A dôr conduz ao gozo, a morte á vida. O tempo é o portico da eternidade. A purificação é a chave que

descerra o eterno sanctuario. E S. Paulo, n'este intuito, disse: « As tribulações d'este mundo são mui breves e ligeiras, se as comparamos á immensa e eterna gloria que devem produzir. »

E' principalmente a regra moral que resplandece e rasga mais luminosos horisontes do destino do homem. Em verdade, mediante a profunda inducção tirada da consciencia humana, havemos inferido da lei moral a recompensa, vida futura, e immortalidade. A consciencia, porém, tantas vezes incerta e vacillante, necessitava de instrucção e guia.

Com o christianismo estatuiu-se a regra, achanou-se o caminho, determinou-se o fim. Deu o proprio Deus ao homem sua lei de verdade e suprema justiça, revestida da mais alta e formal sancção. Fez mais: entrou nos pormenores de nossos deveres. Prescreveu-os mais difficeis para nos dar mais meritos, mais perfeitos para melhor nos premiar. E ao mesmo tempo, ajudou-nos a cumpril-os. Leva em conta nossa fraqueza. Ampara-nos e restaura-nos. A lei moral é d'hora ávante a lei religiosa, a lei divina. A recompensa é o céo; a gloria é a visão de Deus.

E para logo as tradições geraes descobriram seu ponto de partida e commum origem. Já se não faz mister, subir com difficeis fadigas á origem occulta nas trevas das idades primitivas. Faz Deus conhecer que ellas procedem d'elle, de seus ensinamentos e divinas promessas. Esclarece-lhes a transmissão atravez do mundo, e sobre sua palavra assenta o solido fundamento de suas esperanças.

Já não tem os philosophos que investigar, atravez de

penosas e arriscadas veredas, o caminho e termo da vida. Deus havia-lhes dado a razão, permittindo que por entre os escolhos e obscuridades de sua rota sobre a terra, aquelle facho abrisse, para os guiar, algumas clareiras luminosas.

O christianismo, alliado com a razão dos philosophos nas raras occasiões em que ella póde mostrar-se despida de preconceitos, excessos ou fraquezas, rectifica seus erros, dissipa-lhes as incertezas, e esclarece as conclusões. Em quanto que nenhuma das theorias produzidas sobre a sorte futura do homem dava satisfatorio e definitivo resultado ; em quanto que as mais bellas intuições sobre o porvir, incluindo mesmo as engenhosas de Platão, não sahiam do labyrinto da metempsycose — o christianismo apresenta um systema completo, racional, simples, e invariavel, verdadeiro por sua precisão, harmonico, e de tal sorte superior ás concepções do homem, que a isto vem o revelar a sua origem celeste.

As religiões antigas offereciam felicidades invalidas como os seus deuses, e inferiores ás esperanças da humanidade. Na outra vida promettiam os amores da terra, as mesmas impressões, o mesmo pendor dos desejos d'este mundo. O proprio judaismo, posto que apontado á preparação da verdade, tendo em vista a material conservação d'um povo escolhido mas figurativo, escassamente entendia a felicidade futura e a immortalidade.

O christianismo, veio pela voz de Deus, tudo certificar e alumiar com um raio do céo. Confirmou este magnifico dogma com razões irrefutaveis, e auctoridade inconcussa. Indicou-o como verdadeiro fim da vida. Deu os seguros meios de attingil-o. Mostrou-lhe a condição e

a lei. Indigitou-lhe o caminho. Determinou-lhe a duração. Fez que o entrevissemos e lhe prelibassemos a felicidade.

E as recompensas e castigos dão-se logo a conhecer como verdadeiros, pelo facto sómente de não fundarem sobre costumes particulares d'um povo, nem adequados a necessidades especiaes ou a uma religião local. Ajustam a todas as nações, condições e sociedades. O homem analphabeto tem ahi quinhão como o douto, o selvagem reclama seus direitos como o homem culto. E' o Deus de todos, que a todos dá lei, amor, e recompensas.

Assim se explicam, desenvolvem, e affirmam reciprocamente o christianismo e a immortalidade.

O christianismo, em maravilhoso accordo com todos os sentimentos e aspirações da humanidade, com a voz dos povos e com o testemunho da consciencia de cada individuo, justifica os desejos, esperanças e presentimentos do homem, desobscurece e consolida principios muitas vezes abalados por suas proprias applicações. Onde estavam sombras fez apparecer corpos vivos e reaes. O que eram esperanças plausiveis converteu em resultados effectivos. O que eram argumentos desatados converteu em magnifica synthese em que os factos humanos se tecem com os factos divinos, em que o homem demonstra Deus, em que a terra se une ao céo, em que a vida presente antecipa sobre a vida futura, em que a creação do homem é justificada pelo seu destino, em que tudo transluz taes symptomas de evidencia que tornam impossivel não ser exacta a solução dada.

Pelo que, é o christianismo a maxima prova da im-

mortalidade, bem como a immortalidade é uma das maximas provas do christianismo. Em virtude das intimas e necessarias relações com as quaes se unem e fortalecem, o christianismo é a lei da immortalidade, a immortalidade é a suprema sancção do christianismo.

Depois que este dogma foi determinado pela relação de Deus, desappareceram a incerteza e a hesitação. Não houve mais para que discutir-se, ao menos entre os discipulos, nada mais explicito, que a crença dos primeiros christãos. Nada mais formal, que a affirmativa dos Padres da egreja primitiva. Qualquer que fosse, como systema philosophico, a opinião d'elles ácerca da origem e natureza intima da alma, proclamaram-n'a todos immortal, esta doutrina promulgaram como bandeira do christianismo, e d'esta vida fizeram os áditos e passagem para a eternidade, e, confessando a sobrevivencia do homem completo, reuniam o corpo á alma para a resurreição da carne, e depois ninguem duvidou d'isto. Quem quer que teve o nome de christão entranhou-se d'esta doutrina, raiz e tronco do christianismo. Em meio de atrozes supplicios, cantava o martyr esta esperança, e para esta gloria estendia os braços desfallecidos e enregelados. O neophito via fulgurar esta luz na noite das catacumbas. O anachoreta do recanto da sua cella a aspirava. A virgem a invocava da mais recondita soledade de seu mosteiro. O missionario quebrado de fadiga e dedicação, a seguia atravez de longinquos oceanos e regiões desconhecidas. Tudo agora redunda n'isto. A vida tem dous termos: servir Deus, cumprir sua lei; e depois vêl-o e gozal-o. E estes dous termos em verdade são um só.

Assim se completa a demonstração. Possuimos a verdade; senhoriamos a certeza. E' facho que não deve mais deixar-nos, que servirá a esclarecer objecções, a resolver difficuldades, a relançar nossos olhares confiadamente, atravez das nuvens que ainda podem toldar as applicações e o modo da immortalidade.

SEGUNDA PARTE

OBJECÇÕES Á IMMORTALIDADE

SYSTEMAS OPPOSTOS Á NOÇÃO PURA DA IMMORTALIDADE

PREAMBULO

CONSPIRAM a dar ao dogma da immortalidade o mais completo e elevado caracter de certeza, as mais efficazes argumentações da sã philosophia, as mais irrecusaveis provas da verdadeira religião, e as mais formaes affirmativas da humanidade.

Conspiram a fundar sobre solidas bases a grande doutrina da vida futura os diversos modos que o homem tem para chegar á verdade: senso intimo, consciencia, raciocinio, tradição, experiencia, revelação.

E' o mais seguro dogma que os homens possuem, depois de Deus, e simultaneo com Deus. E' parte integrante da nossa noção da divindade. Sem elle, não ha legislador, nem lei moral, religião, nem culto.

*

Não se póde interceptal-o da intimidade do homem: faz parte de sua natureza, é fragmento de sua vida, complemento de sua existencia intellectual, razão de ser de sua consciencia e moralidade.

Parece impossivel que alguns homens concebessem o intento de impugnar um dogma que todos os individuos e povos, de commum accordo, admittiram e proclamaram!

E conceberam, de facto, mais d'uma vez. O estudo da historia, a discussão dos systemas forçam a acreditar que algumas escólas philosophicas sahiram contra o dogma.

Cegueira de espirito, ou quebranto de coração, ou principios doutrinarios, orgulho ou corrupção, atacando directamente ou de soslaio, é certo que alguns homens escurentaram com duvidas, ou negaram a realidade da vida futura.

Uns, sensualistas, viram sómente materia no homem, e descreram d'outra existencia distincta, e pelo conseguinte da sobrevivencia do principio espiritual. Outros, levados ao mesmo ponto por differente caminho, recusaram á alma separada do corpo a persistencia individual, querendo assim absorvêl-a e identifical-a na vida geral. Outros fizeram-a transmigrar de ser em ser, de mundo em mundo, creando tantos personagens diversos quantas eram as transformações operadas. Muitos, desnaturando a solução clara e precisa de Deus, do sobrenatural, da Providencia, destruiram as bases da vida futura, a qual é o supremo feito da Providencia, a realisação absoluta do sobrenatural, a visão de Deus.

Quaesquer, porém, que sejam o modo e theor das ob-

jecções postas em antagonismo com a noção pura da immortalidade, as mesmas objecções fornecerão argumentos á verdade; e as respostas triumphantes darão realce á força de sua demonstração intrinseca.

Seguir desde o principio e desenvolvimento todos os systemas falsos seria lavôr tão moroso e difficil que nos transviaria do intento posto. Estudal-os-hemos sómente no ponto especial da questão da vida futura, e analysaremos em particular os que nos pareceram mais importantes como doutrina, e mais funestos como applicação.

CAPITULO I

O MATERIALISMO

O SYSTEMA materialista, entre os adversarios que impugnam o dogma da immortalidade, é o principal e o mais terminante. E' inimigo absoluto e declarado, que não rebuça o intento, nem esconde suas affinidades, nem dissimula as investidas. Allia-se intimamente ao atheismo, e, unidos, formam duas palavras para exprimirem só uma e um só sentido, para significarem uma e a mesma doutrina. O materialista que nega Deus, creação, e Providencia, é atheu; o atheu que nega alma, espiritualidade, e vida futura, é materialista. Não há homem que admitta um Deus livre, bom, justo e sabio, e negue a vida futura. Estribando a argumentação do materialista sobre a impossibilidade d'um puro espirito, força lhe é negar a existencia de Deus, antes de negar a da alma; e, como estas duas negativas accostadas uma á outra, são as duas faces d'um mesmo erro, tanto faz refutar o materialismo e assentar o dogma da vida futura, como refutar o atheismo, e provar a existencia de Deus.

Chamar de parte o atheismo, e, como um douto philosopho contemporaneo [1], dizer-lhe que é absurdo, por que affirma que o ser não existe; chamar contra elle o juizo da quasi unanimidade dos homens, a consciencia de todos os povos, a tradição de todas as épocas, o engenho dos mais insignes philosophos; relembrar as magnificas demonstrações da existencia de Deus pelos mais eminentes pensadores, desde Santo Agostinho e Santo Anselmo, desde Descartes, Malebranche, Newton, Leibnitz, até aos espiritualistas da escóla moderna [2]: seria, á mingua de outra prova, argumento decisivo em favor da immortalidade da alma.

Porém, esta demonstração indirecta não pode reter-nos nem abastar-nos. Devemos, restringidos á questão da immortalidade, pospôr a refutação do atheismo na generalidade, para nos applicarmos á fórma particular do materialismo.

§. I

INDOLE DO MATERIALISMO

O materialismo, negando a vida presente da alma, e, com mais criterio, a vida futura, funda-se em semelhanças, analogias de origem defeituosa, e falsas deducções. O seu principal, se não unico argumento, oriundo

1. O P. Gratry. « Do conhecimento da alma. »
2. Simon. « Da religião natural. » — Saisset. « Ensaio de philosop. religiosa »

da mais triste e velha época, é um que já Lucrecio exprimiu no seu poema *Da natureza* [1]: « Nasce a alma com o corpo: com elle deve acabar. »

N'isto dispara toda a razão do materialismo: a alma é o sopro, ou a vida. Tão consubstanciada está com o corpo, que não ha estremal-a. Começaram ambos: não existiam antes de se unirem. Não podem subsistir em separado, e sobreviver ao momento que os aparta. Naturezas mixtas, formam um mesmo ser. Vêde como a alma cresce e se desenvolve com o corpo, e declina e se extenua com elle. Fraca na compleição debil, forte no corpo robusto, afroixa com o soffrimento, amortece-se com a molestia, suspende-se no dormir, altera-se na demencia, embota-se na velhice, e extingue-se na morte. Sujeita ás exigencias da materia, torvada pela mais leve mudança nos humores, estagnada á mais ligeira alteração sanguinea, obscurecida pela minima perturbação cerebral, nada a distingue dos sentidos, cuja impressão recebe, e com os quaes perde o sentir. A' vista do que, ou ella não existe, ou não tem vida sua e distincta.

Sim, é verdade, reconhecêmol-o: a alma está intimamente ligada ao corpo; o homem é justamente essa intima e necessaria união, de cujas funcções simultaneas resulta a vida. Mas, de estarem unidos e co-existirem promiscuamente, segue-se que não possam ter substancias distinctas, indoles particulares, e diversos destinos? N'isto é que essencialmente claudica o systema materialista. A união não induz á confusão: ao ajuntamento não

1. « De rerum naturâ. » lib. III.

se faz mister a identidade. Áquelles, pois, que do facto de virem simultaneamente ao mundo corpo e alma, exercitando acções communs, querem inferir que alma e corpo devem acabar ao mesmo tempo, podemos responder : E' falsa a vossa consequencia, se está demonstrado que alma e corpo se distinguem em suas naturezas e propriedades especiaes ; é mais falsa ainda, se está provado que a alma, longe de ser serva e escrava do corpo, reside n'elle como em sua morada, manda-o como seu subdito, usa-o como seu instrumento.

I. — E não é simples gradação insensivel que differenceia entre alma e corpo. Discriminam-se até á opposição, divergem até ao antagonismo. Tudo é n'elles contradictorio : indoles e attributos, essencia e fórmas. O pensamento, attributo d'alma, a extensão, attributo corporeo, pertencem a duas especies de substancias inconciliaveis. Nenhum vinculo sensivel as prende, nenhuma harmonia tangivel as une. Não podem ser effeito ou causa uma da outra. Se, por exemplo, o pensamento residisse como producto immediato ou parte integrante no corpo, que é extenso, ou estaria em cada ponto d'esta extensão — e então seriam tantos os pensamentos quantas as moleculas — ou estaria repartida em toda a extensão, isto é, divisivel com ella: dupla hypothese egualmente contraria á propria noção do pensamento que é simples, e á natureza de sua percepção que é essencialmente indecomposta.

Mas, se não é a materia que pensa, deve existir outro productor do pensamento. E' a alma que dirige os actos da intelligencia. Por tanto, alma e corpo são dif-

ferentes, tanto em natureza, como em propriedades: logo, o destino de uma d'estas substancias não tem para que arraste fatalmente ao mesmo destino a outra.

Dizeis ser a materia organisada que gera aquelles superiores phenomenos do pensamento e da percepção? Mas a materia organisada, ou é só materia, e então não póde ser dotada de mais acção e poder, e não póde produzir phenomenos simples e indivisiveis; ou é mais que materia, e n'este caso quem lhe deu este maior poder, esta mais perfeita organisação? Seria o acaso, ou, mais exactamente, o nada que interveio com tanta arte e previdencia, e fez sahir o movimento da immobilidade, a actividade da inercia, a vida do cáhos? Seria o acaso que fez com os átomos isto que em nós raciocina, compara e julga? Foi elle quem deu ao todo as qualidades que as partes não tem? Não, aqui ha mais alguma cousa que substancia material. Ha um principio novo, promanado d'um ente superior, puro espirito, bastante poderoso para dar existencia a uma creatura espiritual, e bastante sabio para lhe assegurar as faculdades operantes, e finalmente bastante bom para lhe manter e perpetuar a vida.

A sciencia natural, muitas vezes inclinada ao materialismo, nada tem arguido com seriedade contra a simplicidade do espirito, e pelo contrario foi obrigada a reconhecêl-a. Por isso o cerebro todos o consideram séde do pensamento.

Este orgão, composto de muitas partes, separado em muitos lobulos essencialmente divisiveis, soffre muitas lesões diversas, e em todas o espirito identicamente soffre da mesma maneira. Que um ou outro seja atacado

por congestão, amolecimento, ou paralysia, o mesmo phenomeno se produz, oblitera-se o espirito, mas sempre no seu todo e com invariaveis condições. Não é pois, o cerebro que fórma o pensamento: é instrumento d'elle. Não é o organismo que produz a intelligencia: é intermediario d'ella. As mais essenciaes partes da organisação mudam e transformam-se; evolam-se-lhe as moleculas; os elementos que as compõem derivam e renovam-se á maneira de corrente. Desappareceu a identidade? Soffreu ella a minima quebra?

Vamos mais longe. No homem, digamol-o, não ha sómente materia organisada e viva, escrava de leis fataes e necessarias, submettida a exigencias que não póde prevêr nem dirigir. Ha ahi liberdade, razão, consciencia, faculdades vivas, sensiveis, operantes, provando-se mutuamente, e ao mesmo tempo profundamente distinctas da materia, incompativeis com ella, todas convergentes para uma só entidade; faculdades que são attributos exclusivos de substancia separada do corpo, simples como a percepção, e inextensa como o pensamento, e impalpavel e indivisivel como a vontade e o livre arbitrio; em uma palavra, alma.

Quando a morte chega, cessa o homem evidentemente de subsistir na fórma integral. Separam-se as duas substancias que o constituiam. Dissolve-se o corpo, mas não tanto que desappareça; divide-se em diversos elementos que persistem. A alma fica, por que, substancia simples, não póde dissolver-se; não ha sequer motivo para que ella fosse dispersa em partes, e dissolvida como o corpo morto, porque é indivisivel e inex-

tensa. O corromper-se substancia una e espiritual, seria formal contradicção nos termos.

Para os materialistas, que proclamam a eternidade dos elementos, e negam a existencia e intervenção divina, e que por isso não podem admittir, que uma soberana vontade intervenha na extincção da alma: para elles — se a alma tem natureza e propriedades distinctas do corpo, deve ella ser natural, necessaria e fatalmente immortal como qualquer substancia que não póde ser destruida. Segundo elles, e seus proprios principios, assim o quer a ordem das cousas: não nasce, não morre cousa nenhuma na natureza, nem sequer um átomo.

II. — Em segundo logar, pois que a alma, sendo substancia distincta, não póde morrer, com mais forte razão está destinada a sobreviver, se longe de ser subordinada aos sentidos, é sua soberana e dominadora. Sem duvida, é a materia instrumento que ella não póde dispensar, e quer a lei da natureza que, mediante a materia, todas as cousas lhe cheguem. Porém, sejam quaes forem a necessidade e habito que a constranja a servir-se d'ella, a alma tambem póde sobrepujar o corpo, com a superioridade de seus sentimentos e aptidões. Quando lhe é necessario, impõe-lhe o soffrimento, e prescreve-lhe o devotar-se; sacrifica-o á familia, á patria, á verdade, e á justiça; immola-o no altar da honra e do dever. Debaixo da profunda influencia do sentimento religioso, subjuga-o, rebate suas revoltas, vence os seus mais imperiosos instinctos, captiva-o, e lança-o vencido e submisso nas mãos de Deus. Ha casos ainda em que ella se desprende do corpo, pensa, opera independente,

como se quizesse fazer melhor sentir que não é subordinada nem medianeira. Taes são os convíncentes exemplos revelados pelos estranhos phenomenos do magnetismo e do extasis, em que a alma, recolhida em si, abstrahe do corpo, deixa-o como inutil, e, avoejando nas regiões superiores, parece despojar-se de todas as condições materiaes.

Prova outro sim a alma que não tem sempre necessidade dos sentidos para pensar. Se mesmo reunida ao corpo, ella póde só e sem medianciro, cumprir suas funcções intellectuaes, maior aptidão deve ser a sua para continuar as operações de sua propria natureza, quando a morte a separou do corpo. E então, porque ha de ella forçosamente seguir o destino do companheiro da sua vida terrestre?

Ir além d'estas intuições, e provar ao materialismo que o seu systema é insustentavel nos principios e consequencias; dizer-lhe que o repellem os sentimentos honestos e puros, por que elle não é mais que lei de instincto, interesse e prazer; arguil-o de supprimir o direito, a moral, a justiça, todas as consolações e esperanças; accusal-o de anniquilar as mais nobres faculdades do homem, liberdade e consciencia, e edificar o fatalismo sobre as ruinas da razão; redarguir-lhe que obscurece mais que nunca os mais elevados e temerosos mysterios, taes como a formação do mundo, o apparecimento da vida, a creação da intelligencia, a origem e fim do homem, a dôr e a morte; exprobrar-lhe emfim que nada affirma nem propõe, que é uma tristissima e contradictoria negação: que importa isto? e que vale o insistirmos?

Logo que demonstramos ser a alma uma substancia distincta da materia, com propriedades, acções, e vida á parte do corpo, superior, e dominadora d'elle, o materialismo está convencido d'erro.

De força está inherente á espiritualidade da alma a possibilidade da supervivencia; e esta só possibilidade irrefutavelmente lhe prova, contra o materialismo, a necessidade de sobreviver.

Não é isto ainda assim bastante para nós. A espiritualidade, por mais essencial que nos pareça, é, por nosso modo de vêr, um meio, uma faculdade, uma probabilidade da supervivencia da alma. Nós que crêmos em Deus, Deus creador, Deus conservador, nós que julgamos a duração de tudo, já qualidade, já substancia, uma creação continuada; nós que admittimos que a vontade justa e sabia do legislador fez só per si toda a lei, não duvidamos reconhecer que Deus poderia destruir nossa personalidade, deixal-a tornar ao nada d'onde a tirou, ainda mesmo substancia espiritual, e que, se temos penhor e certeza inexpugnavel, da vontade do supremo ser, a temos manifestada pela natureza que elle deu ao homem, pelo destino que lhe demarcou, pelas sublimes leis d'ordem moral que lhe impoz; em summa por suas palavras, das quaes elle nos deixou imprescriptiveis promessas. E esta confiança, sobranceira a todos os argumentos, victoriosa de todos os sophismas, repousa em nosso coração.

§. II

O MATERIALISMO NA QUESTÃO DA ALMA DOS IRRACIONAES

As considerações expendidas vão ajudar-nos a resolver uma questão, que, em diversos tempos, preoccupou grandemente os philosophos: a questão da alma dos irracionaes na sua maior ou menor relação com a intelligencia humana. N'este ponto, o materialismo julgou-se vencedor, e proclamou n'estes termos o seu triumpho: « Vós sois apenas animaes aperfeiçoados. Não podereis negar que nos animaes, tanto como em vós, não haja materia organisada e vivente. Crereis, pois, que elles tenham almas superiores aos phenomenos materiaes, distinctas dos sentidos, e, como substancias, essas almas sejam tambem immortaes? »

Sem duvida, não hesitamos em reconhecer que os irracionaes são mais que materia. Admiramos-lhe a força, a destreza, os trabalhos, o instincto, a symetria maravilhosa, a espantosa industria com que uns tecem seus alveolos, e outros construem seus ninhos, e estes edificam suas moradas ou minam suas luras, e aquelles estendem suas redes e prêam suas prezas. Aqui sentinelas vigilantes, além viajantes experimentados ou socios fieis, concertam suas marchas, suas acções, seus meios de ataque, ou de defeza. Que ingenho, que previdencia ostentam quando temem ou fogem do homem! Que submis-

são, que fidelidade, que ardor e coragem quando o servem! A's vezes, os exemplos que dão causam assombro, e os resultados que apresentam nos commovem e arrebatam. Como havemos pois de recusar-lhes uma substancia diversa do corpo, uma vida superior á materia, um ser distincto que reconhecemos no homem?

Duas opiniões desde já se nos apresentam, as quaes vamos remover depressa.

Uns, inferindo unicamente da espiritualidade a precisão da vida immortal, e recusando afrouxar o rigor de seus principios, não recuaram diante da consequencia que tiraram assim: se nos irracionaes ha mais alguma cousa do que matéria, as almas d'elles devem tambem ser immortaes. Os materialistas não teriam que responder a este argumento poderosissimo contra elles, e todavia extremamente fraco aos olhos da razão. Não, os irracionaes não podem ter almas destinadas a viver sempre. Quando eu mato um boi ou um carneiro, não offendo uma individualidade immortal; aproveito-me de meio e instrumento que a Providencia pôz á minha disposição. Se assim não fosse, vêde onde a logica poderia levar-nos: seria urgente admittir as almas dos animaes collocadas no infimo da escala dos seres, quando, para satisfazerem suas necessidades, mostram tanta habilidade e previdencia como os animaes superiores. Seria urgente admittir a alma d'uma formiga, ou de um mosquito, e ainda mesmo d'um zoophyto ou d'um mollusco; e depois descer até ás plantas, onde algumas encontramos que parecem ter sensibilidade e reflexão. A hera não escolhe a arvore que póde amparal-a? As plantas que temem calor ou frio não abrem ou fecham de ma-

nhã e á tarde as suas petalas, umas voltando-se aos raios bemfazejos do sol, outras escondendo-se aos seus ardores? E' desnecessario, para manter o homem no seu nivel, elevar até elle todas as creaturas; é desnecessario, para lhe affiançar sua immortalidade, prodigalisal-a a todos os seres.

Outros, acostados ao illustre nome de Descartes, chegaram, em extremo contrario, a negar aos animaes o minimo sentimento e intelligencia. Qualificára-os de simples authomatos, cumprindo operações puramente mecanicas; e o que nós temos em conta de sensações e paixões, a elles se affigurou jogo d'orgãos combinados com maravilhosa arte, resultado de concordancias em que a passagem de causa a effeito não deve ser admittida. E' esta outra explicação que não justifica a necessidade, e que a natureza das cousas desmente. Sim, os irracionaes tem uma faculdade intellectual distincta da materia, motora de suas impressões, e regulamento de seus actos; e até aqui, em bôa razão nada lhes impediria de serem immortaes. Mas elles não tem razão nem consciencia; e é por isso que morrem inteiramente. Por quanto não é só a espiritualidade que, no designio providencial de nossa creação, nos investiu de direito á immortalidade: é a razão e a consciencia reunidas á espiritualidade.

Cada ser deve seguir o destino marcado por lei de sua natureza. O homem, creado para conhecer a verdade mediante sua razão, e cumprir a justiça mediante sua consciencia, deve tender a conformar-se e reunir-se ao objecto infinito da verdade absoluta e da absoluta

justiça. Os irracionaes, creados para a terra, não podem ultrapassar um fim terrestre.

Quer os consideremos em si, quer os comparemos ao homem, vêl-os-hemos, por seu modo de ser e actuar, assignalarem com incontestaveis caracteristicos a missão que a natureza lhes outhorgou.

Primeiramente, considerados em si, a evidencia nos mostra que elles não tem pensamento nem consciencia. Operam em razão das sensações que recebem. Todos os animaes da mesma especie procedem uniformemente. Parece que se movem, não por discernimento, mas por paixão; não por calculo, mas por natureza [1]. A andorinha nunca variou o feitio da fabrica do ninho, nem a aranha o tecido da teia. Não fazem cousa que não seja resultado de uma impressão recebida nos sentidos, tendente a satisfazer necessidade ou prazer physico. Quando o corpo morrer, qual acção tem direito de conservar-se por sua razão de ser? Instinctos e prazeres tendem á conservação do corpo e reproducção da especie; todos os sentidos conspiram a um fim exclusivamente material e transitorio. Não seria até comprehensivel como os irracionaes se alheassem das coisas sensiveis. Não se desenvolvem além de certos limites, não transmittem mais conhecimentos adquiridos que os do seu fim natural; a experiencia nenhumas lições lhes dá: é que o seu destino restricto lhes foi antecipadamente determinado. O estado d'elles é sempre o mesmo; não innovam, nem inventam; como que obedecem a impulsos cujo motor não buscam intender, nem

1. Vej. S. Thomaz, Sum, contra gent., liv. II, cap. LXXXII.

modificar-lhe a força. São estranhos a toda a idéa geral. O mais industrioso em especial objecto, para se acobertar ou nutrir-se, é tão inapto como o menos intelligente, em obra que não seja a habitual dos seus instinctos.

Demais, se os cottejamos com o homem, quão maior é a evidencia do seu destino!

Sob o ponto de vista natural, são tão bem dotados como o homem, e alguns ha que o excedem.

« O cerebro do macaco — diz Buffon [1] — tem a mesma fórma e a mesma proporção que o do homem; e, todavia, não pensa. »

A mais boçal criança falla; o surdo-mudo cria uma linguagem gesticulada. O mais intelligente animal, aquelle que é dotado de orgão vocal quasi perfeito, como a pêga e o papagaio, não poderá nem quererá exprimir-se com mais vantagem que os animaes da mais incompleta structura; não é o orgão, que lhes falta: é a razão; não é o instrumento: é a faculdade exercitativa.

Muitas vezes, o irracional é superior ao homem nos meios que emprega para satisfazer as necessidades presentes; mas não domina, não combina, não se apropría cousa alguma. O homem, com um raio de intelligencia, submette os elementos; descobriu o fogo que não existia naturalmente á superficie da terra; e, n'este só facto, fundam os philosophos modernos a prova da superioridade do homem. O animal, que tambem sente frio, que vê o homem extrahir o fogo, que o não accende, mas se aquece n'elle, nunca teve a idéa de lançar á fogueira lenha para alimental-a.

1. Hist. nat., t. IV, p. 61.

Mas, no sentido moral, é que a distancia se alarga illimitadamente.

As aspirações do homem transpõem este mundo. O animal não conhece, nem vê senão materia.

O homem distingue o bem do mal; deixa-se scientemente arrastar do vicio; ou pratíca nobremente a virtude. O animal opera, imitando ou por medo, sem levissima noção moral de seus actos.

Os animaes não tem consciencia da morte; não a antevêem nem temem, e o terror que lhes ella possa incutir não é senão horror mecanico, inspirativo da natureza, por interesse de sua conservação. Só o homem sabe que ha de morrer; tem a idéa de sua destruição terrestre; eleva-se superior a ella, subindo ao infinito.

Não conhece o animal o sentimento mais fecundo e nobre: o sentimento religioso: carece da noção de Deus. O homem, com aquelle profundo sentir que só elle possue, assume caracter particular, distinctivo, incommunicavel.

N'uma palavra, o animal póde ter dexteridade, força, instinctos em grande copia; mas jámais terá pensamento, palavra, consciencia, tres faculdades que collocam o homem superior a todos os seres animados, e o tornam como participante da natureza divina.

Rousseau, com aquella sophistica eloquencia, cujos golpes ferem alternadamente amigos e adversarios, exclama: « Que! eu posso observar, conhecer os entes e suas correlações; posso sentir o que é ordem, belleza, e virtude; posso contemplar o universo, e elevar-me á mão que o dirige; posso amar o bem, pratical-o, e hei de comparar-me aos irracionaes! Alma abjecta, é a triste phi-

losophia que te emparelha com elles; ou és tu que em vão te queres envilecer! A tua indole depõe contra teus principios; teu bemfazejo coração desmente-te a doutrina, e propriamente o abuso de tuas faculdades prova, a pezar teu, a excellencia d'ellas! »

Assim protestam contra o materialismo os sentimentos honestos e sãos instinctos da humanidade. Systema é esse de tal arte avêsso a tudo que os homens respeitam, honram, esperam, e admiram, que, se em certas épocas de aberração, foi ignominiosa gloria professal-o francamente, quasi sempre os seus adeptos tiveram bastante pudor para desconfessal-o e envergonharem-se. Systema até certo ponto explicavel nos antigos tempos de ignorancia e trevas, quando o homem, desgarrado de seu caminho, se achou a braços com as forças brutas da natureza; agora, porém, no tempo das nobres idéas e grangearia d'altos conhecimentos, seguil-o é symptoma de abjecta rusticidade. Systema, finalmente, que está refutado pela absurdeza de seus principios, degradação de suas consequencias, e muitas vezes pelo só nome e desmoralisação de seus fautores e sectarios.

CAPITULO II

PANTHEISMO

Tão antigo, mas muito mais derramado que o materialismo, o pantheismo offerece uma das mais contradictorias doutrinas com o verdadeiro principio da immortalidade.

Systema de rigoroso aspeito, these apparentemente grandiosa, seduziu em todas as épocas certos espiritos, a um tempo, fracos e temerarios; e ainda hoje em dia se faz sentir sua influencia sobre intelligencias mescladas de pusilanimidade e ousadia. A imponente magnitude da natureza, o mysterio insondavel da creação, o quadro das leis immudaveis e irresistiveis do universo, nas quaes, ou vivo ou morto, parece desapparecer o homem, todos estes véos sombrios que nos envolvem, escondendo a certos philosophos dos antigos tempos, a muitas nações orientaes, a alguns sophistas modernos, a vista da causa soberana, unica, e independente e infinitamente sabia, os engolpharam na voragem fatal do pantheismo.

Renovada em diversas épocas, a doutrina pantheista, desde os tempos primitivos, muitas vezes se transfor-

mou. Más ou ella seja professada debaixo do nome de alma do mundo [1], ou se chame spinosismo, philosophia da identidade ou da natureza, permanece o mesmo principio sempre, com mais ou menos habilidade desenvolvida em suas exposições e consequencias.

N'este systema, tudo é Deus; Deus é extensão e pensamento, espirito e materia, causa e effeito. Uma só substancia que em si contém seu principio e fim, abraça os tempos e os espaços, contém os modos e os attributos, encerra e possue as pessoas e as cousas. Tudo existe por ella; é ella a causa immanente de tudo que existe. O universo é a sua manifestação infinitamente variada. O corpo do homem, é um fragmento da extensão, o espirito é uma porção do pensamento divino. No seio d'esta unidade absoluta e soberana, a fatalidade domina as vocações, as vontades, os movimentos e os actos. A necessidade na ordem material, na ordem espiritual, na ordem moral, produz e governa tudo, assim a natureza bruta como os seres organisados, assim as sociedades como os individuos, assim as leis como os costumes.

Ha mais ainda. A unidade que tudo contém, a uniformidade em que tudo se confunde, no entender d'alguns, chega a estabelecer identidade absoluta entre coisas contrarias, a tal ponto que, infinito e finito, o ser e o nada, o numero e o zero, a vida e a morte, são uma só coisa; são partes d'uma mesma totalidade indistincta e indivisa.

Segundo esta doutrina levada assim ao apogeu do ni-

1. A maior parte dos pythagoricos e estoicos, sectarios da alma do mundo, representavam o universo como um ser animado, cuja alma era Deus, e os differentes corpos, terra e astros, eram membros.

vellamento e absorpção, sob o effeito d'esta lei geral que reina soberanamente, o homem está sugeito á mesma necessidade, e envolvido nas mesmas evoluções do mineral e do vegetal. Logo por tanto ficam destruidas as bases da consciencia, e pelo conseguinte, da vida futura. O livre arbitrio desapparece com a vontade individual onde reside. Regra moral não ha nenhuma; ninguem fez a lei, ninguem a recebe. Legislador e subdito é tudo o mesmo, confundidos n'um todo, não ha ahi subordinação nem responsabilidade. O dominio e a soberania é o fatalismo. O oceano que os une e absorve, não tem fundo nem praias.

Tambem nos não pertencem, nem a vida, nem o destino. Formamos uma parte inseparavel da vida divina. Como quer que a totalidade mais absoluta seja Deus, somos nós portanto os pensamentos da sua intelligencia, os movimentos do seu corpo, os phenomenos de sua vida. O que em realidade suppúnhamos ser nosso, como existencia, pessoa, destino e consciencia, não é mais que fórma emprestada, com apparente valor.

Apertado assim n'um circulo de ferro que me comprime, attributo necessario d'um ser que não tem sobre mim poder algum, nem eu sobre elle, não podendo adoral-o por que nada póde, nem servil-o por que não tem jus a isso, sendo eu mesmo um Deus, senão de gloria e felicidade, pelo menos de miseria e dôr, que tenho eu que esperar se acima de mim nada ha? A quem chamarei, se eu sou o fim de mim mesmo? Quem me arrancará da morte, se o morrer é uma fórma tão bôa e essencial como a vida? Quem me restituirá a minha personalidade, se o mundo, descuidado dos individuos, dos

actos, crenças e deveres, continúa e continuará eternamente a sua evolução irresistivel? Que direito finalmente tenho eu de queixar-me, se na vida universal apenas sou um animal que morre, pedra que se desfaz, arvore que se decompõe, e que, pelo mesmo titulo, pedra e animal e arvore, juntamente comigo, fazemos parte da substancia divina?

Mas — diz o pantheista — transforma-se tudo, nada morre no mundo, nenhum átomo se extingue. Logo o homem é eterno, e não poderá desapparecer. Sim, effectivamente o corpo não morre todo. Suas partes divididas reunem-se aos elementos que entram na recomposição geral das coisas da natureza. Mas, chamaes vida áquella propriedade que o cadaver tem de decompôr-se e formar novos seres? E' isto mesmo que os homens denominam morte. Que nos importam palavras e o sentido que lhes dão? Que nos importa a nós que novas plantas germinem com os despojos de nosso corpo, que novos mineraes se organisem e que uma nova ordem de coisas ou pessoas recomece? O mesmo se dá com a alma. O pantheismo a declara immortal da mesma maneira e com as mesmas condições! Se, ao separar-se do corpo, ella se imbebe na substancia immensa e universal, se ella se abysma na essencia divina sem consciencia de vida, do sentimento de sua identidade, da memoria de seus actos e de si mesma, isto não é sobreviver, é exactamente morrer. Debalde redarguis, que ella conserva ainda não sei que de substancia abstracta que não sabeis explicar nem definir. Como quereis que possa permanecer aquella especie de substancia indeterminada? Pois se é uma só a substancia universal, isto é, Deus,

ao reunirmos-lhe nossa substancia particular, é perdêl-a para sempre. E ainda isto não é ajuntar alguma coisa ao ser divino que em si é unico : é o absorvimento de uma fórma contingente na substancia absoluta ; é uma mudança de modo na essencia infinita, sem que ella ganhe ou perca. Pelo que, esta vida para a alma é a morte, tal fusão é anniquilamento. Depois do que, nada mais ha, nem consciencia da pena ou do prazer, nem idéa de castigo ou recompensa.

E de mais, que nos faz a nós que a substancia universal seja inerte ou activa, que pense e viva por nós? O grande caso é que nós em corpo e alma desapparecemos, e se a natureza nada perdeu, nós perdemos tudo. Na collectividade das coisas nada morreu, mas para o individuo acabou tudo ; porque a vida é o *eu*, e o *eu* deixou de existir.

Esta consequencia salta da definição que dá o pantheismo á alma. Segundo elle, a alma humana é a *idêa* do corpo humano. Quando o corpo humano morre e se decompõe, com elle se vae fatalmente a sua idêa. A esta conclusão é forçado o chefe do pantheismo, quando diz : « A existencia presente da alma, e sua potencia imaginativa acabam, tão depressa a alma deixa de affirmar a existencia presente do corpo [1]. »

Illusão e sophisma é o que o pantheismo nos dá. Muda o sentido ás palavras, transfigura todas as noções, menospreza a experiencia, razão e bom senso.

Intimamente sentimos nossa imperfeição e fraqueza ; vem um pantheista, e assevera-nos que somos parte de um todo perfeito e omnipotente. Somos soffrimento e

1. Spinosa, da alma schol. da prop. XI.

angustia, bem que pertençamos a um todo feliz e harmonico. Praticamos o mal, mas somos partes integrantes do supremo bem. Morremos, mas entramos n'um todo immortal a que os nossos elementos vão reunir-se, bem que desconhecidos e inuteis para nós. Desapparece a nossa vida, mas a quantidade geral da vida não diminue. O Deus, cujos membros somos, sem o sentir nem o saber, é ao mesmo tempo prazer e dôr, verdade e erro, força e fraqueza, formosura, justiça, suprema virtude, e ao mesmo tempo um complexo de todas as fealdades, vicios, monstruosidades e crimes.

N'este cahos, não ha idéas, regras nem principios. Nem Deus nem o homem é livre, porque em uma substancia unica não podem co-existir duas liberdades differentes, e o producto de duas vontades necessariamente se anniquila. Personalidade espiritual ou corporal toda se esvae, porquanto, se os modos são diversos, o ser é um só, e tudo que subsiste no pensamento e na materia, no mundo sensivel e no sobrenatural, não é senão aspecto da soberana existencia, fragmento da vida divina. O homem, particularmente, não póde pretender a considerar-se um ser ou causa, porque não é mais que uma successão de phenomenos.

E' supprimida a lei, porque não ha quem mande nem quem obedeça. Naturezas iguaes não podem admittir primazias entre si, nem imposições de deveres.

Cessa finalmente, e torna-se impossivel a moralidade, porque não ha bem nem mal, e todo o acto e pensamento é a modificação da essencia divina. As desordens, as villanias e infamias, postas fóra de qualquer castigo, a justiça e virtude exautoradas de seus meritos

e glorias e recompensas, uns e outros são o fatal e illimitado desenvolvimento da substancia unica, sem diversificarem dos movimentos da nossa esphera e dos phenomenos da universalidade dos mundos.

Justissimamente os homens qualificaram de impio, e confundiram com atheismo este systema. E' certo qúe, para dar tudo a Deus, tudo lhe tiram.

Para lhe dar universal poder, impõe-lhe uma radical impotencia. Supprime-o : isto é que é o real. Impossibilita-o até ao extremo de lhe não deixar uma só qualidade, nem um sentido adequado ao seu nome.

O mesmo acontece com a humanidade : tira-lhe tudo de que pendiam a honra e direitos d'ella. Espessa as nuvens que a rodêam e obscurece-lhe os mysterios. Justifica todas as inclinações, destruindo a razão da lucta.

Tira os motivos ao soffrimento, identificando-o com a natureza divina. Deixando porém entregue o homem á realidade do combate e da dôr, supprime-lhe a esperança e a recompensa. Para fazêl-o Deus, sequestra-lhe tudo que póde eleval-o, sustental-o, e consolal-o como homem : consciencia, vida moral, religião, e immortalidade. Em uma palavra, annulla-lhe a acção n'esta vida para lhe destruir a personalidade na outra.

Um espiritualista moderno resumia n'estas palavras a essencia do pantheismo : « A immortalidade que nutre as esperanças do genero humano, a que a alma religiosa pede á bondade divina ; a immortalidade que levanta o fraco e o desgraçado irradiando sobre sua miseria actual o reflexo consolador d'um melhor destino, é a immortalidade da pessoa ; que o genero humano não conhece duas

especies de immortalidade d'alma. Para elle, a morte da consciencia é a morte de tudo [1]. »

O unico ensinamento fecundo que o pantheismo deixa, é fazer vêr a luz de suas contradicções e absurdos, que se Deus livre é a melhor explicação do phenomeno da creação, a vida futura é o desenlace mais plausivel dos problemas da vida presente ; e que na magnifica e grandiosa collecção de verdades a que o bom senso e a experiencia do genero humano presta culto, o principio melhor fundado em suas premissas, e o mais logico em suas conclusões é ainda aquelle que proclama Deus creador, e o homem, immortal.

1. Saisset, introd. ás obras de Spinosa. — Veja, como refutação mais completa do pantheismo, o mesmo auctor, Ensaio de philosophia religiosa, J. Simão, a Religião natural.

CAPITULO III

METEMPSYCOSE

O HOMEM, investigando esforçadamente a verdade que elle queria conhecer, incerto de sua origem, e inquieto por amor do seu fim, quiz por vezes elevar-se acima dos systemas e instinctos materiaes. Impellido pelo desejo de explicar sua nativa fraqueza, sua inclinação ao mal, suas imperfeições, e futura sorte, e ao mesmo tempo a bondade e justiça de Deus, foi pedir a uma theoria menos grosseira, á metempsycose, a solução do seu problematico destino. As mais antigas nações, egypcios e indios, os mais eminentes philosophos, Pythagoras, Platão, e Plotino, ligaram-se mais ou menos áquellas doutrinas que os commentadores arabes, com Averrhoes abraçaram na idade media, e muitos utopistas [1] remoçaram em nosso tempo.

Segundo este systema, não é a vida terrestre a unica

1. Fournier com a sua escóla, e depois Jean Reynaud.

provação que temos de soffrer. A existencia total do homem compõe-se d'uma cadêa de provações, e transformações indefinidas. Qualquer que tenha sido o seu proceder, não tem que passar por penas eternas. As almas criminosas tem sempre a liberdade de se arrependerem e expiarem suas culpas. As almas justas, nas phases posteriores a que estão sugeitas, tambem podem decahir de sua justiça resvallando ao mal. Pelo que, segundo a graduação do seu merito adquirido ou perdido em cada vida successiva, as almas sobem e descem os diversos degráos de intelligencia, virtude, e felicidade.

Taes são as idéas communs de todos os sectarios do dogma da metempsycose.

O maximo numero d'elles, passando para áquem da presente vida, crêem na preexistencia das almas, e collocam a vida terrestre, já não na origem, mas em meio das transformações que cada existencia está destinada a operar. Admittem muitos que, primordialmente existiu uma vida ideal e superior de que as almas actuaes cahiram por sua culpa.

Outros, descuriosos da vida anterior, passaram além da vida presente, e admittem: ou que as almas, após certo numero de provações, alcançam a vida beatifica para sempre; ou que nunca deixarão de serem provadas, atravez d'uma cadêa de transformações eternas, sem paragem nem fim.

Sem duvida estas engenhosas opiniões podem assignalar um progresso sobre o materialismo ; mas por isso não deixam de ser menos inacceitaveis, e contrarias ás noções da immortalidade, sendo que não offerecem nenhuma

séria solução, e se despendem em hypotheses estereis e infundadas.

De feito, o essencial principio sobre que assenta a metempsycose, — principio que não podem deixar de reconhecer mórmente aquelles que admittem vidas anteriores — é a ausencia da memoria em cada uma das provações que atravessam as almas. Aqui está um principio que importa a redonda negativa da immortalidade: redul-a a uma vã palavra, e o mesmo é destruil-a. Em verdade, os partidarios da metempsycose, a maior parte dos philosophos espiritualistas consentem na immortalidade da substancia; mas ao mesmo tempo a tornam illusoria, tirando-a ao individuo que elles supprimem. E' que a personalidade acaba logo que elles lhe tiram a faculdade de recordar-se. Não ha differença entre dous seres que vivem um depois do outro, e o mesmo ser que persiste modificando-se, mas sem consciencia de sua identidade. Já não é a mesma vida que se continúa: é um ser novo, uma vida nova que principia a cada provação.

Que monta pois que seja a mesma substancia que permanece? A substancia que é, senão uma chimera, um vazio de sentido, um puro nada, quando com a vida se lhe separa o pensamento, a consciencia, a memoria e o sentimento da identidade, quer dizer, todos os attributos que a caracterisam?

Que, depois, consoante a diversidade das hypotheses, revivamos com outra fórma humana, ou entremos em corpos d'animaes collocados em degráos mais ou menos elevados na escala dos seres, ou que, por conjectura mais engenhosa ou mais brilhante, sejamos trans-

feridos a outras espheras, e nos convertemos em meteóros que resplendem nos horisontes, ou nas estrellas que scintillam no firmamento, e que d'est'arte, subamos de mundo em mundo atravez das regiões incommensuraveis do espaço, o resultado vem a dar no mesmo, porque nos extingue. Que nos importa a nós, os que, a esta hora, vivemos e sentimos, termos sido ha mil annos planta ou mineral, espirito ou materia? Que nos importam essas metamorphoses todas que, sem sentimento nem sciencia, havemos de passar, já animal da terra, já passaro do ar, agora habitante do globo, logo astro do firmamento, depois cidadão d'uma esphera celeste? Não teremos nada commum comnosco mesmo. Um novo ser poderia sahir de nosso espirito ou corpo. A idéa, o *eu*, teria desapparecido. Ora a memoria é antes de tudo que fórma e justifica a personalidade.

Diz-se porém, que na vida actual, a molestia, a desordem dos orgãos, póde eclipsar a memoria, sem que a entidade padeça? De certo. Mas em tal caso, que fica sendo o homem? Descáe na demencia ou na morte, na destruição do corpo ou do espirito; além de que, se a causa momentanea e extra-natural que lhe avexava o pensamento vem a remover-se, o effeito cessa logo: a memoria recobra-se completa com a vida e intelligencia.

Insistem e dizem: a alma, perdendo uma de suas faculdades, tanto póde permanecer a mesma, que vós, pretendendo n'outra vida, determinar-lhe definitivamente o destino, depois d'uma só provação, lhe tiraes ao mesmo tempo, a faculdade do merito e demerito n'esta vida, isto é, o livre arbitrio, e não obstante, pretendeis não attentar contra a identidade da pessoa.

Entretanto, no vosso proprio systema o homem deixava de ser o mesmo ser, logo que o privastes do principal entre os seus attributos, tolhendo-lhe a liberdade.

Objecção speciosa, que tem facil resposta.

Deus, o Ser por excellencia, não possue a plenitude do livre arbitrio, bem que elle não possa augmentar nem diminuir seu merito e gloria, bem que elle não queira nem possa querer senão o bem? O livre arbitrio será tirado ao homem n'este mundo, pelo facto de lhe não ser licito negar o explendor do sol? Pela mesma razão, elle ficará completamente no céo, onde poderá amplamente exercitar-se na legitima escolha e discernimento dos gosos. Não serão as almas então as mudadas, serão as condições e circumstancias de sua nova vida; e o livre arbitrio lhes ficará sem que ellas possam applical-o em sentido inverso ao seu sublime destino. Os bemaventurados que virem e gozarem o bem, não poderão inclinar sua vontade ao mal; os reprovados, engolphados no mal, não poderão querer o bem, que não podem alcançar, e que só hão de vêr, como pezar e desesperação irremediavel.

Ao passo que, a metempsycose d'este modo allue desde os alicerces o principio da immortalidade, não é mais feliz quando trata de designar o termo proprio que seus adeptos se propoem. Se elles querem que ella seja um castigo, se, no entender d'elles ella serve de expiação ás faltas d'uma vida precedente, se a distincção, supprimindo a theoria christã da culpa original, a dar conta da queda do homem na terra, o castigo que ella impõe cessa de ser justo, applicado a uma alma que perdeu a memoria, na qual já não ha consciencia da sua

condição anterior, nem sabe porque soffre, nem por que é castigada. O merito ou demerito passado desappareceu, vicio ou virtude d'outra existencia, sumiu-se com o sentimento da personalidade.

Entrará alguma vez no espirito d'um desgraçado que elle está soffrendo na terra um justo castigo, por que n'um outro mundo, e com outro nome, e em virtude d'uma lei abolida, com uma outra fórma que não se sabe qual foi, elle perpetrou um crime de que elle não tem consciencia nem remorso?

Porém, se a razão do homem, em nome da justiça, repelle semelhante castigo, menos poderá admittir o acabar-se a felicidade merecida e adquirida. E' que, pela triste logica do systema, para abolir a eternidade das penas foi necessario igualmente renunciar á eternidade das recompensas.

Claro é que, segundo a metempsycose, quem mereceu o premio, e se acolheu ao seio de Deus, e gosou sua presença, perdeu a felicidade! Chegado ao ponto em que todos os desejos do homem se satisfazem, eil-a perdida, a felicidade!

Mas o natural sentimento que nos impulsa áquelle supremo destino, cumprir-se-ia, se, depois de conhecermos a felicidade, receassemos perdel-a, e não tivessemos certeza de possuil-a infinitamente? Isto não seria felicidade se lhe temessemos o fim, e o receio contrabalançaria o goso.

E, demais d'isso, d'onde nos ha de vir a privação? Seria preciso que Deus nos tirasse o que nos deu, mudando sem motivo de resolução a nosso respeito — pois que no céo, e em presença de suas perfeições, seria im-

possivel nutrirmos o pensamento de offendel-o — ou então cessamos nós de querer ser felizes: supposição não menos impossivel; por que seria impossivel a saciedade onde não houvesse fadiga ou dissabor. Sobranceiros a toda a mudança, em virtude da elevação de nossa natureza, quanto mais virmos Deus, mais a elle nos havemos de unir, mais saborearemos as suas perfeições sublimes, menos possivel será o apartarmo-nos [1].

Com ardente convicção, isto exprimia um grande sancto que ao mesmo tempo foi um dos maiores philosophos [2]. Impugnava elle aquella mesma doutrina, que reapparece, como todos os erros, nas diversas phases da historia do mundo. E exclama: « Que piedoso ouvido poderá sem indignação consentir que lhe digam que, depois de termos acabado por entre os mais tristes infortunios o transito d'esta vida, após longa carreira de agonias e provações ter sido fechada pelas expiações da sabedoria e da verdadeira religião, já quando, emfim, exalçados á presença de Deus, nos fôr permittido gosar a bemaventurança em contemplação d'aquella incorporea luz e immudavel immortalidade, cujo amor já n'este mundo nos abrasava, consentiremos dizerem-nos que teremos de renunciar um dia a tanta gloria, e cahir do fastigio da eternidade, da verdade, e da felicidade, para voltarmos ao carcere d'esta mortalidade abjecta, d'esta vergonhosa ignorancia, d'esta triste escuridade em que perderemos novamente Deus, procurando venturas em puros charcos... Deploravel demencia! Quem ha de ouvil-a! quem ha de crêl-a! quem poderá soffrel-a! »

1. S. Thomaz, Sum. contra gent., lib. III, cap. LXII.
2. Sancto Agostinho, Cidade de Deus, liv. XII, 20.

A metempsycose, como todos os systemas imaginados pelos homens, vae a pique nas mesmas restingas de que procura fugir. As suas soluções, em vez de simplifical-os, enreda os problemas; de modo que os proprios argumentos d'ella contra si revertem. Premida pelas difficuldades que a cercam, é apertada por este dilemma de que não póde escapar-se:

Se as transformações porque ella faz passar a alma, duram sómente certo espaço de tempo, porque é que não se prolongam, ou não terminam mais cedo? Em ambos os casos, o termo que se lhes assigna é arbitrario e sem fundamento. A ultima provação será sempre a decisiva, e incorrerá na mesma censura que se faz á prova unica; e não seria então melhor ficar simplesmente na primeira, sem embaraçar-se n'uma serie mais ou menos numerosa de transformações?

Se, ao revez, a passagem d'um corpo a outro, de provação a nova provação, d'um mundo a outro differente, deve prolongar-se até o infinito, segue-se que nunca ha de encontrar-se o fim, teremos uma eternidade de caminho em vez de uma eternidade de repouso, eterna lucta em logar de eterna recompensa.

A esta segunda hypothese é que prende a escóla moderna. « Não póde haver fim ás provações das almas; hão de passar successivamente a corpos novos durante a eternidade » — diz um philosopho contemporaneo [1], recusando vêr quanto é mais simples, natural e logica a eternidade christã, em comparação d'uma eternidade sem descanço, sem fixidez, nem fim.

No que diz respeito á moral, a metempsycose offerece

1. Jean Reynaud, Céo e terra.

consequencias repugnantes. Priva de sancção a lei, sem exceptuar a natural. Despoja o bem e o mal d'aquelle caracter absoluto, que marca, ao mesmo tempo, seu antagonismo e realidade.

Em tantas vidas successivas por que o homem deve passar, não póde, quando lhe praz, sacrificar uma d'ellas á satisfação de seus mais depravados appetites, ao despotismo de suas mais grosseiras paixões? Se o mal o seduz, se o gozo sensual o fascina e arrasta, deixal-o ir á sua vontade! O que elle tem a fazer é um calculo; o que perder póde rehavel-o; na provação seguinte, terá ensejo de encontral-o. O peior que póde acontecer-lhe, será, atravez das muitas vidas que ha de viver, ir indo de queda em queda, até elle mesmo achar que é tempo de subir do abysmo, ou então ir indo mais devagar até á extrema em que tem de bater cedo ou tarde. E n'estas duas hypotheses, póde o vicio, sem grande pena, dar-lhe pabulo aos seus desejos e augmentar-lhe as faculdades do gozo. Ao mesmo tempo, que os virtuosos não hão de ter estimulo que os anime, salvo uma recompensa indefinida, hypothetica, transitoria, a qual, em cada provação, póde deixar cahir o justo do ponto a que elle tinha subido.

Por derradeiro, pelo que toca á vida presente, a metempsycose que é, senão uma doutrina fatalista, uma consagração de todos os exitos, um desafio ultrajante á desgraça? Vós que tendes quinhão de amarguras n'este mundo, soffrei; é porque peccastes antecipadamente. Porque vos panteaes? Deveis soffrer, recebestes o que havieis merecido; a dôr é o vosso salario. Em quanto aos ricos, em quanto aos felizes d'este mundo, estão no

seu direito de gozar; a felicidade é-lhes uma recompensa legitima. Os bens d'esta vida são a parte mais solida da sua remuneração.

Deixal-os gozar a seu talante! Loucos seriam elles se arriscassem as suas delicias a favor d'aquelles que não foram dignos d'ellas. Antes de mais nada, tratem de as conservar. Se do alto de sua prosperidade e grandeza, insultam e desprezam os outros homens, fazem muito bem, o direito da felicidade é exclusivo d'elles. A piedade, a sympathia, que poderia commovêl-os do infortunio de seus semelhantes, e leval-os a um rasgo de beneficencia, isso seria quasi uma injustiça: não podem ir desarranjar uma ordem de coisas regular e legitima.

Está julgada a metempsycose por estas consequencias. Summariando: é um systema que derranca a moralidade n'esta vida, arranja chimeras para idear existencias anteriores; e, na serie de transformações futuras, dissaborêa á virtude, supprime o temor do castigo, torna inutil a supervivencia, e illusoria a immortalidade.

CAPITULO IV

O SYSTEMA DO PROGRESSO CONTINUO

PARECE que o espirito humano, construindo, destruindo, e reformando theorias, ensaiou todas as tentativas no proposito de privar o homem de seus immortaes destinos.

Eis-aqui um systema, que, sem negar um fim á vida humana, faz que esse fim desça do céo á terra, e transfere-o do homem á humanidade. Dá ares de pertencer ás modernas escólas; e, em verdade, é coevo dos antigos erros. Separado ou unido, admitte os instinctos do materialismo, as transformações omnímodas da metempsycose, o absorvimento individual do pantheismo. Emparelha, portanto, com as aspirações sensuaes que desviam o homem de seus superiores horisontes, e o entregam aos impulsos da materia para se aperfeiçoar, dão-lhe as delicias em vez dos deveres, dão-lhe ao corpo a supremacia, e aconselham-lhe a utilidade em vez da verdade e da justiça.

Conformemente a systema tal, o homem, não tem para que anhelar vida futura, se o seu destino é todo terrestre. No globo é que está o céo, não é fóra do

mundo. Aqui é que o homem cumpre sua missão, e gira no circulo dos seus destinos. Aqui morre, e aqui renasce. Aqui está, e estará sempre. Ao desapparecer d'aqui, logo se transfigura. E, entrementes, a humanidade lá vae indo seu caminho. A vida geral, cada vez mais esclarecida e feliz, manifesta-se nas differentes vidas de cada homem, e nas successivas vidas de cada geração. Nenhum ser se extingue, nem transporta a outro ponto. Cada homem é humanidade; cada existencia pessoal coopera e aquinhôa do geral aperfeiçoamento. As miserias do presente são as sementes do porvir. As dôres particulares, os soffrimentos locaes, os affectos individuaes, as imperfeições nada são em presença do progresso que se realisa incessantemente, e da perfectibilidade que se desenvolve e adianta. Ou melhor diremos tudo é bom, tudo é justo, é tudo verdadeiro, por que todas as coisas conspiram ao fim. Prazeres, fraquezas, egoismo, e até os vicios nada empece á marcha da humanidade. A final, como corôa do systema, a religião que nos dispensa de futuro, recolherá a herança de todas as theorias, de todos os dogmas, factos e idéas. Novos entes, reproducção das gerações precedentes, sempre melhoradas, cada vez mais felizes, e progressivamente aperfeiçoados, hão de ser os fieis d'aquella religião que tem de abranger um dia o universo.

D'este modo, a religião que nos promettem nada terá, Deus nem culto; a fatalidade será a lei unica, a terra o fim unico, o homem será ao mesmo tempo idolo, adorador e pontifice.

Apresentam-nos, pois, por alento e guia, um systema no qual se desconhece a decadencia da especie, e a res-

ponsabilidade do individuo, e os meritos pessoaes: systema em que a humanidade progride, levada por irresistivel attracção, tanto na pequenez como na grandeza, na cobardia como no egoismo, nas paixões brutaes como nos instinctos nobres. Tudo é necessario e legitimo. Não ha mentira nem verdade, nem virtude nem crime. Tanto vale Nero como S. Paulo, verdugo e victima, atheu e crente, scelerado e justo, importa o mesmo. Cada qual conduz fatalmente a sua parte ao progresso. Seja qual fôr o caminho, o homem segue a natureza por guia. Poderão offerecer-lhe em seu caminho o bem, dizendo-lhe que é seu interesse ser virtuoso. Mas isto é o raciocinio de Epicuro; mas se elle se acha feliz na agitação do vicio, quem o forçará á quietação da virtude? « Debalde se dirá que o homem, entranhado na humanidade, se empenha no progresso do ser collectivo cuja parte elle é; que se ame a si amando seus irmãos; se os desama, a si se prejudica; se os despoja, empobrece-se; bem que exteriormente rico é pobre no fundo da alma; creado para amar seus semelhantes, mutila-se amando só as coisas; creado para conhecer e sentir, deixa soffrer o ente em si, se se priva d'aquelle sentir e conhecer; que ainda mesmo não sentindo a dôr não está seguro de não soffrer [1]; e que por consequencia, o interesse proprio deve leval-o a evitar o mal e praticar o bem. »

Triste subtileza que póde acabar por enganar aquelle que a inventa, mas que não logrará ninguem, nem conterá o soberbo, o ambicioso, o malvado! Calculo vão

1. Pierre Leroux. Da humanidade, p. 184.

que tende a justificar indistinctamente as acções, tornando cada juiz interessado em sua propria causa, e arbitrio para optar entre as consequencias que o mal lhe acarreta durante a vida, e as outras que, mais tarde, poderá sentir collectivamente como humanidade!

Assim privada a lei, caracter e sancção, acabou-se a possibilidade da vida futura, pelo menos na accepção que a lingua vulgar dá áquella palavra. O homem, sem o saber nem querer, concorre a um fim em que é absorvido, e perde a individualidade. As partes deixam de ter valor intrinseco; o todo sómente é digno de consideração. Cessam de existir as pessoas; fica simplesmente a communidade. E' supprimido o real para ceder o logar ao ideal, desapparece o ser, e a vida passa ao symbolo.

Podem os homens ser ignorantes: que importa? Fazem parte d'uma humanidade prenhe de sciencia universal. Podem ser desgraçados: que importa? A humanidade, que os encerra, trasborda de esperança e felicidade. Hão-de morrer: que importa? A humanidade não morre. O todo, por tanto, contém o que nenhuma das partes contém: luz, bem, felicidade, immortalidade. E' o homem, com razão e consciencia individual, sacrificado á generalidade que não sente nem vive pessoalmente. Morrem os membros, em honra d'um corpo imaginario, que de existencia só tem o nome.

Se o systema progressivo e humanitario cahe, como principio, não ha sustental-o melhor em presença da historia e dos factos. Não ha observação verdadeira que nos mostre a humanidade seguindo caminho indefiniti-

vamente progressivo, de luz a luz, de virtude a virtude, de perfeição a perfeição.

Percorramos os annaes do genero humano, desde a sua origem; examinemos o estado physico, intellectual, e moral do homem nas differentes épocas historicas, e avaliaremos o caracter da progressão continua, que alguns attribuem á humanidade. Por onde quer que o homem passou, encontraremos luctas, victorias, derrotas. Diversos serão os resultados; veremos os bens confundidos com os males. Aquillo mesmo que os utopistas proclamarem o exito feliz, e saudarem chamando-lhe progresso, a experiencia dos antepassados lhe chamará decadencia e degradação.

Os multiplicados e invariaveis aspectos dos factos não se ajustam ao systema absoluto e rigōroso.

E' certo que, debaixo do ponto de vista material, temos visto realisarem-se maravilhosos phenomenos. Magnificas invenções, ás quaes prestamos homenagem, modificaram vantajosamente as condições corporaes da vida. A época actual conhece muito melhor os processos do bem-estar; gosa com mais requinte as delicias da vida. Descobriu remedios desconhecidos. Prolongou a existencia d'algumas crianças debeis, e augmentou em certo numero d'annos a quota da vida media. Deu balsamo a alguns soffrimentos, e fez desapparecer alguns males. Mas, somos nós acaso mais fortes, mais vigorosos e melhor constituidos? Ferem-nos menos as dores pungentes? Soffremos menos agonias na enfermidade? A morte com os seus horrores, acaso nos fulmina menos em todas as idades, classes e posições? Ganhou-se alguma coisa, em força, resistencia e vitalidade? Perguntêmol-o

a nossos paes; e sem investigar os poderosos effeitos da natureza primitiva, ousaremos dizer que, pelo que toca ao vigor corporal, estamos ao nivel de nossos avós de ha cinco ou seis seculos, ou que as populações degeneradas das nossas cidades industriaes igualam os robustos aldeãos das mais incultas idades?

Civilisação material, como poderemos applaudir tuas conquistas, sem fecharmos os olhos diante dos teus resultados! Que suspendeste ou mudaste nas leis geraes do mundo? Subtrahiste-nos ao despotismo d'ellas? Defendeste-nos do mal, privilegio amargo da nossa natureza? Melhoraste a intemperie dos climas, a inclemencia das estações, os calores ardentes, os frios geladores, as tempestades calamitosas, e as demais condições athmosphericas tão contrarias á nossa organisação? A terra, graças a ti, deixou de reclamar o trabalho e o suor do homem para sustental-o?

Não, nem a natureza que o governa, nem a terra que o sustenta, nem o céo que o cobre, nem o ar que o cerca nada modificaram nas leis originaes; e ninguem conseguiu ainda ajuntar uma feição ao seu rosto, um ponto á sua estatura, um dia á sua vida. Os teus progressos materiaes offerecem ao homem mais desejos que realidade de gosos, mais appetites que satisfações de prazeres. Segue, porém, teu caminho, se pódes consolar uma miseria, e dulcificar uma amargura. Mas em quanto vaes ao industrialismo mais aperfeiçoado, o homem, sempre o mesmo, caminha incessantemente, atravez de muitissimos dias de dor, ao inevitavel sepulcro.

Valeremos nós mais intellectualmente? São mais vastos nossos espiritos, mais justas nossas idéas, mais des-

envolvidas nossas faculdades? Se, no dominio dos conhecimentos naturaes, nas diversas regiões da sciencia, em tudo o que depende da observação e experiencia pratica, havemos realisado conhecimentos importantes que nossos paes não tiveram, ganhou com isso realmente o nosso espirito mais elevação, extensão e profundeza? Não fallando já d'aquelles luminosos seculos da historia, em que, para modelo de todas as idades, se desenvolveram as mais admiraveis faculdades do espirito humano; não fallando já d'aquelles homens insignes que em diversas épocas, sem duvida rarissimas, appareceram em grupos mais ou menos numerosos: — consideremos o termo medio actual das intelligencias, não digo já na universalidade do mundo, em que os selvagens occupam tão grande espaço, mas nos paizes mais civilisados, desde o predominio das classes medias, e vejamos que progresso se realisou pela rectidão do juizo, elevação das idéas, firmeza da razão, energia de caracter, e nobreza de sentimentos.

Emfim que superioridade adquirimos na ordem moral, a mais importante? Temos maior affecto á virtude, seduz-nos menos o egoismo, abrazam-nos e arrastam-nos menos paixões? A geração actual, em perpetua lucta de bem e mal, emprega mais vivos esforços para vencer a ladeira das suas más inclinações? As noticias dos tribunaes provam que diminuissem consideravelmente os delictos, crimes e reincidencias? Ha pouco ainda inauditas perversidades perturbaram o mundo. Nas entranhas das massas fermentam sempre paixões terriveis. As multidões obedecem aos mesmos instinctos brutos, e o mesmo furor bestial as embriaga. O roubo, o homici-

dio, o sangue seduzem-nas com a mesma força. As revoluções hasteam sempre cabeças sanguentas em suas armas, e tripudiam em volta dos esquartejados membros de suas victimas. A paixão do gozo, custe o que custar é cada vez mais invencivel. O mundo estaria no perigo de perder-se a cada hora se os diques que reprezam a onda destruidora fossem instantaneamente levantados. Os sophistas correm parelhas com os tyrannos: tanto valem os perpetradores das usurpações como aquelles que as incensam e justificam. O dominador, ou elle se chame Cesar ou povo, não é menos servilmente adorado. Caim pensa sempre em matar seu irmão, e Dalila pensa atraiçoar o homem que ella seduziu. E na renovação incessante das cidades, povos e imperios, a crueldade dos spartanos não se amolece, nem a leviandade dos athenienses se fixa, nem a velhacaria dos carthaginezes se emenda, nem o orgulho dos romanos se dobra.

Natureza humana, apezar dos teus thuribularios, e tambem de teus detractores, serás sempre a mesma, apta para o bem e para o mal, ora praticando actos heroicos, ora escrava de vergonhosos appetites, a revezes angelica ou infernal, victoriosa ou subjugada! Que o teu viver glorioso não é o repousar do triumpho, é um batalhar sem fim.

Aquelle moderno philosopho tão sympathico e eminente ao mesmo tempo, julgava como nós os factos, quando contemplando tristemente o espectaculo do mundo, e não vendo lùz após nem ávante do homem, e succederem-se as gerações ás gerações sem aclarar-se o mysterio, perguntava: « O que será a nova civilisação?

Conquistará o mundo, ou, como todas as civilisações, crescerá para morrer? A humanidade rodará eternamente no mesmo circulo, ou irá ávante? Ou, como muitos pretendem, irá ella retrocedendo! Porque já se julgou que a grande luz fôra ao principiar; que, de tanssmissão em transmissão, aquella luz se fôra apagando, e, sem darmos tempo caminhamos á barbaria pelo caminho da civilisação. » E então, como assombrado, declarava que: « O homem se perde em face dos seus problemas [1]. »

Um outro partidario enthusiasta da razão [2], como não visse na historia nem ainda na natureza aquelle progresso continuo que nos decantam como immortalidade da especie, diz com palavras igualmente sublimes, bem que menos philosophicas: « E' o delirio da perfectibilidade indefinida e da felicidade sem limite sobre a terra que não é, nem foi, nem será jámais senão um sepulcro branqueado entre dois mysterios [3].

Eis-nos bem longe do progresso continuo erecto em axioma do aperfeiçoamento indefinido posto como dogma absoluto. Não entendemos o que seja fim ideal para o qual caminha infallivelmente a humanidade. A terra, não se aquieta debaixo de nossos passos, nem o céo se illumina diante dos nossos olhos. O que vemos, é um circulo em que giram incansavelmente os nossos instinctos e paixões. A humanidade vale tanto como nós: é santa, se somos puros, manchada, se somos viciosos. As nossas culpas a degradam, as nossas virtu-

1. Jouffroy, « Do problema do destino do homem, » Miscellaneas philosophicas, pag. 317.
2. Lamartine.
3. Era o mesmo pensamento de Leibnitz, engenhosamente expressado em meio das suas theorias d'optimismo. Em uma carta á eleitora de Brunswick, diz: « Ten-

des a honram. Não lhe pertence a ella a corôa ou recompensa; é a nós, que lhe damos o merecimento. Tirante isto, o mais são illusões e devaneios.

Não é, pois, a terra o termo, é o caminho. Não é o fim, é o combate.

A humanidade compõe-se de vidas; não é ser pessoal. O que ahi ha real somos nós; quem deve progredir é a nossa individualidade. Não lastimemos nossos paes, nem invejemos nossos filhos: cuidemos de nós; isto não é egoismo: é sabedoria e bom senso. Se o progresso continuo e indefinido não é a lei fatal, a condição necessaria, o direito absoluto da humanidade, são obrigados os individuos, bem como as nações, por consciencia e razão, a melhorarem-se e aperfeiçoarem-se. Diligenciemos com trabalho e caridade o progresso material, com estudo e sciencia o progresso intellectual; eis uma legitima obrigação. Mas esta diligencia está ao cuidado da liberdade; e o exercicio de tão preciosa e delicada faculdade repugna profundamente a systemas imperativos, a consequencias fataes, e regeita como absurdo o pensamento de impôr á massa o que depende dos individuos. Está pois aberto o caminho do progresso, chamando nossas esperanças e esforços. Porém, não é o systema humanitario que nos encaminha.

Se alguma doutrina mais perfeita melhorou, engran-

do em vista sómente a razão, podemos duvidar se o mundo se vai aperfeiçoando, ou retrocede periodicamente, ou, se, a respeito de tudo, estaciona na mesma perfeição, bem que se nos affigore que as partes se troquem e que umas vezes sejam umas, e outras vezes sejam outras as perfeitas. E' pois materia contenciosa se todas as creaturas progridem ao menos até ao termo de seus periodos, ou se ha d'ellas que perdem e retrocedem sempre, ou finalmente se as ha que no termo de seus periodos descobrem não ganhar nem perder; pelo mesmo theor que ha linhas que avançam sempre, como a recta, e outras que giram sem avançar ou recuar, como a circular, outras que giram e avançam ao mesmo tempo, como a spiral, outras finalmente que retrocedem depois de terem avançado, ou avançam depois de ter retrocedido, como as ovaes.

deceu e nobilitou a humanidade, foi restaurando, depurando e santificando os individuos. Essa ensinou-nos, já não a exaltar a natureza humana, mas a dirigil-a; não a glorifical-a, mas a submettêl-a; não a dar perfeições á materia, mas a realisar, primeiro de tudo o progresso da verdade e do bem; não, em summa, a despertar egoismos e delicias, mas a inaugurar para todos o reino do direito e da justiça. Ahi é que está a verdadeira noção do dever sanccionado, a peleja com seus perigos, a virtude com seus premios. Em breves termos, quem marcou ao homem seu destino, á vida seu fim, aos infortunios seu termo, á justiça sua corôa, e á morte a immortalidade, foi ella.

CAPITULO V

O NATURALISMO

A mais grave questão, influente sobre a solução do problema do destino humano, é, talvez, a do sobrenatural, questão de consequencias tão importantes que é hoje a inquietadora dos animos. E' ella a these que entra em tudo abrange a religião, philosophia, e humanidade. E', digamol-o afoitamente, a chave que fecha ou abre as portas da vida futura.

Nada ha, nada se passa, fóra d'este mundo, e das leis que o regem? Nada ha, fóra da intelligencia do homem, dos sentimentos e idêas que elle percebe? Estamos, por ventura, encerrados no tempo e no espaço como em circulo infrangivel que nos tolhe e angustía? O maravilhoso, o milagre é real e absolutamente impossivel, por estar fóra da natureza e leis conhecidas? A religião, pelo conseguinte, com todos os seus ensinamentos e revelações, deve ser tida em conta de simples facto natural, sujeito ás regras dos outros factos, e ás leis inseparaveis do espirito humano? Sim: — proclamam-no os adversarios do sobrenatural — uma ordem

de coisas unica, a natureza já physica, já moral, governa o mundo; as leis que o regem, immudaveis e necessarias, não consentem que, independente d'ellas, possa nascer e produzir-se alguma coisa. A' razão, que é parte n'esta ordem natural, repugna admittir verdades que a sobranceiam, phenomenos que não sejam o desenvolvimento regular das premissas que ella estabeleceu. A evolução do intellecto humano interpréta, motiva, e tudo explica. Ha, em nosso espirito e coração, idêas e sentimentos que vôam comnosco ao infinito. Amor e imaginativa levam-nos a Deus, como a sciencia e observação nos levam á philosophia. São dous processos differentes, não intrinsecamente, mas nos resultados; são os mesmos na origem, e divergem na direcção. São productos de duas faculdades que, até certo ponto, podem excluir-se, dois methodos que podem repugnar-se mutuamente; porém, não deixam de pertencer á mesma cathegoria, natureza, e pessoa. Resumidamente, o sobrenatural, inadmissivel como principio, deve ser rebatido como adverso á noção da natureza, que abrange tudo que é, como tambem adverso ás condições do finito, que só póde existir segundo suas propriedades necessarias, e á essencia divina, que só póde actuar com suas leis proprias [1].

Taes são as principaes idêas dos adversarios do sobrenatural. Podem sahir com muitas variantes nos systemas que imaginam ou renovam, convisinharem mais ou menos da verdade, ou distancearem-se d'ella mediante abysmos. Todos, porém, no ponto de partida, se unifor-

1. Estudos de theologia, philosophia, e historia. P. Matignon.

misam admittindo, sem discrepancia, a existencia e possilidade de uma ordem natural unica. As affirmativas d'elles, que logo vamos examinar na generalidade, podem abalar por atrevidas, e seduzir por cavilosas. Na maior parte, são petições de principios, desfundamentadas, contrarias não só aos factos, á historia, e consciencia da humanidade, senão que oppostas á razão, cujo testemunho é seu unico amparo d'elles; e, além d'isto, confusas, e avessas ao vero sentido das palavras e coisas.

Antes de ir ávante, observemos que a palavra « sobrenatural » tem duas accepções distinctissimas : convém deslindal-as a toda a luz, para evitar amphibologias. Na primeira accepção, significa tudo que excede a ordem e leis do mundo physico, no qual vivemos. Materialistas, atheus, e positivistas formalmente impugnam este sobrenatural.

Na segunda accepção, significa tudo que ultrapassa a vida natural do homem e presume ordem superior ás leis intellectuaes e moraes que nosso espirito fez para seu uso, e reconhece. Os adversarios d'esta segunda especie de sobrenatural, tentam refutar, senão o principio, pelo menos a noção pura e completa da immortalidade.

O que expozermos aqui intende, em parte, com os segundos adversarios do sobrenatural.

Um eloquente e ingenhoso professor, ha pouco, fez sentir do alto da cadeira da Sorbonna o que tem o sobrenatural com a indole do espirito humano [1]: « Nada

1. Saint-Marc Girardin, Curso oral de 1859.

ha ahi mais natural ao homem que o sobrenatural. »
Os que o contestam declaram-se em guerra com a humanidade, que não conhecem. O homem tem necessidade de sahir dos limites terreaes que o abafam, da realidade que o violenta. Aspira o que vae no alto; estende mão e pensamento ao que está para além-vida. O menino tanto se apavora do sobrenatural como do que alcança com os sentidos; mundo phantastico, genios, trasgos, nada o assusta nem surprehende. A phantasia de homem, que tanto lhe influe nas acções, e tão poderosa lhe é sobre a vida, é, digamol-o assim, a mesma faculdade do sobrenatural. A gloria para o homem de annos, e para o heroe, é o aspirar a vida superior e duradoura.

Admittís a ordem natural visivel, e regeitaes o que a ultrapassa. Assim regeitaes não só o maravilhoso, que o invisivel: que o homem, nas suas actuaes condições, tanto intende uma como a outra especie. Vem a dizer que, apartando vossas conclusões metaphysicas e moraes, mais ou menos puras, a despecto dos dados mais ou menos sãos e elevados de vossos systemas, regeitaes a religião revelada, e Deus, e Providencia, e vida futura. Até certo ponto, realmente, o sobrenatural é a espiritualidade. Negar o sobrenatural, é negar o ser de pura essencia espiritual, e negar a alma. Assim resvalaes forçosamente ao materialismo; e se lá não cahis de todo é que pondes mascara ás palavras e derrancaes a logica das idêas.

Além de que, as leis da natureza, unica existencia que reconheceis, e declaraes immudaveis, são tão simples, claras e comprehensiveis? Como as definis? Em que

consistem? Acaso as entendeis? Quando principiam e quando acabam? Onde está a causa intima e razão de suas funcções? Que regra seguides, quando sahis de objectos puramente materiaes? Se admittis a intelligencia, dizei-nos o que ella é? Acaso a calculaes, mathematicos? Já a pezastes, physicos? Dissecastel-a, phisiologistas? Como distinguis a alma da animalidade? Que é a vida? e o instincto? e o sentimento? e o pensamento? Questões que não podem ser resolvidas com o aprumo das affirmativas e subtilezas das distincções.

No que respeita á essencia de Deus, figura-se-nos grandissima temeridade marcar-lhe leis, e eternos limites; declarar toda a ordem, acto e phenomeno, está fóra da vontade e poder do soberano ser; que elle não póde querer nem obrar diversamente d'aquillo que nós entendemos; que as leis geraes lhe bastam, e que elle não tem direito nem poder de entrar ao alcance de nossa vista, na ordem do miraculoso e sobrenatural.

E' certo que elle é o ente necessario e immudavel; mas esta immudavel necessidade está em sua substancia e attributos, e não no exercicio de seu poder; porquanto, se fosse variavel em sua essencia, seria imperfeito; se necessitado em suas obras, seria limitado em poder. Deus, por si mesmo independente, não póde ser limitado nem dependente em seus actos. E' immudavel; mas póde modificar suas obras, objectos estranhos á sua sciencia.

Elle que, no seio da eternidade, creou o mundo, sem duvida o mais espantoso dos prodigios, a mais maravilhosa mutação, como é possivel que depois, regendo o mundo,

se haja limitado a uma só ordem immudavel e natural, e se faça escravo das regras que impôz e leis que fez?

Estranha pretenção, quando o sobrenatural é necessario para explicar tantas coisas, quando o mais racional e verosimil nos está afirmando que o sobrenatural faz parte do plano divino! quando o incomprehensivel, o invisivel, o maravilhoso nos cercam por toda a parte! quando, perante a razão e consciencia, são tantos os factos que não podem naturalmente entender-se! quando o prezente, passado e o futuro são enigmas e abysmos, sem o sobrenatural! quando a creação é impossivel, se o regeitam! quando a immortalidade é gravemente prejudicada se o repellem!

Effectivamente, a vida futura está em grave risco de nada ser para os doutrinarios do naturalismo, sem excepção d'aquelles que se honram de respeitar os grandes principios da lei moral. Em verdade, Deus é o fim do homem; notem porém, que é o fim sobrenatural. O homem, que nasce e vive n'este mundo, aqui deve cumprir naturalmente seu fim, material e intelligente, preenchendo com o duplo meio de razão e corpo. Que haverá para além da vida? Se fallais de recompensas futuras, que sabeis vós d'isso? Como podereis entender o invisivel, o incomprehensivel e insondavel por illações que tiraes do que vêdes, sentis e comprehendeis? Quantas leis declarais immudaveis e necessarias, para este mundo foram feitas. Transportae-as a outra parte: como serão ellas ahi applicadas? Segundo vós, d'este mundo nada sahe. No modo de ver d'um grande numero dos vossos, o instincto religioso não passa d'uma faculdade natural do homem. Convencei-vos de que os fu-

turos premios nada tem commum com as leis da terra. Da vida além não ha naturalismo: reina o sobrenatural.

Todavia evitais o excesso de negar explicitamente a vida futura. Admittil-a em dezejos, aspirações e lingoagem; mas doutrinalmente a regeitaes. Conheceis que o negal-a em absoluto é um attaque a Deus e ao homem. Mas deixais por isso de affrontar o ser supremo, prohibindo-o de sahir das leis geraes d'este mundo, e de modificar os seus primeiros actos, e negandolhe o direito de mostrar ás suas creaturas, já d'este mundo, o fim sobrenatural que lhes destina? A natureza é Deus, o sobrenatural é tambem Deus. A lei geral é Deus, e o beneficio particular, o favor extraordinario, Deus é tambem sempre. Não se compadece com a razão que Deus dê ao homem a ordem sobrenatural; que lhe dê, por gratuita bondade, mais que o pontualmente necessario á sua existencia terrestre; que o beneficie com felicidade superior ao estado de simples natureza? Que razão ha para que se desauctorise Deus de tão nobres attributos para elle, e de tão favoraveis para o homem?

Negar, por tanto, o sobrenatural, e ir de encontro a quanto os homens pensaram, crêram, e esperaram; é impugnar-lhes as mais altas aspirações, as mais poderosas faculdades, imaginação, consciencia, e razão, que tambem fazem parte de sua natureza evidentemente. E' derruir as leis de seu ser, como pretexto de as resolver. E' envilecer-lhe o prezente, e denegar-lhe o porvir. E' seccar-lhe n'alma a fonte do grandioso, puro, generoso e desinteressado. É, por derradeiro, supprimir o problema para o não resolver.

Bonissimamente comprehendera a força d'estes principios e consequencias o insigne escriptor que disignou «como questão capital a debatida entre os que reconhecem e os que não reconhecem ordem sobrenatural, certa e soberana, bem que impenetravel á razão do homem; questão ventilada entre o *supernaturalismo* e o *racionalismo*. D'um lado, incredulos, pantheistas, scepticos de todos os feitios, e racionalistas. Do outro lado, christãos. Os melhores de entre os primeiros deixam subsistir no mundo a estatua de Deus, se podemos empregar semelhante expressão; mas sómente estatua, uma imagem, um marmore. Deus não está ahi n'isso. Sómente os christãos tem o Deus vivo [1].»

Assim como o philosopho entende com referencia a Deus, o intendemos com a immortalidade e vida futura!

Observação curiosa é essa da confrontação dos diversos systemas que não admittem a verdade completa! Conformidade que lhes argue o erro, e mostra a incerteza de sua direcção, e a fragilidade de tudo que não assenta sobre bases fixas e inconcussas! Por que, observai que propriamente as escholas, que professam doutrinas sãs e elevadas sobre outros pontos, logo que se declaram inimigas do sobrenatural, submettem-se á justa arguição de M. Guizot, como as outras que, á mingua de vontade ou força, não se elevam a considerações nem acceitam leis superiores ás do mundo.

Dois systemas, que particularmente vamos estudar, combatem hoje em dia toda a especie de sobrenatural,

1. Guizot. Meditações e est. moraes. Pref. pag. 1.

e d'este antagonismo fundaram doutrina. Pertencem uns ao *racionalismo* puro, admittem unicamente a razão, como supremo fim, e, mediante uma critica desasombrada, tocam o nominalismo sem fundamento nem realidade. Outros, restringem-se ao *positivismo*, só reconhecem concepções materiaes, applicações puramente sensiveis, e fazem da terra ponto de partida como termo unico de seus esforços.

CAPITULO VI

O RACIONALISMO

A RAZÃO é a mais formosa e gloriosa faculdade da intelligencia humana. Posto que limitada e imperfeita, é ella ainda a grandeza do homem, collocando-o sobranceiro á creação inteira, para julgal-a e admiral-a. Altêa-o acima de si proprio para que elle se conheça, e tome conta de seus pensamentos e actos, e investigue a verdade, e a descubra, e se lhe identifique. E' um admiravel meio; mas não é mais que meio. E' poderoso instrumento; mas não é mais que instrumento: meio para chegar á verdade, instrumento para alcançar o bem, degrau para subir ás regiões superiores da justiça e perfeição.

Os racionalistas puros, invertendo estes termos, tomam a razão como fim unico, nada enxergam além d'ella, tem-na em conta de causa e fim supremo da sciencia, da verdade e justiça. Tudo que transcende as condições do mundo, tudo que pertence á ordem sobrenatural, para aquelles não passa de concepção do espirito humano; o proprio Deus não é mais que uma imagem

intellectiva, um typo mais ou menos ideal e poetisado. O Deus, que elles adoram, é a belleza, a verdade, a bondade que o homem concebeu. E' producto do pensamento d'elles, e, como tal, o veneram, e n'elle se absorvem. Poderão servir-se das locuções vulgares, da linguagem commum; porém « Deus, Providencia, immortalidade, são para elles, declaram-no, velhas palavras, que a philosophia jámais substituirá vantajosamente; mas interpretará com mais sublimada intelligencia [1].... A religião, como producto vivo da humanidade, deve viver, isto é, variar com ella [2]... E' o direito ao ideal [3]... a porção de ideal na vida humana [4]... Os symbolos significam o que se quer que signifiquem. O homem dá santidade ao que elle julga a belleza dos seus affectos [5]... A humanidade não se engana sobre o objecto de seu culto: o que ella adora é realmente adoravel; o que ella adora nos caracteres que idealisou, é a bondade e belleza que lhes ella deu [6]. »

O absoluto da justiça e razão manifesta-se unicamente na humanidade: tudo o mais é abstracção. O infinito, para existir, tem de revestir fórmas finitas [7]. »

Tal racionalismo é a radical negação da verdade immaterial, da religião, da vida futura, da immortalidade. Se a razão humana é que criou o seu Deus, se é ella quem funda a religião e a faz á sua imagem, e de si aufere a belleza, justiça, e verdade, segue-se que esta existencia é meramente especulativa, puramente conce-

1. Renan, Estudos de historia religiosa, 3.ª ediç., pag. 419.
2. Ibid., p. 45.
3. Ibid., prefacio, p. XVII.
4. Ibid., pag. 1.
5. Ibid., pag. 423.
6. Ibid., prefacio, p. XXII.
7. Revista dos dois mundos; janeiro de 1860.

pcional e gratuita; que Deus em si é nada, o dever nada, a sancção da lei nada, pois se a razão não existisse, aquellas coisas não tinham quem as creasse. Se eu sou o auctor de Deus, posso mais que elle, e de mim é que tenho que esperar tudo! Se sou eu que me dou regras e me imponho leis, tenho de me recompensar a mim por minha docilidade e justiça. Mas..... que triste zombaria! Se sou eu que a mim prometto a immortalidade, deveria principiar arredando de mim a morte n'este mundo, antes de me decretar, n'outra parte, uma vida immortal!...

Professem, quanto queiram, a aspiração ao ideal, o culto do infinito: vã fórma de fallar!

Que é o infinito sem o ser que o represente? Que é o ideal, sem modêlo que o exprima? Que é o painel sem o original que o reproduz? Quem tirará d'essas palavras um sentido que inspire confiança, consolação, fortaleza, e conselho?

Embora admittam um certo sobrenatural, acima da materia; reconheçam uma intelligencia distincta do corpo; fallem de uma vida superior.

Que é o sobrenatural, se o sujeitaes ás leis inflexiveis d'este mundo? Que é vida superior, se tal vida pende das condições da vida terrestre? Pode haver vida futura sem Deus omnipotente, que nos deu a vida presente e nol-a conserva, que nos deu regras e leis, e nos hade julgar um dia? Se Deus é abstracção, vã phantasmagoria do espirito humano, se não vê, nem opera, nem prevê, nem dirige, não temos de quem haver promessas nem cauções do futuro. Faz-se-nos mister providencia para viver, e providencia para sobreviver. Ou

então — irrisoria distincção! — a intelligencia e o sobrenatural existem nas leis que regem a materia. Fóra d'isto, não ha nada.

E, de feito, se podeis, mais vagamente ou menos, idear uma vida superior, não ousais nem sabeis definir o que essa vida seja. Andais por entre nuvens e não dissipais nenhuma. O vosso infinito é o mundo; o vosso ideal é o espirito humano. Que importa que nominalmente vos separeis do materialismo, e até contra elle protesteis? Em quanto aos fins, correis parelhas com os materialistas. Se o homem chega á morte e ahi acaba, que lhe faz lá chegar com intelligencia mais ou menos distincta da materia? A palavra é outra; mas o facto é o mesmo, porque, a vosso juizo, fóra do homem não ha idêa, nem ser, nem vida, nem immortalidade. Será, n'este mundo, mais que os irracionaes o homem; porém, não tem mais vida futura que elles. E, d'aqui, apesar de vossas contrarias affirmativas e esforços, recahis nas infimas escólas; doutrinalmente, estaes com os pantheistas e atheus, e praticamente estaes com os scepticos e materialistas.

Um racionalismo levado a tal ponto, remette contra todas as crenças e principios.

Existem as religiões como creação do homem, e resultados da espontaneidade humana; são todas falsas e todas verdadeiras, comtanto que se adaptem ás necessidades, aptidões, e interesses. Mas não ha religião.

Deus, sob todas as fórmas e imagens que lhe attribuem, é um dos reflexos multiplices, uma das mil radiações da intelligencia humana. Mas o Deus verdadeiro, unico, omnipotente não existe.

Apparece a alma como certo principio indefinido, superior ao corpo. Mas, de facto, supprimem-na, negando-lhe relações com o sobrenatural, e connexões com Deus.

Resurreição e immortalidade são nomes que ainda se conservam. « Quando, porém, as moleculas, que formam a materia do nosso ser, desaggregadas depois de milhares de annos, tiverem percorrido innumeraveis transformações, resuscitaremos no mundo para cuja feitura tivermos cooperado [1], e a nossa supervivencia virá a ser a coroação da nossa obra. » « Posto que nossa alma e personalidade não demore em parte alguma [2], seremos immortaes em Deus, um Deus que se ha de então manifestar, que ha de vir, e visivelmente mostrar-se fóra da esphera da realidade. »

Os principios ahi ficam: as consequencias não são menos graves.

O bem onde estaria, se o homem de si para si estabelecesse a regra da vida? Onde o fundamento da moral, se o homem sanctificasse as coisas que crê, a justiça de seus appetites, e a virtude do que lhe compraz? Como distinguir a sensatez da paixão, a razão do delirio as santas affeições dos amores delinquentes? Quem ractificaria os actos humanos, se algum ser superior e real lhes não fosse testemunha, juiz, e remunerador? Havemos de então intender que o assassino é ludibriado por sua consciencia quando se arreceia de Deus; e que o justo é victima de seu zêlo quando o reverenceia, e

1. Revista dos dois Mundos, 15 de outubro de 1863.

2. Ibid.

que o desgraçado é o escarneo de sua augustia, quando o invoca?

Os racionalistas, exaltando as proprias forças, e arrogando-se faculdades e poderes que recusam aos outros, pretendem que a humanidade se divide em duas partes: que a sciencia não é para todos, bem que ninguem seja de todo privado do ideal: que o homem simples recebe de seus espontaneos instinctos o que a reflexão lhe não dá [1]: que o vulgo póde e deve continuar a crêr; mas que o espirito estremado em critica, reflexão, e juizo, se ergue superior a crenças populares: que estas duas partes da humanidade, profundamente divididas entre si, não pódem ter nada commum no presente nem no porvir. Estranha doutrina que tende a estatuir que na mais importante ordem de idéas, a verdade não é simples e uniforme! Apregoar um principio como conclusão suprema da sciencia humana, e applicado só aos intendimentos estremados, quer dizer que os apregoadores se declaram superiores á humanidade, excluindo o restante d'ella: isto é arvorar-se em antagonismo com a razão universal.

A intelligencia do sabio não é de substancia diversa da dos idiotas. Não é mais que a intelligencia do ignorante desenvolvida; e o que é verdade para um, póde e deve ser patrimonio de todos. Um coração honrado e puro, posto que rude, não vale bem o coração d'um philosopho, cujo orgulho cresce ao par da illustração? Cada alma é um como diamante bruto, que a familia, sociedade, educação, e lavor intellectual, podem mais ou menos lapidar; mas que, por ter o lume escondido, não

1. Renan, Estudos de historia religiosa, 3.ª ed., pag. 17.

perde seu quilate e valor. Se esta alma foi boa, embora desconhecida, fiel, bem que occulta, haverá merecido corôas, com primazia aos philosophos que as menoscabam, e que, se elles fossem os dispensadores da immortalidade, a reservariam exclusivamente para si. Em resumo, dizer que ha uma verdade para os instruidos e outra para o povo, é negar propriamente a verdade; assim como allegar que ha uma justiça para uns, e outra justiça para outros, é negar a virtude; e affirmar que Deus muda de natureza, de regra, e apreço do espirito que o adora, é negar Deus e a vida futura.

No amago deste systema é tudo negação: negação da existencia de Deus, e seus actos; negação dos direitos, deveres, e esperanças do homem: trevas, abysmo, nada!

E' isto, pois, o derradeiro esforço da intelligencia humana? E' isto a realisação do supremo ideal? E' isto a resulta da espontaneidade e reflexão combinadas?

Infinda grandeza de Deus, soberanna bondade, divina providencia, sois meramente uma chimera?

Santidade do homem, virtudes incomparaveis, abnegações sublimadas, supplicios e mortes soffridas por amor da verdade e justiça, sois um ideal indifferente ao céo, sem juiz além-tumulo, sem recompensa, sem realisação?

Homem de todas as nações e seculos, que crêram, e adoraram, e abnegaram, e esperaram, em que crêram? Simplesmente n'um symbolo? adoraram sombras? sacrificaram a concepções individuaes, esperaram em sonhos? Seriam necessarios ao mundo seis mil annos para elle tão redondamente se desmentir? E uma escóla teme-

raria mudaria com algumas palavras as crenças do universo?

Em summa, tornar o homem insulado n'este mundo, sem principio nem fim, sem causa, sem objecto, sem destino; envolver em nuvens escuras a creação, consciencia, dever, dôr, e morte; não explicar o homem nem na alma nem no corpo, nem nas esperanças presentes nem nas esperanças do porvir; supprimir a razão que motiva o heroismo e o desenteresse; collocar o genero humano n'um circulo sem evasiva, de problema, trevas, e impossiveis mais comprehensiveis que tudo quanto regeitam; negar o homem tradicional, moral, e religioso; desmentir a historia, no testemunho, nos factos, em todos os sentimentos da humanidade; condemnar de impostores ou parvos que crêram em Deus, em Providencia e vida futura, quer hajam sido povo ou sabios, philosophos ou analphabetos, dissidentes ou orthodoxos; pretender, em que peze á incoherencia de suas theorias e divisões de seus adeptos, ter razão contra todo o mundo: um tal racionalismo que é, a não ser o mais insustentavel erro, e exquisita aberração?

Chama-se *critica* esta escóla: glorifica-se do nome, e proclama o seu programma destruidor, sob apparencias de construir.

Um de seus discipulos concluia pela impossibilidade da certeza, e absoluta negação, quando dizia: « A ori gem das coisas, assim como o destino e fim do homem, estão fóra do alcance de averiguações humanas; não sabemos, nem já mais saberemos coisa alguma dos problemas já agora estereis [1]. »

1. Littré, Prefacio da trad. de Strauss, p. 37

CAPITULO VII

O POSITIVISMO

O RACIONALISMO, chegado a tal extremo, transforma-se. Primeiramente, negára o sobrenatural: quizera do acume de sua critica arrogante, abalar as immudaveis crenças na Providencia e vida futura. Depois, variando as armas, nega o sobrenatural em prática e acção. Não cura, sequer, de examinal-o: lança-o fóra do debate. Segue-se o formular these nova: agora denomina-se *positivismo* e *socialismo*. Já não reconhece coisa que não se veja, e sinta, e palpe, e saboreie.

Foi-se o ideal: desappareceu a poesia com o symbolo. A realidade desnudou-se: mostra-se em toda a franqueza de sua materia, e na mais grosseira figura.

Regeita o positivismo tudo que se não conhece e prova, com o simples methodo empregado no dominio das sciencias physicas e naturaes, chamadas sciencias *positivas*. No positivismo, diz a escóla [1], a observação recolhe e verifica os factos, a inducção reconhece a lei que os rege; e,

1. Doutrina de A. Comte.

d'estas duas operações, d'este duplicado processo, resulta o gráo de certeza que gera irresistivelmente o pleno consenso do homem rasoavel. Fóra da natureza e suas leis, nada ha; nada ha que possa affirmar-se, nem o passado em que não estavamos, nem o futuro em que ainda não estamos, nem o sobrenatural, tão incoercivel aos nossos methodos como aos nossos sentidos. A metaphysica não tem regras differentes da physica e chimica, nem a ordem moral tem base que não seja da ordem material.

« O positivismo — diz um dos seus adeptos — elimina definitivamente todas as vontades sobrenaturaes, quer se chamem anjos ou deuses, quer demonios ou providencia; demonstra que tudo obedece a leis naturaes, que, se assim quizerem, podem denominar-se propriedades immanentes das coisas [1].

Pelo que, a essencia dos seres, as causas finaes, as idêas geraes, a geometria das forças, explicam todos os phenomenos da humanidade. A historia, a litteratura, a civilisação dos povos fazem-nas ellas. E' o clima, o sangue, a raça que produzem os grandes homens e grandes nações. Liberdade, justiça, esforço individual, responsabilidade moral, razão philosophica, não entram por coisa nenhuma. E um dos professores mais calorosos e auctorisados d'esta escóla, reduzindo o homem a uma força organisada, a machina animal, fez resaltar do impuchamento dos musculos e vibração dos nervos, e energia do sangue, e da fatalidade e logica inflexivel dos factos, todas as qualidades moraes e litterarias d'um povo illustre [2].

1. Littre, Conservação, revolução, e positivismo, pref., p. XXVI.
2. Taine, Historia da litteratura ingleza.

O positivismo não nega a alma: despreza-a. Não nega a immortalidade: dispensa-se de a discutir. Não nega Deus: é coisa de que se não importa. Vai na dianteira do atheismo e do materialismo. Em seu pensar, o atheu ainda é uma especie de theologo que affirma alguma coisa: « explica a essencia dos seres a seu modo; sabe como principiaram; diz que o mundo se fez pela identificação dos atomos, ou por uma occulta potencia chamada Natureza. A philosophia positiva ignora tudo isto. Não sabe d'atomos productores e de natureza creadora [1]. » Atém-se unicamente aos factos e suas immediatas consequencias.

Está manifesto que esta doutrina é o racionalismo sobre-posto ao materialismo, assim como a these da escóla critica era o racionalismo coadjuvando o scepticismo e o atheismo.

Phases novas de velhos absurdos! Fórmas raras, que ao travéz de suas vestes renovadas, deixam transparecer a falsidade dos antigos systemas. Esforços estereis para resuscitar o que os defensores da espiritualidade confundiram e refutaram tantas vezes e com tão convincentes provas.

Debalde intenta semelhante doutrina levantar-se superior á discussão: não póde subtrahir-se-lhe. Negar a causa primeira e ultima das coisas, não é impedil-as de existirem. Sombrear uma luz com um véo não é tolher-lhe o brilho. Fechar olhos diante de um abysmo não salva de lá cahir e morrer irremediavelmente.

Quereis circumpôr á volta do homem um circulo aper-

1. Littré, Palavras da philosophia positiva, p. 30 e 31.

tado e restringir-lhe n'elle toda a sua vida! Porém, se elle, com a razão e pensamento, vos foge á restricção, volve-se ao seu passado, e expande-se pelo futuro além. Então sente e reconhece que é mera creatura e imagem, e pergunta onde está seu creador e modêlo. Tem alma, e interroga o destino d'ella: quer lêr a futura sorte; as trevas confrangem-no; pede luz, e invoca a verdade. Se as sciencias exactas lhe dão certeza, as sciencias moraes devem dar-lh'a tambem. Não lhe basta o mundo material: se o quereis contentar, dai-lhe o que abaste á plenitude de seus desejos na terra. Além de riquezas, abundancia e gozos, dai-lhe a saude para os prazeres, longos dias, segurança para lhe perpetuar os jubilos. Aos dons preciosos do prezente accressentai a certeza d'um porvir defêso aos perigos e revezes; vem a dizer: attribui-lhe tudo o que elle não tem; fazei-lhe a segura promessa de tudo que lhe falta; transformai-lhe os instinctos; mudai todas as leis do seu ser; renovai-lhe a natureza.

Funesta irrisão! A inconsequencia de vossos erros é uma ladeira para o absurdo, que conduz ás voragens do socialismo!

Entretanto, o que a escóla philosophica do positivismo deixa entre-vêr theoricamente, quer a escóla pratica do socialismo realizal-o, e o pede a todas as utopias, violencias e ruinas. Na sua ardente colica de felicidade material, nada o intimida nem suspende. Se as leis o repellem, muda-as; se são os costumes, destroe-os; se direitos adquiridos, viola-os; se laços sacratissimos, rompe-os; se a historia, falsifica-a. Quer reconstruir o homem, a sociedade, o mundo, sem dar tento de que seus

esforços, funestos e estereis, o condemnam. Vai de frente contra a natureza das cousas e destinos evidentes do homem. Todos os seculos alternativamente conclamaram que n'este mundo não havemos procurar repouso, paz, felicidade, e o destino final. Os infortunios que vergam a humanidade desmentem os vossos dislates. Eisaqui metade dos filhos dos homens que morrem antes de terem vivido, e somem-se sem ter tido o sentimento da existencia; e a outra metade, mais ou menos tempo, peleja contra a morte, sem a posse segura d'um dia. E entre os que vivem, não ha um que não soffra desgraças irremoviveis e imprevistas, torturas corporaes, pungimentos d'alma, trabalhos quebrantadores, perdas cruelissimas, decepções amargas. E, entre os que a gente reputa felizes, ninguem se dá por tal, ninguem enche suas ambições, nem gosa em paz sua alma.

Chamar-se-ha, pois, comprehender a vida o constituil-a derradeiro termo de suas esperanças e corôa da suprema felicidade? Dar ao homem por exclusivo destino uma existencia sem repouso aqui, nem consolação além, será comprehendêl-o? Não será antes desconhecêl-o, e mentir-lhe atrozmente, excitar-lhe paixões sem lh'as satisfazer, fazer-lhe reverberar aos olhos um thesouro que elle não póde tocar, mostrar-lhe nos seus esforços um premio que elle não póde conseguir?

A natureza póde mais que vós. Podem mais suas leis que as vossas arremettidas. Os males da terra sobreexcedem os vossos balsamos, assim como as esperanças do homem excedem vossas promessas e delicias. O exito de vossas theorias, a ser possivel, seria a formal condemnação e ultima ruina d'ellas.

Terror do homem honrado, jubilo do perverso, illusão do mentecapto, repulsão do homem de bom senso, o socialismo é um cartel atirado á razão, á sociedade e á natureza. Embora! as leis providenciaes seguem seu curso; a dôr e a morte continuam sua missão atravez do mundo, derribando aquelles que as negam: o que sempre temos de rosto ante nossos olhos é o nada do incredulo e a immortalidade do fiel.

CAPITULO VIII

O ECLECTISMO

O ECLECTISMO não se desmandou por tão desasizadas extravagancias. Combateu-as algumas vezes com habilidade e vigor. Em vez de arvorar a razão em termo absoluto e unico fim, considerou-a meio ; e, ao menos como principio, pretendeu usal-a como instrumento descobridor da verdade. Longe de inscrever-se adversario da immortalidade, ostentou-se sempre ardente sectario d'ella.

Sejamos, por tanto, justos com a escóla eclectica, e prestemos homenagem a seus trabalhos e esforços. D'ella promanaram excellentes e eloquentes escriptos, nos quaes Deus omnipotente e creador é doutamente estudado em si e seus attributos, e a severa grandeza dos deveres indicada, e apresentadas altas e puras noções ácerca das verdades fundamentaes, da alma, da natureza e immortalidade d'ella [1]. Ninguem, como os eclecticos, pintou tanto ao

1. Cousin, do verdadeiro, do bello e do bem. — Jouffroy, Curso de direito natural. Miscellaneas. — Damiron, Curso de philosophia. — Saisset, Ensaio de philosophia religiosa. — J. Simon, O dever, etc.

vivo das cores as prerogativas, as faculdades, as grandiosas aspirações, e esperanças do homem.

O espiritualismo, visto de tal ponto, é o exercicio da razão, que, dirigida, fortalecida e illustrada, é o juiz da verdade em suprema estancia, e ajuda a discernir e confirmar os principios da lei natural. Por felizes nos damos reconhecendo que houvemos de emprestimo da philosophia espiritualista o maximo numero de argumentos rasoaveis a favor da immortalidade.

Se o espiritualismo da nossa época, após triumphar tão honrosamente do materialismo aviltante do seculo passado, se contentasse com restaurar os principios menoscabados, e, desenvolvendo as luzes adquiridas e insinamentos transmittidos, demonstrasse no summo ponto as grandes leis da ordem natural, teria effeituado meritoriamente a sua missão; desempeceria os primeiros estorvos da verdade, e disporia o accesso de superior ordem de idêas, por outros meios provada, e verificada com outros titulos.

Assim pautada, a missão do espiritualismo, sem ser exclusiva, seria magnifica. Porém, não o entendeu assim. Quiz ser a verdade absoluta; e, no engodo d'esta excessiva pretenção, arriscou o que havia ganhado, e damnificou seu proprio triumpho.

Com o proposito de aprofundar a linha divisoria, um como abysmo, entre as suas e outras doutrinas, que lhe deviam ser confirmação, primeiro, e depois mais lata demonstração, o espiritualismo estatuiu principios que, apoucando e enfraquecendo-lhe a these, ao passo que lhe deterioravam a doutrina pura, affigurou-se-lhe vantajoso por se não compadecer com outro ensinamento.

E logo, em nome d'uma theoria absoluta, sahiu-se a regeitar debates sobre factos divinos, e revelações pelo menos posteriores ao apparecimento do homem na terra. Cuidou elle que, para vingar o intento, lhe bastava regeitar o sobrenatural, e assentar formalmente como contradicção que: ordem da natureza e immutabilidade divina são incompativeis.

E, desde ahi, desgarrando do caminho e da verdadeira medida, foi levado a exagerar a importancia do homem, a diminuir a de Deus, e a exalçar fóra de termos a razão humana.

Esta philosophia declinou ao erro por não ter querido entender que podia ser verdadeira; mas não até á perfeição e plenitude. Fiada de si, proclamou-se superior a tudo, e declarou guerra, sem duvida, prudente, mas por isso mesmo perigosa, a quantas crenças se lhe atravessavam. Pelo que, os mesmos que haviam querido admiral-a e applaudil-a, foram coagidos a impugnal-a; senão que, postos em defeza, tiveram constrangidamente de sustentar principios que eram aggredidos.

Insinuemo-nos de passagem no desenvolvimento da these posta pelo eclectismo.

Diz: «A Providencia revelou-se estrondosamente. Manifestou-se com magnificencia e bondade nas leis geraes que governam o mundo. Embellezaram-se os olhos nos esplendores d'ella. Suas leis devem bastar». E vem logo o refuzar-lhe intervenção de pormenores, dá como impossivel qualquer modificação ulterior de seus mandamentos e actos. Recebeu o homem a plenitude de faculdades adaptadas á sua natureza e fins; e, mediante sua razão, deve alcançar quantas verdades lhe são ne-

cessarias: tirante isto, o mais é impossivel; Deus não póde dar mais nada ás suas creaturas. O poder de que usou é limitado. Exhauriu-o, quando, uma vez, o empregou. D'outro modo, teria sido incompleta sua obra, ou variavel o pensamento: dupla hypothese por igual inadmissivel. Em vista do que, as perfeições de Deus não admittem revelação; a immutabilidade de Deus repugna á sua ingerencia nas coisas do mundo, e mantém inalteravel a ordem natural, que nenhuma outra ordem póde invadir e perturbar.

Tal é a theoria. Não a refutaremos inteiramente. Só fallaremos da immutabilidade divina no que ella tem commum com a immortalidade. Não diremos ao philosopho d'esta escóla que negar a Deus a disposição da sua propria lei, é denegar-lhe a omnipotencia; que a objecção da immutabilidade não tem vigor no seu principio; que o eterno Ser, creando tempo e espaço, em que tudo se move, transforma, e renova, não é mais assombroso que o ser immudavel dictando leis que depois modifica; que n'este systema, hade ser o mundo forçosamente eterno, por que a immutabilidade induz a permanencia eterna da creação; que é inadmissivel mudança nos designios de Deus fazendo passar o homem da ordem terrestre á celestial, da provação da vida ao repouso da eternidade [1].

1. Effectivamente, a esta consequencia convieram alguns deistas modernos. E' certo que repellem a confusão que o pantheismo faz de Deus e do mundo, no que diz respeito ao ser, e á pessoa; mas ao mesmo tempo pretendem que a creação é infinita em duração e espaço; e Deus não podia querêl-a e produzil-a senão eternamente; e por isto mesmo se aproximam do pantheismo, do qual inculcam separar-se, e com elle cahem na contradictoria noção de tornar o tempo eterno, o espaço infinito, e a creação obrigatoria. Tiraram pouco menos que a liberdade a Deus para o fazerem immudavel. Porém, o motivo que os obriga a sustentarem a doutrina, é -- e elles assás o sentem — que a creação no tempo é o mais peremptorio argumento contra a negação do sobrenatural; que se Deus, de feito, Senhor soberano do espaço e do infinito, do tempo e

Entrando n'esta ultima consideração, diremos: Entendida n'este sentido, a immutabilidade absoluta de Deus lesa gravemente a immortalidade do homem. Na verdade, se a Providencia não póde sahir das leis geraes eternamente assignaladas para o governo do mundo, se estas leis são um circulo em que tudo necessariamente deve girar, se não podem ser mudadas por Deus que as fez, nem pelo homem que as recebeu como natureza e condição do seu ser; sendo assim, fóra d'isto que ha ahi de possivel ou demonstravel? O mundo, tal qual é, póde e deve ser immortal; por que o acabar-se seria uma mudança. Em quanto ao homem, se morre, é condição de sua existencia; mas, se renasce, é outra lei, outra creação, outra ordem de coisas, que fogem do circulo traçado e desmente a immutabilidade divina. Se Deus não póde intervir durante a vida do homem, depois da morte como intervirá? Interpõe-se o abysmo. A morte não é proseguimento da vida, e as leis da naturêza não podem parar nem mover-se ao sabor de nossos desejos. Quem é que viu reviver o irracional, reerguer-se a arvore, e renascer o homem? Como entenderemos, como admittiremos a transição da ordem terrestre para uma ordem superior? Não devemos recear que a transição seja impossivel: impossivel porque Deus não póde mudar, impossivel porque seria vã hypothese affirmar uma lei que se não conhece, e é contraria a todas as leis que se conhecem e proclamam immutaveis. Com toda a evidencia; a outra vida é um fim sobrenatural

da eternidade, passou do não-ser ao ser relativamente ás creaturas, igualmente póde modificar as leis actuaes que as regem; para o que mister seria admittir como possivel intervenção da sua parte no dominio temporal ou espiritual, um soccorro offerecido, uma supplica exalçada, uma revelação cumprida. (Th. H. Martin. — Saisset — Essai de philos. relig. — J. Simão, Religião natur.)

que nenhuma regra actual dirige, que não deriva d'alguma das condições a que o homem obedece n'este mundo.

Vossas esperanças e aspirações, por mais nobres e ardentes que sejam, poderão depois prevalecer contra o formidavel obstaculo que levantastes contra o desconhecido, contra a terrivel novidade que apparece á porta da sepultura?

A' vista dos fins naturaes do homem, e das regras immutaveis que os regem, as leis do futuro não podem ser affirmadas: se Deus não se demonstra, tambem ellas não são demonstradas. Immobilisar a providencia, é regeitar a immortalidade.

Debalde a philosophia eclectica se acosta energicamente á lei moral para affirmar a immortalidade da alma. Como principio, não ha duvida que tem razão: honram-na muito as eloquentes considerações que ella desenvolve sobre esta nobre verdade. Mas será isto bastante no ponto de vista da sua these? Penetrou ella bem no intimo da natureza do homem? Ponderou bastante o gráo da sua força? Calculou quantas vezes esta moral, unica esperança e regra sua, o desampara? Pensou até que ponto os prejuizos, interesses e paixões, alternativamente falsêam e seduzem a consciencia? Debil e mortal, quão necessario lhe é ao homem um guia na sua ignorancia, um auxiliar nas suas incertezas, e um animo na sua pusilanimidade? E quantas vezes lhe mentiriam as recompensas, se lhe fosse mister ir direito a ellas, e afferral-as com mão segura e victoriosa?

Além d'isto, no systema dos que admittem uma só ordem exclusivamente fundada sobre a immutabilidade divina, e sustentam que Deus doou a cada qual o pleno

goso das faculdades necessarias para vêr o bem e abraçal-o, a immortalidade é ameaçada nos seus melhores resultados, em razão de a collocarem elles, sem duvida involuntariamente, fóra das condições naturaes do homem. Declaraes que a immortalidade é a consequencia da lei moral. Pois bem! Em vão se esforçam os vossos raciocinios, no proposito de fundal-a sobre a consciencia e o dever. D'ahi mesmo vos foge. E os actos do homem, longe de lhe serem testemunho, tornam-se como incapazes de a produzirem. Dizeis vós que Deus sómente fez leis geraes; que ordenando o mundo uma vez, o deixou entregue a si, e que distribuiu com methodo e harmonia a cada qual o que lhe era necessario. E' commum de todos a força, a intelligencia, e condições sufficientes para cumprirem plenamente a lei. As paixões que seduzem, as ruins inclinações que desvairam, os estorvos que se antepoem, a razão que se escurece, a vontade que vacilla, isto não o tendes vós em nenhuma conta. Existe a regra: deve cumprir-se. A infracção é crime. Deus, que é immudavel, não póde modificar sua lei ou mudar sua disposição a respeito do peccador. Não suavisa a lei nem perdôa ao peccador. Logo por tanto existe um possivel arrependimento, e que effeito póde elle ter? Quem peccou, não peccou para sempre? O homem, como ser completo, não cahiu por fraqueza ou insufficiencia; e a culpa persiste n'elle em nome da lei de sua natureza. Diz Rousseau no intento d'esta mesma these: « Se pratíco o mal não tenho desculpa: pratico-o porque quero. »

Cumpre-nos por tanto entender que a immortalidade com que lisongeaes o homem, não é mais que a immor-

talidade da pena. Quem é que não cahiu uma vez? O christianismo, que nos promette vida immortal, e como vós, a deduz da ordem moral e d'outras provas, exige pureza para alcançal-a, colloca o arrependimento quasi ao nivel da innocencia, e manda repousar nossa confiança não já sobre as perfeições de Deus santo e immutavel, mas sobre a bondade soberana.

Vós não fazeis isto, nem o podeis fazer, que a logica do vosso systema não vos deixa.

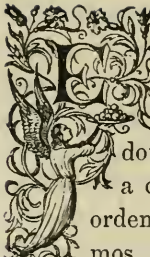
Em opposição a tudo o que altera a ordem absoluta da natureza, inutilisastes a prece que implora auxilio, e não podeis admittir a que pede perdão. Tornaes impossivel a justiça, perpetuando a culpa; a immortalidade do bem quasi a fizestes inaccessivel; e abandonaes o homem, o mais das vezes culpado, entre a negação e a desgraça da futura vida [1].

A philosophia eclectica [2] não abdicou totalmente á vista das consequencias da sua doutrina. Apartando-se com razão, se não com logica, do rigor que pozera em não fazer sahir Deus das leis geraes, e o homem da ordem natural, cedendo já a inspirações altas do coração humano, rasgou diante do homem brilhantissimos horisontes, e pela bôca de um seu acreditadissimo mestre [3], fez apregoar, « que a felicidade celestial devia consistir em vêr Deus rosto a rosto, contemplar Deus eternamente tal qual elle é, e amal-o com todo o coração, durante a eternidade toda. » Louvêmol-a por estas nobres

1. Veja o notavel artigo de Mr. N. A. de Broglie—Correspondente, outubro de 1856. — Damiron diz — Curso de philosophia, t. III, Oração : — « Bem orar não é pedir a Deus que desfaça o que fez, nem faça o que não fez, nem suspenda suas leis, nem reforme seus designios, consoante os votos que se lhe dirigem. »
2. Fallamos sempre d'aquella que professa estas mesmas opiniões.
3. J. Simão, a Religião natural.

esperanças; mas perguntêmos-lhe de quem recebeu estas promessas? Quem lhe fez conhecer esta estranha especie de felicidade? Entendemos que ella do dever e da consciencia conclue a necessidade da recompensa e da pena. Admittimos ainda que ella transporta esta recompensa ou pena a outra vida, sem dar pezo á impossibilidade de lhe abrir naturalmente as portas e definil-a. Não recusamos subscrever a ella, quando, auxiliada pelos simples intuitos da razão, esclarecida mórmente por luzes tradicionaes, supponha aquella recompensa fundada sobre actos, mas superior ao merito e digna da bondade e poder divino. Porém, sahir de todas as consequencias naturaes, de todas as condições actuaes de corpo e alma, ir até á visão beatifica, á possessão absoluta, á exultação quasi adequada a Deus!... Philosophos que só reconheceis as leis d'este mundo, sem dar tento vos achaes em pleno sobrenatural, e tão ao certo viveis n'elle, que fallaes a lingua christã, a lingua de Bossuet, e vos servis das expressões textuaes dos livros sagrados. Tão profundo está em vossa natureza o sobrenatural que regeitaes! Tão penetrativa em vossos corações é a verdade, que não podeis fugil-a apezar de vossas resistencias!

Não fecheis olhos aos luminosos traços que vos fazem seguir um generoso e a modo de involuntario instincto; que, senão, nem provas racionaes tereis. Não bastam a conserval-as os esforços de vossa intelligencia, as lições da sabedoria antiga, e os ensinamentos da historia. Um dos melhores entre os vossos [1], consi-

1. Jouffroy.

derando, pouco ha, ainda prematura, não obstante multiplicadas tentativas e investigações, a solução da suprema questão do nosso destino, exclamou com eloquente amargura: « Ha seis mil annos que o mundo é mundo; e a philosophia não pôde ainda avisinhar-se do problema da immortalidade da alma [1]. »

Assim, esta philosophia eclectica, podendo manter-se fiel ao mais alto e puro espiritualismo, após larga colheita de sementes de verdade em todas as philosophias antigas, e colhidas tambem na verdade christã; esta philosophia que podéra ser poderosa, sem ser exclusiva, e marcaria sábias balizas entre razão e fé sem dividil-as e inimistal-as, resvalou na ladeira que ella mesmo declivára, e veio de longe, e forçada pelas consequencias de suas doutrinas, emparelhar com o racionalismo puro, que ella desadora, e com o pantheismo, que repulsa. Arriscou todos os thesouros que grangeára — diz M. Guizot — abalou o edificio que erguêra para agora e para sempre. Com suas concessões ao racionalismo puro, offendeu a verdadeira noção dos grandes principios que ella honorificára. Apparentando-se com o pantheismo, e nubelosas abstracções da Allemanha, levou á duvida, em aggravo da lei moral e consciencia, a supervivencia pessoal de homem. Feriu-se a si mesma com a arma que arremessára contra Deus, contra o sobrenatural, contra a vida futura do christianismo. Antes quiz ser o palacio imbrincado da hypothese e incerteza, que o portico seguro e inabalavel do templo da verdade.

1. Revue indépendante, 1 Nov. 1842.

CAPITULO IX

O ESPIRITISMO

EIS-AQUI outro systema que, de encontro aos outros, funda-se essencial e exclusivamente no que ultrapassa as leis terrestres e natureza humana. Segundo elle as raias dos dous mundos, longe de serem intransitaveis, a cada instante se transitam. Entre as duas ordens, que outros systemas separam por abysmos, estabelece o espiritismo um passadiço facil, sempre franco aos passageiros d'esta para a outra vida. A morte não é obstaculo; o sobrenatural não é limite. O corpo não impece á alma; não a retem nem prende; de geito e modo que ella póde distrahir-se d'elle e como que abandonal-o.

Em redor de nós existe um mundo de espiritos mais povoado que o nosso, o qual nos conhece os pensamentos, vê nossas acções, e intromette-se n'ellas. Estes espiritos, mais ou menos purificados, mais ou menos desatados da materia, sahem dos corpos e tornam a entrar,

percorrem todos os tramites do bem e do mal, desde os mais brutaes incitamentos até ás aspirações mais puras. A alma humana que lhes é identica póde entrar em commercio com elles, evocal-os, interrogal-os, pedir-lhes seus segredos, ir com elles futuro dentro, e retroceder ao passado, tão desconhecido, e ás vezes mais mysterioso que o futuro.

Revivem, pois, os prestigios da necromancia? Volvem os oraculos da theurgia? Reapparece o magismo com o seu sequito de revelações e terrores? Não poderemos entrar aqui no desenvolvimento e exame dos factos, e verificação dos phenomenos. Tão difficil e temerario nos parece tudo negar como tudo admittir. A bôa fé e sinceridade são parte n'isto como a impostura e o empyrismo. Porém, não se ha de regeitar sem discussão um systema que conta ás centenas de milhares os seus adeptos, e se apoia em grandissimo numero de testemunhas oculares, e offerece singulares deducções, não tanto por seus resultados como por suas promessas.

E, demais, não nos será licito dizer que estas crenças e práticas competem com o principio do mundo, e tem a vitalidade da superstição e curiosidade do homem? Iguaes espectaculos testemunharam os seculos passados. No berço do genero humano, o espiritismo fez adeptos no oriente todo. A Grecia introduziu-o em Roma. Em certos cyclos da historia, apavora elle o mundo com seus ardís tenebrosos, e perigosas, se não culpaveis, maquinações.

Umas vezes, eram as familias implorando os manes, ou as sombras errantes pedindo aos vivos o descanço e

felicidade que a morte lhes não dera; outras vezes, lugubres evocações provocavam a cupidez, a ambição e vingança.

Dest'arte, mesclavam-se n'outro tempo aquellas práticas e crenças com os systemas philosophicos, ou reclamavam sua parte nas opiniões e observancias religiosas. Mas, no espiritismo, são a propria doutrina, ou, mais exactamente, o culto, e religião exclusiva. Fundamentam a verdade, a regra, e moral. Inauguram um systema completo que abrange presente e futuro, e traça os destinos do homem, abre-lhe as portas da outra vida, e o leva por sobre a sepultura, a introduzil-o no mundo sobrenatural. Ensinam-lhe tudo que deve fazer e crêr. Submettem-se á disposição d'elle; e são tão constantes, e regulares em suas communicações, e submissos a tão certas fórmas, que já pertencem á commum prática, e entram em ordem tão natural e simples como a ordem determinada pelas leis do mundo.

Se o espiritismo tivesse bases em que nos podessemos apoiar confiada e seguramente, dar-nos-ia, com curiosas intuições da vida futura, um bom ponto de argumentação que nos esclarecesse, e amostrasse a nova luz a certeza. A alma sobrevive ao corpo, visto que se revela depois da dissolução dos elementos que o formam. Desprende-se o principio espiritual, persiste, e attesta com actos sua existencia. E' logo, portanto, condemnado pelos factos o materialismo. Está julgado o naturalismo não sómente pela consciencia do genero humano; que tambem pelo testemunho, e experiencia sensivel, e ainda por provas irrecusaveis, porque são as unicas que elle admitte. O pantheismo é refutado por cada uma das al-

mas que chega individualmente a responder de sua entidade e accusar sua permanencia. O mundo espiritual tem suas leis, acontecimentos, e historia. Póde o espirito revelar-se á incredulidade que o nega, ou interpellar o scepticismo que o moteja. A vida d'além-tumulo torna-se facto certo e palpavel; facto que até certo ponto participa da materialidade. O sobrenatural impõe-se á sciencia, submette-se ao exame d'ella, não consente que ella theoricamente o regeite, e o declare impossivel como principio.

Mas, por outra parte, se o espiritismo estabelece a existencia e realidade d'um mundo differente do nosso, por doutrinas, factos, e resultados; ao mesmo tempo arrisca o verdadeiro e puro espiritualismo. Tira-lhe aquelle caracter elevado e nobre de que se revestem os altos principios em philosophia e religião. Deixa inexplicados problemas e difficuldades que dizem respeito ao destino do homem. Entra pela outra vida, com as paixões, preconceitos, fraquezas, ignorancia e vicios humanos. Distingue os espiritos em máos, rapidos, duendes e futeis, assim como em superiores e perfeitas essencias. Diz que os máos e vulgares são os mais frequentes na terra. Submette-os todos á vontade do homem. Suppõe que obedecem a vontades incoherentes e irrisorias, imagina-lhes intervenções puerís e absurdas. Substitue a nobres pensamentos e aspirações puras por vãs phantasmagorias. Erro e verdade, mal e bem, luz e trévas misturam-se no mundo espiritista como em o nosso. E não mereceria a pena trabalhar, soffrer, cumprir a justiça sobre o mundo, para depois da morte ob-

ter, como recompensa de tudo, o direito de nos perdermos em estereis debates e pueris intervenções.

Pretende o espiritismo que as almas na vida extrahumana, tem a sorte que as suas acções mereceram n'esta. O castigo dos máos é um gráo inferior no mundo dos espiritos. A recompensa dos justos é a conquista de uma elevada posição. Os máos espiritos, desgraçados á proporção de sua culpa, levam comsigo o sentimento dos crimes, que lhes dão a inferioridade e castigo. Porém, não é para elles permanente e definitivo tal estado: é uma das phases de sua existencia. Admitte o espiritismo que as almas, ao travéz de progressivas penitencias, vão gradualmente adquirindo pureza e felicidade: theoria que, emparelhando com a metempsycose em muitas especialidades, subleva quasi todas as difficuldades e objecções.

Os differentes espiritos, fracos, imperfeitos e ignorantes, successivamente vão incarnando nos corpos. Depois d'uma primeira provação, uns logo, outros depois, adquirem nova existencia terrestre. O nosso planeta não é o theatro unico da evolução das almas. Abre-se-lhes a immensidade do mundo sideral. Cada estrella, cada sol podem ser habitados por almas na serie de suas transformações. Possuem os espiritos direito de escolher o logar, tempo, e modo, em que querem padecer suas penitencias posteriores; mas sejam ellas quaes forem, por ultimo, não tem que temer. A lei do progresso os impelle, depuram-se e elevam-se em cada existencia successiva, a não ser que, a pertinacia de sua perversa vontade lhes demore o aperfeiçoamento. Que elles se divirtam no caminho da provação, que se entreguem a

seus instinctos, que enganem os homens, que se riam das coisas tanto d'um como do outro mundo, tem a faculdade e direito de fazerem o que quizerem: mais tarde se emendarão. E, seja como fôr, a punição presente d'elles é coisa insignificante, e a futura felicidade é coisa segura e infallivel.

Pelo conseguinte, estas provações correm parelhas em seriedade com os actos e palavras. Gozam livre arbitrio, sem responsabilidade nenhuma. Podem desassombradamente deliciar-se, a despeito ainda da verdade e da justiça. O bem os espera: lá hão de chegar; porque não podem arrepiar carreira no caminho que os leva fatalmente á suprema felicidade.

E a vida terrestre, não lhe é, por tanto, castigo nem prova. Castigo, é para ellas coisa sem significação nem fim, por que não se lembram de sua vida anterior, e não devem ser castigados por faltas que não conhecem. A realidade da prova é identica. Não podem decahir; mais ou menos lentamente, lá se vão elevando; e a má vontade não lhe é obstaculo a seu progresso, do mesmo modo que os crimes.

Esta doutrina, que invade todas as outras crenças, conhecemol-a das pessoaes communicações dos espiritos. São elles quem nos revela tudo que nós sabemos, de sua existencia, de seu destino e do nosso, e da vida futura. E' evidente que os espiritos pediram de emprestimo aos antigos systemas ácerca de Deus, da creação, da moral e do dever, os grandes principios que condecoram a alta philosophia da religião; porém, é preciso obtêl-as de suas narrativas e testemunhos, o que não está incluido n'aquellas noções: ora, segundo o espiri-

tismo, as respostas são por vezes falsas, e frequentemente vagas e desatadas. Certos espiritos mentem por divertimento; parece que a sua felicidade está em lograrem os homens. Alguns resistem ás mais cynicas chacotas, e despejadas brutalidades. Outros, mentem por ignorancia, e affirmam o que não sabem. Sómente os espiritos superiores, igualmente puros que intelligentes, ensinam a verdade e inspiram confiança.

E' por tanto urgente discernir, entre respostas contradictorias, admittir ou regeitar, restabelecer factos, e corrigir erros. No marulho de revelações, que tantas phantasias tem alvoraçado, tantas consciencias perturbado, tantas affeições rompido, e tantas familias desligado, devemos escolher o bem e a verdade, e tirarmos uma doutrina segura d'este cáhos de elementos.

Deus soberano e perfeito consentiria que por taes meios viesse a verdade aos homens? Os prophetas não ousaram taes ambiguidades; as suas revelações não eram assim obscuras e perigosas. Se elle quizesse abrir á humanidade veredas novas, esclarecel-as-hia, abrindo-as a todos, e ao abrigo de illusões e fraudes. Indigno seria de sua providencia, enviando taes instructores á terra, livres em suas phantasias, submissos aos caprichos inconsistentes do homem, e funccionando tão pouco em harmonia com a importancia e gravidade da vida sobrenatural. Semelhante doutrina que, apezar de factos, á primeira vista incontestaveis, difficilmente se póde ter em séria conta, não póde ser o ultimo resultado do trabalho philosophico do homem, o complemento das revelações que Deus reserva á illustração do mundo.

Em resumo, o espiritismo nada accrescentou efficaz-

mente á certeza da immortalidade, á força de suas provas racionaes e moraes. Com o espiritismo, a sobrevivencia, mesclada de tantas aspirações terrestres e illaqueada por tantas contradicções, baixezas, e duvidas, perderia grande parte de sua dignidade, independencia e grandeza.

Conclusão

CONVICTAS de fraqueza estão, pois, todas as impugnações da immortalidade. Eil-a ahi illesa e em toda a sua luz. Accumulem-se e contradigam-se muito embora os systemas, inventem-se engenhosas hypotheses, requintem-nas em materialidade, descubram audazmente, ou rebucem com ardil os seus ataques; nada produzirão que satisfaça a razão do homem, que se adapte á sua natureza, que lhe eleve realmente a alma, que o defenda do presente, e o assegure e console do futuro.

Nenhum systema, ainda o mais especioso ou menos temerario em apparencia, nos dá doutrina solida, precisa, inquestionavel, qual a intelligencia a imagina, e a consçiencia a exige, e o coração a espera.

Uns negam brutalmente a immortalidade, e a supprimem como principio; outros anniquilam-na de facto, illudem-na á conta de suas impossibilidades, fazem desapparecer a moral que lhe é causa, e a pessoa que lhe é objecto. Outros damnificam-na com suas pretenções

ou reservas. Aquelles, em fim, tiram-lhe a gravidade e importancia. Confundem-se todos nas theorias approximadas, por que não pódem parar nos limites de seus proprios erros, e misturam assim ás suas objecções as adduzidas, com igual titulo contestavel, por seus auxiliares ou émulos.

Quão lastimavel seria o homem, se aquelles systemas fossem sua unica regra! Quão penoso lhe seria entrar ao seu caminho em tal dédalo de opiniões humanas! Quão incerto e confuso lhe appareceria o seu destino! Ás intelligencias mais cultas, aos espiritos mais philosophicos quão doloroso pareceria o presente, e duvidoso o porvir, insufficiente a noção do dever, tortuosa a vereda do bem, difficil Deus de alcançar, e nubelosa a vida futura! E se isto é assim com os escolhidos, a immensidade do genero humano em que trévas se engolpharia, para já não sentir sequer o desejo de emergir-se d'ellas! Mas o juizo recto d'esta maioria julga justiceiramente os systemas todos. Podem elles fascinar, seduzir alguns animos entregues a suas proprias cogitações; mas o genero humano tem um profundo instincto que os rebaterá sempre. Os espiritos singelamente rectos, os corações generosos recusarão seguil-os. Ninguem os verá dominar uma nação, nem se quer governar uma aldêa. Antes de despenhar-se em taes subtilezas e incoherencias, o mundo, em extremo ainda mais horrivel, optará pela descrença e desesperação.

Mas não ha para que temer tamanho perigo: a aggressão reverte em proveito da verdade. Da refutação das theorias, resahe cada vez mais pura, a noção da immortalidade, immortalidade que assenta sobre a pessoa,

sobre a lei moral, sobre a Providencia, sobre a justiça divina; immortalidade que se sente, e affirma, e dá sua responsabilidade ao livre arbitrio, sua sancção; immortalidade que nos offerece a perfeição por fim e esperança nos combates que pelejar, e nas victorias alcansaveis; immortalidade, em uma palavra, tal como nol-a mostra a philosophia espiritualista nos seus elementos estremes de toda a liga, tal como o christianismo nol-a faz vêr, marcando-a com o inviolavel sygillo de sua propria certeza.

Vamos, pois, n'este caminho que não póde enganarnos. Confiemo-nos do pensamento humano pautado pela medida de seu proprio valor, creâmos nos seus successos, depois de lhe havermos verificado os resultados. Acceitemos o que nos elle dá, sob caução d'um debate experimentado e irrefutavel. Apoiêmol-o principalmente no Deus real e revelado, Deus de todas as idades e povos, que lhe é, a um tempo, causa e fim, guia e destino, guarda e amparo, remunerador e recompensa.

Alumiados por estes dois fachos, a razão e fé, e caminhando, por entre amigos e antagonistas, ao resplendor incontestavel da eternidade, desenvolveremos os resultados todos d'este dogma, assim fecundo na vida presente, quanto consolativo na futura.

TERCEIRA PARTE

EFFEITOS DA IMMORTALIDADE

PREAMBULO

Existe, pois, a immortalidade, e só existe pura e integralmente no espiritualismo christão. E' dogma inquestionavel, e, ao mesmo tempo, fecundo. E' a evidentissima das verdades, e tambem a mais excellente e util. E' base das crenças todas, e eixo da vida humana. Não ha principio nem acto que não assente ou gire sobre ella. É, por tanto, immenso o seu influxo pratico. Devemos julgal-a não tanto pelos argumentos que a provam, como pelos effeitos que promanam d'ella.

Quer estimule, quer sustenha, sob titulo de acoroçoamento ou preservativo, é importantissima a missão da immortalidade: é aguilhão á virtude, freio ao egoismo, excitante á fraqueza, força dos fortes, sentinella da felicidade, refugio no infortunio, extrema consolação do agonizante, unica esperança dos que ficam.

E' o grande que affazer do homem n'este mundo. Se a existencia terrestre lhe não é limite, se tem diante

outra vida para a qual nasceu, a esta deve apegar-se como a anchora unica e suprema.

E' tambem o grande cuidado de Deus. Se nos elle deu vida, e redemiu do mal; se nos conserva ou priva da vida corporal, evidentemente o faz para que alcancemos o fim de sua vontade e nossos esforços.

Caminhando, pois, á luz d'aquelle dogma, não nos transviaremos da estrada da justiça, e linha recta do dever. Toparemos perigos e provações, mas não sem esperança nem consolação. Os perigos, os resvaladoiros da estrada volvem mais appetecivel e meritorio o termo da viagem.

Com mais ajustado titulo, a immortalidade nos será o maximo objecto após a morte. Terriveis serão suas consequencias na gravidade do julgamento, na justiça da sentença, na medida da retribuição.

Ser impassivel em face d'estas eventualidades, e abdicar o titulo de homem, é o uso da razão.

A immortalidade illumina vida e morte. Legisla para ambos os mundos. Esclarece as duas faces da sepultura. Guia o homem nas phases de sua peregrinação, para lhe sahir de frente álem da campa. Por entre as incertezas, angustias, e quebrantamentos do presente e futuro, é a bussola que nos conduzirá ao porto, se, rompendo a escuridão das tempestades, permanecermos fieis ás suas indicações.

DURANTE A VIDA

CAPITULO I

A IMMORTALIDADE EM RELAÇÃO AO DEVER

SEM sombra de duvida, veio a este mundo o homem para cumprir a justiça e o dever. Diz-lh'o sua razão; revela-lh'o a consciencia; fez-lh'o Deus propriamente conhecer. A justiça, a maxima e santissima entre tudo, não carece demonstrar-se: afflue de Deus: é parte na perfeição divina. Reconhecêl-a, obedecer-lhe, seguil-a, é o nosso bem supremo: é o dever. Sem justiça, não existiria Deus; sem o dever, o homem não poderia comprehender-se a si. Uma deve ser a lei soberana de nossa razão e pensamentos, a outra o regulador absoluto de nossos sentimentos e actos. Quem gera a nossa dignidade é a justiça. Quem nos consagra a liberdade e prepara a felicidade é o dever: por elle nos alteamos á gloria de cooperadores de Deus na grande obra do bem sobre a terra.

Porém, se o dever, como principio, tal caracter os-

tenta de bondade e grandeza, maior elle é em sua applicação, quando ás vezes, parece superar-nos as forças.

Então accorrem a nos valerem as idéas de morte e immortalidade. Com este auxilio a virtude não póde derrancar-se. Evitam-se perigos, aligeiram-se longes, descortinam-se os fins. E' a immortalidade quem determina e consagra a verdadeira justiça. A moral, restringida á terra, é voluvel como o homem, variada como as localidades, muitas vezes iniqua como seus preconceitos, e parcial como suas paixões. E' a vida futura que discerne e aclara a moral verdadeira, absoluta, immutavel, e a fundamenta, vinculando a Deus e á religião os bens verdadeiros nos resultados d'esta vida, e nas applicações á porvindoura.

Por isso a immortalidade, librando-se por sobre os actos humanos, é a suprema defeza da vida, o mais forte amparo da familia e da sociedade. E Deus, querendo que o homem lhe tivesse fé para, um dia, gozal-a, não lhe deixou a cargo o invental-a. Os legisladores e sacerdotes não suppriram as ommissões de Deus, promulgando-a em suas leis, e dando-lhe o principal logar entre os seus dogmas. Decerto não encontraram aquelles o que esqueceu á intelligencia divina! Poderiam servir-se da immortalidade como de meio repressivo; mas não crearam o typo, não inventaram a idéa.

Este poderosissimo e universal motivo, tão animador, e bemquisto de todos os homens, em todas as regiões, sahiu forçosamente dos thesouros da bondade e justiça divina.

Quanto é digno de Deus, e vantajoso ao homem, este dogma! Que muito elle é nos intentos de Deus a res-

peito da humanidade! Que energicos alentos dá ao justo! Que impedimentos atravessa ás paixões! Sem aquelle estimulo e freio, o homem que é? Attesta-o a historia pouco menos de universal: o homem sem regimen, sem moderador, sem guia, desgarra-se e perde-se: dispára no mais fero e indomavel ser da creação. Perde as idéas do direito. A força, contrabalançada pelo medo, é o seu governo. Desconhece ordem e leis sobre a terra. Movem-no tão sómente interesses, appetites, e prazeres. Dizem-lhe os brutos instinctos que será um parvo se se der a canceiras por amor do dever.

Qual homem, pelo contrario, deixará de ser generoso, sincero, e bem-fazejo, se se considera em presença de Deus que lhe vê as acções como juiz e remunerador? Qual homem dará de mão á virtude, e será surdo ao brado da consciencia, se vai indo debaixo dos olhares da justiça divina, e confia na bondade e liberalidade d'ella? Aqui é que funda os principios d'alto zêlo, e os poderosos germes do heroismo. Pelo dever e justiça, e soberana remuneração é que o homem honrado lucta, e a virgem se furta ás seducções mundanaes, e o padre trabalha, e o missionario se desterra, e o martyr resiste e morre.

Em vão direis que mais egregio seria o intento, e mais puro o pensamento do bem-fazer, se o homem o praticasse sem ter d'olho a recompensa. Pretenção que trasborda de orgulho! Virtude estoica! Justiça incompativel com o maior numero, opposta á noção do dever! Quando cumpris a lei, de quem aguardaes o galardão, senão é do legislador justo e bom, cujo amor é parte n'esta lei, e premio de quem a observar? Se lhe não

*

obedecesseis, serieis réo ante elle, por que não attentastes que era elle o fim e recompensa.

Admiravel espectaculo o homem virtuoso em face da immortalidade! Para mais assombros que o sabio antigo, intemeroso em meio das ruinas do universo, sobranceia as desordens, calamidades e convulsões do mundo! Vai-lhe o pensamento por coisas eternas. A morte, ao parecer d'elle, é accidente que o não submette, e o introduz em vida melhor, e infinita.

Este fecundissimo pensamento da morte ensina ao christão a verdadeira vida, a unica benemerita da razão, não já vida de tempestades e soberba mas de coragem que resiste, e de virtude que se afervora em zêlos. A morte leva-o, dispõe-o, cada dia, para aquelle supremo instante, que é termo do sacrificio, e o anciado cumprimento do ultimo dever. Força é morrer; mas cumpre que saibamos morrer para renascermos; morrer durante a vida, morrer a nós mesmos, a nossas paixões, e viver a Deus; renunciar ao que é defeituoso, imperfeito, tranzitorio, para nos darmos ao perfeito e duradouro; sahir de nossa vontade caduca e ruim, para não querermos o que Deus não quer. « A vida christã — diz um dos mestres d'ella — tem duas partes: morte e vida; e a primeira é o alicerce da segunda [1]. »

Nas épocas em que a cubiça e egoismo aspiram a reinar absolutamente, quando os ferozes instinctos avassallam, e o dever se abate vencido, e o phrenesi dos prazeres se propaga como contagião mortifera, é acerto contrapor a estas invasões pestilenciaes a sadia influen-

1. Olier, Vida e virtudes christãs, cap. III.

cia da immortalidade. O melhor expediente, preservativo dos homens, é eleval-os, é mostrar-lhes o céo.

A immortalidade, emfim, é a derradeira palavra da consciencia. Marca e aplana o caminho do dever. Obriga á virtude, mas suavisando-a. Muda o fugir da vida, a pequenez do espaço, e a brevidade do tempo em horisontes radiosos e infindos. Repõe os prazeres e interesses no seu verdadeiro logar. Sobreergue o dever a todos os degráos d'onde abateu os interesses d'este mundo, e nol-os mostra tanto mais frivolos quanto mais importantes os estimavamos. Despe a scena da vida de seu triste caracter de figurações, triste comedia, pela qual nos dá uma grave representação entre as paixões e a consciencia, entre Deus e o homem, com o céo por espectador, e a felicidade sem fim por desenlace.

CAPITULO II

A IMMORTALIDADE COMO PROVAÇÃO

O DEVER é já de si provação. A liberdade da opção entre bem e mal, é já penoso combate em que o mais forte nem sempre tem segura a victoria. Porém, eil-os que chegam, a vergar o homem, o soffrimento physico e o soffrimento moral. Senhorêam-se-lhe de corpo e alma. Prostram-no com angustias, molestias, e mortificações. Não póde deffender-se; succumbe-lhe a natureza. Dentro em si não acha senão o desesperar: escape, tem apenas o de suicidio. Existe Deus para alancear a creatura com tormentos? Ha justiça para esmagar quem se lhe sujeita? A felicidade é mero phantasma que arroja ao abysmo quem a procura? Não ha, pois, ahi mais que negar a dôr, ou virarmo-nos contra ella?

A immortalidade ensina d'outro modo a vida.

Alenta-te, homem que soffres! Confia-te á justiça, pensa no futuro. Ruge a torrente? a calma virá. E' dôr, mas é esperança. São martyrios; mas Deus os vê, e peza, e julga. Do alto céo, vê Deus tuas lagrimas, e

acolhe-as, uma por uma. Tuas afflicções são thesouro, de que elle te dará o centuplo. Não temas. Os teus soffrimentos não são estereis: tuas dôres estão como cheias de immortalidade.

Podem continuar-se inintelligiveis para nós os decretos de Deus; mas injustos já nos não parecem. Que soffra mos como lição ou castigo, sabemos que Deus tem a nosso respeito designios justos e misericordiosos. Soffremos; mas esperamos. Soffremos; mas amamos. O queixume seria culpa: desesperarmo-nos é já impossivel.

E' certo que não são por isso menos lancinantes as nossas dôres; mas já lhe conhecemos a causa, e a mesma immortalidade que nos dá razão das penas, nos promette infinitas recompensas.

Que importam então os infortunios da terra? Temos segura indemnisação d'elles. Seja a desgraça provação que nos sublime, ou expiação que nos fortaleça, é-nos util, e o estrado para a felicidade futura. Sabemos que o breve instante das afflicções d'esta vida deve redundar em incomparavel gloria [1]. A vida, durissima e penadissima que seja, é nada em confronto do bem, que nos aguarda. A esperança adoça a provação, a paga sobre-excede a pena, o salario é maior que o merecimento.

Oh tu que és pobre, desgraçado, indigente, privado de tudo, não invejes os que vivem engolphados em delicias, e a quem a fortuna sorri sempre. Será tamanha quanto se te afigura a bôa fortuna d'esses? Levam elles comsigo os thesouros, os festins, e as alegrias? Será felicidade uma coisa que ás vezes não dura mais que o

1. S. Paulo, II, Corinth., 4, 17.

tempo em que se descreve? Pondera mais de espaço os intentos de Deus a teu respeito. Genuflecte, e adora-os. Crê que, em vez de te deplorares, deves agradecer. As tuas calamidades são, por ventura, o altissimo signal de sua protecção, e o mais sensivel effeito de sua bondade. Fere-te para regenerar-te; rebaixa-te para te levantar; dá-te exultações futuras a troco dos padecimentos de hoje. O divino auctor do christianismo, desvelando os mysterios de sua providencia, disse: « bem-aventurados os que padecem; bem-aventurados os que choram. »

N'este mundo, porém, não é sómente o corpo que soffre, nem a sensibilidade physica e moral que se dóe. Ha casos em que a nossa propria consciencia se revolta. Vêde um direito indignamente supplantado, vêde a injustiça que ardilosamente, ou por cavillação e embuste se apossa do objecto illegitimo de sua cubiça. Debalde invocaes a razão, a verdade, o recto juizo. O direito, victima do erro, é vencido, e reputado torto no conceito dos homens. Ahi se está o mal saboreando em paz das honras da victoria. Que será de ti, oh justo, se não tens de que te valhas? Para não amaldiçoares os homens, põe os olhos no juiz d'elles; para não blasphemares do bem, appella para a immortalidade. Tu, então, superior a teus verdugos, vencendo-os lá como já n'este mundo os venceste, vêl-os-has mais desgraçados e deploraveis que tu.

Vêde, pois, que a immortalidade traça o fim do homem n'este mundo. Explica-lhe a dôr, e justifica-lhe a provação. Faz-lhe comprehender que está aqui não para adormecer-se em inercia, congraçar-se em prazeres; se não que para trabalhos, combates, e angustias. Obser-

va-lhe que não deve desgostar-se nem surprehender-se de não ser feliz, por que n'este mundo não ha felizes.

Sublime é esta demonstração da sabedoria providencial. Levanta-lhe o animo quebrado, alenta-lhe o coração desfallecido, ensina-lhe o estar-se tranquillo na vida, a ser igual assim na prosperidade que na desgraça, a acceitar uma, a não se deixar vencer da outra, a guardar-se para o céo. Mais que tudo lhe ensina a resignação: quando se tem a eternidade, devemos esperar para lá o despenarmo-nos, e as alegrias. Basta isto para se amollentarem as durezas da vida. Vai n'isto o firmarem-se em verdades muitas incertezas, e o varrerem-se castellos de nuvens. A mão da providencia póde apalpar-nos mui dolorosamente. O homem, esmagado aqui, lá tem o porvir. Desvalido de quantos recursos ha ahi, resta-lhe a riqueza da esperança. Quer innocencia, quer expiação, por igual, lhe descerram os cofres da justificação e recompensa. Reerguido das maiores quedas, guarecido nas mais fundas chagas, já vencedor dos impetos desesperados, senhoreia-o com resalva infallivel, a sancta e gloriosa certeza de melhor vida. Deus, em todos os seus designios justificado, mostra-se-lhe, para assim dizer. Apparece-lhe a terra como penetral do céo, e o tempo como atrio da eternidade.

CAPITULO III

A IMMORTALIDADE CONSIDERADA COMO CONSOLAÇÃO

Certamente o homem, ao pensar na morte, em presença da sepultura, sente confrangerem-se-lhe as carnes. Como que faz pé atraz de horrorisado do anniquilamento de seu ser. E' terror que o prostra. Treme do combate que lhe ha de separar os elementos. Contempla angustiado aquelle insondavel abysmo em que vae cahir a sua final hora. Sósinho, por illimitados espaços, sahido do tempo, e entrado na duração infinita, insulado a dentro do incognito onde vae saber sua definitiva sorte, toma-se de pavor só comparavel á sua fraqueza. Que necessidade não é então a d'elle de refugiar-se nos promettimentos do porvir, na plena certeza da vida futura!

Se o homem nada esperasse da morte, á medida que se avisinhasse d'ella, que triste olhar poria sobre seu corpo que vae dissolver-se, sobre os annos idos, que mais não podem tornar! Que triste adeus diria a seus

pensamentos que já são os ultimos, a seus projectos que não podem mais renovar-se, a seus parentes e amigos que o deixam, e não mais hade vêl-os! Chagas cruelissimas e insanaveis do coração, a não ser que a morte as cure!

Então seria o clamar desesperado: Assim é que a morte amarga separa de tudo que amamos [1]?

Não. O homem de bem não teme, taes angustias não o alcancêam. Por mais terrivel que ser possa, o pensamento da morte não o assombra nem desalenta. Com esforços e repetidas luctas, se predispoz para aquella hora, viu-a chegar, aplanou-lhe o accesso, e adoçou-lhe o travor; e, bem que a natureza se estremeça, consolam-no em esperança de melhor mundo a razão e a fé. Cavando destemidamente n'esta idéa, familiarisou-se com ella. Desacostumou-se da vida e do corpo. Cada dia lhe é nova lição de morte. Reprimindo desejos, desdando os laços da materia, morrendo a quantas paixões, vicios, e demasias ha ahi, avisinhou-se do termo [2]. Áquelle que foi feliz, quanto cabe sêl-o n'este mundo, o esperançar-se na immortalidade resulta desprender-se menos saudoso da vida. Ora, o desgraçado, esse então, ancêa e bemdiçôa a morte que lhe vem sorrindo consolações.

Como quer que seja, a morte estabelece as bases do parallelo entre as duas phases do tranzito do homem n'este mundo. A vida carreára-lhe fraquezas, paixões, e dôres, virtudes imperfeitas, e, a revezes, vicios avil-

1. Siccine, separat amara mors! — Reis, I, XV, 32.
2. Socrates muito ha que disse: « Philosophar é apprender a morrer » Appren-[illegible]rrer é apprender a vera sciencia, a sciencia que leva ao termo, á eterna vida.

tadores; a morte abre-lhe thesouros de liberdade, justiça, felicidade, e gloria. A morte, que o homem assim pondera, tanto em si como nos outros, não será para muitos um verdadeiro bem, o unico, talvez, que a vida lhes dá? Não é ella o remate e aperfeiçoamento de seu ser?

Oh! como o pensar na morte purifica e alevanta o homem! Como lhe alumia e encaminha os passos! Como, a favor d'ella, o homem entra á profundeza e realidade das coisas! Que juizos elle faz da vida!

Como os prazeres brutaes, as sensualidades, os gozos do egoismo e cupidez, e ainda os interesses de mais grave apparencia, são preciados por elle na devida conta! Que impulsos a sobrelevar á materia os affectos, sentimentos e deveres! Diz Bossuet: « Se a natureza, cruel usuraria, nos arrebata, cada dia, alguma coisa como onzena do presente que nos fez, e que, toda rigores, nos está sempre disposta a reclamar, quão mais facilmente deixaremos a metade menos bôa de nossa essencia! Quão melhor deliberados estaremos a sacrificar o corpo á alma! »

Assim, pois, se suavisa e depura o pensamento da morte, que ajunta ás suas angustias grandissimas consolações. Não muda o facto; mas modifica-se a idéa. E' sempre austera a mão da morte; mas já não é impiedosa; fere-nos; mas offerece-nos a felicidade. Devemos defrontar com ella — diz Santo Agostinho — como com Deus: temêl-a e amal-a simultaneamente; que ella é ao mesmo tempo amavel e temivel; mas, como a Deus, cumpre amal-a mais que temêl-a.

Certo que é temerosa prova; mas é o fim

o cumprimento da vida; dá passagem do finito ao infinito, do sonho á realidade, da terra ao céo. E' o relampago que separa as duas vidas: d'um lado está a nuvem e a borrasca, do outro o céo sereno e radioso.

Para não temermos a morte, faz-se mister que a encaremos corajosamente, e a utilisemos como meio, como adito do santuario. Revoltarmo-nos e entristecermo-nos faz o mesmo que atterrarmo-nos. Acceitação livre e vontade conformada valem e merecem muito, ainda quando impera necessidade imprescriptivel. Quanto maiores forem a intelligencia e prática do sacrificio, melhores em doçura e consolação devem ser a vida e morte. Se lhe tragamos o fel, o premio virá; se nos cravejamos de agonias lá nos acena a corôa.

Para o christão particularmente estas considerações avultam e transformam-se: o pensar na morte demuda de natureza. Deus sentiu a morte, saboreou-a, venceu-a, superou-a; arrancou-lhe os espinhos e o aspeito horrendo [1]. « Libertou os que temerosos da morte viviam em servidão perpetua [2]. » « Libertou-nos, deu-nos plena liberdade [3]. » « Vive, e foi morto, vive por todos os seculos, e tem em suas mãos as chaves do inferno e da morte [4]. » Inclinemo-nos diante d'uma sentença que Deus cumpriu. Vamos onde Deus foi primeiro. Excitemo-nos e fortaleçamo-nos com o divino exemplo.

Isto desenvolvia eloquentemente um orador christão quando dizia [5]: « Desde que o nosso Redemptor, bai-

1. Ubi est, mors, victoria tua? ubi est, mors, stimulus tuus?
2. S. Paulo, Hebr., II, 14 e 15.
3. S. João, VIII, 36.
4. Apocal., I, 17, 18.
5. P. Ventura, XXXI conf. — A paixão de Nosso Senhor Jesus Christo.

xando a fronte diante da morte, se sugeitou por obediencia, e livremente a aceitou, fez-se outra a condição da morte, respeito aos que se applicam os fructos da sua. Esta é a razão por que vêmos os mais timidos e froixos entre os verdadeiros fieis, apezar do horror que lhes incute a morte, baixarem a cabeça em signal de sua humilde resignação, e entregarem voluntariamente a Deus a vida que receberam. Assim, pois, o verdadeiro christão, quando morre, não é criminoso que soffre a pena de sua condemnação; mas sim é um sacerdote que offerece a Deus um sacrificio voluntario, e a oblação de sua propria vida em união com a de Jesus Christo. E' navegante que se acolhe ao porto; é exilado que entra na patria; é viajante que volve ao caminho de seus lares; é esposa que sáe ao encontro do esposo; é um filho que adormece serenamente no seio maternal. Por consequencia, Jesus Christo, com o mysterioso pendor de sua cabeça, dissipou o opprobrio da morte, diminuindo-lhe a amargura; e a mais horrivel pena, e mais odiosa á natureza humana, converteu em desejada passagem, viagem feliz, e redempção preciosa. »

A fallar com propriedade, o christão não morre. « Quem de mim vive, não morrerá; — diz o Salvador — tem de seu a vida; » o que faz é passar atravez da morte. Não será estorvo á vida a morte material. Vingará a palavra divina: « Desde já subsiste em nós a vida eterna [1]. » Nem sequer haverá o dormir; do lado da morte haverá o agonisar, o arrancar da separação; mas do outro lado repontará o dia infinito.

1. Vitam eternam semetipso manentem. Joh., III, 15

Quando entenderemos, d'este theor, a morte? Quando seremos brandos com ella? A morte não é abysmo de trevas, e portico do nada. Não é um phantasma, é uma esperança. Não é um obstaculo, é meio. Não é fronteira da vida mortal, é o principiar da vida eterna. Não é dissolução apavoradora, é transfiguração magnifica, é renascer a mais completo estado, é a reparação da obra divina, desconcertada pelas nossas miserias; e a possessão de nossos immutaveis destinos; e, depois de destruida a casa de lôdo em que habitamos, a entrada a outra casa não construida por mão humana; n'uma palavra, é a juncção incommutavel da alma com Deus, auctor e objecto d'ella.

Haja, pois, coragem no morrer: resignemo-nos, aceitemos, queiramos.

Comprehenda-se que é mister sahir da obscuridade, da solidão, da fadiga, da corrupção, para subir a Deus, e a elle nos unirmos, e ao povo de bem-aventurados que nos espera.

As almas puras, desprendidas e santas, em vez de a temerem, anhelam a morte.

Tal era S. Francisco de Sales. Com a encantadora candura e graciosa affabilidade que o estrema entre todos, dirigia ás amadas almas, que o consultavam, estas insinuantes e sublimes expressões: « Onde estaes, almas queridas minhas? Quereis morrer comigo, e amparar-mo-nos todos n'esta passagem? Preparemo-nos, porque é chegado o effeito da vida; ahi está o outomno em que amaduram os fructos da eternidade. Esta planta, que é vossa alma, e recebeu do céo seus crescimentos, será

para logo colhida, e os mortaes não verão senão despojos d'ella na terra.

Considerae que a vida é fugitiva sombra, é passageiro sonho, é um evaporar-se de fumo, e que a terra nada tem solido a que o homem possa apegar-se. Tudo passa...

« Vamos, pois, embora d'este mundo, e, com ajuda de Deus, subamos ao céo. Almas queridas, não vos praz seguir-me? Faz-vos medo o tranzito? Que temeis? E' o mal que acontece á dissolução? Ah! não havemos uma vez soffrer com Jesus que tão cruamente soffreu por nós? Intimida-vos deixar o fardo d'este mundo em que impera a vaidade, e a avareza impesta as virtudes, onde os peccados se bebem como agua, e onde se nos amostram pedaços de inferno? Fugi estas redes, e vamo-nos d'aqui a poiso onde não ha estes horridos e tristes phantasmas.

« Não vos abasta o haver já visto tantos sóes, e dias, e noutes? Cuidaes que as arvores do bosque produzem diversas folhagens, e que a natureza dá fructos diversos? Cuidaes que os lumes, que fulguram no céo, darão melhor luz?

« Deixemos este mundo, oh almas queridas; vamos á mansão onde tudo é luz... » Quem se não sentiu penetrado d'esta graça, tocado por esta uncção, fortalecido por tanta brandura?

Vista n'estas faces, a morte, grandemente pavorosa quando não ha crenças, é cheia de consolação para quem espera e crê. O incredulo horrorisa-se. O crente a encara no rosto, reconcilia-se com ella, abençôa-a, chama-a como acabamento de dôres, e como complemento de certeza e amor a invoca. Houve mesmo quem a desejasse,

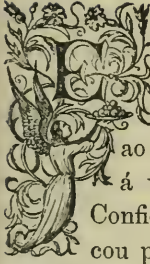
e mudasse em consolações seus tormentos, em contentamentos sua agonia, em jubilos suas torturas. Já o amor divino lhes dera a mão por sobre esta passagem; achanára-lhe o abysmo; illuminára-lhe as trévas; relampagueára na lugubre noite do tumulo; mudára a morte em verdadeira vida.

Pelo que, taes desejos e esperanças deram ao christão a posse antecipada do bem, da verdade, e de Deus.

Em suas cálidas aspirações, algumas almas vão até ás balizas do outro mundo, e prelibam a celestial felicidade. Estas, como Santo Agostinho, exclamaram: Se já aqui tantas são as delicias, oh meu Deus, para os que vos amam, que fará lá na bem-aventurada patria em que vós lhes sois gozo [1]? Se já são tantas as consolações na terra, qual será a felicidade do céo?

E estas primicias que certas almas antegostam, jubilos divinos que as arrobam; podem fazer que outras entrevejam e comprehendam a felicidade da vida futura.

Não é isto, decerto, acontecimento commum, nem regra que todos sigam. Diminutissimo numero sente aquelle piedoso anhelar a morte, e póde, com o propheta, exclamar: « Quando me será permittido ir diante de Deus [2]? » Porém, á pluralidade das almas, ao menos, não separem a confiança da apprehensão, a consolação rasoavel do terror natural; e, depois, dirá como Bossuet [3]: « O que deve temer o christão é o temer dema-

1. Quid erit in patriâ, si tanta copia delectalionís est in viâ! Confissões liv. IX, cap. X
2. Quando veniam et apparebo ante faciem Dei mei?
3. Terceira oração do christão.

siado; o que deve temer é o não se entregar de todo a Deus. » Vigia-o a Providencia, e estende-lhe mão valedora ás trévas da morte. Ser-lhe-ha levada em conta de merito a esperança, e as consolações que ella n'este mundo lhe der, ainda na outra lhe hão-de aproveitar.

CAPITULO IV

A IMMORTALILADE Á HORA DA MORTE

EIS-AQUI o homem em presença não já da idéa, mas no acto mesmo da morte. Aqui se resumem todas as tendencias, actos e planos de sua vida. Foi justo, adheriu ao bem, á immortalidade. Deixou-se sempre á vontade de Deus: aceita-lhe os decretos. Confiou, quando o assediavam duvidas, dulcificou padecimentos, acalmou tempestades, foi corajoso nos perigos. Agora, submette-se em coração e espirito á vontade divina. Se se arreceia do juiz, confia ainda mais no pae. E' fraco; mas pelejou; dobrou algumas vezes, mas levantou-se. Leva comsigo suas froixezas, seus peccados; mas tambem suas virtudes e meritos. Morre tranquillo e imperterrito como viveu. E' como viajante que, passados os perigos do longo caminho toca a extrema de sua peregrinação; é como navegador fatigado das ondas, que salta alfim no porto. Se cumpriu sua missão, viveu para a immortalidade. Como

sua vida foi um continuado pensar na morte, achou-se destemido e prevenido nos braços d'ella: é o acto essencial de sua existencia terrestre que se effectua. A morte conclue o que elle preparou; viu-a avisinhar-se, e deu-lhe a mão. Rompe a morte o vinculo derradeiro, quando o homem já estava, por esperanças, virtudes, e imitações de Deus, do outro lado da campa. Repousa em quem lhe prometteu felicidade; conta com a soberana recompensa. Póde dizer: « Vejo aberto o céo, e Deus que me espera [1]. »

O homem simples, na candura de sua fé, entrega-se com tocante firmeza, sem hesitar, nem duvidar. E o homem intelligente que não crê menos, e todavia entende e receia mais, leva, com sua submissão, confiança mais reflexiva, e, por isso, ainda mais admiravel.

Com esta serenidade do justo, e intimas consolações do christão, coragem, resignação, e esperança convicta de certeza, chega o homem á immortalidade. Não se lhe faria necessaria outra prova. Tanto animo e placidez na morte, tanta confiança em crise assim terrivel, incutem convicções que só da verdade podem vir.

Nada ha ahi bello, nada grandioso, nada fecundo em ensinamentos como a morte do christão justo. Vê com toda evidencia que vem de trilhar o verdadeiro caminho. A luz, que engrandeceu sua vida, expande-se cada vez mais. Vão rarefeitas as ultimas nuvens. Faz-se em sua alma dilatada e purificada suprema paz. As provações que passou, as borrascas que soffreu, as luctas em que venceu, os sacrificios em que se immolou, lembram-

1. Actos dos Ap. VII, 56.

lhe como festiva memoria de perigos que já lá vão, do combate findo, da victoria que subsiste, como consolação do passado enlaçada na esperança do futuro. Bens, honras, contentamentos que deixa não lhe captivam a alma nem conturbam o coração. Domina o mundo e as creaturas. Presenceia tranquillo a ruina de seu corpo, a destruição de sua mortalidade. Desaggregado da terra, já de antemão é pertença do céo. Se tem saudades de quem deixa, não se afflige como os desesperançados, não se carpe como se temesse não mais vêr quem lhe cá fica. Submette-se resignado ; adora cheio de confiança. O amor que lhe é unico dissabor, ao mesmo tempo lhe é seu grande lenitivo : sabe que é Deus o pae dos que deixa, como d'outros a quem vae unir-se. Amando em Deus o bemfeitor seu e de seus irmãos, dirige-lhe sua derradeira oração, e exclama com Bossuet : « Salvador meu, escutando vossas santas palavras, muito hei desejado vêr-vos e ouvil-as de vós mesmo : é chegada a hora ; vêr-vos-hei como juiz, é certo, mas ser-me-heis juiz salvador... Adeus, meus irmãos mortaes, adeus, Egreja santa... Adeus vos digo sobre a terra, mas vou vêr vosso principio e fim : vêr-nos-hemos no céo [1]. »

Vós que haveis baixado ás realidades da vida, e tendes visto fartas vezes separações e angustias, encarae esta mulher admiravel, singular em espirito e coração.

As angustias da molestia são menos fortes que sua serenidade. Meiga, affectuosa, amante na vida como na morte, de Deus como da humanidade, caminha ao bem ;

1. Quarta oração do christão.

chega, e as prisões mortaes são-lhe azas com que se ala radiosa á eternidade.

Que esperanças luminosas de certeza leva comsigo esse mancebo, professor de erudição e eloquencia, já sazonado pela morte antes de o ser pela vida! Renuncía gloria, diadema de pureza e honra, familia que o estremece. Mas não ha quebrantar-se-lhe alma. O Deus, que serviu, tanto está além como aquém da sepultura. Bem, virtude, o Pae que o chama para si é seu derradeiro pensamento e acto.

O morrer do justo é testemunho de suas esperanças, tão indestructiveis como a verdade e a vida.

Em quanto ao reprobo, nunca elle pôde familiarisar-se com a morte; repelliu-a sempre como punição ou terror; surprehende-o, e o esmaga logo.

Inquieto em pensamentos, tem que optar entre a desgraça e o nada. Aos soffrimentos physicos da agonia recrescem as agonias moraes. A verdade persegue-o, e aperta-o. Cáe o véo diante de seus olhos. Prejuizos e paixões, que lhe escureciam a vista, desapparecem. Está só diante da morte. Este seu pavor argue a immortalidade tanto quanto a serenidade do homem de bem a proclama. A lição de sua hora extrema, se os exemplos dos mortos servissem aos que ficam, não devia ser inutil para os que, á imitação d'aquelle, regeitam a crença da vida futura.

Mas não consideremos já no ponto de vista de pureza de vida e moral o homem, a cujo leito se encosta a morte: vejamol-o sómente em ordem aos resultados da sua descrença, e escolham entre o que repelliu e o que aceitou a immortalidade!

Um vagamundeou nos desvios da vida sem conductor. Quantos caminhos escolheu foram dar todos ao abysmo. Se cogitou no futuro, representou-se-lhe futuro de horrores. As faculdades intellectivas, á hora final, conspiram a ennegrecer-lhe o quadro. Interrogou céo e terra: não houve resposta alguma. Estabeleceu problemas, que lhe não sahiram resolvidos. Esterilisou o ingente lavor de dias sobre dias. Após o passado em que tudo fica perdido, ahi vem o futuro que lhe não dá nada. Chega á final hora: sobre sua fronte, a noite; a seus pés, o cáhos. E' luctar horrendissimo da vida com a morte, do ser contra o nada, lucta em que o ser e a vida tem a certeza de succumbirem. Diz elle de si para si que nada ficará que seu seja, nenhuma idêa, affeição nenhuma, coisa minima alguma da sua personalidade. Rolará á voragem, e sumir-se-ha como se nunca tivesse existido.

Ao revez, o crente da immortalidade, durante o decurso de sua vida, caminhou direito e firme á luz que o horisonte lhe fulgurava. Sentiu a razão de seus actos. Trabalhou, mas anteviu o premio; padeceu, mas anteviu o triumpho. Chegou confiado á extrema e descançou. Restitue a alma a quem lh'a deu. Está consummada a sua missão: falta-lhe dar contas.

Entre os dous effeitos de crêr e não crêr, devemos optar.

Será errado o affirmar quando a affirmação é tão plausivel, salutar e consoladora?

Póde ser rasoavel o negar, se a negação produz tão funestas e desanimadoras consequencias?

Uma é regra, explicação, luzeiro da vida; outra é

contradicção dos instinctos e sentimentos da humanidade. Ambas havemos de julgal-as pelos effeitos.

O homem, convicto de não desapparecer inteiramente, póde, pois, fechar em paz seus olhos e dormir repousado. Vejamos qual seja o seu despertar. A immortalidade o tutelou energicamente na vida. Vejamos que resultados ella produz além da morte.

DEPOIS DA MORTE

CAPITULO V

A SENTENÇA

DESPIDO está já o homem de seu involucro. A alma, deixado o corpo, transpoz o passo formidavel do tempo á eternidade. Aquelle desconhecido, que a intimidava, é já realidade viva. As trévas, em que ella apprehendia engolphar-se, mudam-se em deslumbrante claridade. Está finda a provação. Ergue-se o véo: ostenta-se a verdade absoluta. A alma passou ás mãos de Deus: tem ante si a justiça soberana, e a intelligencia infinita. Terrível momento que póde congelar de horror o mais corajaso, abater o mais forte, apavorar o mais justo; mas que, ao mesmo tempo, deve inspirar grande confiança e esperanças immensas; por que o Deus de justiça o é tambem de misericordia; o Deus que nos julga é o Deus que nos creou, e ama, e liberalisa os dons de sua omnipotente vontade.

Sôa logo a sentença. Não se faz mister que o juiz a profira. A alma lê-a no olhar de Deus; lê-a no intimo de sua propria consciencia.

Faz-se uma lucidissima manifestação da vida que passou. Vê-se tudo á sua verdadeira luz. Ergue-se, e vêem todo o passado. Os mais reconditos pensamentos, os mais dessabidos actos, renascem, e depoem seu testemunho. Luz irresistivel apparece subita, aclara os mais secretos arcanos do coração, desfivella as mais engenhosas mascaras, mostra-nos a nós mesmos como aos outros, descobre-nos a nós os outros como a elles mesmos, revela as virtudes e hypocrisias, as perfidias e lealdades, os heroismos e as baixezas. Então é uma authentica e fiel exposição das consciencias que, aferidas pela verdade, realidade, e justiça, cobrirá uns de opprobrio, outros de gloria, dará resplendores á honra na alma onde se suspeitou ignominia, e esculpirá a ignominia onde imaginaram estar a honra.

Far-se-ha então entre o bem e o mal immenso apartamento. Com Deus, e como Deus, estremaremos as paixões da razão, as apparencias dos effeitos, a chimera da realidade, as rectas intenções dos vãos pretextos. Nossos erros reflectidos ou involuntarios vêl-os-hemos quaes nos foram na vida. Penetraremos os motivos com que dissimulamos. Dissipar-se-ha a nuvem com que, por vaidade ou fraqueza, encubrimos nossos pensamentos e actos. Falsas virtudes, probidades chimericas, merecimentos suppositicios, com os quaes enganamos a nós e aos outros, serão vistos em luz que resplandecerá no mais inteiro de nosso ser. Perante evidencia de tal porte, a razão do culpado assentirá em suas culpas; e da condemnação, que a consciencia lhe inflige, não terá para onde apellar.

Nada se esconde áquella soberana justiça: os infimos

e os maiores, os mais estrondosos e humildes meritos, os mais occultos e manifestos actos.

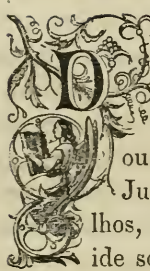
Quantas virtudes, não sabidas de homens, n'este mundo perdidas, quando as não persegue a calumnia e o insulto! Quantos desgraçados, abandonados da humanidade, que viveram vida innocente e pura, dignos das attenções e respeitos que não obtiveram! Quantos, levados ao infortunio por sua generosidade e civismo, e que não receberam dos homens o galardão de seu sacrificio, por que se sacrificaram inteira e absolutamente!

Oh justiça humana, tão varia e cega, como serás tu vista! Quantas sentenças tuas annuladas! quantas condemnações derimidas! Não ha-de ser então o juizo publico, de que dispõe o poder e a riqueza, quem aquilate os meritos que tantas vezes ella inventa! Não será a historia, tantas vezes corrompida por aquelles que devem ser por ella estygmatisados, quem porá ferrete nas desordens e crimes. Não será preciso que um Tacito legue á memoria vingadora do futuro as perversidades ignoradas, ou as infamias triumphantes, nem que um Bossuet, com sua imperiosa voz, dê prelecções, mal attendidas, aos reis e aos povos.

As virtudes dos justos sahirão com elles de suas mortalhas. Os homens misericordiosos levarão comsigo seus beneficios, os devotados seus holocaustos, os desgraçados sua paciencia, os oppressos suas orações e lagrimas, os martyres seu sangue derramado. Nada mais de disfarce e rebuço. O Deus recondito mostrar-se-ha. Quem o negou, vêl-o-ha. Quem o ultrajou, ser-lhe-ha em presença. A omnipotente mão, escondida na natureza, ostentar-se-ha. O senhor, escondido em suas leis e obras,

descobrir-se-ha. Cada qual lhe dará conta da luz e verdade que recebeu. Quem poderá esconder-se aos olhares de Deus? Em sua incorruptivel serenidade, a justiça suprema todos sentenciará, sem parcialidade nem erro. As primeiras planas não serão destinadas aos potentados. A sentença não se fundará em magestades, renomes, poderio ou fraqueza. Os mais pujantes criminosos serão sob-postos á mais poderosa vara. Os humilissimos justos, despresados ou desconhecidos na terra, elevar-se-hão do raso de sua pequenez á presença de Deus e á vista de todos. N'aquella soberana igualdade em que não haverá jerarchia, titulo, poder, opulencia, a humildade tomará o passo ao desvanecimento, a fidelidade á gloria, a dedicação modesta á mais alta intelligencia, a virtude obscura ao esplendor de nomes que estrondearam no mundo os seus triumphos.

Deverão certamente atemorisar-se uns e outros. Quem é puro e justo perante a justiça, perante a infinita pureza? Quem póde glorificar-se perante o Altissimo, ou fiar-se de seus meritos diante da perfeição divina?

Sujeita a provações tamanhas, escurentada por tantas nuvens, attreita a sequidões tão desalentadoras, a virtude do mais honrado homem é froixa e debilissima, e mais ainda seria, se não sentisse sua fraqueza, e se não reconhecesse tão quebradiça.

Quando o homem pensa em sua corrupção congenita, e pendor ao mal, em seu intranhado egoismo, nos resultados de um só máo acto, e funesto influxo que para logo se gera, e em fim, na repercussão de leves culpas cujo ecco fatal se prolonga, talvez, de seculo a seculo: que homem ha ahi seguro de premio?

Se, pois, a alma, a ponto de ser julgada, olha em si, o que não verá ella para motivar suas angustias? Se contempla Deus santo, como não hade temêl-o? « Oh meu Deus, eis-me tremente e sósinho perante vós! O que me resta, de tudo que tive no mundo, são as minhas acções que vos apresento aqui. Vossa mão occulta, e olhos invisiveis seguiram-me sempre; mas o véo, que m'os escondia, rasgou-se. Estou em vossa presença; não tenho de quem me soccorra. Perdido estou, se me desamparaes; condemnado, se entraes ao recesso de meu ser; desesperado, se me discutis sem misericordia. Porém, sois meu auxilio, meu pae e salvador. Havereis piedade de mim. Recompensar-me-heis com vossos proprios beneficios, e levareis ao ultimo ponto vossos dons, convertendo-os em merito e titulo de minha gloria. Sim, já sinto que achei piedade ante vós; um vosso olhar me justificou. Ao passo que outros tantos são repellidos para a morte, quiz a vossa misericordia contrapezar a balança em que eu teria levissimo pezo. Mercês, meu Deus, que me salvastes. »

Assim se inclinará, n'aquella solemne hora, cada qual diante de seu juiz. Pagaremos todos á suprema equidade tributo constrangido e espontaneo, de modo que Deus triumphará soberanamente por sua bondade e justiça, pelo reconhecimento de uns e dôr dos outros, pela felicidade d'estes e pela desgraça d'aquelles, pelo hymno d'amor e pelo clamor da desesperação. As victimas de seu julgamento serão obrigadas a prestar-lhe homenagem; e dos mesmos que o odiarem, a sua maxima afflicção será não poderem amal-o.

CAPITULO VI

A DURAÇÃO DO PREMIO E CASTIGO

DEFINIU a sentença de Deus o nosso destino. Passou o tempo da prova. E' chegado o fim do homem. D'hora ávante, a nossa parte de gloria ou ignominia, de felicidade ou desgraça está pendente de nossos meritos. Justos, ide receber o premio de vossos trabalhos, combates, e padecimentos. Delinquentes, ide soffrer a pena de vossas revoltas e crimes.

Qual será o espaço d'esta soberana retribuição? O mesmo espaço evidentemente de nossa duração. Somos immortaes. As consequencias da sentença são infinitas. Felicidade ou desgraça serão eternas.

Ai! que esta palavra indiscutivel de eternidade, tão bôa de aceitar quando se applica a recompensas, que atrocissima é applicada a castigo! Treme a alma, assombra-se horrorisada a phantasia, a indifferença religiosa recua, a propria fé por vezes vacilla ao pensar em tão excessiva pena! Uma culpa leve na apparencia, um prazer tão curto e triste, uma provação tão rapida, uma vontade tão debil, uma tão fatal fraqueza parecem desproporcionadas a castigos sem fim.

Não ha duvidar: terribilissima é a doutrina. Quer apremeiem, quer castiguem os juizos de Deus são grandes e temerosos; mas a nossa acquiescencia ou reluctancia já não podem modificar a sentença. Sómente duas hypotheses nos dão escape d'aquelle dogma: o anniquilamento que, supprimindo a pessoa tambem supprime a recompensa, ou as transformações successivas que, multiplicando o numero das provas sobrecarregam a difficuldade na ultima prova; como se reproduzissemos, em ambas as alternativas, os systemas inconsistentes e contradictorios, já convencidos de impossiveis [1].

Fóra d'isto, o que ha é premio e castigo, eterno como Deus, immortal como o homem, irrevogavel como o juizo final. Existe e deve existir a eternidade. Existe para a recompensa; existe para a punição. Confluem argumentos a comprovar este dogma. São-lhe base o intimo crêr da humanidade, a natureza do mal moral, a lei de que o homem teve consciencia, e livre escolha, a impossibilidade em que já está de expiar as culpas, emfim, a connexão d'esta doutrina com a justiça e bondade de Deus.

A fé na punição infinita é, para assim dizer, tão antiga como o homem: faz parte das crenças geraes da humanidade. As religiões proclamaram este dogma, admittiram-n'o os povos, creram-n'o os poetas, subscreveram-lhe os philosophos. A mythologia pagã submerge os criminosos no Tartaro. A poesia, ecco das opiniões geraes, canta, em Homero e Virgilio, os eternos suppli-

1. Veja a refutação d'estes systemas na 2.ª parte.

cios dos despresadores das divindades, taes como Tantalo, Ticio, Ixio, Thezeu, etc.

A philosophia antiga, com Platão [1], marca espaço illimitado ao castigo dos grandes criminosos. Por uma especie de presciencia da doutrina christã ácerca do mal, o illustre atheniense firma a velha opinião do eterno castigo dos máos sobre a idéa de que o mal introduzido na alma não póde mais expurgar-se, senão por dôr e expiação, e accrescenta: «se o mal é incuravel, e tal que não tenha reparação, permanecerá sempre no criminoso, e lhe fará seu supplicio necessario e eterno [2].»

Na mythologia scandinava, o Edda dos islandezes igualmente designa um logar de supplicios eternos. Os thibetanos e outros povos asiaticos compõem de muitas paragens o inferno, sendo eterna a ultima. As mesmas crenças, mais ou menos explicitas, vigoram na maior parte dos povos.

Urge reconhecer que ha grande força no sentimento commum de homens, tão diversos em costumes, de paizes tão distanciados, tão imperfeitos no culto, e sem idéas religiosas completas.

Ha mais de mil e oitocentos annos que, no moderno mundo, todo homem chamado christão, crê, sem distincção de seita, na eternidade das penas. Este dogma requer adhesão, como toda a doutrina do christianismo, cuja parte essencial elle é. E a religião que tão ao vivo alumiou bastas questões methaphisicas e moraes, reveste

1. Que, n'este ponto, se separa excepcionalmente da metempsycose.

2. Era uma das tres situações que os antigos attribuiram á alma depois da morte: havia a da felicidade definitiva, a da expiação temporaria, e depois o estado «em que a alma incuravel soffria eternamente dolorosos e horrendos tormentos.» Veja Gorgias.

aquella igualmente, bem que mysteriosa, de caracter de verdade e necessidade: não poderia comprehender-se melhor que á luz da razão christã.

Deriva a punição do crime: é o mal moral que produz o castigo. Ora, o mal moral é a desordem absoluta, e destruição da lei essencial. O mal moral expelle Deus, desthrona-o, derruba-o do coração da creatura. Anniquila-lhe o soberano bem. Regeita Deus, não o quer, odeia-o, e persevera n'este odio. E' aquelle um immenso mal, digno por isso de pena medida pelas desordens cuja origem é. Se a alma fica n'este estado, e a morte assim a encontra, está separada e inimiga de Deus.

Mas este estado é já de persi a pena infinita: é o inferno. Por que o inferno, primeiro que tudo, é a separação de Deus, o perdimento do bem infinito. O inferno, isto é, a eternidade da pena, é, por tanto, o mal, e o mal é, por tanto, o inferno; pois que um e outro são o perdimento e separação de Deus [1].

A reflexão nos está dizendo que a preferencia d'amor dada á creatura, e o formal desprezo de Deus, a injuria feita á magestade divina, injuria incomparavel por que ultraja uma magestade infinita, dão á culpabilidade enormes proporções. Se a esta immensa culpabilidade deve corresponder pena infinita, tal pena, applicada a creatura limitada e finita, não póde ser infinita em sua duração.

Quer, além d'isso, a natural equidade que cada qual seja privado do bem contra o qual reagiu como inimigo. E' justiça retribuitiva que os homens sempre admitti-

1. Veja o P. Ravignan, t. III, conferencia LVIII.

ram e applicaram. Não pune a lei civil com prizão, degredo perpetuo, e morte quem procedeu gravemente contra a sociedade? E, de mais, pouco importa o tempo que durou a culpa ou o crime. Pois quem enormemente peccou contra seu derradeiro destino, contra a lei divina, e se tornou indigno da sociedade dos bem-aventurados, não merece ser d'ella excluido para sempre?

Demais d'isso, o homem conhece a lei. Sabe que a eternidade do castigo corresponde á eternidade da recompensa. E' ordem soberana estatuida por Deus, imposta previamente á creatura, que lhe não ignora os motivos e resultados. Esta sancção da lei, instituida regra immudavel para nós, alento de bons, terror de máos, é auxilio necessario ao homem tão attascado na terra, e que tanto custo sente em sacudir o jugo de sua mortalidade. Em presença da terrivel alternativa, foi-lhe a escolha livre; fêl-a com toda a independencia. Sua fraqueza, propriamente, lhe foi encontrada nas contas. Se cahiu, tinha auxilio de Deus para levantar-se; se culpado, tinha o arrependimento. Consciencia, e até interesse lhe indigitavam o bom caminho. Não lhe minguaram soccorros; o perdão foi-lhe offerecido até final.

Elle, porém, não quiz innocencia nem arrependimento. Preferiu á felicidade futura o prazer actual, ao cumprimento de seu fim a satisfação do momento, ás exultações do céo os prazeres da terra. Assim o quiz, assim o quer ainda, e sua vontade tão inteira é que, se elle podesse, gozaria eternamente a felicidade temporal. Decidiu-se, conscientemente, pelas trévas e revolta; perseverou n'este viver durante a provação; manteve-se inflexivel no seu livre arbitrio. Viveu no mundo para

proceder maliciosamente; deixou de ser máo quando a vida o deixou, e quizera viver sempre para prevaricar sempre. Não teve limites sua má vontade, nem jámais os teria se lhe podesse perpetuar a duração. O castigo eterno ajusta-se a tal vontade, que não acabou voluntariamente. E' punido por transgressão que sua livre escolha perpetuou. Foi elle mesmo que se arredou para sempre de sua soberana missão, e arrasou as fronteiras á punição infinita da culpa.

Por tanto, o mal gera-se e consubstancia-se no máo: é o homem que não quer Deus, e é livre em o não querer, e em realidade o regeitou. Fez-se então na vontade continuada desordem, contraria á ordem universal, que assenta no temor de Deus. Não póde, sem repugnancia da lei geral, cujo auctor é, consentir Deus aquella desordem no seio da magnifica harmonia do céo. A repulsão do mal entra na previdencia e na necessidade da ordem e do bem.

E' pois, com justiça castigado o máo. E' consequencia legitima que sua pena dure por que o peccado se prolongou com a vontade. Deve Deus a si o não permittir o mal em sua presença; e ao peccador eterno cabe a eterna punição; e tanto que, se fosse possivel arrepender-se o máo, se pedisse a Deus perdão, se o amasse ou ainda o desejasse amar, Deus lhe perdoaria, e o inferno acabára-se para elle; mas em quanto o peccador persiste no proposito de ser fiel ao mal, Deus permanece fiel ao castigo. Por tanto, mais o peccador se castiga a si que Deus ao peccador. Está em tanta conformidade com a razão esta consequencia, que a philo-

sophia não a regeita, e alguma vez reconheceu como possivel, e logicamente necessaria a pena eterna [1].

O criminoso é castigado por sua prevaricação. Separar-se de Deus, viver com os máos de quem recebe e a quem transmitte a peçonha da desgraça, parece que lhe é, ao mesmo tempo, seu supplicio e necessidade de sua indole. O seu maior sentimento é o do odio, o seu grande pesar é a fraqueza; quantos desejos tem o crucificam. Abomina a pena, e como que a deseja, por que sente o mal em si, por que odeia Deus, e folga de odiar, e está aclimado á peste do seu ar. Maldiz a punição, e cinge-se com ella; aborrece-a, e dá-se-lhe com phrenesi. Entre céo e inferno, vai elle de moto proprio a logar onde mais distante fique de Deus, de suas perfeições e amor. O máo, já mesmo no céo, encontraria seu inferno. Elle é que é juiz de si, seu verdugo, sua eternidade.

Comprehensivel é já que n'outra vida não póde dar-se a expiação: nem Deus póde infligil-a, nem o homem recebêl-a. O homem, inveterado no mal, não tem já forças para deixal-o, nem expial-o. Mas por que não póde tornar sobre si a vontade do homem? Por que lhe falta a liberdade, quando menos nas condições em que elle actualmente a exercita. A liberdade, n'este mundo, é o jus de escolher entre bem e mal: jus que honorifica o homem, e lhe é ao mesmo tempo occasião de perigo; jus que o colloca entre a gloria do triumpho, e a queda em que o despenham sua ignorancia, fraqueza, e malicia.

1. Damiron, Memorias de vinte annos de professorado, p. 76.

Para além da sepultura, é outra a situação; a natureza da liberdade mudará diante da luz que brilhará em tudo. A liberdade do homem será como a liberdade de Deus. O ente perfeito e soberanamente livre póde accaso praticar o mal? Escolhel-o é já impossivel á sua perfeição.

Estará o homem em situação analoga já no bem e no mal, já na felicidade e na desgraça. A possibilidade da quéda já não é permittida aos justos; assim como a de praticar o bem já não é permittida aos reprobos. E' que então é tudo luz, evidencia, immutabilidade. O justo permanece em sua justiça; facto e intenção ambos faltam ao reprobo para retractar-se e reparar seus crimes. Já não ha tempo nem mudança na alma.

A eternidade é fixa e immovel. O mal está e sobreestará, o inferno dura e durará, ambos solidarios, inseparaveis, coeternos. A vontade do impio, identificada ao mal, é lá transformada, absorvida, e perpetuada. Se, pois, além da morte, a alma não póde arrepender-se, nem expirar, nem esquecer seus crimes, nem cancelal-os da terra, que inferencia tirar, senão que ella deve soffrer a pena sempre?

Nem Deus já poderá permittir a expiação. Quando remiu o homem, logo declarou que a redempção não chega além da vida. Teve o homem tempo de provação designada por Deus: era termo fatal, fatal para a virtude e para o vicio. Se o homem deixou passar o praso sem acariar recompensa, deve ser punido; e, como já não póde expiar, deve ser punido eternamente.

Não duvidamos que ha nisto sombrias e mysteriosas profundezas, ante as quaes se horrorisa a razão huma-

na, mysterios que lhe entreluzem a vislumbres, e que ella não pode penetrar no ámago. Mas o principio subsiste; ninguem póde mudal-o, nem dissimulal-o, agora, ou quando fôr. Quanto á applicação severa e terribilissima a nosso respeito, deixemol-a, temerosos, á santidade de Deus, mas tambem, confiados, á sua misericordia; e creiamos que a misericordia poderá muito com elle, até nos levar em conta a fragilidade humana, adoçando aquelles rigorosos principios.

Debalde tem sido impugnada a eternidade das penas, com invocarem, a favor de uma these mais ou menos especiosa, alternativamente, a bondade e justiça de Deus. Estes soberanos attributos não estão nem podem estar em opposição do castigo eterno.

E' certo que Deus é a summa bondade, é o bem perfeito e absoluto. Mas este bem substancial não póde dar ao mal quinhão de sua felicidade gloriosa: necessaria e essencialmente o exclue e odeia. Não pode tambem repellir o bem, condemnal-o e punil-o: renunciaria, de contrario, á sua natureza: não seria Deus. E' Deus soberanamente bom por que tem em horror soberanamente o mal; e que é em Deus um soberano horror senão é perseguil-o sem treguas, e castigal-o implacavelmente? Logo, por lei forçosa e suprema, a bondade de Deus afasta para sempre de sua vista o mal, e o torna irremissivel. O inferno, n'este caso, é, digamol-o assim, a expressão da perfeição divina, a forçada exclusão da presença e amor divino, a contradicção necessaria do bem absoluto e da soberana gloria. Deus, pois, por lei de sua natureza, repelle o peccado e o mal, como mal e pec-

cado; ora, se além da morte, elle os encontra subsistindo sempre, deve sempre repulsal-os.

Não hade pensar o precíto de diverso modo. O julgamento do Senhor hade elle impôl-o a si mesmo, e ajustal-o aos seus crimes: amaldiçoára o rigor; mas não impugnará a justiça. Nem um só reprovado dirá: Deus é injusto. Quem tivesse jus a dizel-o, seria logo absolto do inferno. Uma das maiores penas dos reprobos será o imputarem-se a si proprios sua desgraça, sem poderem accuzar o juiz.

Além de que, nos terrores da punição, Deus, devemos crêl-o, não irá além das medidas. Então será misericordioso. E, se o bem é remunerado em maior do seu valor e esperança, o castigo, sempre adequado aos diversos gráos de culpabilidade, não hade exceder a culpa. Pelo que, no indisivel horror que nos hade incutir o supplicio eterno, convençamo-nos de que não sómente os máos sentirão a equidade de sua pena, e queixar-se-hão de si, que não de Deus; mas, além d'isso, não soffrerão nunca tudo que mereceram.

Sim, meu Deus! em presença da eternidade da punição, a pezar do profundo mysterio e legitimo terror de tal dogma, firme estou que jámais deixareis de ser tão clemente como justo, e que vossa misericordia descerá até ao inferno. Creio em vossa bondade, creio que vossa justiça não a vencerá, e que hãode eternamente reconhecel-a aquelles mesmos que punirdes para todo o sempre.

CAPITULO VII

O NUMERO DOS BEM-AVENTURADOS

DEUS quer a felicidade de todos. Não nos deu a immortalidade como funesto presente: designio tal seria indigno de sua bondade, contrario á sua perfeição, opposto á crença intima que implantou em nossos corações. Quanto sentimos, quanto de seus beneficios nos advem, pregôa nossa felicidade no porvir. A razão nol-o declara; e a philosophia, mostrando-nos o céo, d'aqui mesmo d'este abysmo de desgraça e miseria, nos está dizendo que é lá o fito, o destino, o attrahimento de todas as almas.

A religião confirma superabundamente aquella certeza. Deus, descido á terra, a padecer e morrer por nós, não consentirá que pereçamos. A generosidade do fim ha de compadecer-se com a generosidade do meio. Cercam-nos testemunhos e provas de seu amor: com suas promessas nos sollicíta, com ameaças nos reduz, com advertencias nos exhorta, e pelo brado da consciencia remordida nos chama. São os thesouros de seus beneficios

tão abundantes como as nossas necessidades, tão variados como as nossas miserias, tão poderosos como os nossos perigos e empêços.

E' evidentissimo que a bondade de Deus chega até nós. Deus quer salvar todos os homens, sem excepção [1]. A Redempão, christãmente fallando, comprehende os velhos e novos tempos. Cobre todo mundo a sombra do calvario. A misericordia de Deus, como elle eterna, tem eterno effeito que abrange o passado, presente, e futuro do homem.

Não sejamos, pois, rigorosos, não pretendamos ser mais justos que Deus propriamente. Não chamemos o fogo do céo e a noite dos abysmos sobre uns, a quem Deus, mais indulgente que nós, quer perdoar. Que direito havemos de julgar e condemnar algum entre os nossos semelhantes! Podemos acaso apreciar os motivos, bôa fé, fragilidades, ignorancias, quebrantos physicos e moraes, tudo que, em acções de mais culpas exteriores, involuntariamente se pratíca, e, por suas condições attenuantes, é talvez perdoavel? Se nos corre a obrigação de considerar irmãos nossos todos os homens, não é por ordem divina, e porque Deus os considera a todos filhos seus? Se a humanidade, derramada desde o equador até aos polos, por continentes e ilhas, sem distincção de logar ou casta, chins, negros, malaios, formam uma unica familia, quem é, senão Deus, o pae commum? Elle mesmo nos assegura que a todos ama e convida á felicidade.

Devêra abastar-nos este principio incontestavel. Cu-

1. S. Paulo, 1 Epist. a Timotheo, II, 4.

rar de estabelecer por miudo os lanços mais ou menos precisos em que a misericordia e justiça se unem ou separam, coisa seria por excesso temeraria. Se o tentarmos, será com muitas resalvas, apenas aventurando um parecer individual, bem que chamemos em nosso auxilio o abono de mais firmes e auctorisados guias. Em quanto a philosophia não vae além de generalidades, o christianismo nos concede que sejamos algum tanto mais explicitos.

Entre todos os favorecidos da misericordia divina, em diversas proporções e indefinidos gráos, podemos, creio eu, distinguir duas grandes classes, consoante os que lhe sentirão os effeitos forem ou não forem chamados á vida sobrenatural.

Essa immensa, sobrenatural, e incomparavel felicidade, que nomeadamente se chama *salvação*, será a sorte de grandissimo numero. Absolutamente fallando, podem todos os homens requerêl-a e gozal-a, pois que todos participam dos meritos da Redempção, que lhes franqueou o accesso a ella.

De feito, os preferidos serão aquelles que, fiel e corajosamente, houverem seguido o caminho unico da verdade, e a verdadeira egreja de Christo. Depois, serão os meninos mortos depois de regenerados, sem exceptuar as seitas dessidentes que conservam em validade de caracter sacramental o baptismo, numerosissima multidão que só por si perfaz metade da grande familia christã. Serão ainda todos os membros das egrejas scismaticas ou hereticas, e muitos d'elles haverá que praticaram as prescripções de seu culto em inteira bôa fé. Serão ainda os pagãos das regiões mais abandonadas e

selvagens, que a mediata ou immediata graça converterá participantes dos mertios do Salvador. Eram já, antes da vinda de Jesus Christo, homens, que, philosophos ou vulgo, rudes ou illustrados, regravam sua vida, em conformidade com o que se lhes antolhava, mais ou menos implicito, da sabedoria divina: christãos intencionaes, de antemão se justificaram. Isto, desde o seculo IV, declarava em claras expressões o doutor eminentissimo, S. João Chrysostomo: « Os que, sem terem conhecimento de Jesus Christo antes da encarnação, se abstiveram de adorar idolos, e adoraram o vero Deus, e viveram santa vida, gozam o soberano bem, conforme aquillo do apostolo: *Paz e gloria a quantos praticaram o bem, quer judeus, quer gentios* [1]. »

Esta mesma doutrina é ensinada hoje em dia como verdade catholica: « a graça sufficiente não falta a ninguem, ou seja judeu, ou pagão, ou heretico; ha graças outhorgadas fóra do gremio da egreja visivel; a observação dos mandamentos é possivel a quem quer cumpril-os [2]. »

Portanto, em todas as regiões do universo, em todas as raças, Deus, o Deus de todos, terá seus eleitos. E' aquella grande multidão de que falla o apostolo, multidão innumeravel, de varias nações, tribus, povos, e lin-

1. Homelia XXXVI.
2. Verdade definida contra as proposições de Jansenius. — Um dos melhores theologos d'esta época, o padre Perrone (Tractado da verdadeira religião, 2.ª parte, proposição XI) diz: « Só não podem salvar-se os que, por falta sua, morrem hereticos, scismaticos ou incredulos, isto é, aquelles que « formalmente » estão fóra da egreja. Mas não tratamos dos que se acham « materialmente » fóra d'ella, os quaes embaídos desde a infancia por erros e preconceitos, não sabem se são hereticos ou scismaticos, e, suspeitosos, inquirem de todo o coração, a verdade: estes julga-os Deus, que entra ao intimo das almas. Não permitte a bondade de Deus que nenhum homem soffra eterna pena por crime involuntario. Affirmar o contrario é ir de encontro ao ensinamento formal da egreja.

guas [1]. Chamal-as-ha Deus de todos os pontos do globo, mais indulgente para os que menos houverem recebido, mais favoravel aos que mais houverem luctado e padecido; porém, com todos misericordioso.

Tambem a bondade de Deus se manifestará com os homens aos quaes, por motivos cujo soberano apreciador elle é, não houver dado a beatitude sobrenatural. Os d'esta classe, de certo menos felizes, e que muitos serão, ser-lhes-ha concedido um gozo natural, inferior, incompleto, mas, ainda assim, real. Taes serão as crianças mortas em peccado original, mas não incursas em faltas pessoaes. Não poderão queixar-se da bondade divina. Um dos maximos doutores catholicos affirma que não hão de soffrer pena por estarem privados da vista de Deus, á qual não podiam naturalmente aspirar. Saborearão, não obstante, grande felicidade, enriquecida de perfeições naturaes e favores divinos [2].

Estado analogo será a sorte dos que, sem terem sido elevados até aos meritos da Redempção [3], se esforçaram em viver conformemente aos preceitos da lei natural e consciencia, sejam da raça, época, e terra que forem; ou sejam de nação antiga ou moderna, barbara ou culta; quer hajam tido mais ou menos luz, mais ou menos intelligencia, mais ou menos aptidão para o bem, ou irreflectido pendor ao mal. Deus não os punirá de sua ignorancia ou culpa involuntaria. « Estas almas, não purificadas pela nova lei, longe de soffrerem na

1. Apocalypse, cap. VIII. § 9.
2. Expressões textuaes de S. Thomaz, Comment., sobre o segundo livro das sentenças, Distinct., 33, quest. 2, art. 1 e 2. Appendice á summa Theologica.
3. E muitos por certo, ainda fóra do christianismo, participam d'aquelles merecimentos: todos podem sêl-o

vida futura, ahi gozarão eternamente felicidade natural [1]. »

Para estes, ainda os menormente favorecidos, e postos no infimo degráo das graças e merecimentos, a existencia será beneficio, a immortalidade um dom feliz.

Mais teremos que dizer, senão temermos penetrar nas ultimas e mysteriosas profundezas. Certos doutores christãos chegam a crêr que, até no inferno, d'onde sabemos que a divina misericordia não póde estar ausente, alguns prefeririam sua pena ao acabamento absoluto da vida; por agudissimo que seja seu padecer, antes o quereriam que a perpetua noite do nada. Devem exceptuar-se os criminosos semelhantes áquelle de quem foram ditas estas palavras: « Melhor fôra a este homem nunca ter nascido [2]. » Esta opinião foi enunciada por um distincto philosopho contemporaneo: « Licito é crêr — diz M. Th. H. Martin [3] — que entre as almas condemnadas, quer dizer, excluidas para sempre da gloria celestial á qual são chamadas, taes ha, cuja eterna condição valêra mais que a não-existencia. A gravidade do castigo não é infinita para algum dos condemnados, porque no infinito não ha graduações, em quanto que ha differentes graduações nas penas infernaes, e a razão nôs diz que estas graduações correspondem á gravidade das culpas. »

Deixemos questões que não entram no nosso plano. Observemos, porém, que se a felicidade, a todos offere-

1. Opinião do cardeal Sfondrate, recebida como orthodoxa pela formal recusa que deram de censural-a os papas Innocencio XII, Clemente XI, e os bispos francezes. Podera accrescentar-se muitas mais citações em credito d'esta importantissima these, que occorreu incidentalmente n'este ponto.

2. Math, XXVI, 24.

3. A vida futura, obra approvada pelos bispos de Rennes e Coutances

cida, e concedida a grande numero, refuta a objecção levantada contra a bondade divina, por isso não devem abalar-se as salutares apprehensões sobre o nosso futuro destino. Porquanto, ignoramos os julgamentos particulares de Deus; e, ao mesmo tempo, sabemos que, apesar de soccorros e graças, dados e recebidos, somos sempre frageis, sempre peccadores. A confiança nos planos divinos, respeito á generalidade dos homens não deve impedir-nos de recear, respeito a nós individualmente.

Permitte-nos o christianismo esperar o que a philosophia nos authorisa a crêr: o numero dos felizes na vida futura, incluindo todas as condições e idades, formará por certo consideravel maioria. As graduações de sua felicidade serão indefinidamente diversas desde a mais perfeita visão beatifica até á felicidade natural mais imcompleta. E' isto o que constitue e em parte explica as differentes opiniões dos que admittem e regeitam o grande numero dos *eleitos;* por que, no seu verdadeiro sentido, aquelle titulo pertence verdadeiramente ás almas excluidas da bem-aventurança sobrenatural.

Porém, por que ha desigualdades? Por que ha degráos dissemelhantes? Por que são chamadas as almas antes da provação? Por que se torna mais ou menos difficil a prova? Por que se dão posições tão diversas como as aptidões, como as tendencias a bem e mal, como as graças e luzes recebidas, como as vantagens e obstaculos? E' que Deus é livre em seus dons, e senhor de seus beneficios. Ninguem foi creado para a desgraça; mas a justiça divina não póde chamar todas as creaturas a igual felicidade. Fez Deus o universo graduado

em jerarchias, e na diversidade fez consistir a harmonia. Na maravilhosa organisação, tanto dos mundos materiaes como dos espirituaes, os seres são subordinados: os archanjos são inferiores aos seraphins, os anjos aos archanjos, os homens aos anjos, e uns homens a outros. A recompensa mais ou menos gratuita será variada como os favores e actos. Mas Deus será bom para todos, e o ultimo seu favorecido não terá razão de queixar-se. O homem não o arguirá por não havel-o creado puro espirito, nem o anjo por não ser cherubim, nem o ignorante por não ter sido dotado de engenho e sciencia; senão que, as graduações innumeraveis da hierarchia abençoal-o-hão reconhecidos em universal e harmoniosa conformidade.

CAPITULO VIII

SÉDE DA IMMORTALIDADE

QUALQUER que seja o futuro destino, a terra é para todos a região da prova. Qual será, porém, o logar da recompensa? Onde vão parar as almas depois da morte? Qual parte do espaço, qual astro, qual estação do firmamento hade ser a séde e testemunho da nova existencia.

O logar da vida futura, em linguagem commum, é o céo, o céo que vemos, a região que se nos amostra sobranceira. Collocados, porém, sobre um globo, arrastado pela sua propria revolução e pela dos mundos, o firmamento, em todos os pontos do horisonte, nos está sobre a cabeça e abaixo dos pés: é tudo que nos rodeia no circulo que incessantemente percorremos no seio do systema universal. Dizer, pois, que as almas separadas dos corpos, são transportadas ao céo, quer simplesmente significar que sahirão da terra, sem se lhes indicar o paradeiro ou novo local onde se destinam.

Mas tal questão poderá resolver-se? Poderemos, se

quer, responder á pergunta? Perguntar onde seja o céo, em que logar superior ou inferior hão de ficar as almas, não é modular o futuro mundo pelas nossas idéas actuaes, encarar a outra vida com os olhos d'esta? Não é o mesmo esquecer que toda nossa essencia então será espiritual? que as substancias espirituaes não occupam logar nem espaço? que, até certo ponto, o finito não existirá para nós? que Deus, nosso Senhor e modêlo, não é nem póde ser limitado por espaço e tempo, e que é, ao mesmo tempo, em tudo? que, por causa identica, não habitaremos logar em separado, por mais explendido e sublime que elle seja, mas que o espaço todo, a immensidade nos será habitação.

Como hade determinar-se a natureza e estado do homem em espirito, aventar-lhe forma, e medida, collocal-o em qualquer local do universo? Não seria tão absurdo avaliar a dimensão do tempo, o volume da idéa, a duração da eternidade, como esquadrinhar a localisação d'um ser espiritual? Escolhei o mais aério astro, a mais condensada nubelosa, o ether mais subtil, penetrai na ultima esphera ingolphada nos céos, chegai, se tanto podeis, aos confins da creação physica, formai um mundo de electricidade e luz: tudo isto que é senão a materia conhecida? E acharemos que d'aquelles objectos nos differençamos.

Quando a terra, cumprida sua missão como abrigo do homem, desapparecer em atomos ou novamente se renovar; e o céo sideral, que um sentimento de involuntaria admiração considera docel de Deus e tabernaculo das almas, despir suas magnificencias, e se vista de novos esplendores; e o universo, nas condições em

que está, ou n'outras que Deus lhe renove, seja o persistente testemunho e renovado penhor da omnipotencia dos eternos designios: magnificas alternativas serão estas, ás quaes poderá tender com ardente aspiração; mas que essencialmente não influem no seu estado futuro; por que poderá gosal-as e possuil-as a alma sem estar contida n'ellas. O mais que póde affirmar-se é que, se a alma habita um logar, será logar immenso, e mansão infinita: a nossa imaginação actual não o figura; os nossos actuaes desejos não o sonham, que lh'o impedem as novas prerogativas que a alma hade receber de Deus, o resgate que hade descaptival-a da servidão da terra, e o caracter e privilegio de sua liberdade.

Não é captivo todo homem que habita um logar circumscripto? A alma, com seu insaciavel ardor, estaria contente em perspectivas restrictas? E, se já d'este mundo, se transporta ao infinito, será melhor de satisfazer quando houver entrado no infinito? Medir-lhe o espaço, localisal-a, crendo que sua natureza não se oppõe, seria encarceral-a em vez de abrir-lhe horisontes dignos d'ella, e de seu soberano remunerador. Não ha pôr-lhe limites, resistencias e estorvos, quando ella já se vai desprendida dos vinculos materiaes d'este mundo. Não haverá logar que a contenha, extensão que a encerre, tempo que a divida, espaço que a limite. Com ella terão desapparecido modos, attributos, e contingencias corporaes. Em condições por certo, subordinadas, e relativas, quaes não podemos conjecturar, participará da immensidade de Deus. Não será, pois, terra, céo, e universo o lugar das almas: será Deus.

Assim parece que o intenderam os mestres do chris-

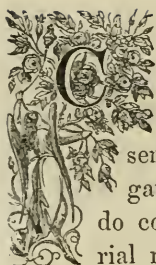
tianismo. S. Paulo, quando trata da séde dos bem-aventurados, não usa descripções locaes. O céo não é tanto um logar distincto, como uma maneira diversa de ser, conforme á condição dos entes espiritualisados. E' um estado em que ha o defrontar com Deus [1]. E S. João dá a entender que se não hade procurar o céo em espaço contido no universo; a região terreal é que é cercada e penetrada das forças celestes. Jesus Christo, sobre a terra, não estava tambem no céo [2]?

Deus espiritual, infinito e eterno será a séde e centro das almas cujo creador é.

Tirante isto, o mais são conjecturas mais ou menos grandiosas, hypotheses mais ou menos sublimes. O mundo espiritual, perfeito, e bem-aventurado, a vida immudavel e immortal, em sua essencia, transcendem as nossas apreciações. E' natureza sua ultrapassar nossos calculos, senão esperanças, nossos pensamentos, senão desejos.

1. S. Paulo, Eph. 1, 3; II, 6. 2.ª Corinth., v., 1 — 7.
2. S. João, III, 13. — Veja Dœllinger: O christianismo e a Egreja, p. 345.

CAPITULO IX

A RESURREIÇÃO DO CORPO

CONSUMADA a morte, a alma entrará na posse da recompensa, se a houver merecido. A misericordia ou a justiça divina senhoreal-a-hão immediatamente e para sempre. Mas é ella sómente a sujeita ao julgamento de Deus? E' para sempre apartada do corpo que deixou? Ao seu involucro material nenhum outro destino resta, depois da decomposição? A alma não tem que esperar do companheiro com quem ella conviveu no tempo da prova, e supportou o peso da vida?

Poucos povos da antiguidade, e pouquissimos philosophos antigos crêram na reunião ulterior d'alma e corpo. Uns davam como inteiramente anniquilado o homem, outros, em maior numero, só attribuiam sobrevivencia á parte espiritual; e muitos, em fim, não pedindo á alma conta de sua antiga morada, faziam-na transmigrar, em provação ou castigo, atravéz nova série de formas materiaes.

Todavia, a doutrina da resurreição, que admittiram

alguns tradicionalmente, e outros suspeitaram, estabeleceu-a o christianismo em dogma quasi universal. Appoiam-na, racionalmente, inducções plausiveis e graves provas. Annular-lhe o *principio*, haurido do poder de Deus, contestar-lhe *moralmente* as conveniencias, negar-lhe materialmente a possibilidade; é absurdeza.

Dizer-se que Deus não póde resuscitar o corpo do homem, é duvidar de um dos attributos de sua divindade, e pôr barreiras á sua omnipotencia. Aquelle que formou o corpo, e lhe fixou principios e regulou os elementos, e o quiz reduzir ao nada, não poderá revivel-o? Não estão em suas mãos todos os atomos? Não é elle o dispensador da vida, e tanto auctor da vida como da morte? E quem fez do nada tudo não poderá refazer a sua obra? A resurreição, bem que muito maravilhosa se affigure, não é um prodigio menor do que a creação, que procede da mesma natureza, e deriva do mesmo poder? Para se impugnar a Deus o direito de resuscitar o corpo humano, mister fôra provar que tal corpo não teve principio, ou que nasceu de um phenomeno espontaneo. Para negar a possibilidade da resurreição, fôra preciso, a pesar de todas as luzes da sciencia contemporanea, e o consenso da razão universal, regeitar um Deus creador, ou, por outras palavras, negar Deus. E' direito imprescriptivel que Deus possue: devemos crêr que o exercitará. Se Deus não se dedignou de crear o corpo do homem sujeito á morte, com mais elevado intento o fará renascer incorruptivel.

Magnificamente o disse Bossuet: «Do nada tirou Deus com sua palavra os corpos: em meio de suas creaturas não os deixará estranhos ao seu poder; por que

a materia de nossos corpos não lhe é menos valiosa por haver mudado de nome e feitio. Pelo que, ajuntará as dispersadas reliquias de nossos corpos, sempre presados d'elle, visto que uma vez os uniu a uma alma, que era sua imagem. Em qualquer parte do universo que a lei das mudanças haja lançado nossos restos, Deus os guardará; e, se a violencia da morte os houvesse anniquilado, não se seguiria que Deus os perdesse, por que elle chama o que existe tão facilmente como o que não existe; e razão teve Tertulliano quando disse que o nada é alguma cousa em Deus [1].»

Não menos eloquente foi a homenagem do propheta exclamando: — *Ossa arida, audite verbum domini* [2]! Estremecei, cinzas; morte, restitue a tua preza; e os abysmos hãode desentranhar-se em corpos humanos.

Todas as conveniencias moraes conspiram a dar ao homem a certeza de que seu corpo deverá reunir-se-lhe á alma. Não foi a carne cooperadora do espirito em todos os actos da vida terrestre? Não foi com ella, e por ella que a alma sentiu, conheceu, e procedeu? e deu nome ao bem, e o executou? e se elevou por artes, sciencias e virtudes a resultados de quasi divino poder? Testemunha e cumplice dos actos do homem, participou o corpo das boas e más acções, dos generosos esforços e desfallecimentos. Privações, vigilias, e castidade, não foram meritos da carne? Supplicios, torturas, martyrios, soffridos por amor á verdade e justiça, não são trabalhos corporaes? Por tanto, alma e corpo, associados na lucta, não podem desunir-se na recompensa. Se o corpo

1. Serm. para o dia dos defuntos.
2. Ezeq. XXXVII, 4.

que prestou seu ministerio e serviços á alma, concorreu a dar-lhe esperanças de inapreciaveis bens, não deve elle ser chamado ao mesmo goso? Não se hade reclamar para elle o que uma nobre heroina dizia de sua bandeira: « Entrou nos trabalhos, é justo que tenha quinhão nas honras e recompensas. »

E, de mais d'isso, que é o homem? Foi elle, acaso, creado puro espirito? Não é essencialmente composto d'alma e corpo? N'esta condição viveu, e o seu viver é a causa e razão de seus futuros destinos. N'esta condição é que soffreu as provações da terra, e assim deve esperar seu destino n'outra vida.

O seu particular fim não é a alma separada do corpo; mas a reunião d'ambas as suas entidades. Se a alma é immortal, deve participar de sua immortalidade o corpo; e para isto faz-se mister que resuscite. A suppôr-se o contrario, o homem não reviveria integralmente. Que não só haveria falta na harmonia de sua natureza, mas já não seria o mesmo ser. A pessoa verdadeira é o homem completo. Fórma externa, interposta e medianeira a pensamentos e objectos sensiveis, o corpo é, certamente, de natureza muito inferior á alma; mas não impede o facto que elle seja parte essencial do homem, uma das condições constitutivas de sua organisação.

Este raciocinio, por sua tão logica deducção, toca instinctivamente a intelligencia.

Já no seculo II foi elle desenvolvido com clareza notavel por um platonico fervoroso mudado para philosopho christão [1]: A natureza humana, escreveu elle, é a

1. Athenagoras. De resurrectione mortuorum, XV.

concordancia admiravel d'uma alma immortal e d'um corpo, cujos orgãos são proporcionados ás faculdades da alma. Não foi só á alma, nem só ao corpo, independente d'ella, que Deus bafejou vida; mas sim ao homem, composto de corpo e alma. Quer Deus que entre aquelles dois associados haja vida, fim e destinos communs, e que esta communidade quasi seja identidade. Com effeito, alma e corpo, formando um mesmo ser ao qual mesmamente se attribuem as affeições da alma e os movimentos do corpo, os raciocinios e as sensações, a inercia e a actividade, dispensaremos que este composto corra a mesma sorte e fim unico? Não é forçoso que impere uma especie de sympathia e uniformidade em todo o concernente ao homem, e que em fim e destino, assim como em nascimento, e natureza, vida animal e paixões, se pareçam? Por que tentamos dividir o destino d'este todo unico? Ora, se todo homem está destinado a um mesmo fim, só poderá attingil-o conservando sua constituição natural.

Mas como hade o homem perseverar em sua constituição natural, sem a reunião das partes que o compõe? E como hãode ellas reunir-se, se as dispersas não voltarem á ordem antiga? Pelo que, natureza e constituição do homem provam a necessidade da resurreição. »

Este intimo e necessario enlace de duas partes constitutivas do homem está não menos formalmente estabelecido por outro illustre apologista. Tertulliano, impugnando os sectarios que sómente admittiam a sobrevivencia da alma, dizia: « Não é a alma, só de per si, o homem; por quanto, depois que este barro foi denominado homem, lhe foi dada alma para animal-o; e a

carne tambem não é o homem sem alma; por quanto, logo que a alma sahiu, a carne fica sendo cadaver; de theor que o nome de homem é uma como cadeia que prende intimamente as duas substancias identificadas, e em quanto o nome subsiste, é forçoso que estejam alligadas [1]. »

E' de evidencia incontestavel que o intento de Deus foi não separal-as. A lei christã, rehabilitando a carne, não pelos prazeres materiaes, mas pelo dever — purificando-a, e dando-lhe mais semelhanças com a alma — fêl-a assim mais digna ainda do seu destino. Impoz-lhe mais nobre missão, e mais eminente destino. Ensinou-lhe o aperfeiçoamento e a justiça, mediante a abnegação e o combate. Assim como a sciencia não divide o homem natural com a separação de suas divisões, de igual modo as prescripções do christianismo não fraccionam a unidade do homem moral e religioso. Diz Tertulliano em sua fertilisadora eloquencia: « Longe de nós pensar que Deus entrega a irreparavel destruição a sua obra, o objecto de sua industria, o involucro do seu halito, o rei da creação, o herdeiro de sua liberalidade, o sacerdote de sua religião, o soldado da fé, o irmão de Christo [2]. »

A carne, assim ennobrecida e restaurada, uniu-se tão indissoluvelmente ao espirito, que o proprio Christo, o modêlo por excellencia, aceitou a lei de não abandonar o corpo do qual elle, Deus redemptor, tomára a fórma. Cumprida sua missão na terra, quiz ficar homem; não

1. Da resurreição da carne, XL.

2. Ibidem.

com a alma unicamente; — o que descompletaria a natureza humana, — mas com o corpo unido á alma.

Dest'arte conserva o plano divino, tanto na ordem natural como na religiosa, o seu caracter sublimado de unidade e fixidez. Cada creatura tem na jerarchia dos seres o logar que primordialmente recebeu, e nada póde perturbar esta escala de maravilhosa regularidade.

A materia subsiste materia, o anjo subsiste anjo, o homem deve subsistir homem. Posto em sua plana, entre a espiritualidade pura e a materia simples, não poderá reduzir-se a materia só, nem a espirito exclusivamente; não póde alterar a ordem para elle feita, nem aqui nem n'outro mundo; e para ser fiel á lei, urge que guarde seu corpo. Como homem recebeu missão que ha de cumprir. E' representante, orgão e pontifice da creação inanimada; pensa, falla, ora em nome d'ella; reune-as em si, e leva a Deus as homenagens do universo physico. E' o atilho d'este feixe. Deu-lhe Deus o cuidado e dever de representar aquella porção de sua obra. Fórma entre a natureza espiritual e a natureza tangivel um ponto de juncção, a um tempo, intelligente e material. Se este elo podesse ser quebrado, quebrada seria toda a cadeia dos entes, destruida seria a concordancia harmoniosa; a obra divina ficaria interrupta, desproporcionada, e inconsecutiva. O mundo physico, que não sente, nem pensa, nem deseja, não teria razão de ser no seu passado, presente e futuro, e impossivel fôra comprehender por que o homem não foi creado anjo immediatamente, nem qual o motivo por que elle corporalmente soffreu provação, cujo resultado podera ser o privar-se do corpo. Sim: é natural, logico e con-

gruente que o homem recupere sua fórma exterior, e continue n'outra vida a obra aqui principiada, e seja recompensado ou punido no complexo de seus elementos, e sua dupla natureza se mantenha no seio de sua completa identidade, e que, finalmente, o plano de Deus não soffra alteração nem quebra.

Porém, como será feita a redempção? E' materialmente possivel? Não lhe são invenciveis obstaculos as condições physicas a que todos os corpos estão sujeitos? Vão receio, que para logo vos dissipa o analogo espectaculo de diversos phenomenos que a natureza vos offerece!

Examine-se a geração e primeira formação do homem. Se um tão debil e simples germen póde produzir e desenvolver numero tão prodigioso e harmonico de partes entrelaçadas maravilhosamente, taes como nervos, musculos, ossos, visceras, vasos variadissimos, que tão variamente funccionam, e formam tão complicada, e ao mesmo tempo, regular maquina, porque nos espantamos se essas mesmas partes que já estiveram juntas se ajuntam de novo, e reproduzem o corpo que haviam constituido?! Se um simples grão de trigo lançado á terra morre e revive para formar uma planta completa com sua haste, folhas, fructos, é phenomeno menos para assombros que o renascimento da carne voltada á vida primitiva, e re-erguida de suas proprias ruinas?

Sahem os antagonistas d'esta doutrina com duas objecções. Dizem uns que elementos identicos, tendo já pertencido, como no caso da antropophagia, a dois differentes individuos, como é que na resurreição hão de recompôr ao mesmo tempo os dois corpos? Allegam outros

que as moléculas de cada corpo, renovando-se incessantemente por effeito da vida animal, tornam impossivel a reproducção d'uma identidade que, para ser inteira, exigiria a reunião de elementos muito mais multiplicados.

Objecções sophisticas: basta aproximal-as, e cahirão logo.

Não ha duvidar que se os elementos dos corpos fossem immudaveis, se o movimento da vida organica não se apropriasse nem regeitasse algum, preciso fôra que cada corpo os conservasse todos, e impossivel seria que os mesmos entrassem ao mesmo tempo na recomposição de dois corpos differentes. Porém, a sciencia moderna, com experiencias rigorosas e incontestaveis, demonstrou que o funccionamento da natureza não era esse. As moléculas que servem á formação e alimento de um corpo não ficam n'elle indefinidamente; entram d'ahi a tempo na massa geral dos elementos para novamente serem empregadas na formação d'outros seres. E' tão continuado este movimento da materia que um antigo philosopho, Heraclito, comparou o corpo a um rio, cujas aguas derivam, e a cada instante se reproduzem sem que o rio deixe de ser o mesmo! Este movimento é bastante rapido a fim de que as moleculas componentes do corpo humano se renovem integralmente de sete em sete annos, de modo que o homem de setenta annos dez vezes mudou todos os elementos do seu corpo. Logo se comprehende que, ainda no caso de que certas moleculas não voltassem ao corpo cujo foram; tal corpo, não obstante, poderia recuperar a fórma inteira que primitivamente possuia, sem nada perder da identidade de

seus elementos materiaes. Haverá sempre que abundem d'aquelles que participaram da vida terrestre para fornecerem a materia corporal, d'ahi em diante immudavel e incorruptivel.

Mas faz-se necessario que as antigas moleculas se reunam? Não poderá dizer-se que a verdadeira identidade do homem, identidade especifica e pessoal, não consiste realmente na materia que, em todas as épocas, serviu á formação da massa corporal? Aqui está um debate que deve ser decidido pela observação e bom senso. Sem embargo da mudança continuada dos elementos sensiveis, e sua completa renovação, não mudamos de corpo muitas vezes na vida. A unidade absoluta subsiste. As mesmas dôres, os mesmos desalentos, as mesmas molestias que perseguem a mesma personalidade humana nos dão irrecusavel testemunho. O fluxo e refluxo das materias que formam o corpo, embora se sigam sem intermittencias, o tecido, a urdidura, a fórma primordial sobre-está: de que resulta a persistencia do ser. E como, durante a vida, nos sentimos os mesmos, apezar das perdas e mudanças naturaes, que devemos soffrer, não nos será mais necessario, para sermos na resurreição os mesmos, retomarmos os atomos perdidos, os cabellos que nos cahiram, os suores que houvermos excretado [1]. Revestidos com a mesma apparencia, com elementos da mesma natureza, reunidos á mesma alma, conservando os caracteres distinctivos que nos estremam dos outros seres, somos e não cessaremos de ser na vida e na morte real-

1. Palavras de Jean Reynaud, Terra e céo.

mente os mesmos. Não faz ao ponto a época em que possuimos mais ou menos porção dos elementos que nos hão ser restituidos: Deus, revestindo-nos de nossa fórma, feições, e differença especifica, restituir-nos-ha sem duvida alguma o nosso corpo.

Ao passo que o estudo de nossa natureza demonstra não haver invencivel obstaculo á reproducção da nossa parte material, vem a philosophia especulativamente prestar provas novas á possibilidade da resurreição. Segundo a muito plausivel doutrina [1] de Leibnitz, a substancia do corpo, manifestada no estado ordinario e natural em moleculas sensiveis, poderia, em estado extraordinario, existir independente d'estas moleculas. As moleculas não são, pois, a substancial individualidade do corpo: são-lhe propriedades naturaes, e orgãos necessarios á sua manifestação. Para dentro de suas qualidades physicas e chimicas está uma especie de principio immaterial, força activa, substancia que já reside no germen animal, prende ás numerosas funcções do organismo, ata entre si as diversas partes, anima-as, sobrevive ao desapparecimento e substituição das moleculas primitivas, mantendo, atravéz de todas as evoluções da materia inerte, a identidade especifica e pessoal. Este principio indefinivel, mas real, de individuação, que triumpha de seus proprios elementos dispersos, e não póde ser levado na torrente da vida derivativa, nem alterado pelas vicissitudes da idade, nem mudanças de força, nem accrescentos nem ruinas, este principio vae com o homem á sepultura! Existindo, portanto, o corpo humano independente das moleculas que o compõe, com-

1. O Dynamismo.

prehende-se que elle verdadeiramente reviva em substancia, ainda mesmo que não encontre, para assim dizer, algum dos elementos variaveis e moveis, que lhe perteneceram nas épocas mais ou menos diversas da sua existencia terrestre.

Mas de que serve — dizem os ultimos adversarios da resurreição [1] — recompôr um corpo já inutil? Para que reatar membros que já não são necessarios, orgãos que não tem para que sirvam, dentes que não hão de trincar nada, vasos que não hão de servir á circulação dos fluidos, pés que nos não tem de sustentar, mãos que não hãode achar coisa em que toquem? Tertulliano, [2] ha dezeseis seculos, respondeu áquelle argumento, que tanto então como hoje, se funda sobre a utilidade material unicamente.

Certo, o organismo, no regulamento admiravel de suas funcções, tende a desenvolver e conservar a vida animal; mas, n'este mundo já, é esse o uso exclusivo d'elle? O bello, o ideal, as nobres affeições, cujo espelho elle é, não lhe dão tambem uma razão de ser? Hãode supprimir-se as producções do engenho, a estatuaria e pintura, por que suas creações magnificas não caminham nem digerem! O homem propriamente, ainda n'este mundo, será menor, menos perfeito, se, vivendo mais do espirito, podesse desprender-se das necessidades physicas, e dispensar-se, pouco ou muito, de comer e beber, e de attascar-se na bruteza dos prazeres? O que, n'este mundo, serve a nobilitar o homem moral, a excitar-lhe nobres sentimentos, não é coisa tão prestadía como o que

1. Jean Reynaud, Terra e céo.
2. De resurrectione carnis.

sustenta a vida material? O corpo resuscitado terá motivo e fim sufficiente se receber em premio a belleza, a incorruptibilidade, e a felicidade. Deixará de viver no céo a alma, porque ahi lhe são demudadas suas faculdades, a memoria inutil, porque a alma verá tudo, a imaginação inutil por que não terá que aspirar, o livre arbitrio inutil por que não terá que escolher?

Se não abasta ao corpo ficar testemunha eterna da provação terrestre que o levou com a alma á gloria celestial, Deus, dotando-o de novas qualidades, lhe designará um fim, que não está ao alcance de nosso entendimento, e o empregará em exercicio mais alto, glorioso e digno de seu novo destino. E não será mister, como alguns querem [1], que o homem, para reviver, tenha orgãos superiores aos que teve, para, mudado de natureza e fórma, se revista dos elementos d'um planeta ou estrella: hypothese vã, de que não resulta simplificação alguma. O que faz é dar um sonho em vez d'uma idêa natural, e uma maravilha sem logica nem relação com os phenomenos actuaes em vez d'um facto, por certo assombroso, mas cujo total resultado é elevar e melhorar o homem sem fazêl-o sahir das condições da humanidade.

Eis-aqui pois, uma doutrina que, á primeira vista, opposta ao testemunho de nossos sentidos materiaes, reposa, todavia, em germen nas mais longinquas esperanças do genero humano. E' doutrina possivel á luz do poder divino, e verosimil á luz de sua justiça e bondade. Faz parte, com justissimos titulos, das condições

1. Jean Reynaud.

e conveniencia da natureza do homem. A mais adiantada sciencia não lhe contesta a realisação, e nenhum argumento, venha d'onde vier, se lhe apresenta irrespondivel. Em fim, a religião christã, com sua auctoridade, tão valiosa ainda humanamente, a offerece como dogma essencial á fé da grande maioria do mundo civilisado.

Philosophos, n'esta doutrina que vêdes contrario á razão? Christãos, nós vêmos tudo que devemos crêr e amar. Sim; renasceremos completamente! Tambem nosso corpo vencerá a morte, erguendo-se de suas ruinas. Esta esperança falla-nos ao coração como advertencia preciosa para a vida prezente, e poderosa consolação para a futura.

QUARTA PARTE

BEM-AVENTURANÇA DA IMMORTALIDADE

PREAMBULO

TOCAMOS o supremo scopo. Estamos á vista do santuario da immortalidade. A exultação succedeu á prova, o triumpho á lucta. Entremos ao templo para lhe contemplar e admirar os resplendores.

Mas, primeiramente, não será esforço inutil e temerario querer transpôr estes penetraes mysteriosos, pedir ao céo alguns maravilhosos segredos seus, e tentar entre-vêr alguns raios d'aquella ineffavel luz?

Na descripção d'esta felicidade, é força contentar-se o homem com dizer que pensamento, olhos e coração não podem presentil-a? Que semelhante intento seria tão esteril como arrojado, infimo em relação á verdade para aventar muito em sombra uma simples figuração do que ella é? Dir-se-ha que não temos que fazer senão confiarmo-nos ao soberano remunerador, adorar em silencio seus designios, e esperar-lhes os resultados?

Certamente poderemos simplificar dest'arte nosso en-

cargo, dizendo, em uma palavra, que o premio será superior ao merito e á esperança.

E' no entanto vedado fitar olhos lá onde se não fez ainda a luz plena, e ir ávante na direcção do fito incomprehensivel e intangivel, e apegarmo-nos a um dos pontos da esphera cuja circumferencia não podemos abranger?

Em vez de enunciar simplesmente a soberana perfeição de Deus, ser-nos-ha licito estudar e admirar em alguns desenvolvimentos as divinas perfeições?

Se nos não tolhem o avisinharmo-nos progressivamente, mediante a sciencia, dos mysterios da natureza, que, sabido é, venceram sempre nossos esforços, não temos jus igual a applicar nossa intelligencia aos phenomenos da ordem sobrenatural, os quaes claro é que nunca poderemos senão entre-vêr?

Não é exalçar nossa alma e abrazear o coração o avisinhal-os do que é superior e sublime?

Estes pensamentos não encerram particular virtude esforçadora, que nos amostra, quando combatemos, os jubilos do triumpho, e a felicidade da patria ao trazer dos dias amargurados do desterro?

Não é tão dôce quanto animador descançar alguma hora os olhos sobre o quadro do futuro, quando mesmo a descripção em todos os pontos se desigualasse do objecto, e a copia desmerecesse muito do modêlo?

Não será sempre lucrativo para o homem lançar de si o jugo da mortalidade, desprender-se dos grilhões da vida, alar-se em esperanças e pensamentos, e demorar por instantes em um mundo em que só entra a virtude, onde só reina a justiça, e só triumpha o bem?

A philosophia conduz até aos umbraes d'aquelle mundo; a religião descerra-os, e introduz-nos. A estas duas guias, e mormente ao christianismo, elevado e purissimo em seus intuitos, é que havemos de pedir luzes para este quadro, e o desenho das sombras, e o claro dos contornos e relêvos, para o fazermos menos indigno da realidade, da qual apenas elle póde reproduzir imperfeita e remotissima imagem.

CAPITULO I

BOSQUEJO GERAL DA BEM-AVENTURANÇA DO CÉO

SEPAROU a morte as duas partes do homem. Momentaneamente se executou uma immensa transformação. A alma, revestida de sua justiça, passou pelo julgamento para entrar na gloria. Varreram-se as trévas. Refulge brilhantissimo dia. Cahiu o véo : manifesta-se a realidade. Adormentado com pavor no tempo, desperta-se a alma em delicias da eternidade. O derradeiro gemido de sua miseria é o primeiro instante de felicidade. A vida tranzitoria da terra demudou-se em vida de bem-aventurança immortal.

Mas o que se dá n'este lance não é transformação successiva, simples prazo de condemnação que nunca expira, e persegue o soberano bem que lhe foge. Não é absorvimento, sem personalidade e consciencia, n'uma infinita substancia, que nada é porque é tudo, nem especulativo gozo refusado ao vulgo, e offerecido ás intelligencias superiores. Não são as felicidades sensitivas, as volupias materiaes, bens unicos promettidos pelas re-

ligiões, tirante o christianismo, nem a indecisa existencia d'aquellas vãs sombras que o tedio perseguia no antigo Elysio, e que se doíam saudosas da vida com seus combates, jubilos bellicosos e tumultuarios, anciados pelos heroes das mythologias do norte, nem os gozos sensuaes dos cultos do oriente e India.

Para, desde a terra, entre-vêr felicidades mais nobres e puras, cumpre abstermo-nos de tudo que n'este mundo nos apouca os horisontes, embrutece as idéas, e damnifica os sentidos.

Baldam-se as comparações pedidas á natureza.

Uma ordem superior nos chama e quer que, para a possuirmos, façamos generosos esforços d'alma, e sejamos delicados de coração no summo ponto.

O que é immortal só póde descahir intranhando-se pelas ruinarias da mortalidade. Voltemos da terra os olhos, e veremos o céo.

A alma, separada do corpo, e d'este mundo, está-se logo em posse de si e de Deus. Faz-se n'ella transformação profunda. Dispersos pela distancia, os pensamentos, bem como as affeições obliteradas pelo tempo, concentram-se, e unem-se aos sentimentos desligados pela fragilidade. Já liberta de imperfeições, e solta do espaço limitado, vae unir-se ao auctor de sua vida.

Diz um philosopho espiritualista [1] que as mais perfeitas almas, iguaes aos mundos que não podem, captivos de leis, desviarem-se de suas orbitas, n'este mundo circulam sobre si mesmas, sem poderem ir a Deus.

Porém, mal se desatam dos corpos, não ha retêl-as;

1. Maine de Biran, Sua vida e obras, p. 339.

expedem fóra da esphera que as represava, e entram em espaço sem estorvos, sem barreiras, sem trévas. Não são os raios luminosos que lhes sobre-vem e as ferem no exterior: são ellas que directamente vão á origem da luz para se identificarem com ella. Já não conhecem a mobilidade dos phenomenos, não se temem das reincidencias contingentes, não palpam o declive por onde as existencias resvalam ao seu fim. Já nada tem a perder, nada a esquecer. Não ha passsado para saudades; nem futuro para receios. Luz as cerca, tem-as a gloria; vida plena as penetra. O sol d'ellas fulge sem nuvens, o dia não declina, o horisonte não se vê [1].

A lembrança do que foram realça-lhes o que são. Renovou-se tudo. A terra, onde exularam, desappareceu. Esta é a patria. Eis o céo: os jubilos mais sensiveis pela opposição, e mais vívidos pelo contraste. Após o trabalho, o socego; o premio, depois da lucta; a recompensa após a provação; a vida a troco dos padecimentos, angustias e morte.

A felicidade que o céo reserva aos homens está a tamanha distancia das imagens terrestres, que o represental-a pelas contrarias é o principal e mais facil expediente de conhecêl-a. N'este mundo, toda a carne tem seu aguilhão, toda a flôr seu espinho, todo fructo seu azedume, todo o gozo seu perigo.

No céo, nem inquietações que perturbem, nem duvidas que alvorotem, nem paixões que arrebatem, nem culpas que manchem, nem trévas que ceguem, nem dormir que atordôe, nem mobilidade que apavore. Nada

1. Veja Do conhecimento da alma, por Gratry.

ha ahi de nossa vida mortal, não persiste alguma de nossas actuaes sensações. Não ha successão d'annos e dias, nem momentos e épocas na immortalidade. Nenhuma revolução sideral demuda estações, já agora inuteis a nossos prazeres. Não havemos já mister feriar-nos de trabalhos, ou ainda de gozos.

Nada se exhaure, nada se renova. Não ha nada velho, nem recente. Nada acaba, nada recomeça. E' astro sem poente, repouso sem tedio, duração sem limite, jubilo sem conta.

Tudo que é transitorio e fragil em nossos sentimentos, extinguiu-se. A dôr acabou com a prova. Receio não se compadece com a certeza. Saudades, supprime-as a posse. Esperanças tambem não, que todos os desejos se realisaram.

O amor proprio, o egoismo, a inveja, a precisão, e tudo mais que é falta ou privação, não podem subsistir, acabada a causa cujo effeito eram. Tambem a maxima parte das virtudes já não existem; já não são combates ou meritos: são recompensas. Fé, humildade, zelo e paciencia, mudaram-se em amor, virtude que todas abarca e absorve.

Que será de ti, oh tempo? A duração será immudavel. Onde estarás tu, oh noite? A luz com seus esplendôres envolverá tudo. Que fim levareis, oh imperfeições? Oh declinar do dia, onde estarás tu, quando a vida fôr um dia crescente? Que será de ti, oh velhice? A madureza será sempre perfeita. Emfim, onde estarás, oh morte? Serás absorvida pela vida, e vencida para sempre. Tudo o que é incompleto, passageiro, mortal

haverá desparecido sob o olhar infinito e soberano de Deus.

O céo não é sómente ausencia de males; é para cada qual e para todos a posse do bem supremo; e a conquista confirmada, e a fruição inamissivel dos thesouros divinos. E' a meza do pae de familias á qual, amantissimos e unidos, se assentam os filhos todos de Deus. E' a grande assemblêa de todos os que vivem, amam e são ditosos. Cada qual se revê feliz em si e em Deus, em si e fóra de si. Com um só pensamento abrangerá tudo; com um só lanço de vista profundará tudo; com um só impeto de coração se irá ao bem universal e ao universo amavel. Soberana intelligencia alumiará o recondito de tudo; amor immenso nos fará amar todas as creaturas, Deus n'ellas e ellas em Deus.

Que magnifico espectaculo se desdobra nos umbraes da eternidade! Ahi estão as creaturas todas em adoração a Deus. Cantares divinos de augusta solemnidade e arrobadora melodia resôam atravéz dos mundos. A creação universal louva, bem-diz o Senhor, cada qual em linguagem que todos entendem. A soberana magestade, a auctoridade incommunicavel de Deus sobranceia todos os seres.

Desde as immensas profundezas do céo até ao mais remoto planeta, até á terra, se é que ella ainda póde existir, mundos conhecidos e desconhecidos, seres de todas as graduações e naturezas, conclamarão o poder de Deus, e o senhor absoluto de todas as creaturas, corpos, e intelligencias.

Então veremos o supremo poder reintegrado no seu direito supremo. Anjos e homens, espiritos e corpos,

bons e máos, crentes e infieis, saudal-o-hão todos com sua homenagem forçada ou voluntaria: humildes, perante seu soberano, bem-dirão seu bemfeitor.

Então se cumprirá aquella palavra proferida e perpetuada ha dezenove seculos: « Que todo o joelho se dobre diante do nome do Senhor, e toda a lingua confesse a gloria do Filho igual á de Deus seu pae. » Uma voz unica, um concerto unanime celebrará o poder, grandezas e perfeições infinitas de Deus.

Será um hymno triumphal dos bem-aventurados, pura homenagem do coração, um jubilar estreme, brado de admiração e reconhecimento que descerá e subirá incessante em eterno extasis do céo. Grande e victoriosa festa de que a nossa vida curta e turvada é a vigilia preparatoria. Solemnidade gloriosa em que todas as vozes afervoradoras, a todos os ouvidos attentos, descantarão sem enfado os louvores do Rei do céo!

Este preito glorificante ao Senhor não é sómente o tributo de nossa gratidão: é tambem parte de nossa felicidade; por que Deus, é ao mesmo tempo, o auctor e objecto d'ella. Se sobre a terra, mansão de sombras e chimeras, triste passo que havemos de attravessar á pressa, mero passadiço para superiores regiões, o homem, que se nos figurava feliz, tentava nossos desejos indiscretos e nos estimulava a ignara inveja, aqui temos agora o Senhor, e dispensador da felicidade, que nos chama, e nos acolhe ao seio com sua divindade nos cerca e enche, com seu halito nos bafeja, com sua substancia nos aviventa, e comnosco reparte sua natureza, perfeições e felicidade [1].

1. Divinæ consortes naturæ. S. Ped. II ep.

E' certo que nossa vida será sempre distincta da de Deus; mas separar-se, jámais. A felicidade dos santos, como assumindo proporções infinitas, pauta-se pelos attributos propriamente da divindade. Os limites d'ella são a immensidade divina, a duração é a eternidade, os prazeres são a felicidade. A riqueza, bondade, e poder de Deus são os dons dos seus santos; o amor, belleza, e sabedoria divina são seu thesouro e herança.

Corôa e recompensa é aquella mesma divindade.

Dons de tal ordem e magnificencia renovam, transfiguram tudo que em nós é. Tal felicidade não nos advem como exultação parcial. E' oceano de luz, e ambiente de gloria que nos envolve, e penetra em todos os orgãos impressivos, em todas as faculdades d'alma e coração.

Não receiemos proseguir no desenvolvimento de cada um d'estes diversos mananciaes de bem-aventurança. Vejamol-os, quando o homem resuscitado tiver assumido sua fórma definitiva, apoderarem-se de todos os attributos de seu ser, satisfazer-lhe todos os anhelos, e crear uma vida maravilhosa immensa, infinda, a qual, senhoreando corpo, espirito e coração do homem, lhe dará parte dos soberanos attributos da essencia e felicidade divina.

CAPITULO II

BEM-AVENTURANÇA CORPORAL

O CORPO, instrumento cuja missão era obedecer em quanto lhe durou a vida, teve com a alma ligações subordinadas, porém necessarias. Eil-o que chega, parte não menos indispensavel, para reconstituir o homem e completar-lhe a bem-aventurança. Nem a alma, nem o corpo separados um do outro são exclusivamente chamados a gosar a vida bem-aventurada. Possue o homem purificado na alma e renovado de vida nova e superior, aquella magnifica prerogativa. Vestem-no os mesmos elementos, mas já não alteraveis e mortaes; é a mesma natureza; mas d'hora avante metamorphoseada e mais digna de seus immortaes destinos. A resurreição debellou a fragilidade, a doença, a corrupção e a morte. Com a vida passada e decomposta, desappareceu tudo que era d'ella. Já não ha crescimento do individuo, alimentação organica, e renovação de funcções. Os gozos sensitivos nada os excita. Os jubilos celestiaes não tem que vêr com prazeres da terra, ou recordações d'elles. São jubilos que, por sua philosophica

superioridade e excellencia divina, dispoem ao companheiro de nossa alma religião mais pura e perfeita. Os sentidos não imperam nem se exercitam: a materia não estimula. Alli não ha esposo nem esposa no sentido da união terrestre; são todos como anjos de Deus [1], todos tem a primorosa pureza, e sublime delicadeza das intelligencias celestiaes.

Terminou o reinado da carne: já elle não materialisa o espirito; é o espirito que espiritualisa o corpo, é o principio immaterial que entranha no corpo suas nobres aspirações, suas santas voluptuosidades, que o sublimam e transformam. E, não obstante, é o mesmo corpo permanecente; porém, conservando sua identidade, attingiu o ideal; e, guardando sua differença especifica, adquiriu a perfeição. Por ventura perde o cego a sua identidade, quando recupera a vista? e o doente, por que recobra saude? Perde a natureza quando a modificam e aformozentam artisticamente? E o pincel habil, sem lezar a semelhança, não póde relevar a belleza? Assim o corpo, apossado da bem-aventurança, não soffre quebra na inteireza pertencente á plenitude de sua perfeição. Já d'elle se eliminaram os defeitos materiaes, todas as infermidades da vida anterior: quanto arguia n'elle degradação ou mera imperfeição já não existe. Transfigurou-se como um elemento puro que se desprende d'um centro de corrupção; como flamma viva que se eleva d'um foco de substancias crassas. Retomou vida adequada ao seu legitimo e verdadeiro destino, isempta de imperfeições que lhe envileçam a natureza, livre das deformidades, e das contingencias que o levavam ao deperecimento e á morte, curada em fim

1. Math. XXII, 30.

dos aleijões que outr'ora lhe empeçaram o movimento, lhe viciavam os actos, e ás vezes lhe deprimiam a intelligencia, durante a vida, ligada ao funccionalismo dos orgãos. D'hora em diante já não póde perder a posse da plena existencia e madureza. Embora não haja chegado ao periodo do desenvolvimento, na vida terrestre, ou tocasse a época da decadencia, ou haja vivido incompleto e privado de algumas suas mais nobres e essenciaes partes, então recupera seu complemento e sua perfeição. A's crianças accresce o que lhes faltou, aos velhos é-lhes restituido o que a idade lhes tirára, de sorte que todos possuem a inteireza do homem perfeito.

Por tanto, é de todos a belleza das formas, a harmonia das proporções, o brilhantismo das côres, a limpidez da luz, os incantos da phisionomia. O corpo, expressão da alma, reproduz-lhe as idéas; espelho do coração, retraça-lhe os sentimentos. Transluzem n'elle a pureza, a formosura e o ideal, os quaes lhe debellam as imperfeições, realçando-lhe a natureza, e o irradiam de esplendores que deslumbram e escurecem as suas antigas qualidades. Em sua nova gloria, apparece o corpo como uma das mais grandiosas obras de Deus, figura o typo absoluto da belleza, e relembra o modêlo divino que se humanisou, não deixando que o minimo quebranto deteriore suas perfeições infinitas.

Como o tranquillo despertar d'um sonho afflictivo, como o contentamento rompendo das entranhas das mais lancinantes angustias, a memoria dos padecimentos passados aviventará no corpo os gozos presentes. Suas antigas quédas darão relêvo á grandeza de sua força actual. A infermidade de seus primitivos elementos fará real-

çar a primorosa perfeição de seus novos principios. Os estygmas de sua antiga miseria serão a corôa da felicidade adquirida. Vencedor da morte, saboreará a vida sem reserva nem susto. Movendo-se espontaneo ao sabor de sua nobre e gloriosa natureza, deixando-se ir em transportes que lhe hão de ser recompensa e gloria irá até Deus que o fez subir, de tão profunda degradação, até lhe dar parte nas perfeições divinas, e luz suprema.

Reina ahi imperturbavel concordancia entre corpo e alma. Desagregado de seus elementos inferiores e pereciveis, o corpo é quinhoeiro dos mais gloriosos privilegios do espirito. Desconhece o que ser possam balisas e obstaculos. Não o restringe o tempo, nem o estorva a materia. Obedece submissamente aos impulsos d'alma e todas as vontades lhe aceita. Quantas prizões o maneatavam espedaçou, e fez-se *semelhante ao espirito* [1]. Qualidades maravilhosas que o elevam, transfiguram, e o dignificam para apossar-se da vida celestial!

Algumas energicas e sublimadas palavras do apostolo, que, em zelo e caridade, mais ao fundo penetrou da futura vida, caracterisam claramente os principaes dons do corpo resuscitado e chamado á recompensa por Deus.

O corpo, defezo ás dôres, e sobranceiro a penar, é impassivel. Nenhuma de suas antigas miserias o impressiona: *Semeado* na corrupção, *erguer-se-ha incorruptivel* [2].

O corpo revestido de luz, participa dos brilhantes e

1. Expressão de S. Thomaz d'Aquino, Summa.
2. S. Paulo. 1.ª ep. aos Cor., XV, 42.

gloriosos raios que reverberam da soberana felicidade da alma. *Semeado na ignominia, resuscitará na gloria* [1].

Aliviado de pezo, desembaraçado de obstaculos, o corpo transporta-se rapido como o pensamento com maravilhosa e incomparavel rapidez: *Semeado em fraqueza resuscitará em vigor* [2].

Finalmente, dotado de mirifica subtileza, o corpo auxilia todas as operações da alma sem difficuldade nem resistencia. Em perfeita correspondencia com a parte espiritual do homem cumpre-lhe immediatamente os desejos. *Semeado como corpo animal, resuscitará como corpo espiritual* [3].

Tal será, quanto nossas idéas actuaes aventam, o corpo resurgido, não já involucro de creatura mortal, mas gallas gloriosas que entrajam um ser immorredoiro. Entre estas duas fórmas, está o abysmo que estrema a luz das trévas, e o phantasma da realidade.

Mysteriosa renovação, senão antes nova creação, em que todas as condições terrestres serão mudadas, em que á materia será igualada ao espirito, e a immensidade será em vez do espaço, e a eternidade em vez do tempo.

Porém, será chamado sómente a tal transformação o corpo do homem? O restante da creação material que destino terá, nos intentos divinos sobre as suas obras? Não deverá ser tambem renovado e harmonisado com a glorificação do corpo do homem? Que é o céo novo e nova

1. S. Paulo, Ep. 1.ª Cor. xv, 43.
2. Ibid.
3. Ibid., 44.

terra [1], que nos são annunciados para apparecerem, quando se extinguirem o céo e terra actuaes, esquecida já a fórma antiga [2], acabado já o espaço e o tempo [3], convertido tudo em immutabilidade eterna [4]?

Que relação terá esta creação regenerada com o que ella é agora, com isto que vemos e palpamos, com os grosseiros elementos que nos cercam, e formam? Por que leis, mais ou menos analogas, será regida? Quaes condições, semelhantes ou oppostas, a hão de submetter? Segundo as mysteriosas combinações possiveis á omnipotencia de Deus, de qual ordem material ou espiritual se approximará a creação regenerada? Será coisa superior ás nossas previsões assignar-lhe o desconhecido modo de existencia? E qual vinculo hade prendel-a á porção corporal do homem, chamada á felicidade?

Não havemos mister, á imitação d'um moderno philosopho [5], afigurarmo-nos o homem «passando de sol a sol, subindo sempre, como pela escada de Jacòb, os degráos da existencia, elevando-se em radiante columna de estrella em estrella, de transfiguração em transfiguração.» Não havemos mister conjecturar um não sabemos que «fluido nervoso ou electrico que dará passagem nos intervallos e servirá como de ponte d'uma á outra margem.» Imagens vagas e ainda muito materiaes, e dissimilhantes dos objectos que intentam pintar!

O mais que saber podemos é que o novo modo de

1. Isaias, LXV, 17. — Apocalip., XXI. 1.
2. Ibid.
3. Apocalip. X, 6.
4. S. Paulo. Heb., XII, 27.
5. Pelletan, Profes. de foi du XIX siècle, c. 2.

existir será a plenitude da vida durante a eternidade. Que, sahida de mão igualmente generosa e omnipotente, a creação, diliciando-se em meio de infinitas maravilhas, terá de seu alegria sem fim. Que o corpo do homem, enriquecido de magnificentissimos dons, gozará, no seio da renovação geral, cuja obra prima será elle, gloria, e immortalidade que lhe consagrará a bem-aventurança, completando-lh'a por igual com a da alma, e immutavel como a de Deus.

CAPITULO III

BEM-AVENTURANÇA DO ESPIRITO

Nutre o espirito do homem aspirações immensas. Apprender, saber, descobrir os segredos das coisas, penetrar enigmas, e resolver problemas, é a indole e o prazer do homem. Esta nobre curiosidade descamba em culpa quando o orgulho a dirige e aguça; porém, apontada a fins legitimos, é, a um tempo, merito e gozo. E' licito colher os frutos da arvore da sciencia, e saborear-lhes a doçura, quando elles se nos convertem em alimento.

No céo, é direito e premio nosso o podermos escrutar tudo, senhorearmos toda a sciencia, escavar profundezas, intender de effeitos e causas. Ante nós se amostrará quanto mais elevado houver nos designios de Deus! Os segredos da creação, os mysterios da natureza e da graça serão manifestos ás nossas contemplações. Nossas vistas sondarão abysmos, sem sentirem vertigens. Nosso espirito, bebendo a maiores sôrvos na fonte da vida, recrescerá em mais fecunda existencia.

O homem conhecerá Deus em suas *obras*.

Contemplal-o-ha em sua *essencia*.

Comprehenderá sua *providencia*.

Possuirá n'elle a *verdade*.

Luz ineffavel, e sciencia divina que lhe abrirão thesouros inexhauriveis de admiração e felicidade!

1.º — AS OBRAS DE DEUS

As obras de Deus são inenarraveis. Desvaira-se o espirito humano no seguimento do minimo vestigio e estudo do minimo ponto d'ellas. Quer as interroguemos sobre a terra, nosso dominio, onde parece que as temos mais á mão, quer as exploremos nos seios do céo, ou nos compenetremos escrutando os prodigios de nossa mesma existencia, ficamos stupefactos diante do que se deixa entrever e suppor.

A terra é uma das menores creações de Deus. E' atomo no universo, é ponto vago no immenso; e, todavia, as maravilhas que ella incerra, o poder que proclama, bastam a exceder os nossos juizos. Sómente os corpos que nos cercam, bem que imperfeitos e inferiores, abrem perspectivas que nos causam uma especie de terror admirativo.

O complexo da creação terreal mostra, em suas linhas superiores, um plano e conformação cuja belleza decerto está ao alcance de nosso intendimento. Já aqui o poder do creador, e opulencia da natureza resplandecem em feições maravilhosas, e nos accendem desejos vivissimos de entender o que nos não explicam. Lá

onde, porém, a creação parece restringir-se e apequenar-se é que nossa imaginação mais se espanta da fecundidade d'ella.

Os mais infimos seres pullulam em proporções inconcebiveis. A sciencia, convicta da imperfeição de seus processos e inefficacia de forças, faz, a tal respeito, curiosissimas revelações.

Em uma gota d'agua, augmentada pelo microscopio solar até ao volume de doze pés de diametro, um insigne sabio [1] distinguiu tão prodigiosa quantidade de animaes de toda especie e fórma, que não pôde, sobre a extensão de doze pés assentar o bico d'uma agulha sobre ponto desoccupado.

Um habil naturalista [2] calculou revolverem-se quarenta mil milhões de animalculos n'uma polegada cubica de pedra-tripe; vem a ser que um mundo de polegada contem mais seres do que, em homens e grandes animaes reunidos, contém a terra.

Outro sabio [3] computou que seria necessario o continuado trabalho de oitenta mil pessoas por espaço de seis mil annos para contar os entes vivos encerrados em duas milhas cubicas d'agua maritima.

Baldam-se calculos diante de tamanha fecundidade. Innumera multidão de seres de toda especie, peixes do oceano, molluscos aprofundados nos mares, larvas e insectos que enchem todos os pontos do globo, plantas que lhe vegetam na superficie! Sementes de grãos e animaes, que, se houvessem de germinar e desenvolver-se todas,

1. Herschell.
2. Ehrenberg.
3. O capitão Scoresby, Revista dos dois Mundos, 15 de Junho de 1859.

cobririam a superficie da terra por espaço de duas ou tres gerações! Animalculos e vegetaes inferiores que enchem as aguas, o ar, os corpos vivos e os inertes, e sem cessar se reproduzem sob admirabilissimas condições!

Resulta das nossas combinações em que modernas experiencias fizeram entrar as substancias o apparecerem, ás vezes, seres desconhecidos, que desde o começo do mundo estavam latentes; podendo já, d'ahi, tirar-se como certo que numerosos embriões, inacessiveis ao intendimento do homem, estão derramados na natureza, esperando o,po rvezes,tão remoto instantede se desenvolverem.

Se ainda, no que diz respeito ao nosso globo, consideramos os phenomenos da electricidade e da luz, mais mirificos resultados se nos deparam. A luz, no systema da emissão percorre setenta mil leguas por segundo. No systema ondulatorio, surprehende mais ainda o resultado: para calcular a rapidez, estabeleceu-se quatrocentos e oitenta e dois milhões de ondulações em um millionesimo de segundo.

Estes espectaculos já são como infinitos horisontes que nos entre-mostra a natureza actual, que nossos sentidos limitam e as necessidades restringem. E, para além, entre o prodigioso e sempre renovado numero de suas obras, quer sejam ou não creadas para nosso uso, ha milhares d'ellas que desconhecemos e nem se quer nos transluzem. « A natureza — diz Pascal — inexhaurivel de forças, e impenetravel em seus designios, cança-se menos de produzir do que a nossa imaginativa em comprehender. » O illustre escriptor mostra na derradeira porção conceptivamente divisivel d'um oução, no ascintamento d'este escorço de atomos, não sómente

o universo visivel, senão que a immensidade concebivel da natureza; ahi devisa infinitos universos, cada um com seu firmamento, planetas, terra, em proporção igual á do mundo visivel; e, n'aquella terra, animaes, e ouções nos quaes se nos depara o que os primeiros deram; e, investigando ainda nos outros as mesmas coisas sem intermittencia nem repouso, mostra-nos abysmos de maravilhas em sua pequenez tão para assombro, quanto as outras o são por sua magnitude [1]. »

Ponderava Leibnitz o mesmo [2]: « Póde ser que existam, e devem até existir em pequenissimos atomos mundos não inferiores ao nosso em formosura e variedade. »

Se assim, pois, o minimo bago de areia nos supera o intendimento; e, se, n'este limitado mundo, e por entre véos nos transportam as maravilhas entrevistas; e, se o espirito do homem mortal se vai com tal impeto de curiosidade ás profundezas insondaveis, que diremos d'aquelle dia das revelações, n'aquelle eterno mundo, quando, quinhoeiros da sciencia divina, soubermos já o segredo de suas obras, e o podermos seguir nos intimos arcanos da sua omnipotencia creadora?

Os céos, porém, escondem, por sem duvida, immensos prodigios de grandeza e distancia para maiores surprezas. Este sol que alumia e aviventa o globo com inexgotaveis ondas de luz, este firmamento cravejado de estrellas que á nossa vista se affigura pavilhão da terra, são já admiraveis; todavia lá para d'entro d'ellas, ha incognitos espaços, e maravilhas infinitas.

Além vêdes pleiada immensa formada das estrellas

1. Pensamentos.
2. Correspondencia com Bernoully.

que a olho nu enxergamos: como que nos estão attrahindo e communicando arcanos. Figuram-se-nos quietas nas profundezas da abobada celeste. Estão outras mais ao longe que já não lobrigamos com a fraca vista: são como manchas só perceptiveis com poderosas lentes aquelles milhões de sóes. Na via-lactea contou Herschell vinte milhões de estrellas. Vinte oito mil estrellas multiplices, averiguadas em differentes pontos do firmamento, são rodeadas de planetas que circulam á roda d'um centro commum de gravitação. Estes centros todos, de certo ligados entre si, movem-se com o movimento da gravitação universal. O sol, bem como os outros corpos celestes, não é immudavel; calcula-se que a rapidez de seu movimento excede seiscentos mil myriametros por dia. Mas a fóra isto, ha pleiades sem conto, e mundos sem fim que se prolongam por abysmos sem limite; ha estrellas cuja luz, ganhando quatro milhões de leguas por minuto, levará dois milhões d'annos para chegar á terra; se a terra existir então para sentil-a e admiral-a. E estes mundos todos se movem obrigados a formulas invariaveis: formam turbilhões que se desenvolvem uns nos outros; e passam por vicisitudes regulares de consecutivas revoluções: mundos que nos assombram, fogem a nossos calculos, baldam nossos instrumentos e dão a intender que ha myriades de outros, os quaes, de profundeza em profundeza se escondem indefinidamente para além!

Foi dado ao systema universal um nome magnifico, *cosmos*, que quer dizer essencia da ordem. Diz Cousin que á harmonia dos seres preside sublime geometria. Tão admiraveis como aquellas obras podemos dizer as

leis que as regem e sustentam, leis cujo segredo nos jactamos de encontrar, quando lhes damos nomes de attração, affinidade, e gravitação, sem attendermos que tudo isto são palavras, véos transparentes da nossa ignorancia.

Se o descobrimemto d'algum d'aquelles phenomenos, ou d'alguma d'aquellas leis faz jubilar-se o sabio, se elle saborea nobre triumpho quando crê que o seu engenho roubou aos céos um dos segredos, se um só conhecimento á custa de longos esforços adquirido lhe é vivissima exultação, que diremos, lá quando na futura vida, já não uma lei ou phenomeno dos mundos, mas a sciencia universal nos fôr revelada? lá quando abrangermos todas as distancias, e medirmos todos os espaços, e calcularmos todos os numeros, e comprehendermos as causas dos productos da divina omnipotencia, sem embargo das novas maravilhas?

Serão os limites da vontade creadora o que a nossa intelligencia póde descobrir, e a imaginação suppôr? De par com a realidade, está ainda o possivel com as suas infinitas combinações. Para além do que a nossa imaginação concebe, está o que ella não póde phantasiar. Ao lado d'este universo cuja grandeza nos confunde, existe infinidade d'outros, de natureza inteiramente diversa, os quaes podem desenvolver-se em modificações, cujos termos são de todo alheios do nosso entendimento.

Pois tudo isto será nosso. Todas as graduações, desde a pequenez infinita até á infinita grandeza, havemos de subil-as e descêl-as. Possuiremos toda a realidade, e todo o possivel. Iremos possuir os thesouros da riqueza crea-

dora aos abysmos que nenhum pensamento humano sondou. Nossa alma, exalçada a poderes de comprehensão e conhecimentos incalculaveis, verá, saberá, abraçará tudo o que foi, é, e ha de ser operado pela omnipotencia da divina vontade.

Por de sobre tudo isto, estamos nós para admirarmos, compararmos e julgarmos as magnificencias do universo, nós que por sem duvida somos o mais admiravel prodigio d'elle. N'este mundo somos enygma, nem sequer sabemos como somos formados. Desconhecemos a origem, a formação e machinismo de nossas faculdades. Não comprehendemos como seja a nossa alma immaterial, cuja representação nos é impossivel, nem o que seja o corpo material que sentimos sem comprehendêl-o, nem a alliança tão intima e ao mesmo tempo fragil que os une, nem o que seja pensamento ou acto intellectual, nem o que seja a palavra, communicação ao mesmo tempo necessaria e distincta do verbo interior, nem o que seja a vida que une as duas substancias, nem o que seja a morte que as separa. Enredados em questões de tempo, logar e espaço, baralhados com os phenomenos inconcebiveis, não podemos acertar com o entendimento d'aquillo que mais intimo nos é. Todavia temos consciencia de nosso valor; e os maiores homens, investigadores da verdadeira grandeza, aquelles são que se estudam e invidam vigilias para se entenderem a si.

Apenas desprendidos da vida terrestre, tomamos posse real de nossa personalidade. Já nos pertence o mundo espiritual. Transformam-se e illuminam-se as faculdades. Já não é a memoria aquelle basso espelho em que

se trasladam as côres do passado com luz confusa e intermittente. Já não é a intelligencia aquella incompleta intuição que se esforça em alcançar, ou que alcança depressa sem comprehender. Já não é a vontade, aquelle antagonismo de inclinações avessas, aquelle agitar-se incessante, nunca senhor do seu caminho, e baldeado de extremo a extremo.

Já operamos conscientes do que fazemos. Aclara-se-nos a origem, meio e fim de nossas idêas; dirigimol-as a talante nosso; um só laço as enfeixa, uma só luz as concentra e alumia. Somos obra de Deus, e no proclamal-o funde a nossa gloria. Temos de nós completa consciencia e senhorio. E' bello e nobre este imperio, porque toda a extensão lhe descortinamos; é já condição nossa regrar-lhe as leis e governar-lhe as potencias.

2.º — A ESSENCIA DIVINA

Se o antecipado bosquejo d'aquelles mundos reaes ou possiveis nos arrebata, se o conhecermo-nos intimamente nos encanta, ainda ha mais que nos enleve, porque somos a obra, e a suprema gloria é conhecer o obreiro. Eil-o aqui, eis propriamente Deus, Deus, que a sciencia nos mostrou poderosissimo na creação, e a philosophia nos apresenta sobre-excellente por seus attributos, e a religião nos revela tão liberal de beneficios. Eil-o em sua essencia: apparece-nos na suprema grandeza da magnificencia e perfeições.

Deus, inexprimivel por palavras, e anciado por quan-

tos desejos ha ahi, inacessivel á idêa e invocado pelo clamor universal, incoercivel a calculos e de todas as almas procurado, Deus é infinito em duração, eterno, incomparavel. Imagine-se duração milhares de vezes mais longa que a dos mundos passados e futuros; multiplique-se por milhares de durações semelhantes; vá o espirito além de todas as fórmas numericas, será ainda tudo indefinido, e muito áquem da idêa infinita de Deus.

E' infinito Deus em extensão: é immenso, está em toda a parte. Imaginae a distancia que vae da terra á mais remota nubelosa, áquella, cuja luz, prodigiosamente rapida, levaria milhares de seculos antes de nos tocar; multiplicae esta distancia por milhares de distancias iguaes, accrescentae ao resultado tantas cifras quantas as gerações todas de homens poderiam escrever durante a duração dos mundos, e nem assim podereis conjecturar a immensidade de Deus.

E' infinito em poder. São admiraveis os mundos que a astronomia descobre, e os que adivinha ou presuppõe. Imaginae que Deus creou mundos maiores e mais maravilhosos quantos são os bagos de areia e gotas d'agua do nosso. Cuidaes ter avistado os limites do poder divino? Decerto não: que é indole do infinito exceder quantos calculos, quantos possiveis, quantas medidas sejam.

E' Deus tambem infinito em todas as perfeições n'elle concentradas. Não tem igual em santidade, é illimitado em caridade, incomparavel em justiça, sublime sem modêlo.

Ora pois! Este é o Deus, cuja essencia conheceis. A

mais sublime metaphysica não vos antepõe os horisontes em que vereis Deus: demoram muito para além das mais exaltadas concepções. N'elle e por elle tereis a sciencia universa. Proclamal-o-heis infinitamente superior a suas obras. Não haverá medida em vosso assombro, quando o virdes qual elle é. O espirito vos ficará captivo do encanto e magia das perfeições divinas.

Vereis como tudo haure vida e promana de seu seio. Producção incessante, actividade soberana, supremo poder, ente necessario e independente, origem, principio, razão de tudo, é Deus! Vereis como o acto divino afflue do poder, como a vontade é a causa unica do phenomeno, como a eternidade engendrou o tempo, e a immensidade o espaço, e a immutabilidade a variedade infinita.

Vêl-o-heis tambem á luz sobrenatural de suas manifestações, no mais recondito de seu ser e fecundidade eterna: poder, sabedoria, amor, trindade sublime que lhe é felicidade, gloria, e divindade. Então sabereis como é a existencia, a geração, a identidade das tres pessoas adoraveis, o unirem-se, sem se confundirem, o distinguirem-se, sem se separarem; e qual união quiz Jesus Christo contrahir com a natureza humana; e como o Deus do céo se fez o Deus do presepio, e do Calvario; e como com sua propria santidade e justiça quiz consummar a redempção.

Divinos segredos, accessiveis a nosso espirito! arcanos em que havemos de penetrar! mysterios que, ao descortinarem-se, nos banharão de seus esplendores! Nem mais nuvens, nem mais visualidades! Fez-lhe o

brilho da divina essencia, da luz increada cuja irradiação nos reverbera no entendimento. *Et in lumine tuo videbimus lumen.*

3.º — Deus em sua providencia

Desde logo penetraremos nas intenções de Deus, e assistiremos aos seus soberanos conselhos. Veremos o plano geral das obras d'elle. Contemplaremos as idéas immortaes que o dirigiram, e profunda sabedoria que rege a creação. Tanto ao maior como ao infimo será revelada a economia do mundo material e moral, já não na variedade de seus desenvolvimentos mas na magnificencia complexa do todo, e por tanto, aquella universal harmonia que o sabio tão fervorosamente anceia conhecer, e o philosopho entrevê com tamanho jubilo, e o fiel reverenceia com tão confiada submissão.

Perguntaremos áquelle maravilhoso ether em cujo seio se movem os mundos, e áquelle pó de astros, onde, segundo as conjecturas da sciencia, podem a cada instante nascer e morrer systemas maiores que o nosso systema solar; perguntaremos a todos aquelles astros sem fim e sem conto, qual é a sua missão providencial, que destino lhes deu o altissimo, de que modo glorificam seu auctor, se são creaturas materiaes ou espirituaes, intelligentes ou destituidas de razão, que lhes cantam seus hymnos, e até onde, de constellação em constellação, vão resoando aquelles louvores, homenagem de tudo quanto, nas profundezas do céo, recebeu o beneficio da

vida. Leremos sem obstaculo n'aquelle mysterioso livro em que se folheam as paginas do presente e do futuro.

Emquanto contemplamos os prodigios cumpridos, veremos os que se hão de realisar : Deus, na sapiencia de seus designios, dispondo dos velhos mundos ; a terra extincta no espaço ou transformada ; os planetas que são parte em nosso systema, parecendo cahir dos céos para se entranharem no sol, centro commum d'elles ; talvez depois, conforme certas indicações dos livros sagrados, céos novos e nova terra, surjam em definitiva fórma para serem o docel glorioso, e o dominio immorredoiro da creatura bemaventurada.

Ordem de coisas, porém, mais imponente ainda que o mundo material, a ordem intellectiva e moral, igualmente se descortinará ante nossos olhos. Eis se aplanam os grandes caminhos da providencia, tão empecidos por mysterios na vida actual. Toma-nos o assombro, mas admiramos ; confunde-nos o temor, mas applaudimos com transporte. Isto que nos exagita é a nossa consolação ; é um pavôr com que jubilamos. O magnifico todo do plano geral, d'entre os pormenores que o compõe, sahirá em combinações harmoniosas em extremo.

A historia do tempo e da eternidade, passado, presente e futuro, serão vistas em um só horisonte, com o mesmo relanço d'olhos !

N'este quadro veremos a vida da humanidade, a missão dos povos, a formação e decadencia d'elles, as alternativas dos imperios, a vocação das raças, as idêas, paixões e actos humanos, em sua correspondencia ou resistencia á vontade divina. Tudo veremos com suas

côres, as causas com os effeitos, os destinos dos individuos com as nações, os factos cada um de persi e todos collectivamente, a historia do homem em geral, a não menos importante de cada alma em particular, e no centro todos estes diversos elementos, a providencial acção regendo tudo com poder e sciencia, e completando seu divino e immudavel plano.

Intuitivamente attingiremos aquelle magnifico designio; em nossa intelligencia se insculpirá com os seus desenvolvimentos todos. Espectadores do governo de Deus em suas obras, conheceremos os motivos d'ellas, comprehendendo-lhe os actos, e lhe proclamaremos a grandeza.

Oh! se n'este mundo algum homem d'alto engenho conseguiu enthusiarmar-nos, indicando algumas feições que julgou descobrir n'aquelle divino quadro, qual não será o encanto lá no céo, quando d'um só lanço d'olhos atravéz de todas as idades do mundo e gerações d'homens, nos apparecerem encadeados os decretos e operações providenciaes, e assistirmos aos conselhos propriamente do altissimo!

Se descermos d'estas sublimes generalidades ao concernente a nós, igualmente reconheceremos o influxo de Deus, a escolha que de nós fez para dar-nos vida, a missão que nos commetteu, entre a materia e a creação espiritual, incomparavel formosura de que nos adornou a alma, os motivos actualmente impenetraveis porque permittiu nossa quéda, o soccorro que nos levantou, o fim que novamente nos offereceu, os cuidados e desvelos em nossa felicidade, as leis da vida material, intellectiva e moral, a intervenção divina em todos nos-

sos actos, o logar emfim que, tão debeis e mesquinhos, havemos de occupar no plano geral dos seres, e na complexidade da creação chamada á bem-aventurança. Agora somos, digamol-o sempre, esboços imperfeitos, indecisas imagens do que ha de ser a prodigiosa sciencia de que ha de gozar-se nosso entendimento um dia, quando, regenerado e engrandecido, comprehender aquellas magnificencias todas, quando finalmente elle poder senhorear-se da verdade e dominal-a de sobre o soberano imperio de suas vistas.

4.º — A VERDADE EM DEUS

E' certo que uma das tristissimas miserias d'esta vida é não podermos avassallar plenamente a verdade. Faz-se mister duro e pertinaz trabalho, luctar a peito com muitas resistencias para convisinharmos do longinquo horisonte em que está, envolta em nuvens, a verdade. E' longo e incerto o esforço: estorvos numerosos e ás vezes dolorosas provações empecem ao caminho do espirito, que vae de fito á verdade, sem confiança em descobril-a.

Se a pedimos á metaphysica, logo os sentidos se intromettem, e tolhem o vôo da intelligencia, cortando-nos os degráos firmes que nos levariam á contemplação dos objectos anhelados. Depois, se, por momentos, as sensações emmudecem, e as imagens terrenas se esvaem, e a alma se liberta e se altêa á visão do supremo bem, que prazer nos dão estas intuições! Mas, tambem, que

dissaborido quebranto o da quéda! Tristes phases que todos alternadamente experimentamos!

Quantas vezes, após estes relampagos, o homem n'este mundo, volve a procurar, hesita, já não sabe onde está o que julgára possuir, depois de novo o acha, e de novo o perde e volve a procurar. Daria a vida a troco da certeza, e morre sem possuil-a. Até o mais crente, soffre intercadencias de tristes ceguidões; carece de firmeza em idêas e raciocinios; tudo o sobresalta; assombram-no o desconhecido, o incerto, o futuro. Segue angustiado o fio conductor por entre trévas: se o não larga, vê lá muito ao longe a esperança; se o larga, recae em horrendo desesperar. Ao apertal-o entre as mãos, receia não vêr senão phantasmas e vãs imagens.

A duvida é a maxima desgraça do homem: não ha forças que a removam. Mais triste que a mentira, e mais de temer que o erro, a duvida prende-se a toda a doutrina, entranha-se em todas as opiniões, assaltêa todas as intelligencias. Por vezes, os mais eminentes espiritos se sentiram invadidos d'ella no mais profundo de seu ser. Um illustre escriptor moderno a antepoz, como desgraça, á enfermidade e á morte [1].

Pela dôr do homem, que de continuo vê esconder-se-lhe a verdade, e pela sua alegria quando lhe possue alguns vislumbres, avaliemos qual deva ser-lhe a felicidade quando elle possuir a verdade absoluta, e d'um só lance de olhos poder abrangel-a, sem ser obrigado a remontar-se para ella com penosas fadigas, nem perder uma parte para possuir uma outra parte da verdade!

1. De Tocqueville.

Serão mudados em dia radioso os clarões fugitivos. Hesitações e receios não terão que vêr com a posse incontestada. O caracter da certeza será irrevogavel. Luz, a jorros de toda parte, nos innundará.

Sentirá a alma que a verdade inteira é sua, verdade resumida e concentrada em Deus. Já segura de havêl-a conquistado, com insaciaveis olhos a contemplará e gozará com inexhaurivel contentamento. Ascenderá sempre sem temor de quéda. A verdade, em pura e perfeita intuição, se irá radiando e dilatando até aos confins da existencia universal.

Não será merecimento; será exultação. Não será esforço; será maravilhoso repousar. Não será aspirar, será contemplação. Não será peleja; será victoria infinita. Não será fé submissa, será intelligencia que comprehende e adora.

Oh santa, oh divina verdade, vida d'alma, alimento primeiro de nossa essencia, dignissima de todas nossas homenagens e cultos, quão bello é n'este mundo luctar morrer por ti! Viver de ti, e por ti é a suprema felicidade, é a bem-aventurança do céo!

CAPITULO VI

FELICIDADE DO CORAÇÃO

1.º POSSESSÃO DO BEM

O CORPO espiritualisado, e dotado de novas aptidões, será possuidor de gozos desconhecidos, e sem duvida, o intendimento comprehenderá, verá, e, ao mesmo tempo, que recebe a luz receberá a felicidade. Eis-aqui a bem-aventurança que a todas abrange: a bem-aventurança do coração, a bem-aventurança do amor; amor, elemento de tudo que se move, necessidade de tudo que sente, lei de tudo que respira; amor, ideal e realidade da vida, perfeição do ser; amor, modêlo e inspirador, causa e effeito da completa felicidade; amor, que tudo excede, que de si mesmo se alimenta e que só aspira ao que mais puro é, mais nobre e generoso.

O amor na perfeição da palavra não é a creação com suas maravilhas, não é os mundos harmoniosos, nem os anjos e seraphins, nem toda a cathegoria dos bem-aven-

turados; tambem não é os prodigios reunidos que a terra renovada e o céo aberto aos eleitos nos hão-de manifestar: é Deus propriamente, é aquelle que fez e abriga em seu seio paternal o homem com toda a creação, é o ente de caridade infinita e immensa misericordia.

Entendido está, que se a bem-aventurança é tal que nada póde haver que tanto estimule nossos desejos, e a não ser assim não podia ser ella o perfeito e final termo, claro é que não póde ser senão o bem por excellencia essencia infinita, além da qual não ha algum ente real ou possivel, alguma vantagem, alguma possessão: é Deus, e só Deus. Tudo o mais é emanação, sombra da perfeita bem-aventurança, insuficiente para Deus que a dá e para o homem que a recebe. Insuflou-nos Deus tamanha sêde ao coração que só elle de persi poderá dessedental-a; tamanhos fez nossos desejos, que já não queremos recompensa que não seja elle. Elle só póde encher-nos o vazio da alma, completar o que nos falta, e aperfeiçoar-nos pela união divina.

Já não existem aquellas moveis apparencias de felicidade que n'este mundo se entre-mostram aos sentidos, já não existem aquellas incertas imagens que n'este mundo perseguimos até além das fronteiras da materia que nos cortam os horisontes. Eis-aqui uma phrase de Bossuet que resume a bem-aventurança: «é vêr Deus eternamente tal qual é, e amal-o sem poder jamais perdel-o [1].» Sim: «face a face o veremos [2], o Deus que é amor [3]; nós o conheceremos tanto quanto nos elle co-

1. Catec. de Meaux dout. christ., 2.ª parte, liç. XI.
2. 1.ª Cor., XIII, 12.
3. S. João.

nhece; seremos como seus anjos [1].» E mais ainda: no grande dia das derradeiras manifestações, «seremos semelhantes a elle por que o veremos tal qual é [2].»

Pelo que, a vista de Deus, com revelar-no-lo inteiramente, em realidade nos semelhará com elle, e d'algum modo nos levará ás profundezas de seu ser para nos lá fazer sentir os encantos todos; seremos envolvidos de sua luz, e impregnados dos raios divinos.

Deus será comnosco: dar-nos-ha quinhão em seus pensamentos, gozo em seus actos, posse de suas perfeições. Verterá os thesouros de seu coração em o nosso, dar-nos-ha capacidade para saborearmos as delicias de tantas riquezas derramadas a torrentes.

Não ha ahi dizer a doçura d'esta união, cujo encanto sobre-excede todo sentir. Os germens d'amor que Deus nos insinuou na alma hão de então abrir-se, porque é chegada a hora de seu supremo uso. Formaremos com o bem absoluto indissoluvel entidade: sua vida é nossa, é nossa sua perfeição, somos iguaes no amor, felizes de sua felicidade, taes como deuses, em virtude da participação immediata de sua divindade!

Ineffaveis allianças de pensamento com pensamento, de coração com coração! Delicias castas! Effusões inexhauriveis! Arroubamentos infinitos! Communicação augusta em que a alma entra em Deus como em seu principio, em que se entrelaçam amorosamente os mais mysteriosos segredos, em que já não é possivel perder-se pensamento ou palavra no seio da caridade divina!

Assim pois condescende o creador em descer até ao

1. Lucas, XX, 36.
2. João, III, 2.

homem e habitar n'elle? Ou não é o homem que por direito de filiação e herança, se sublima até Deus, e lhe pede parte de seus jubilos, e se reveste de sua gloria, e o faz seu santuario, e, n'este abysmo engolphado desapparece e logo se acha em Deus, e já, de sua propria felicidade não tem sentimento e consciencia que não seja commum de Deus?

Deriva caudalosa a torrente da vida. Enchentes de delicias jorram de Deus sobre os eleitos para lhes darem felicidade e voltam a elle como testemunhos de seu amor: permutação maravilhosa em que Deus se dá á creatura e a creatura a Deus! Escala de graças, beneficios e gozos! Transportes de sentimentos e affectos que imprimem na natureza humana signaes de bondade, de caridade, e bem-aventurança da natureza divina.

E os eleitos por tanto serão consummados em Deus, e serão um com elle, mediante o amor, e segundo a palavra: *Ut sint consummati in unum.*

Mirifica unidade que consagra nossa transformação e nos dá semelhança com as pessoas divinas! Não cessando de ser pessoal, a nossa existencia será de Deus. Eramos homens por natureza; já somos deuses por amor. «Que amor vos darei — exclama S. Boaventura — a vós que me divinisastes, e transformastes em Deus o barro vil de que eu era formado!»

Assim é que algumas almas puras, desatadas dos sentidos, de antemão avoejaram ás altas e serenas regiões do porvir. S. Paulo exulta em ancias de felicidade. Amorosos desejos transportam Santo Agostinho á celestial Jerusalem. S. Francisco Xavier presente a felicidade, e exclama: «basta, Senhor, basta!» Que diremos depois

de aspirações tão sublimes? Faz-se mister o amor do céo para com justeza lhe comprehendermos a bem-aventurança!

Se procuramos na terra semelhanças com a felicidade celestial, só no coração se nos depara o exemplar dos mais nobres e perfeitos contentamentos. Reunam-se as mais excellentes qualidades do homem, que lhe assignalam o destino e caucionam o valor: recolham-se todas as riquezas que encerra o coração humano, não já pedidas a alguns homens em separado, mas á humanidade inteira: escolham-se os sentimentos que já n'este mundo ostentam singular belleza e elevam ao mais alto gráo da jerarchia moral aquelle que um só d'elles possue: seja esse sentimento aquelle affecto que abre no coração alheio todos os seus thesouros, e goza da felicidade que dá, e para si não reserva mais que o desinteresse e o esquecimento de si: seja a piedade que se condoe do soffrimento alheio, e o dulcifica, e para si toma todo o fél da dôr: seja a simpathia que se amisera das tantas e tão excruciantes desgraças d'esta vida, com aquella intima condolencia que tanto consola o desgraçado como o consolador: seja aquella commoção que, attrahindo casta e delicadamente, encanta, transporta e enthusiasma em presença da belleza, quer ella se ostente no espectaculo do céo, nas scenas da natureza, nas feições do rosto humano, quer se reproduza nas grandiosas creações da arte, e nobilissimo trabalho da virtude: seja a sensibilidade que vibra tocada por tudo que brilha com a aureola da genorosidade, da abnegação, do heroismo e da gloria: seja finalmente o instintivo alvoroço e satisfação intima da consciencia no instante em que se dá teste-

munho de haver cumprido sublimes deveres... Enfeixai todas aquellas aspirações e sentimentos, exaltae-os á sua mais alta potencia, purificai-os, e aviventai-lhes os atractivos á porporção do gozo: formareis thesouro de inestimaveis joias; porém, o possuil-o plenamente, não será prazer que se nivele com os jubilos do céo.

Sobre a terra ha uma imagem muito mais exacta da vida celestial: é a que nos dá o mysterioso banquete offerecido pela egreja aos seus fieis. Ahi, na communicação de Deus com o homem, está o germen, o penhor, a prelibação da vida eterna, a fiança da resurreição gloriosa, o gozo antecipado da nossa rica e magnifica recompensa. E' ao mesmo tempo a união material mais completa, e a mais intima união espiritual. Para quem lhe saborea a suavidade, com todas as potencias d'alma e amores do coração, e experimenta supremas delicias em dar-se sem reserva com vontade e desejos, é verdadeiramente a possessão da vida divina. Iniciado, e depurado por sacrificio e amor, vai para Deus, nutre-se de seu alimento, bebe na fonte da vida, e pelo que sente já antevê o que sentirá um dia. Creatura de Deus, envolvida em seu affecto, goza o prazer de só n'elle sentir viver, e amar. Outro qualquer objecto lhe é obstaculo. Outra qualquer tendencia lhe é um agitar-se no vacuo. Chamado por aquella ineffavel alliança ao seu verdadeiro destino, o homem reconhece que tem dois caminhos que seguir: o primeiro é a vereda mais ou menos pedregosa, o transito mais ou menos escabroso para entrar no segundo caminho.

A posse intima, real, e absoluta de Deus n'este mundo é já o céo.

Ditosos aquelles que poderam, abrazeados em divino amor, prelibar a vida celestial! Esses a comprehendem ao gozal-a, são d'ella testemunhas perante o mundo e lh'a fazem comprehender. Esses naturalmente derivarão á existencia divina. Aqui concluirão o que principiaram; grande excedente aos que os seus desejos aspiraram lhes será realisado.

Entrados d'aquelle sagrado fogo que os alimenta sem devoral-os, ir-se-hão cada vez mais consubstanciando em vós, Deus meu! Ser-lhe-eis foco da alma, luz de entendimento e impulsos do coração. Nas fontes de vossa essencia, cuja paternal fecundidade não cessa de engendrar sabedoria e amor, elles hão-de beber a grandes haustos. Vossas potencias e virtudes hão-de penetrar-lhes a intelligencia, e operar-lhes no amago das almas.

Bem-aventurados por nosso amor a Deus, mais o seremos pelo que formos de Deus amados: gloriosamente sentiremos que Deus nos ama com amor divino, superior ao com que o amamos. Na intima e indivisivel união d'estes dois tão dessimilhantes seres, Deus e o homem, o Altissimo terá ainda a supremacia d'amor. Amar-nos-ha pelos beneficios que nos liberalisar, pela bondade e nobreza que nos influir nas almas, pelas dilicias concedidas, e dons proprios de sua divindade. Amar-nos-ha como objecto de sua missão na terra, como preço do sacrificio, e corôa de sua morte. Amar-nos-ha tanto quanto vale o seu precioso sangue, a insigne honra de seu nome, e o fulgôr incomparavel de sua gloria.

Mas a bondade e affecto, procedidas da divina essencia, serão revestidas de formosura soberana, e o homem tanto hade admirar quanto amar Deus. Será parte não

menos essencial da bem-aventurança a contemplação da belleza absoluta.

O homem, em toda a parte da terra, havia procurado aquella belleza absoluta, e não a encontrara. Bem sabia elle que a sua felicidade dependia de possuil-a; porém, com mui fadigosas penas, escassamente conseguira apossar-se d'algumas vagas imagens. E estas mesmas amára elle, como figurações do typo ideal e supremo. Quanto mais, na ordem material ou moral, se avisinhava d'aquelle modêlo a creatura, mais digna de suas adorações se lhe figurava. Em todas as épocas do mundo, os mais insignes espiritos intuitivamente saudaram aquella belleza absoluta.

Principio e fim de todo amor e harmonia a proclamaram os philosophos que, primeiro, se fizeram apologistas do christianismo. Para ella se inclinou Platão, levado dos sublimados impulsos do alto engenho, clamando : Belleza não gerada nem perecivel, isenta de crescimento e diminuição, que não é sómente bella n'aquelle tempo, n'aquelle logar, ou aos olhos de determinadas pessoas... Belleza incorporea, que não é nem idêa nem sciencia; mas sim absolutamente identica e invariavel por si e nas outras bellezas que participam d'ella [1]!... Belleza eterna que será nossas eternas delicias, e nos levará a alma em extasis, e em transportes o coração, e nos será esplendor de verdade e justiça e unirá suas graças ás do amor inexhaurivel cujo adorno e paramento ella é!

Santo Agostinho, no magnifico e ultimo dialogo com

1. Platão, O Banquete.

sua mãe, ao soar a derradeira hora d'ella, invocava a suprema belleza. Ambos em extasis no seio da divindade, diziam que em presença da vida divina dos eleitos, as voluptuosidades terreaes, levadas ao requinte de esplendor e delicias que a imaginação póde conceber, nada são, nem sequer merecem nome.

Depois, sublimavam-se em vôos de ardentissimo amor á immudavel felicidade. « Deixando após si tudo que pertence a este mundo, o céo e seus fulgores, subiam, subiam sempre, celebrando e admirando vossas obras, Deus meu! Entraram ao mundo espiritual, atravessaram a região das almas, chegaram áquella bem-aventurada e fecunda habitação, em que a verdade é alimento incorruptivel, de que se nutrem os eleitos eternamente, em que a vida é aquella sapiencia que fez e rege o passado, presente e futuro, sapiencia increada, sem começo nem acabamento, immutavel, simples e eterna. Oh! se existisse uma alma, impassivel ás commoções dos sentidos, surda aos rumores da terra, surda a todas as creaturas, sensivel sómente á voz do Senhor; se esta alma, avoando com impetuoso pensamento, chegasse á sabedoria suprema, e se engolphasse nos jubilos divinaes!... Comparemos a este instante de uma alma na vida terrestre os instantes todos, a eternidade, o infinito da vida celestial [1]. »

2.º — EXPULSÃO DO MAL

Se Deus é o principio e personificação do bem abso-

1. Confissões.

luto; se a felicidade suprema é unirmo-nos com elle, centro e foco do amor legitimo; se a mais temerosa desgraça é ser expulso da sua esphera de actividade e influencia: qual é a doce e consolativa segurança que o céo nos dá se nos recolher para sempre ao abrigo dos assaltos do mal, d'este grande inimigo de Deus e nosso? O contraste do que se passa no theatro tão agitado e incerto d'este mundo nos dá mais vivo prazer de havermos fugido a tamanhos perigos, para não mais tragarmos angustias semelhantes. Lá se ficam as tempestades. Estamos no porto quieto. Os peregrinos morosos que lá ficam, esses luctam ainda com a violencia dos tufões.

Que tristes eram, n'este mundo, aquelles espectaculos que turbavam o coração, e incutiam na alma decepções amargas! D'um lado era a justiça carregada de opprobrio, a virtude desprezada, a verdade coberta de affrontas; do outro lado era a iniquidade triumphante, a injustiça governando absoluta, o vicio laureado e glorificado; tudo o que se ama, respeita e reverenceia indignamente ultrajado, perdida já a esperança de remedio, a familia offendida nos seus mais sagrados titulos, as sociedades lesadas nos seus mais inviolaveis direitos, os povos torturados na consciencia, na religião e na liberdade, despenhados violentamente no erro, arrastados sem resistencia aos abysmos, tyrannias assaz poderosas para abafarem os gemidos das queixas.

Que triste era contemplar, espectador impotente, as melhores causas trahidas e esmagadas, um scelerado habil triumphar com a audacia e violencia!

Que triste era, vêr o homem honrado abandonar seus

direitos, sahir vencido d'onde devia entrar victorioso, deixar-se atterrar e abater lá mesmo onde deviam estar por elle a força e a justiça!

Que triste era, vêr as iniquidades perpetuarem-se de geração em geração, durante as vidas dos povos, nações generosas sujeitas a interminavel servidão, os oppressores escarnecendo infortunios de que elles tiravam proveito, os nobres esforços das victimas só lhes serviam de mais lhes apertarem as algemas nos pulsos! E depois o maior soffrimento do individuo mesclando-se ao soffrimento e mal da humanidade, crianças avassaladas pelo vicio, logo ao nascer sugando com o leite a corrupção, respirando um ar pestilencial no seu primeiro anhelito, e o mal a fazer-se n'ellas segunda natureza; tantas donzellas sujeitas a provações maiores que suas forças; tantos moços apparentemente privados da liberdade do bem; tantos homens arrastados, a seu pezar, ás superstições e crimes, por causa da situação de seu paiz, pela pressão dos governos, pela força das localidades e das coisas; a degradação moral invadindo como vaga irresistivel, e atirando com os individuos uns depoz outros a voragens em cuja superficie não fluctua resto de esperança!

Emfim, o mais deploravel ainda era vêr direitos e injustiças, virtudes e crimes, tyrannias e pusilanimidades amalgamarem-se de tal sorte que muitas vezes não se podia estimar uma causa sem repellir os que a defendiam, ou deplorar um desgraçado sem criminar-lhe os vicios.

Fatal condição da humanidade! Envolto em trévas, o bem, não se podia distinguir atravéz das nuvens se

uma estrella propicia ou um astro funesto brilhava no céo. Era então o transbordar a alma fel d'angustia e perplexidade, e o invocar a brados a suprema justiça, e a retribuição futura.

O homem tremia, quando Deus assim se occultava; profunda commoção lhe agitava a alma; a virtude oscillava; hesitava a fé; preces ardentes se desafogavam em Deus, clamando: apparecei e vingae vossa gloria.

Depois, quando o homem repellia a justiça, acaso tinha elle a certeza de sua innocencia? Se hoje era bom, tinha elle a certeza de o ser amanhã? Dominava elle sua alma? Acaso se julgava a salvo do naufragio, e firme como a rocha? Ai! basculejado de vaga em vaga, cuspido d'um recife contra outro, não se temia elle a cada hora despedaçar-se contra as restingas de seu egoismo, alancear-se nas armas de sua liberdade, cahir nas ciladas das proprias paixões, e dobrar ás seducções do coração?

Eis-aqui o Deus que elle ardentemente invocára. Apparece, triumpha e reina a justiça que elle chamou das profundezas de sua alma. Chegou o imperio do bem; eis o céo; eis a soberana retribuição e o concerto universal.

Oh! é felicidade immensa, é o jubilo maior da bemaventurança infinita assistir á victoria definitiva da rectidão, vêr restaurada a ordem para sempre, entrar n'aquelle augusto reino d'onde foram para sempre expulsos os escandalos e as vilezas!

E' o mais puro dos gozos contemplar aquella magnifica harmonia em que tudo se discerne, julga e classifica com tão simples quanto admiravel clareza. Reco-

nhecem e conclamam todas as intelligencias do objecto do universal amor, o bem. Cada idêa tem significação propria, cada acto seu valor, cada merito sua recompensa. De Deus, typo do bem absoluto, ultimo fusil da cadeia, descem anneis que representam, na exacta proporção de preço, os diversos degráos de virtude e justiça. Aqui já não ha hesitações, nem incertezas, nem quédas. O coração já não é o ludibrio de sentimentos oppostos; attração ha uma só, Deus, que concentra as affeições todas e absorve todas as divergencias. Seguros estamos de jámais praticarmos mal que nos aparte de Deus, de jámais commettermos peccado que nos diminua o amor divino.

Acabou o combate; vencido para sempre foi o mal. Serenou a ventania das paixões; paira a virtude em região de inalteravel serenidade. Ao homem possuidor da felicidade resta-lhe sómente a memoria da lucta, as alegrias da victoria, e as reminiscencias do bemfazejo soccorro que lhe foi auxilio no triumpho.

Oh! como Deus então se justifica perante nós que tão injustamente o accusamos! Como agora o nosso espirito que tudo comprehende, complacentemente repousa sobre aquelles mesmos actos que lhe pareceram incompativeis com a bondade e sabedoria divinas!

Que opulenta retribuição Deus dá aos oppressos de longos supplicios, aos desgraçados que verteram lagrimas e sangue. Como a dôr dos que pareciam os mais desamparados, se tornou agora ineffavel dita! Que esplendor e triumpho n'aquella reparação, que todas as feridas guarece, todas as penas resgata e sobre-compensa

tanto os sacrificios que já agora as victimas agradecem aos algozes ter-lhes dado meritos a tamanha gloria!

A' vista d'esta immensa renovação harmoniosa, tudo se explica. Já não ha receios nem gemidos: é tudo amor e admiração. Da confusa amálgama de bem e mal, de justos e precítos, sae mais radiosa a gloria divina. Proclamam-se incomparaveis sua justiça, bondade e misericordia. Successos e grandezas, derrotas e aviltamentos, riqueza e pobreza, entram como admissiveis compensações na soberana ordem da sabedoria e concorrem ao fim eternamente predestinado: a gloria, e a nossa elevação até ella.

A grandeza d'este plano occulto a este mundo, manifestado no céo em toda a sua luz, a um tempo nos surprehende e rejubila. Realisado em nós, é principio e elemento de nossa propria bem-aventurança: identifica, no seio de Deus santissimo e amorosissimo, o soberano bem á felicidade soberana.

CAPITULO V

REUNIÃO DOS QUE SE AMARAM

Outro amor no céo se une ao amor de Deus, ou, melhor diremos, com elle se identifica: é o dulcissimo sentir d'aquelles que se amaram sobre a terra. Lá se nos deparam felizes coroados como nós; gozaremos sua presença, amor e felicidade. E assim deve forçosamente ser. Comprehende-se a felicidade sem os que se amaram, sem os que se amam? As affeições do céo não deverão completar-se com a continuação das affeições da terra? Para nós é de intima fé; sentimol-o assim no imo d'alma, tudo ahi conspira a dar-nos tão consoladora certeza.

Quando entramos no céo, comnosco vae a plenitude de nosso ser.

A transformação fez-se no despojarmo-nos da corrupção nativa, dos elementos ruins e culpaveis; mas a identidade absoluta conservamol-a. Vae comnosco a memoria, a preciosissima de nossas faculdades. E se ella subsiste, como ha de perecer o melhor d'ella, a memoria do coração? Não se nos extinguiram os affectos

e sentimentos. Não transporemos a torrente melancolica do olvido: o Lethes da mythologia pagã não tem que vêr com os aditos do céo christão.

Qual era, permanece o coração, amante, lembrado de ter amado, tendendo a amar ainda mais o que na terra amou legitimamente. Admitte-se que os paes desconheçam e repillam os entes engendrados de sua substancia, e os filhos repudiem a carne de que se formaram, e os irmãos esqueçam o mesmo sangue que lhes pulsa no coração?

Deus implantou-nos estes affectos n'alma, mandou-nos amar aquelles que nos deu como socios da vida, impoz-nos para com elles deveres suaves como as inclinações, e inclinações necessarias como os deveres.

E, então, ha de privar-nos d'aquella reunião, cuja esperança só por si tão attractiva é? Para reinar carece Deus por ventura da solidão dos affectos, e vácuo dos corações? Não é elle o absoluto amor que encerra os amores todos? Quem fez os puros affectos, póde acaso derimil-os? quem fez os santos amores, ha de extinguil-os? Quem formou o coração humano, ha de apagar-lhe o foco? Não será antes maior accrescimo em sua gloria no enlaçarem-se harmonicamente as almas, para a elle, como a seu principio e força, se religarem?

Eis-aqui duas almas que se amaram na terra: viveram, luctaram e soffreram unidas. O viver d'uma foi o viver da outra. Communicaram sentir, desejos, deveres, virtudes e esforços. Marcharam de par ao mesmo alvo. Fieis aos mesmos deveres, e submissas aos mesmos preceitos, adoraram o mesmo Deus, com um só coração e pensamento. Ajudaram-se durante a vida, e

já nos transes derradeiros. E, ao chegar a morte, ha de tudo acabar-se para estas duas almas? O laço, feito por Deus, desatou-se para sempre? Dir-lhes-ia Deus que se amassem e amparassem, para, cumprido o preceito, as separar, e tornar uma d'outra desconhecidas, e perdêl-as no deserto dos céos, até lhes tirar a memoria, e assim anniquilar o titulo, e motivo de sua recompensa? Oh! isto é impossivel!

Pae, que te sacrificaste e dispendeste em cuidados para educar teus filhos no amor e temor de Deus, tu não gozarás da gloria d'elles, não colherás de seu triumpho o melhor premio de teus esforços!

Filha, que balsamificaste a alma dilacerada de teu pae com as meiguices do teu subtil amor, não serás feliz em razão d'essa virtude que te foi diante de Deus, talvez, o titulo principal á bem-aventurança!

Oh esposos amantissimos, que, ternamente ligados por laços de mui pura intimidade, apoiados um n'outro ides caminho da vida, não haveis de juntamente gozar vossa victoria! Não vos dareis os emboras de a deverdes um ao outro? Tereis juntos predisposto a obra da mutua justiça, tereis sacrificado, com nobre e santa emulação no serviço e amor de Deus, parte d'uma affeição por demais exclusiva, e o proveito commum de vossa virtude por ambos adquirida ser-vos-ha refusada a final de contas? O céo seria céo, isto é, bem-aventurança suprema em amor e caridade, se nossos affectos não podessem conservar os puros e nobres sentimentos que nos foram honra e os maiores prazeres da vida?

Oh! não temamos! A morte não interrompe, melhora

e completa as relações dos entes que se estremeciam antes da separação. Quanto ahi houve bom, generoso e puro no coração do homem é mantido como sua parte integrante: mudaram-se para sentimentos espirituaes os sentimentos terrestres, para affectos puros e permanentes os affectos imperfeitos e fugitivos. Os amores vinculados por laços de natureza e sangue transformam-se em amores d'almas irmãs, com infinitas variedades á proporção dos meritos e primor d'aquelles affectos. Atravéz de dôres e esperanças, a separação apenas durou alguns instantes: agora tornou-se união eterna o que tinha sido ligação transitoria.

O Apostolo, conscio dos segredos do céo, assim comprehendia a porvindoura felicidade, quando, alludindo aos que dormem o somno da morte, dizia aos vivos: « Não vos contristeis, á imitação dos outros homens vasios de esperança. »

Recommendam os livros sagrados que oremos pelos mortos, afim de que Deus os purifique e salve, e nos dirijamos áquelles que receberam sua corôa afim de que nos protejam.

Communicação magnifica entre as almas! Permutação de orações, votos e offertas entre entes que se conheceram, conhecem e hão de conhecer! E' tão dôce e pathetico seguir além-tumulo as almas queridas, insinuarmo-nos na felicidade d'ellas, aquinhoarmos de sua gloria, continuar a cadeia ininterrupta de affectos e santos amores! Oh tu, amantissima alma, de mim separada por ordem da natureza e da providencia, tu por quem fervorosamente eu tenho orado, tu que do alto céo me proteges, sei e creio que não és para mim vã

sombra, e novamente gozarei tua presença; e desde já n'esta certeza me é lenimento á minha dôr, e breve será o complemento da minha felicidade.

Mas aqui surge temeroso pensamento.

Se nós devemos sentir vivissima alegria ao reunirmo-nos áquelles que amamos, e ao possuirmos a mesma recompensa, quaes sentimentos serão os nossos no tocante a alguns que não foram dignos da corôa celeste? Não é necessaria consequencia que a nossa felicidade diminue com o pezar que sentiremos da desgraça d'elles? Mãe ou esposa poderão ser felizes, separadas do objecto de seus mais queridos affectos?

Sem duvida esta pergunta é tão terrivel quanto mysteriosa [1]; sem embargo, tentemos responder-lhe. Algumas inducções deixarão entre-luzir uma solução necessaria, apezar das tristezas que ella ainda assim encerra.

Já dissemos que o homem subsiste o mesmo no céo; permanecem-lhe as faculdades, mas espiritualisadas e divinisadas. Não vê, não sente, não quer senão Deus. Illucida-se-lhe o entendimento no foco da intelligencia suprema; á vontade do supremo ordenador se une a d'elle. Só deseja o que Deus quer; não lhe doe constrangimento algum decretado pela divina auctoridade.

Os designios de Deus são justiça, bondade, razão e luz para elle. Ama o que Deus ama, repelle tudo o que Deus regeita. Adora, applaude e justifica tanto os cas-

1. Esta pergunta é pouco mais ou menos de todos os systemas que admittem, distinguindo entre o bem e o mal n'este e n'outro mundo, os castigos e recompensas da vida futura. Existe pois a difficuldade tanto para o homem religioso, quanto para o simples philosopho espiritualista. O que faz o christianismo é assentar mais lucidamente o problema, e impôr á solução, com a auctoridade da doutrina, todo o rigor da verdade.

tigos como os premios. E' Deus tão justo e misericordioso a um tempo que não póde haver no céo nenhum pezar de seus juizos, minima dôr por um só dos castigos que inflige. Se aprofundamos esta idêa, com evidencia incontestavel nos transluz: está na condição da essencia divina, aliás nem Deus seria o fim derradeiro, nem senhor absoluto, nem supremo termo das aspirações e affectos da creatura. Sem sahir d'este mundo, não se vê metamorphosearem-se os sentimentos, e, em consequencia da offensa, da ingratidão e esquecimento passar ás vezes, com forçada e legitima reversão, d'um polo do affecto ao polo do odio?

O coração como que se desprende de seus direitos, e se torna insensivel á perda do que mais amou. Eis-aqui um bom e extremoso marido que é odiosamente atraiçoado. Aquella a quem elle se confiára, e meigamente acariciára, desprezou por amores criminosos, calculados, reflexivos, odiando e querendo odiar quem tanto lhe quiz. Que póde fazer um marido deshonrado e sacrificado senão soffrer por que está n'este mundo, e depois deixar a criminosa á sua sorte tristissima, delir a lembrança d'ella, e voltar seus affectos para entes dignos d'elles? Por igual theor, aquelle que de Deus se separa, não se aparta ao mesmo tempo da amiga alma que já se identificou com Deus? Ultrajando a santidade divina, não a ultraja propriamente a ella? E' que a causa de Deus forçosamente será a de todos cujos pensamentos e sentimentos lhe estão unidos indissoluvelmente.

Não escrutemos a face dolorosa d'este mysterio, nem averiguemos com demasiada inquietação o porque de não sermos feridos pela desgraça d'aquelles que ama-

mos: fiemos de Deus nossa esperança e confiança. Tambem elle ama os homens, filhos seus; e, não obstante os precitos, é feliz! A radiação da sua bondade penetra até aos infernos. Creamos que a nossa gloria não nos dará mal que sentir ao coração. Bons como Deus, apiedados dos objectos que nos foram queridos, sem diminuir nossa felicidade, lhes será algum allivio ás penas; e, sem tentar-mos antecipar juizos ácerca do modo como, não é impossivel a permissão de orarmos por elles no tribunal da caridade e da misericordia divinas.

Como quer que seja, o evidentissimo é o nosso inexprimivel jubilo ao encontrarmos no seio da mesma felicidade os companheiros de luctas e trabalhos n'este mundo. Ser-nos-hão gloria no céo aquelles que Deus pozera em volta da nossa infancia, virilidade e velhice. Amal-os-hemos como testemunhas da provação passada, como vivas memorias do ganhado triumpho, como porções escolhidas do amor celestial.

As santas amizades permanecerão como os laços de familia. Estas almas, irmãs das nossas, nossas confidentes e consoladoras, amparo nas quédas, animadoras nos trabalhos, guias do céo, amparadas e ajudadas tambem por nós hão de reatar aquella cadeia de pensamentos, actos e sentimentos tão deliciosamente mantida na terra.

Esta é a santa, aprasivel, e inalteravel união, que se não teme de egoismos, deslealdades e mudanças. E' a troca de celestes colloquios, extases dulcissimos, intimas communicações. E' finalmente o amor humano nos seus mais affectuosos arroubos, e attrahentes enlevos, exaltado, multiplicado, e illuminado pelo amor divino.

CAPITULO VI

SOCIEDADE DOS BEM-AVENTURADOS. — JERARCHIA. — HARMONIA

NÃO encontraremos no céo tão sómente os paes e os amigos da terra. Estes limites dilatal-os-ha nosso coração. Um só liame d'amor reunirá a multidão sem conto dos bem-aventurados. Um só fóco de luz abrazará com seu calor todas as almas admittidas á celestial gloria. Esta união de idéas, actos e sentimentos, communidade de tudo que mais puro, nobre e santo ha ahi; formará como um thesouro, opulento como a misericordia de Deus, inexhaurivel como o seu amor. No céo, cada um dará da sua felicidade e receberá da dos outros. Cada um amará seus irmãos como a si, e será d'elles igualmente amado. Cada um rejubilará da alegria mutua e do commum triumpho; e a felicidade de cada qual redundará em felicidade de todos. O brilhantismo da justiça e santidade eternas reverbera na assemblêa augusta dos eleitos e lhes lustra os mais preciosos dons de coração e espirito.

Eil-os os homens sobranceiros em intelligencia e en-

genho, na intimidade dos quaes tanto prazer havia em viver n'este mundo. Eil-os, homens de virtude, coragem, abnegação, dos quaes tantas vezes se admiraram nobres palavras e generosos actos. Eil-os, patriarchas na singeleza e magestade dos primitivos costumes; prophetas que entre-abriram os umbraes do futuro; apostolos cujo ensinamento renovou o mundo; martyres condecorados de gloriosas cicatrizes; doutores illustres, oraculos de todas as idades; prodigios de innocencia e candura, virgens laureadas com a corôa da castidade; e acima de tudo, com sua magestade radiosa, a rainha immaculada das virgens e dos santos.

Oh! tudo amaremos por amor de Deus, de quem procede todo o amor e virtude; amaremos em razão da santidade e justiça pessoal; amaremos em virtude dos laços particulares e intimos, dados entre nós, e atados pela semelhança das graças e favores.

Que maravilhosa concorrencia de longinquos pontos! Uns operarios de todo o dia, outros da hora derradeira; estes apoiados no céo sobre a vida santa que viveram; aquelles, por um dom subitaneo, transferidos das extremidades do mal ao bem supremo, gozando como sem transição, a virtude conquistada, e mais felizes ainda com a formidavel lembrança de terem estado a ponto de irremediavel desgraça.

E' certo que os eleitos que mais alto hastearam a bandeira da justiça, e perfeitamente cumpriram todos os preceitos, hão de haver recompensa, pautada pelo merecimento. Sendo o céo premio d'uma victoria, os mais valentes e dedicados, e principaes na luta, deverão ser primeiros no triumpho.

Ha de haver numerosas graduações, justa jerarchia nas regiões do céo. E' dever de Deus dispartir seus dons consoante as exigencias da ordem absoluta, e regras da suprema justiça. Esta desigualdade, porém, na recompensa, não empecerá outra e admiravel especie de igualdade na bem-aventurança.

Para assim dizer, todos serão soberanamente felizes, vendo recompensados todos os meritos, todas as aspirações satisfeitas, todos os desejos preenchidos. A superioridade não dará orgulhos, a inferioridade não suscitará invejas, ou antes, a bem dizer, não haverá superiores nem inferiores. Cada qual recebe o que póde e deve receber, o que condiz á sua natureza e capacidade de gozar. São os diversos degráos de felicidade semelhante, é a repartição admiravel de recompensas e beneficios, em que a primasia não é preferencia, nem desfavor o ultimo degráo. A gloria, o amor e felicidade que procedem do remunerador soberano luzem sobre todos os eleitos n'uma gradação, variada emquanto ás pessoas mas infinita no objecto. D'este modo saboream todos a suprema felicidade n'aquelle que lhe é principio, e tanto gozam os dous em si como n'aquelles que lhe levam vantagem.

Graduações infinitas são estas, as quaes, aligadas com invisiveis liames, dão á jerarchia celestial incomparavel unidade, e variedade maravilhosa. Harmonia e diversidade, que variando até ao infinito a bem-aventurança, a augmentam n'uns, sem a decrescerem n'outros!

Quaesquer que sejam os eleitos, ainda os mais puros, jámais poderão igualar-se no gozo áquella infinidade que lhes será sempre superior infinitamente ás sua na-

tureza e faculdades; porém, o que elles possuirem lhes será o maximo contentamento.

Será universal thesouro o seio de Deus. Ahi se conglobarão os dons que desceram á terra, e remontaram ao céo, depois de haverem fructeado n'este mundo. Os justos de todas as épocas e regiões, confluirão ao seio divino com seus meritos, diversificados á proporção de seus esforços, multiplicados como o torrão em que elles semearam e colheram. Os philosophos levarão ào seio divino os productos da razão; os reis e estadistas suas grandiosas idéas; os guerreiros seu heroismo; os magistrados sua rectidão, os sabios o fructo dos longos estudos; os litteratos a sua elevada cultura intellectual, os simples operarios a sua virtude mais obscura, e por isso mais preciosa, mais humilde, e, pelo ordinario, mais perfeita. Os grandes concorrerão com o seu desapego, os pequenos com a sua candura e abnegação; os ricos com sua generosidade; os pobres com a bondade do coração, e, á mingua d'outro bem, com a offerenda propriamente de si. E tudo isto não será dom de cada qual; será dom commum. D'este fundo mutuo hão de todos participar, como de commum thesouro, tributando a Deus homenagem unanime.

Que claridade se abre ao contacto d'aquellas intelligencias! Que scintillas inflammam a cadeia de todos os corações! Que faisca, rapida como o pensamento, sobe, desce, volteia por entre as almas, desde a infima até á primeira em graças e bem-aventurança! Quão admiravel harmonia faz vibrar á uma todas as almas, aspirações e desejos conformando-os entre si e com Deus!

Ligam-se a este concerto de louvores aquelles entes

de mais espiritual e perfeita natureza que, desde a origem, Deus assemilhou a si, e cuja pureza não soffreu quebra, no embate das provações. Unir-se a seus angelicos extasis, associar-se aos seraphicos transportes, participar d'aquelle seu amor ardentissimo, communicar com taes espiritos, cujos actos e pensamentos serão assombrosas maravilhas para o homem beatificado, sentir-se companheiro e igual d'elles, celebrar com elles á competencia o creador universal, oh! será esta na concordancia das glorias, uma das mais insignes e preciosas!

E quem sabe, finalmente, se a tamanha copia de bemaventurados não hão de outras creaturas reunir-se, outras ainda mais desconhecidas, cuja idéa nos é impossivel, mas que Deus reservou, e a quem deve ou talvez dará vida para fazel-as entrar nas radiosas jerarchias do céo!

Quanto mais innumeras hajam de ser as legiões dos eleitos, mais magnifico se desenrolará o espectaculo de seu triumpho, e por isso, com mais realce e grandeza, será manifestada a gloria do Creador.

CAPITULO VII

PAZ, PRAZER, LIBERDADE, GOZO INSACIAVEL DOS BEM-AVENTURADOS

JÁ NÃO ha quebrar-se a união, nem romperem-se os laços dos eleitos. Inspirações pessoaes, e pensamentos egoistas foram banidos d'esta immensa familia de irmãos, em que identicos interesses subsistem no seio de identica felicidade. Aqui a felicidade de uns não ganha com o quebranto dos outros; nem os despojos d'este enriquecem aquelle. A' medida que uns se alteam e triumpham, todos participam da commum gloria.

O rio da vida que incessantemente deriva por todos não destribue parcimoniosamente os productos de sua fecundidade. Inexprimivel serenidade se libra ao de cima de todos os gozos. Em paz com Deus, comsigo e com os outros, em conformidade absoluta de vontades e desejos, ha ahi o repousar-se no regaço de maravilhoso socêgo, e se experimenta este sentimento desconhecido na terra: a paz na felicidade. O tão fugaz momento em que o homem, n'este mundo, não tendo já que desejar, exclamou: «Senhor! quão doce é estar assim!» dura

sempre no céo, cuja vida é o repouso, consummadas todas as esperanças, confirmadas todas as felicidades, e estabelecidos perpetuamente quantos prazeres ahi são.

Não é sómente possuir o bem: é não temer o mal. Peccado e dôr, para sempre banidos, escassamente se conhecem pelo seu passado poder, e nullidade actual. A alma veleja em oceanos de luz purissima, que mais serena se torna ao recordarem-se as borrascas. Não é como a paz d'este mundo, alanceado de incertezas e pezares. E' jubilar divino, de inenarraveis enlevos, mas que, ao mesmo tempo, se senhorea a si, tem consciencia do que é, goza sem recear o desconto das dôres, saborêa, sem o inquietarem apprehensões do porvir. Tão grande e absoluto ha-de ser aquelle gozo, que um propheta exclama: « Deus se comprazerá e triumphará no contentamento dos seus. » Este contentamento creou-o Deus. Deus é a paz que delicía os eleitos depois das tempestades, é o repouso após as fadigas, é o prazer depois das angustias, é a eternidade que fixa as recompensas.

E bem que assim a liberdade dos eleitos não conheça já o que seja lucta, nem haja de declarar-se entre tendencias adversas, dando-se toda ao repousar-se feliz, nem por isso haverá menos plena sua glorificação.

A liberdade n'este mundo, qual possuimos, é defeituosa e incompleta. Consente que fluctuemos entre o bem o mal, sem nos sempre indigitar qual escolha seja a melhor. E, n'esta agitação, entre dois elementos contrarios, frequentemente é ao mal que pende a nossa vontade ignara e pervertida. Triste liberdade que, a pezar

nosso, nos leva, onde gememos e amaldiçoamos sempre!

Será liberdade de Deus a liberdade do céo. Discerniremos, cottejaremos, ajuizaremos; porém, sómente o que fôr bom amaremos, e, de livre e illustrada vontade, repousaremos em nosso pae e creador. Liberdade santa, rica de todas as alegrias do triumpho; sem correr minimo perigo da provação!

Esta, assim pura que elevada felicidade, estas exultações tão nobres e sublimes, aquella sobre-humana vida na celestial patria, certamente que entre-luz ao intendimento do homem, logo que elle se entrega a Deus, e antecipa o porvir. Porém, o homem indifferente, preoccupado de interesses e paixões da terra, levado nos turvilinios da vida, e senhor de sua poderosa e activa individualidade, esse conturba-se e atterra-se. Em meio das agitações actuaes que o basculejam no afôgo de idêas que o abysmam, pergunta-se elle o que será, n'outro mundo, o circulo da actividade, se tudo aqui se acaba? De que serve repartir o pão se todos estão fartos? Quem se vestirá, se a immortalidade a todos reveste? Que hospedes receber, se todos estão na patria? Que afflictos consolar, se lá é o reinado da eterna alegria? Que actos, alfim, exercitar, lá onde todas as necessidades tiveram fim [1]?

Não vê o homem algum acto correlativo aos outros homens, e logo infere que tambem com Deus e comsigo os não ha. E então pergunta se uma existencia immudavel, sem limites, sem que temer nem esperar, sem der-

1. São as mesmas objecções, hoje em dia renovadas, as quaes já Santo Agostinho, no seculo IV, desenvolveu refutando-as.

rota nem victoria, alumiada por uma mesma luz immovel, oceano sem margens em que veleja um mesmo navio sem mover-se, uniformidade mãe do fastio, reinando absoluta, monotonia sem contraste... pergunta se uma vida assim não disparará logo em saciedade que cançará os eleitos, e os fará pedir outra felicidade?

Vão mais longe seus receios: A contemplação, em que nos absorveremos, deixar-nos-ha bastante de nossa individualidade? O nosso calor proprio não será absorvido pelo foco do calor universal? A nossa personalidade não se irá apoucando até desapparecer, embebida na attracção divina? Engolphados completamente na actualidade, não perderemos, com as lembranças do passado, a lembrança de nós mesmos? E dest'arte, sem idéas e sem actividade, não nos tornaremos reflexo, radiação, sombra, attributo, em vez de sobre-estarmos em nossa personalidade vivente e affectiva?

Vãs apprehensões! Não. No céo o repousar não é inercia. A paz não é ocio. A vida não é anniquilamento. O gozar não redunda em fastio e tedio.

Quem se deixa vencer de taes receios, não dá pezo algum ao poder e sabedoria de Deus. Urge que regeite, quem assim pensa, as leis do mundo espiritual, ainda mais completas e admiraveis que todas as leis d'este nosso mundo.

A ti, que te inquietas com o porvir da actividade humana, responde só por si o espectaculo do universo, e o argumento é refutado pela mesma especie d'onde sahiu. Como assim! Deus, que tão opulenta e variadamente, dispoz tão ingentes espectaculos na natureza, e lançou por sobre e por debaixo de nós prodigiosissimas

creações, cujo exame está tão longe de nossas vistas quanto das nossas intelligencias; Deus, que influiu nos successos humanos e nas scenas da vida terreal tão relevante interesse, e todas estas coisas fez para mundo transitorio e material: Deus, pois, não poderia, na vida futura, supremo destino do homem, assegurar-nos verdadeira e incomparavel felicidade, superior ao fastio, á imperfeição e fadiga?!

Verdadeiramente, o mundo não mais hade percorrer o circulo sem evasiva nem termo em que, n'este globo, se nos mostra.

O homem não passará da debil infancia á invalida velhice pelo caminho que denominamos vida. O anno não será este passar do algido inverno aos devorantes ardores do estio, periodo que denominamos renovamento das estações. Não farão os planetas no espaço revoluções uniformes que os tornam, sem variação, aos pontos de partida. Porém o crescer, e progredir, e a vida unitiva avançarão sempre. E Deus, que não varia nem suspende sua acção, mostrar-se-ha sempre o mesmo e sempre novo.

Já não haverá lucta, separação, dôr, auzencia e morte; mas o espirito do Senhor dará vida e actividade a tudo. Expandir-se-hão os corações e vidas. A justiça pregoará sempre os jubilos de sua victoria; a verdade a gloria de seu imperio. Sentimento puro como o céo, ardente como a luz, immenso como Deus, fará pulsar cada coração, abraseará cada alma, unirá todas as creaturas em hymnos cujos desenvolvimentos serão infinitos de inexhauriveis melodias [1].

Ao anhelito interior de Deus, o homem unido, mas

1. Veja o P. Gratry, Do conhecimento da alma, «passim».

não confundido com o seu creador, irá de luz em luz, de gloria em gloria, progredindo, dilatando-se, engrandecendo sempre, e haurindo continuamente no perenne manancial do supremo bem.

Pelo que, unidade e variedade, progresso e immutabilidade, posse e acquisição incessante, fixidez e renovação, centro e raio, fonte e corrente — maravilhosas concordancias! — tal será o duplo caracteristico da felicidade dos bem-aventurados, felicidade immensa e sempre augmentativa, amor satisfeito e já mais saciado.

De feito, quem ousará dizer que Deus, rico de infinito poder e amor, não póde dar ao homem mais realidades que os desejos que deu á intelligencia? mais anhelos do que sente o coração? mais vôos ao espirito? Insania seria pensar a creatura que póde exhaurir os thesouros divinos, e saciar-se da bem-aventurança que abasta propriamente a Deus. O mesmo seria pretender que Deus se atedía de sua propria felicidade, ou que elle não póde assegurar-nol-a.

Póde, acaso, saciar-se Deus de si mesmo? Aquelle que tão facilmente creou todos os prazeres e delicias, e tem de essencial attributo o ser feliz soberanamente; aquelle que, em sua infinita unidade, produziu variadissimas intelligencias, sentimentos e faculdades; aquelle que é actividade, poder, sabedoria, amor indifinidamente fecundo, póde estar sujeito á lei do fastio? Só pensal-o repugna: a só palavra é contradictoria! Ora, nós, partícipes da natureza e attributos divinos, e a elle semelhantes, não poderemos sentir a saciedade que Deus não sente.

Ha outro motivo, de mais d'isso, que torna a sacie-

dade mais impossivel, se assim póde dizer-se, no homem que propriamente em Deus: e é que, seja qual for a felicidade do homem é felicidade de creatura. Ante a immensidade, que elle não póde abranger, e o infinito que não póde attingir completamente, terá sempre que apprender e sempre que gozar. Os divinos attributos, que se desdobram ante seus olhos, ser-lhe-hão sempre inexgotaveis como o manancial d'elles. E' cadeia ininterrupta de perfeições e deleites, da qual as extremidades prendem com o infinito, sem que algum de seus fuzís jámais possa dessoldar-se. Nosso amor e admiração ardem sempre interminaveis. Diz Santo Agostinho: «Não recieis não poder sempre louvar aquelle que hasde sempre amar [1].» Continúa o insigne doutor: «Abrazea-te do desejo da vida eterna, onde a acção será sem esforço, e o repousar sem ocio; onde o louvar Deus será infinito e sem cansaço; em que a alma será estranha ao fastio como o corpo á fadiga; onde não ha precizão de te consolar a ti, ou consolar teu irmão... onde seremos insaciavelmente saciados em meio de inextinguiveis delicias [2].»

Oh perenne fonte da exultação dos bem-aventurados! Oh felicidade divina sempre antiga e renovada! Oh espectaculo maravilhoso incessantemente prolongado! Deus, a todos dado com suas obras visiveis e invisiveis! Quem se enfastiará de ver-vos, admirár-vos e amar-vos? Oh inexprimivel ventura, inaccessivel ao intendimento, de grandeza invisivel, de harmonias inaudiveis!... Quem sentirá fastio de contemplar-vos?

1. In Ps. 83.
2. De catechiz. rudibus, cap. XXV, 47. — Serm., CCCLII.

Por mysterioso privilegio, poderam algumas almas puras entre-sonhar por instantes aquella suavissima gloria. Perguntem-lhes se temeram a saciedade, se acharam demorados aquelles instantes, se voltaram das regiões celestiaes com sentimentos do fastio; se recearam perder sua individualidade n'aquellas profundezas de vehemente jubilo.

Alma fraca, entras na região da vida, e temes-te de ahi morrer pessoalmente! A vida extravasará de todas as partes, e quererás que esta superabundancia te subverta! Quanto mais perto estiveres do foco, mais lhe sentirás a influencia, mais realidade e vida, mais perfeição intellectual, mais accrescimo de memoria e vitalidade sentirás. Em posse de tua liberdade restaurada e divinisada mais que nunca serás senhora de ti, e vontade, e affectos, pensamentos e lembranças. Tua voz soará nas harmonias do céo, sem perder-se nas universaes harmonias. E Deus, que respeitou na terra, tua liberdade, e d'ella auferiu sua gloria, recebel-a-ha no céo, com tua individualidade, a qual será, por divina vontade, cada vez mais activa e mais feliz.

CAPITULO VIII

ETERNIDADE

O que não é eterno é coisa nenhuma — diz Santo Agostinho. — A eternidade consagra, laurêa, completa a felicidade. Não existiria a bem-aventurança se podessemos temer perdêl-a [1].

E' a eternidade uma como rocha sobre que todas nossas esperanças estão edificadas. Gosamos com a certeza de gosarmos sempre. N'esta fixidez, o presente é futuro, o futuro é presente, e um tão actual e seguro como outro. Deixamos a vida e a provação, ponto e instante: entramos á bem-aventurança estavel, immudavel em Deus e por Deus.

Não se nos antepoem obstaculos. Penetra nossa vista até o insondavel. Nosso coração ama sem intervallo nem medida. Os espaços de nosso espirito são illimitados. O que é nosso sel-o-ha sempre. Nada tolhe, nem suspende, nem nos delimita o contentamento.

Sobre-ponde annos a annos, seculos a seculos; não fareis sombra de idêa da eternidade.

1. Cicero, apesar de pagão, disse : Si amitti vita beata potest, beata esse non potest.

Vivei tantas vidas quantos são os átomos do universo; não comprehendereis a eternidade.

Não só a eternidade existe, mas verdadeiramente possivel é só ella. Não abrange tempo. Passou a medida da duração. Só a eternidade subsiste e nós com ella. Foi destruida a morte. Reina sómente a vida e nós reinamos por ella. Assim como possuimos a segurança de Deus, de igual modo a possuimos de nossa existencia.

Fundados sobre a inabalavel base da realidade adquirida, gosamos, a cada instante, pela confiança, segurança, e certeza da eternidade. Este é o principal attributo de Deus, pelo qual lhe entramos na divindade, da qual fazemos parte. Sobre nós tem sempre Deus a eternidade passada; e pela immortalidade penetramos na eternidade do futuro. Ricos, poderosos, sabios e esclarecidos, ainda assim não podemos ser iguaes a Deus; porém, não podemos ser menos eternos que elle. E' o dom que Deus não póde dar-nos por medida: deu-nol-o tão inteiro quanto elle o possue.

Descreveu Fénelon a eterna felicidade dos eleitos no céo [1]. «Não sei que divino influxo lhes filtra atravéz dos corações como torrentes da propria divindade que se lhes une. Sentem e saboream a felicidade, e conhecem que a sentirão sempre. N'este divino arroubo, fogem os seculos mais rapidamente que as horas entre os mortaes, e todavia milhares e milhares de seculos nada cerceam á sua felicidade sempre renovada e completa.»

O tempo que passa, as revoluções que mudam, os annos que fogem, os despenhadeiros que aterram, as frou-

1. Telemaco, liv. XIX.

xezas que assustam, tudo foi submerso nas profundezas da eternidade. Unicamente reina sem revezes a ventura estavel, indefectivel e immortal.

Oh! quanto este tributo da bem-aventurança é d'ella ao mesmo tempo o mais desejavel e precioso! Sentir-se viver, viver soberanamente feliz e para sempre, estar-se convicto do arder eterno d'esta flamma, d'esta infinita gloria, d'esta imperecivel caridade; sentir-se traspassado no intimo d'este sentimento: ser-se luz, calor e vida, e possuir por toda a eternidade thesouros de vida, fecundidade e amor!... Que sonho se realidade não fosse! Que condição tão estranha ás condições do homem, se elle se não tornasse semelhante a Deus! Diante de taes magnificencias, cumpre abaixarmos a fronte fulminada pelo assombro.

CAPITULO IX

GRATIDÃO

CUMPRE-NOS adorar com o mais profundo sentimento de amor e gratidão; cumpre-nos elevar e depôr no seio de Deus quanto em nós cabe de ternura e affecto.

Que vos fiz eu, oh Senhor, para que me locupletasseis de vossos dons, e tamanha felicidade me desseis? Clamei eu a vós do fundo de meu nada? Implorei-vos quando não existia ainda? Que necessidade tinheis vós de mim para que me tirasseis do abysmo, e me preferisseis a outras tantas creaturas ás quaes não concedestes o mesmo favor? Que honra e gloria vos dei eu! Não existo, não sinto, não sou feliz senão da vossa vida, sentimento e felicidade. Tudo me déstes: pensamento, intelligencia, liberdade, tudo quanto, auxiliando-me no bem-fazer, se acaso o fiz, me serviu de merito á recompensa. Não é a vós que eu devo o sentimento de gratidão, com o qual vos agradeço, e agradecerei por toda a eternidade?

Eu nada era e tudo tenho. Nem sequer tinha existencia, e sou chamado a participar da natureza divina,

era digno de castigo, e sou exalçado ao supremo e infinito premio. Graças, meu Deus, por me haverdes dado vida n'este mundo, onde posso conhecer-vos, amar-vos, levantar-me até vós em espirito, aspirar-vos pelo coração, exercitar a virtude santa, repousar minha consciencia em vossa lei. Graças, meu Deus, por me haverdes preparado, e assegurado um tal porvir no seio de todas as delicias da intelligencia e do amor.

Quando meus olhares contemplam o céo, e se lá transporta o meu espirito, o coração se me expande. Tudo disparece no immenso enlevo de gratidão. A felicidade da terra figura-se-me desgraça: riqueza e indigencia, prosperidade e miseria, bens e males, tudo supplanta. Os maiores infortunios, meu Deus, sei eu que ás vezes são os maiores beneficios vossos. Immensos são meus desejos, mas os vossos favores excedem-os. Infinitas são minhas exigencias, mas não igualam vossos dons, quero o certo, quero a eternidade! que outra cousa me não basta, e vós isto me daes: serão meu gozo, possuil-os-hei sem receio de perdel-os.

Oh Deus! — exclamará o homem chegado á gloria — enchestes a medida, ultrapassastes não só meus votos, senão que as forças da minha ambição. Perfumes d'altissimas virtudes, baixando de vós me embalsamam a alma: a caridade haure em delicias no vosso seio a felicidade que me instilla no coração; a humildade, que é luz e discernimento das coisas, me dá o prazer de vos achar infinitamente superior a tudo; a pureza me encanta com seus castos attractivos; paz e dulcissimo gozo me enchem o animo; e já o mundo me parece um ponto n'este illimitado horisonte que illumina a eternidade.

Senhor, é inenarravel vossa bondade! Creio-a com todas as faculdades da minha alma; adoro-a com todas as potencias de meu coração. Em quanto a mim, se assim posso dizer, ella excede todas as vossas perfeições.

Debalde de todos os lados nos cerca o mal; debalde o soffrimento penetrou até ao amago de nosso ser; debalde o homem não tem sido até á morte senão miseria e fraqueza. Não importam estas apparencias, e para vós me fujo, meu Deus! Deixastes-me vencer o mal transitorio, e ganhar o bem eterno, mostrando-me a immortalidade d'um a outro polo da vida.

Se Linneu, á vista de vossas obras, exclamou: « Vi passar a sombra de Deus omnipotente, eterno, e infinito, e fiquei tomado de assombro! » Tambem eu posso dizer: senti em todo o meu ser illuminado a irradiação da suprema bondade, e fui senhoreado pela gratidão e amor.

Conturba-me não tanto vossa sanctidade, e menos vossa grandeza me assombra, quanto vossa misericordia me commove. Arrebatam-me e confundem-me os mysterios de vossa bondade, bem mais que as maravilhas do vosso poder.

Graças vos sejam dadas por me haverdes concedido o que eu tanto tempo procurei. Destes-me guarida ao que eu tanto receava.

Collocastes-me superior ás contingencias d'esta vida; superior á prosperidade que corrompe, á desgraça que prostra, aos triumphos que ensoberbecem, aos desastres que aviltam, ás paixões que inquietam, ás pelejas que enervam, ás luctas que decepam, ás tristezas que oppri-

mem, aós prazeres que enojam, ás enfermidades que abatem, e á morte que destróe!

Graças vos sejam dadas por me abrirdes o porto inaccessivel ás tempestades, e concederdes verdadeira patria onde não ha temor de exilio, e de me haverdes dado aquella segura liberdade que se não arreceia de escravidão alguma! Graças immortaes vos sejam dadas pelo sabor que, em seguridade e paz, me déstes das doçuras da vida por vós preparada com a magnifica bondade de vossos eternos planos, vida pura e gloriosa, vida celestial e divina, na qual a felicidade incommutavel, bonança sem nuvens, prazer sem sobresalto, plenitude de existencia, dominio da verdade, entendimento dos mysterios, assemblêa de intelligencias, extasis infinitos, são a ventura inamissivel dos bem-aventurados!

Mas, em vossa soberana munificencia, meu Deus, mais ainda nos daes. Ao mesmo tempo juiz e premio de nossos meritos, remunerador e recompensa de nossa justiça, auctor e complemento de todos nossos desejos, a vós mesmo vos daes! Sois vós quem vemos, quem amamos, em quem gozamos. Abrís-nos de par em par os perennes mananciaes d'onde mana todo ser, vida e intelligencia. Todas as maravilhas, cujo soberano auctor sois, á luz de vosso rosto as vemos.

Eis que conhecemos nossa natureza, oh pae, oh Salvador, oh santificador das almas. Admiramos, com a união substancial de vosso poder, sabedoria e amor, as incomparaveis manifestações da vossa justiça, misericordia e caridade: sobrenatural visão, bem-aventurança dos espiritos do céo, refulgencia de entendimentos, corôa dos eleitos, consummação da felicidade! — visão

ineffavel á qual se prenderá a alma com toda força de suas faculdades transformadas, e com eternos cantares d'amor e gratidão celebrará [1].

Ao apparecer-nos a gloria de Deus então será o saciarmo-nos [2]. Enchentes de alegria, de gozo, de socego, desbordarão de nossa alma. Beberemos a tragos na corrente das delicias divinas [3]. Mergulharemos nas profundezas das fontes da vida [4]. Seremos ebrios da abundancia que enche a casa de Deus [5].

E' certo, oh cidade de Deus, que de vós nos hão contado coisas admiraveis [6]! Transportou-nos o cogitar em vossas maravilhas; ao escutal-as entravamos em extasis. E, todavia, o que a nós chegára, que era senão som enfraquecido? Oh patria celestial, quanto vossas gloriosas melodias sobre-excedem, na encantadora realidade, estas debeis toadas que nos dulcificam os sonhos da esperança!

Ascenderá de todos os corações um hymno que encherá a immensidade do céo. Quaes vozes, sentimentos e faculdades vos louvarão condignamente, oh Senhor! Quaes, proclamando vossa bondade e misericordia, hão de repetir sem fim o cantico de gloria e gratidão? Não bastará a eternidade a bem-dizer-vos e louvar-vos. Esta será a prova final da liberalidade de vossos beneficios: não póde ser correspondida com reconhecimento, cujo principio sejaes, e cuja duração vá indo em par com a vossa.

1. Veja as peregrinas Meditações de Santo Agostinho.
2. Satiabor quum apparuerit gloria tua, ps. 16.
3. Torrente voluptatis tuæ potabis eos, ps. 35.
4. Quia apud te est fons vitæ, ps. 35.
5. Inebriabuntur ab abertate domus tuæ, ps. 35.
6. Gloriosa dicta sunt de te, civitas Dei, ps. 86.

No entanto, este hymno já, na terra, devêramos começal-o. A' vista do destino, que se nos prepara, deveriamos subir em extasis de louvores e acções de graça. E' certo que seriamos sempre debeis na elevação de nossa gratidão ás alturas dos bens que Deus nos reserva. Cançar-nos-hiam esforços de gratidão, antes de nos afigurarmos o verdadeiro quadro das alegrias do céo. Ainda na futura vida, e muitissimo menos n'esta, a nossa capacidade de sentir e agradecer jámais subirá até ás perfeições divinas e aos thesouros da bondade de Deus comnosco.

Impotentes para reproduzir e reconhecer o caracter real da felicidade do céo, curamos de exprimil-a não tanto por ella nos preencher as aspirações como por dar mais do que podemos aspirar. Mister fôra possuil-a para entendel-a. E assim como a não poderemos saborear em todas suas delicias, tambem não a poderemos agradecer. O gozo não póde hombrear com a grandeza d'ella.

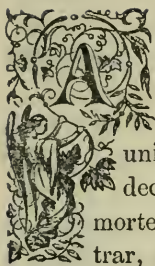
Todavia, quando a alma, desprendida dos liames carnaes, se vae a Deus e ao infinito; quando ás luzes da grande e verdadeira philosophia associa o brilho das revelações divinas, o que ella então descobre, prolongando-lhe a perspectiva do que não avista, lhe dá certeza na consciencia das promettidas maravilhas. Magnificas esperanças então a exaltam transportada. Então conhece que seria calumniar o homem cuidar que elle possa ser indifferente áquella felicidade, e insensivel aos beneficios d'ella. Repelle, como ingratidão, o pensar que os quadros do castigo melhor se comprehendam que os da recompensa. Concebe, por sentir interno, que a re-

muneração não corresponde á pena, e que as riquezas da misericordia divina estão acima dos thesouros da justiça, e que o céo abundará mais em gloria que o inferno em dôr.

Seria digno da felicidade aquelle que, entre-vendo-a, se lhe não unisse com toda a força de suas faculdades? Seria digno do céo quem a não anteposesse a quantos affectos e desejos ha ahi? Seria digno de Deus quem não achasse no amor divino a mais alta e preciosa das recompensas?

Oh! se a ingratidão é crime para com o homem que nos beneficiou, que será para com o auctor de todos os dons e graças? E' já d'este mundo, é desde já que deve começar nosso reconhecimento a Deus, a quem tudo devemos, desde a virtude que merece até á recompensa que corôa, reconhecimento a Deus que nos abre o santuario de sua felicidade e radiação de sua gloria.

Louvores, honras e bençãos ao Senhor! Ao Senhor, o mais completo tributo de nossa intelligencia, a mais profunda homenagem do coração, n'estes dias que findam com a morte, e nos que sobrevivem com a vida!

Conclusão

AGORA comprehendemos o que seja passar d'este a outro mundo, caminhar da terra ao céo. E' a immortalidade.

Alligada a uma apparencia perecedoura, unida á materia que dura alguns dias e se decompõe, a immortalidade vae atravéz da morte sem ser lezada, e passa, sem n'ella entrar, por sobre a sepultura. A criança, antes de o saber, já, como dom imperscriptivel, a recebeu: ella se lhe liga, e jámais o abandona em todas as phases da vida.

Promessa ou ameaça, recompensa ou punição dada como beneficio pelo Deus bom, mudada em castigo pelo Deus justo, é a magna lei, o supremo scôpo, a fórma inevitavel e ultima da vida humana. Quanto ha ahi de idêas, razão e consciencia, tudo que a alma tem, em todas as épocas, entre as variedades todas da especie humana, civilisadas ou barbaras, doutas ou ignorantes, quaesquer que sejam em linguagem, côr, estado social,

culto, tudo chega á immortalidade com tanta certeza como á morte. O tumulo é o vestibulo da verdadeira vida de todos.

A immortalidade — sentimento gravado no intimo do coração humano, que explica, regenera, dá a razão do mal, justifica o bem, ampara o justo, alenta o fraco, allivia o infeliz, anima o forte, — a immortalidade é uma das primordiaes e essenciaes bases da religião natural. Com a idêa de Deus se confunde, interpõe abysmos entre o homem e as creações desintelligentes, assenta os direitos na parallela dos deveres, dota o homem de incomparavel pujança, sobre-leva-o á miseria, á dôr e á morte.

Sem a immortalidade, a vida é duvida, illusão, tré-vas, amarga ironia, decepção cruel.

Sem a immortalidade, para quantos homens a vida, funesto dom, suscitaria blasphemias irculpaveis e mui legitimas maldições!

Sem a immortalidade, a morte é fatal voragem em que confusamente são devorados bons e máos, justos e criminosos, com pensamentos, esperanças, medos, virtudes, e remorsos.

Sem a vida immortal, falseam-se os instinctos do coração, erram-se os calculos do raciocinio: todas as nações se enganaram; todos os ensinamentos da religião e justiça mentiram; nenhum principio se sustenta; nenhuma lei sobre-está. Sómente o materialista e o impio tem razão contra o universo.

Porém, não! Nem tudo é materia e corrupção, para que tudo se torne ruina, morte, nada. A vida subsiste; é indestructivel; incute-se no mais recondito da alma.

Deus prometteu ao homem a immortalidade; insuflou-lhe ao coração o desejo e segurança d'ella; caucionou-lhe seus magestosos destinos; cravejou no firmamento a estrella da esperança, guia segura que infallivelmente conduz ao porto.

Após haver radiado sobre a humanidade torrentes de luz, Deus lhe formou o foco na maxima, e mais santa lei. Resplandece a immortalidade em todas as paginas do Evangelho: a Redempção não tem motivo nem fim que não seja a vida futura. Crêr em Deus, crêr no Salvador é crêr na vida divina, na vida celestial. Já não é simples esperança, vaga inducção, sentimento indeciso: é a certeza, a realidade: é o abono infallivel da divina palavra.

Longe, pois, todo systema e hypothese creada por vão joguete de combinações engenhosas, dislates imaginarios, e theorias pessoaes. Longe tudo que não fôr absoluta e rigorosa immortalidade. Existe e sempre existirá a alma com faculdades, razão, memoria, e identidade. E' e será, com permanente unidade, independente em suas decisões, responsavel em seus actos, senhora de sua prova, livre em seus destinos, e podendo tudo fazer, excepto mudar-se o destino e abreviar-lhe o termo.

Superior a formas, distincta de elementos, dominando a fatalidade, a Deus sómente submissa, não a Deus abstracto e imaginario, mas ao Deus pessoal, creador, legislador, juiz, remunerador, proclama-o, invoca-o, chama-o em seus quebrantos, quédas e miserias, adora-lhe a grandeza, bondade e intelligencia, e sabe que, n'este mundo, sua missão é servil-o, assim como no céo é seu destino louval-o e amal-o sempre.

*

Já a vida do homem refulge sua verdadeira luz. Fixam-se com os deveres as idêas. O presente, com as incertezas, o mal e as illusões, a materia e vãos prazeres, desappareceram. Eis a verdade, a virtude, a felicidade, admiravel trilogia, que principiada e continuada n'este mundo, tem consagração e diadema no céo.

Qualquer que seja a nuvem que esconde a verdade, e obstaculo que estorve a virtude, a realidade descobre-se: a felicidade, é a virtude no seu maximo luzimento, é a verdade no seu mais alto quilate. Saber tudo o que é verdadeiro, amar tudo o que é bom, é o esforço do presente, e o seguro resultado do futuro. N'isto cifra tudo: a felicidade pela verdade e justiça; fóra d'isto nada existe. O homem que não vê isto é cego, quem d'isto se desvia é insensato. Urgia deixar tudo, para marcharmos a este alvo.

Chegou porém o conductor; Deus o collocou a nosso lado, e muito á vista. Já a consciencia presagiou que elle chegava. O christianismo complanou a ultima barreira, e nos metteu ao caminho que leva ao céo. Outro qualquer conduz aos abysmos. Oh religião santa, mãe unica infallivel da verdade, unico modêlo seguro de virtude, unica dispensadora certa da felicidade, sê bemdita nos dias da peleja e nos dias do triumpho!

N'aquelles dias da gloria será o homem cummulado de delicias. Corpo, espirito, e coração terão parte da inexprimivel bem-aventurança. Ser-lhe-ha tudo luz amor e sciencia. Vellejará por sobre oceanos de vida, e ávante sempre sem nunca descobrir praias. E' a felicidade, completa desde a origem, e comtudo a dilatar-se sempre. De gradação em gradação, de progresso em progresso,

caminhador incansavel, a aproximar-se sempre de Deus e do infinito, sem jámais attingir, homem e Deus a um tempo, feliz por sua felicidade, e pela de seus companheiros de bem-aventurança, gozando sempre delicias da eternidade, arroubado em extases cujo termo e limite é Deus.

Aqui fallecem expressão e intelligencia. Parece demasiada para o homem aquella felicidade, demasiada mormente para aquelle que ainda vive vida de sentidos. Que elle pois diligenceie desprender-se das algemas que o maniatam; que se faça digno da vida porvindoira; que se esforce por altear-se ás coisas divinas; e alma e coração como espontaneamente hão de abrir-se-lhe aos ineffaveis deleites que advem á contemplação da verdade e soberana justiça. Se o dia d'este mundo é estrella d'alva do dia futuro, não deveremos desde já ir com as aspirações á perfulgente luz que nos hade para sempre alumiar?

Convidemos todas as intelligencias, corações e vozes a cantar o hymno da immortalidade. Oh morte! somos mais fortes que tu, não tens força que se tema! Arma-te com todas as tuas miserias e horrores, fere sem piedade e sem trégoas: vencida serás. São terriveis teus golpes, mas incuraveis não. Poderás prostrar-nos no tempo; mas temos contra ti a eternidade, a nossa derrota d'um dia dispara em victoria infinita. O teu triumpho na vida da terra ser-nos-ha laurel na vida do céo!

E' tão irresistivel a evidencia do nosso destino que, se a morte não fosse provação e castigo, deveramos buscal-a com todo o afogo de nossos desejos, illuminadas pela consciencia e guiados pela religião.

A immortalidade, clara como a luz do dia, é um facto que vemos. A razão é dispensada de argumentar; a fé é superflua á vista de tão irrecusavel claridade. Temos um pé na vida futura; tocamos a felicidade com a mão. Sobre a ladeira irresistivel que nos leva, a cada instante nos achegamos de nossos providenciaes destinos: vivemos, reinamos. Tão depressa chegarmos á margem d'além da sepultura, poderemos dizer: a morte é a vida; a terra é o passadiço do céo; o tempo é já a eternidade.

Corôa immortal, predestinada á lucta, á piedade e á justiça, tu és o penhor da grandeza do homem, e da infinita bondade de Deus!

Mais que muito ditoso é aquelle que, fitando os olhos em teu brilho, caminha, paciente, corajoso, e virtuoso, á conquista da inexprimivel recompensa.

INDICE

PRIMEIRA PARTE

Provas da Immortalidade

SEGUNDA PARTE

OBJECÇÕES Á IMMORTALIDADE

Systemas oppostos á noção pura da Immortalidade

TERCEIRA PARTE

Effeitos da Immortalidade

DURANTE A VIDA

DEPOIS DA MORTE

QUARTA PARTE

Bem-aventurança da Immortalidade

CATALOGO

DE ALGUNS LIVROS DE QUE É EDITOR, E OUTROS QUE SE ACHAM Á VENDA

NA

LIVRARIA E TYPOGRAPHIA

DE

FRANCISCO GOMES DA FONSECA

72, BOMJARDIM, 72

Jesus Christo perante o seculo, ou novos testemunhos das sciencias em abono do catholicismo, de *Roselly de Lorgues*. 3.ª versão em portuguez sobre a 15.ª edição de Paris, annotada por *Camillo Castello-Branco*. 1 vol. in-8.º 600

A Cruz nos dois mundos, ou a chave da sciencia, pelo author do « Jesus Christo perante o seculo. » Traduzida da 3.ª edição de Pariz por *A. Soromenho*. 2 vol. in-8.º 800

O Parocho, romance religioso de *Roselly de Lorgues*, e precedido d'uma introducção por *Camillo Castello-Branco*. 1 vol. in-8.º. . . 500

O Padre perante o seculo (verdadeira historia universal do catholicismo) em que finalmente se reduz á precisão dos termos, á unidade das pertes, ao poder da demonstração a magnifica philosophia, o genio encyclopedico, as virtudes, os admiraveis bemfazeres, a gloria e o triumpho cada vez mais brilhante da egreja unica romana em todo o universo. — No meio da

esterilidade, das desgraças, e da quéda incessante de todos os seus inimigos, por *A. Madrolle*. Nova edição. 1 vol. in-8.º 500

O Christianismo e o seculo, resposta á obra de *Mr. Renan* « Vida de Jesus » por *J. J. de Almeida Braga*. Dedicado ao Exm.º e Rvm.º Snr. Bispo do Porto, e precedido da sua aceitação. 1 vol. in-8.º. 300

Jesus Christo em face do mundo, continuação ao « Christianismo e o seculo » de *J. J. de Almeida Braga*. 1 vol. in-8.º 200

Respostas concisas e familiares ás objecções mais vulgares contra a religião, por *Mgr. L. de Ségur*. Nova edição precedida d'uma introducção por *J. V. Pinto de Carvalho*, e seguida dos folhetos: « O Papa » e « A Egreja » questões da ordem do dia, pelo mesmo author. . 280

Vida e milagres do thaumaturgo lusitano Santo Antonio de Lisboa. Reformada e illustrada com algumas reflexões evangelicas, e exposições religiosas: com a trezena e orações adoptadas pela Santa Egreja: pelo seu humilde e reverendo devoto *Antonio Joaquim de Almeida*. 1 vol. in-8.º com uma gravura. . . 500

Horas de Paz, escriptos religiosos por *Camillo Castello-Branco*. 1 vol. in-8.º . . . . 1$000

Divindade de Jesus, e tradição apostolica, pelo mesmo author. Precedida de uma carta do Excm.º Snr. Visconde d'Azevedo. 1 vol. 600

O Defensor da Egreja, drama sacro em 3 actos e 5 quadros, por *A. Cesar de Lacerda*. 240

Sermões de Joseph Gregorio Lopes da Camara Sinval, com uma introducção por *Camillo Castello-Branco*. 1 vol. . . . . . . 1$000

Resumo do Catecismo de Perseverança, ou Exposição historica, dogmatica, moral e lithurgica da religião, desde a origem do mundo

aos nossos dias, pelo abbade *J. Gaume*. 1.ª versão em portuguez sobre a 10.ª edição de Pariz, por *J. S. da Silva-Ferraz*, e seguido de uma analyse por *Camillo Castello-Branco*. 1 vol. in-8.º 500

O Verme roedor das sociedades modernas, ou o paganismo na educação, pelo abbade *J. Gaume*, traducção de *J. S. da Silva Ferraz*. 360

Jesus Christo, considerações familiares sobre a pessoa, vida e mysterio de Christo, por *Mgr. de Ségur*, traduzidas da nova edição, revista e augmentada conforme a advertencia de muitos bispos de França, por *J. V. Pinto de Carvalho*. 1 vol. 240

Educação das mães de familia, ou A civilisação do genero humano pelas mulheres, por *Aimé Martin*. Obra coroada pela Academia franceza. Nova edição revista e augmentada com novos capitulos traduzidos da 8.ª edição de Pariz, 2 volumes . . . . 1$000

Manual de Eloquencia Sagrada, de *Roquette*. 1 volume. 900

Historia Sagrada do Antigo e Novo Testamento, do mesmo author. 2 vol. . . . . 1$800

Homelias e Sermões parochiaes para todos os domingos do anno, do mesmo author. 2 vol. 1$800

Flôres a Maria, ou Novo mez de Maio consagrado á Santissima Virgem Mãe de Deus. 1 v. 400

Mez de Maria, da immaculada Conceição, por *Gratry*. 1 vol 240

As objecções populares contra a Encyclica, por *Mgr. de Ségur*, por *J. V. Pinto de Carvalho* 60

A familia, lições de philosophia moral, por *Paulo Janet*. Obra coroada pela Academia franceza. 1 volume. 600

Quadros historicos, por *J. Victorino Pinto de Carvalho*. 1 volume de 336 pag. . . . 500

Miscellanea poetica, jornal de poesias ineditas, collaborado por muitas poetisas e os principaes poetas em 1851-52. 2 vol. em 1 só. 1$000

Duas épocas na vida, poesias de *C. C. Branco*. 600

Um livro, poesias do mesmo author . . . 360

O Marquez de Torres-Novas, drama do mesmo author 400

Agostinho de Ceuta, drama do mesmo author 240

Justiça, drama do mesmo 200

Poesias selectas de *M. M. B. du Bocage*, adornadas com o retrato, colligidas e annotadas por *J. S. da Silva Ferraz* e precedidas de de um esboço biographico por *J. V. Pinto de Carvalho*. 1 volume de 304 paginas . . . 400

Historia da prostituição e policia sanitaria do Porto, seguida de um ensaio estatistico nos dois ultimos annos, tabellas comparativas, etc., por *Francisco Pereira d'Azevedo*, medico-cirurgico, e inspector de saude pelo Governo Civil do Porto. 1 bello vol. in-8.º . 600

Guia historico do viajante no Porto e arrabaldes, illustrado com sete primorosas gravuras e lythographias. — Este livro, que tem merecido a attenção de diversas imprensas do paiz, vende-se tambem nas principaes livrarias do Porto, Lisboa e Coimbra. 1 vol . . 500

Manual de saude ou Medicina e pharmacia domesticas de *Francisco Vicente Raspail*, contendo os conhecimentos theoricos e praticos para cada um, persi proprio, preparar e empregar todos os medicamentos, curando-se promptamente, e com pouca despeza, de grande numero de doenças, e procurar allivio para as que são incuraveis ou chronicas. Seguido d'um

Manual de Veterinaria, ou arte de curar as doenças dos animaes. Novissima edição. 1 v. 240

Os Verdadeiros Miseraveis, por *Eugène de Mirecourt*; analyse critica do romance = OS MISERAVEIS = de *Victor Hugo,* e refutação das doutrinas n'elle expendidas. 2 vol. in-8.º 1$000

Livro Negro de Padre Diniz, romance em continuação aos « Mysterios de Lisboa » por *Camillo Castello-Branco*. 1 vol. in-8.º . . 500

O Bardo (album poetico), Jornal de poesias ineditas, redigido por *F. X. de Novaes*. Nova edição. Um grosso volume in-8.º . . . . . 1$000

Fanny, estudo por *Ernesto Feydeau*, romance trasladado para portuguez da 18.ª edição por *Camillo Castello-Branco*. Um vol. in-8.º . . 400

Mysterios de Pariz por *Eugenio Sue*. Nova edição adornada com 32 estampas. 8 volumes, in-8.º . . . . 2$400

O Beneficio do poeta *Bingre*, ou collecção das poesias recitadas no Theatro de S. João, em a noite de 14 de Dezembro de 1852 . . 100

A Vespa do Parnaso! Colleção de poesias lisongeiras, por um mordomo das almas de Campanhã, que vem de collarinhos tezos meter a falla ao bucho ao seu Juiz, author das « Folhas cahidas. » Obra de 100 reis, e que vale bem um pataco, por ser muito instructiva e de grande proveito para quem não sabe lêr. 100

As folhas cahidas apanhadas a dente e pescadas no Porto, publicadas em nome da moralidade por *Amaro Mendes Gaveta*, antigo collaborador do « Palito Metrico. » 80

O Ecco da Guerra; Baltico, Danubio, Mar Negro, por *Leonzon Le Duc*. Vertido em portuguez por D. P. e Silva. 1 vol. in-8.º com 4 retratos. 500